This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

SA 6039.06.5

Harvard College Library

THE GIFT OF

EDWIN VERNON MORGAN

(Class of 1890)

AMERICAN AMBASSADOR TO BRAZIL

SA 6039.06.5

Alvaro A. da Silveira

VIAGEM PELO BRASIL

BELLO HORISONTE

1906

IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO DE MINAS

Alvaro A. da Silveira

Viagem pelo Brasil

NOTAS E IMPRESSÕES COLHIDAS NA VIAGEM
DO SR. DR. AFFONSO PENNA

12 de Maio a 24 de Agosto de 1906

BELLO HORISONTE

Imprensa Official do Estado de Minas

1906

SA 6039.06.5

2318.44

HARVARD COLLEGE LIBRARY
GIFT OF
EDWIN VERNON MORGAN
OCT. 22, 1915.

MAY 25 1916

DO RIO Á BAHIA

***

Bordo do «Maranhão» 16 de maio de 1906.

Em meio de imponentes manifestações, começou hoje o eminente mineiro, que dentro em breve vae assumir a suprema direcção do paiz, a sua proficua viagem ao norte do Brasil.

O povo, em uma demonstração que julgamos sincera, representado pela parte mais culta da sociedade carioca, veiu patentear ao futuro presidente da Republica o seu applauso á patriotica resolução que este tomara, de querer conhecer, antes de assumir a responsabilidade dos negocios publicos, o paiz que elle vae governar.

Do caes do Arsenal de Marinha, apinhado de gente, sahiam as lanchas conduzindo dezenas de pessoas que iam acompanhar o dr. Affonso Penna até o «Maranhão», que o recebeu ás 3 1/2 horas da tarde.

A bahia, muito calma, deixava antever uma viagem sem os dissabores trazidos por um mar agitado.

A's 4 1/2 horas, depois das despedidas da maior parte das pessoas que enchiam o «Maranhão», este levantou ferro e, fazendo bella curva na bahia, foi ancorar novamente ás 5 horas, no Poço, proximidades da fortaleza de Villegaignon.

Serviu-se em seguida o jantar que, offerecido ao dr. Affonso Penna pelo ministro da Viação e directoria do Lloyd Brasileiro, realizou-se em meio de palestra animada e relativa alegria, tomando parte nelle grande numero de pessoas.

Terminando o jantar ás 6 1/2, não demoraram a ir começando as suas despedidas os que deviam voltar para terra, e dentro em pouco estava a bordo apenas a comitiva. Um ultimo acenar de lenços aos que partiam na lancha que desatracava e seguia em demanda ao caes, poz termo á troca de cumprimentos entre os que se iam e os que ficavam.

Ouviu-se logo o ruido secco da manobra de suspensão da escada: estava prompto o «Maranhão» para a partida.

A's 6,55 apitava e ás 7 horas em ponto, depois de um barulho rouco na quasi extremidade da prôa e que nos annunciava o levantamento da ancora, poz-se em movimento o bello vapor do Lloyd.

O espectaculo que presenciavamos era, pelo menos para aquelles que, como eu, nunca o tinham admirado, verdadeiramente surprehendente. De um e de outro lado, marginando as aguas, apresentava-se uma infinidade de luzes da illuminação do Rio e de Nictheroy, ora alinhadas em extensas filas de fogo, ora dispersas confusamente como um punhado de estrellas densamente reunidas em longa faixa marginal; além disso, pharóes de embarcações diversas, umas em movimento, outras paradas, semelhavam como que a continuação do manto estrellado que se ia internando e apagando na bahia — e entre essas duas orlas de fogo que bordavam o mar, ia seguindo, sereno, rumo da barra, o «Maranhão».

A bordo, todos contemplavam extasiados o panorama realmente bello que se nos apresentava, e varios commentarios eram feitos a respeito.

Alguem comparava o vulto negro de um morro semeado de luzes ao céo artistico dos nossos presepes, organizados pelo natal; outros achavam que não era sem razão que a tão falada Guanabara fosse considerada a mais formosa bahia do mundo.

A's 7 1/4 passavamos em frente ao Pão de Assucar, e, mais um pouco, estariamos fóra da barra. O pharol da ilha Rasa, em continuo giro pelo horizonte, e ora se nos apresentando com luz branca, ora vermelha, era, do lado de fóra, o unico fóco luminoso que viamos : entretanto, do lado do Rio, ainda se divisavam, quasi a sumirem-se, os ultimos representantes da faixa luminosa ha pouco tão bella—a illuminação da Copacabana.

Até então ninguem enjoára; todos se achavam em animada palestra, formando grupos aqui e alli no convez.

« Dentro da bahia, diziam os experimentados, ninguem enjôa; daqui por diante é que a cousa muda.»

Entretanto, a não serem alguns poucos balanços mais sensiveis, por occasião da passagem pela barra, nada se notava de extraordinario. Passou-se uma hora; já estavamos em franca navegação e parecia-nos que o vapor sulcava não as aguas de um mar onde ha grandes ondas que o tornam um supplicio para os viajantes, mas sim as de um lago cuja placidez fosse proverbial.

Esse mar indicava que não era sem razão a conhecida phrase—« um mar de rosas »; aquelle cujas aguas o « Maranhão » scindia, merecia certamente esse qualificativo.

Confesso que foi para mim uma surpresa enorme, si bem que muito agradavel, esse facto de se viajar em mar sem o tão conhecido martyrio do enjôo.

Eu não podia conceber uma tal viagem sem as competentes e medonhas oscillações que não só difficul-

tariam a marcha de quem se arriscasse a fazel-a sobre o navio, como tambem poriam revolto o estomago, occasionando o mau-estar, com razão bem temido, do enjôo de mar.

A's 10 1/2 da noite foram-se terminando as palestras e cada um recolhendo-se aos seus aposentos.

Pela vigia do meu camarote continuei a admirar a tranquillidade do mar que se perdia, coberto por um ceu estrellado, no escuro da noite, e durante algum tempo distrahi-me em acompanhar com a vista dois grandes vapores que, um tanto a léste, seguiam, ao que parecia, o mesmo rumo que o nosso.

E assim passou-se o primeiro dia de viagem, cujas impressões foram ás mais agradaveis possiveis.

*
* *

Bordo do «Maranhão», 19 de maio de 1906.

Depois de um começo tão bom, da viagem que iamos emprenhender, parecia que cada um já devia ter-se transformado em verdadeiro marinheiro experimentado, quanto a soffrer o celebre enjôo.

Na manhã de ante-hontem, porém, já alguns eram invadidos por este mal acabrunhador. No convez, uns poucos desses, sentados ou dormindo em cadeiras de lona e de palha, procuravam remediar um pouco a molestia que, segundo uns, conforme tenho lido, é toda nervosa.

Outros, felizmente poucos, estavam mesmo deitados em seus camarotes e nem ao menos tinham animo de sahir de lá.

Eu proprio, antes do almoço, comecei a achar tudo enjoado e a nem poder lembrar-me de comer. Percebi que ia seguindo tambem a passos largos, o caminho para o enjôo.

O enjôo é uma molestia nervosa, pensei, e portanto, si eu me convencer de que não sou susceptivel de enjôar, ficarei illeso. De facto, tratei logo de comer e, si bem que o estomago não estivesse, a principio, disposto a trabalhar, acceitando qualquer cousa, fil-o cumprir as ordens da minha vontade inabalavel, de que guardasse a comida e a digerisse convenientemente. O meu estomago obedeceu-me e então vi que, realmente, era um bom medico a auto-suggestão.

Dahi por diante, quando, por ventura, sentia um quer que fosse de mal-estar, fazia-me convencer immediatamente de que eu gostava muito de andar no mar e que isto era delicioso. E assim consegui alistar-me nas fileiras dos não enjôados.

E', sem duvida, delicioso, desde que se esteja em condições de fazel-o, admirar esta ousadia humana de lançar, em lucta vencedora contra o mar gigantesco, um barco que o percorre com a segurança de quem anda por estrada muito conhecida.

Temos ido quasi sempre avistando a costa, salvo em alguns poucos pontos em que ella desapparece completamente, e então temos a impressão de que estamos no centro de uma abobada enorme cujo intradorso é o ceu e cuja superficie coberta é o mar.

Da quilha, dois montes movediços, de cumiadas espumantes, atravez das quaes se vêm os reflexos azues da agua, vão fugindo obliquamente e desapparecendo, ficando apenas, como signal de sua existencia, duas largas faixas de espumas que, com a catadupa espumarenta que a pôpa vae deixando atráz de si, nos mostram, durante algum tempo, o trilho, si bem que ephemero, traçado sobre as aguas pelo navio.

Fóra dahi, milhares de pequenas manchas brancas que se mostram rapidamente, aqui e alli, por toda a parte, dão-nos a impressão de qualquer cousa que

esteja a mergulhar num ponto e a emergir em outro— são ainda espumas brancas da crista das ondas em continuo movimento.

A impressão que me dão as aguas do mar, é a de serem estas qualquer outra cousa, menos agua; impressionam-me como si fossem uma especie de vidro liquido, escuro e em estado tal que pouco lhe faltaria para tornar-se solido. E' uma agua que, mesmo que não fosse salgada, dá-me a impressão de que não podia ser bebida com o intuito physiologico de matar a sêde.

De pontos interessantes avistados na costa, parece que o unico foi a barra da Victoria, que defrontamos ás 5 da tarde de ante-hontem. Por coincidencia, foi tambem o panorama mais bonito que o littoral nos offereceu. Sobre aquella região o sol, illuminando-a, coava os seus raios como que atravez de um nevoeiro, e assim, parecia-nos que viamos um nevoeiro luminoso, de altura colossal, amarellado em uns pontos, mais pallido em outros.

Além desse bello espectaculo, tivemos hontem tambem um outro panorama bem interessante — o grupo dos Abrolhos.

A's 7 horas da manhã passavamos entre a costa e essas interessantes ilhas que relembram factos curiosos da nossa historia.

São um grupo de 6 pequeninas ilhas (foram as que vimos) cujo lado sudeste é abruptamente escarpado, e o opposto de declive um pouco menos ingreme. A sua vegetação é, quanto ao porte, semelhante a dos campos das partes elevadas das serras mineiras, apenas quebrando o ar desertico dessa relva amarello-esverdeada duas palmeiras esguias e uma arvore bem copada, que em um desses rochedos-ilhas existem.

Na parte mais elevada de uma dellas, está um pharol que certamente muito desastre terá evitado, orientando e avisando os navegantes.

Um outro ponto que vimos com certa admiração, foi o Monte Paschoal, celebre tambem na nossa historia.

A não ser o enjôo de alguns companheiros, a viagem até a Bahia tem sido feita sempre agradavelmente; ora ouve-se a magnifica orchestra que suavisa um pouco as saudades que os que aqui vão, têm daquelles que deixaram e lhe são caros, ora os jogos diversos — damas, xadrez e outros dessa natureza distrahem não só os jogadores como tambem os assistentes, ora emfim, a boa palestra sobre differentes assumptos fornece um bom passatempo.

A temperatura, si bem que não seja baixa, não é, todavia, insupportavel. O meu thermometro tem marcado, de dia, de 25° a 27°, e á noite, estando o camarote com a vigia aberta, 27° a 28°, o que faz com que se súe um pouco.

Para completar as informações meteorologicas, devo dizer que tivemos, por algumas vezes, chuva não muito forte, e, talvez por causa dessas mudanças atmosphericas, o mar tornára-se um pouco agitado, havendo uma ou outra vez, ondas que, ao quebrarem-se no costado do navio, faziam entrar respingos pelas vigias de alguns camarotes.

Pelas alturas do pharol de Belmonte, começára a ultima noite que tinhamos de passar para chegar á Capital do grande Estado da Bahia — o primeiro que ia ser visitado pelo sr. dr. Affonso Penna.

A's 5 1/2 da madrugada de hoje o pharol de S. Antonio nos annunciava não estar longe o porto onde iriamos desembarcar.

Com effeito, ás 6 horas já começavamos a ver, á nossa esquerda, a ilha de Itaparica bordada ininterruptamente de coqueiros e apresentando na parte marginal grande numero de casas que lhe davam um aspecto lindo.

A's 8 horas, viam-se já distinctamente varios edificios da capital bahiana, que se nos apresentavam dispostos como que em um grande amphitheatro em cujo diametro navegavamos.

O forte S. Marcello dava, ás 8 3/4, a salva de 19 tiros em honra ao vice-Presidente da Republica e, logo depois, lançava a ancora o «Maranhão» e todos se foram preparar para o desembarque.

A CIDADE DA BAHIA

Do « Maranhão », que havia feito o percurso de 690 milhas ou 1.277 kilometros, distancia que separa as duas bellas bahias de Guanabara e de Todos os Santos, partira ás 10 1/2 da manhã, no vapor «Conselheiro Dantas» o sr. dr. Affonso Penna, com destino ao trapiche da Navegação Bahiana, onde se fez o desembarque. Em seguida partiram os representantes da imprensa e outras pessoas em uma lancha a vapor para aquelle trapiche, primeiro ponto da terra bahiana que iamos pisar.

Os passageiros do « Conselheiro Dantas » realizaram facilmente o seu desembarque, visto que o vapor atracou á ponte. A mesma cousa não se deu, entretanto, com os da pequena lancha que, por causa da ressaca, não podia chegar até a escada do caes. Dirigiu-se a pequena embarcação para uma escadinha que pendia do soalho do trapiche e, então, para o desembarque, era preciso esperar o momento em que esta se approximava da escada, para saltar. Esta manobra repetiu-se algumas vezes, saltando á escada de cada vez um ou dois dos passageiros da lancha. Era, por certo, um desembarque penoso.

Entretanto, achamo-nos no fim de alguns minutos no soalho do trapiche defronte de cuja fachada, na rua Conselheiro Dantas, o povo esperava o dr. Affonso Penna.

Carros tirados por duas parelhas, esperavam os itinerantes que seguiram, acompanhando o Presidente eleito da Republica, e subindo a ladeira da Montanha até a praça do Governo, situada na cidade alta.

Durante o trajecto, fui tendo varias informações que me eram gentilmente fornecidas pelo meu illustre companheiro de carro, o sr. dr. José Maria Tourinho, chefe de policia.

Da rua Conselheiro Dantas, larga e commercial, subimos por uma rua estreita—a ladeira da Montanha —que se estende obliquamente pela encosta do morro coalhado de casas, até ganhar o largo Castro Alves; ahi está o theatro S. João.

E' uma praça pequena e em ladeira. Continuando, entramos na rua Chile, cuja outra extremidade ia dar na praça do Governo, onde estão o palacio do governo do Estado e a Camara Municipal, ambos edificios construidos com gosto.

Visitado o palacio, de onde se avista uma grande parte da bahia, seguiu a comitiva para os pontos onde devia ser hospedada.

Passada novamente a praça Castro Alves, subimos a rua S. Bento, em cuja extremidade inferior estão os hoteis Pariz e Sul Americano e na superior, a egreja de S. Bento. E' uma rua larga e de bons predios. Até chegar á praça da Acclamação, onde ficamos no palacete Lydio, passamos pela Escola Polytechnica, Escola de Direito, praça da Piedade, ajardinada e de fórma rectangular e Secretaria de Policia.

Na praça da Acclamação está o forte de S. Pedro que serve de quartel actualmente para o 16º batalhão de infanteria.

Um pouco adiante deste forte, está o Campo Grande, em cuja parte central se acha o monumento « 2 de julho », data venerada pela Bahia e commemorada com grandes festas.

A cidade, que é illuminada a gaz, é servida por bondes electricos, systema « trolley », e por bondes puchados a animaes.

Devido á grande inclinação do terreno, a tracção animal se faz com difficuldade, de sorte que ora é preciso parar o vehiculo para augmentar o numero de animaes, ora para retiral-os completamente, afim de que só se exerça a força da gravidade. Isto é penoso para a Companhia que explora a industria dos transportes e massante para o passageiro.

Trata-se, entretanto, de melhorar a viação urbana, substituindo a tracção animal pela electrica.

A parte edificada junto ao mar, pouco acima do nivel deste, é chamada « cidade baixa » ; a parte que se estende pelo alto do morro « cidade alta ».

As communicações de uma com outra se fazem principalmente por meio de um elevador, que fica á praça do Governo, e de dois planos inclinados, um dos quaes é conhecido como—« charriot».

O elevador, que é movido por machina a vapor e tem 70 metros de altura, gasta para subir ou descer 90 segundos. Tem dois compartimentos em fórma de prisma de base rectangular e quando por um sobe uma gaiola, pelo outro desce a outra.

A cidade si bem que tendo ruas geralmente tortuosas e ás vezes muito estreitas, impressiona agradavelmente, pelo menos áquelles que, como eu, acham uma certa poesia nesse constante variar das direcções e largura das ruas, nessa desuniformidade de inclinação, emfim, nessa falta de constancia que leva para longe a monotonia das ruas traçadas a esquadro.

A cidade baixa é essencialmente commercial, sendo ahi a rua Conselheiro Dantas a principal. Desta, partem diversos beccos que vão ter até o mar— beccos geralmente pouco asseiados, offerecendo, quanto á

limpeza, o aspecto das ruas da Harmonia e Saude, do Rio de Janeiro.

A cidade alta, porém, tem ruas limpas, bem calçadas e tratadas cuidadosamente.

A população total da cidade é calculada em 285.000 habitantes.

A Bahia passa como sendo uma das cidades em que ha maior numero de egrejas. Realmente, parece ser uma verdade. Ha pontos como, por exemplo, a praça do Collegio em que se vêm reunidas 4 egrejas— a de S. Pedro, o velho, S. Pedro, o moço, S. Francisco e do Collegio, do convento dos franciscanos. Logo adeante ainda ha mais duas. O numero total de suas egrejas sóbe a cento e poucas, havendo algumas como as do Bom Fim, Cathedral e de S. Bento, muito conhecidas pela sua luxuosa decoração interna.

A cidade é movimentada, como bem o mostra o grande numero de bondes que se succedem quasi ininterruptamente percorrendo-a em quasi todas as direcções e que conduzem sempre muitos passageiros.

Vimos a Bahia sem as pompas das festas officiaes, pois que nas manifestações de affecto que ella fez ao dr. Affonso Penna não se viam bandeirolas ou outra qualquer ornamentação que pudesse transformar um pouco o aspecto da cidade, e por isso tivemos a impressão do que é ella realmente, no estado normal.

E sem querer apenas ser agradavel aos bahianos, que nos dispensaram tantas gentilezas, tantas provas de consideração, recebendo-nos carinhosamente, direi que a impressão que tive da sua Capital foi, como aconteceu com varios de nossos companheiros que ainda a desconheciam, a que póde ser fornecida por uma grande cidade civilizada e adeantada.

Dos principaes edificios foram visitados pelo dr. Affonso Penna as Escolas de Medicina, Polytechnica e de Direito, Alfandega, construida em 1861, Delega-

cia Fiscal, Senado, Emporio Industrial do Norte, fundado pelo sr. Luiz Tarquinio, já fallecido, e alguns outros.

O Emporio Industrial do Norte é uma fabrica de tecidos que constitue um estabelecimento realmente importantissimo pela sua organização feita de modo a conciliar os interesses entre o capital e o trabalho.

Com effeito, ahi o operario é rodeado de uma serie enorme de garantias no sentido de zelar o seu presente e o seu futuro. O operario, quando se alista como trabalhador da fabrica, aluga uma casa de duas salas e dois quartos por 15$000 mensaes ; no fim de 5 ou 6 annos alli, fica isento do pagamento desses alugueis e passados 10 annos, elle torna-se proprietario della.

Por sua morte a familia herda a casa, e della gosa emquanto estiver na fabrica ; não póde alienal-a.

A Companhia fornece gratuitamente medico a todos os operarios e remedio áquelles que os não podem pagar ; concede pensões áquelles que adoecem ou se inutilizam ao serviço da fabrica. Mantém cursos para operarios e filhos destes, de portuguez, francez, inglez, geographia, desenho, mathematicas elementares e musica.

O numero total de operarios é de 1.500, o dos teares de 1.283. Produz algodãosinho, brins, zephirs e bulgarias. Ha para movimentar os machinismos 3 motores, cada um dos quaes com 300 cavallos-vapor.

Dois apenas desses motores trabalham, emquanto que um fica de reserva ; gasta, assim, 600 cavallos-vapor. O anno passado a producção total foi de 12.560.000 metros.

Quando o dr. Affonso Penna penetrou o recinto da escola «Ruy Barbosa», na fabrica, umas cem alum-

nas que ahi estavam, cantaram, com a musica do hymno nacional, uma série de versos todos cheios de conceitos em que se fazia vibrar a alma brasileira. Varias dessas meninas empunhavam bandeiras brasileiras e era bello, commovente mesmo, ver-se a infancia—meninas que amanhã serão mães—infiltrada de amor e respeito pela patria, symbolisada, alli, no pendão auri-verde. Seriam, certamente, quando mais tarde se tornassem mães, não só honestas educadoras, mas tambem transmissoras desse civismo que faz o scientista, o industrial, o commerciante e o agricultor; desse sentimento de patriotismo que faz o heróe e a grandeza de um povo.

Aquelle cantico entoado com voz firme, como que mostrando a firmeza com que as gerações nascentes se preparam para lucta pelo progresso deste paiz; como que mostrando a flor que desabrocha cheia de esperança, confiando seguramente na qualidade do fructo de amanhã; aquelle cantico teve qualquer cousa de bello, de sublime, para mergulhar em uma atmosphera de goso indefinivel todos aquelles que o escutavam.

Todos contemplavam extasiados aquellas meninas que, empunhando o pavilhão que encarna este grande paiz, e cantando a musica que representa a alma nacional, mostravam-nos alli a imagem viva, completa, da patria. Era, pois, a patria que estava alli a falar-nos, a nos dar licções de civismo, e a nos dizer que podemos esperar tranquillos e seguros o futuro deste grande Brasil, pois que a mulher brasileira, desde a infancia acostumada a venerar nas escolas o symbolo tão querido de todos nós, fazia com que os seus filhos constituissem uma legião de patriotas, que se esforçariam para que esta terra, trilhando honradamente o caminho da paz, chegasse á meta desejada—á prosperidade sob todos os pontos de vista.

Pouco depois dessa deliciosa manifestação, o dr. Affonso Penna, respondendo um brinde feito em nome dos operarios, mostrou-nos, em bello exemplo, como comprehende a democracia—abraçando, depois de lhes dirigir palavras de animação, duas modestas operarias de côr que muito se distinguiam por sua intelligencia e amor ao trabalho. E foi de um effeito agradabilissimo ver o homem que dentro em pouco ia ser o primeiro magistrado do paiz, mostrar que o facto de ter nascido escura não impedia, nesta terra, essa admiravel confraternização entre os grandes e os pequenos; não impedia que se prestasse ao trabalho uma das mais honrosas homenagens.

Por uma reforma recente, do governo do Estado, foram supprimidas a Secretaria da Agricultura, Justiça e do Thesouro, e reduzidas apenas a uma, que tem o nome de Secretaria do Governo. As antigas secretarias passaram a ser directorias, continuando mantidos todos os serviços, o que quer dizer que apenas foram supprimidos os logares de secretarios. Subordinada á Secretaria do Governo ha ainda a Secretaria de Policia.

O corpo policial consta actualmente de 3 batalhões, com um effectivo total de 1.200 praças.

Sem a pretenção de ter conhecido toda a cidade da Bahia, para o que seriam precisos muitos dias e não apenas os tres durante os quaes ahi permanecemos, deixo nas linhas precedentes sómente uma pallida idéa das impressões que nella recebi.

DA BAHIA Á ALAGOINHAS

A's 6 horas da manhã de 20 marcava o meu thermometro já 26°. A essa hora tomamos o bonde que nos levaria á praça do Governo. Desta, descendo os 70 metros do « elevador », chegamos á rua Conselheiro Dantas, onde nos esperavam os bondes electricos que deviam conduzir o dr. Affonso Penna, o dr. José Marcellino, governador da Bahia, e demais pessoas á estação da Calçada, inicial da estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco.

Na plataforma do elevador, pesaram-se alguns membros da comitiva, notando-se os seguintes numeros : o sr. dr. Affonso penna pesou 58 kilos ; o dr. Sá Freire, 83 ; dr. Edmundo Penna, 57, e quem escreve estas linhas, 53.

Depois de 20 minutos gastos no trajecto feito em bonde electrico, chegavamos á estação de Calçada, onde uma guarda de honra estava postada.

Em uma sala, á entrada da estação, lia-se em um escudo « Ao dr. Affonso Penna » « A Bahia, ao Estado de Minas Geraes ».

A's 7 horas partiu o trem que nos levaria até Alagoinhas, distante 123 kilometros.

A estrada da Bahia ao S. Francisco, está hoje separada em duas partes distinctas : uma, da Bahia a Alagoinhas, cuja bitola é de 1,^{m}60, com o ramal do

Timbó, de 82 kilometros de extensão; outra, de Alogoinhas ao Joazeiro, com 451 kilometros, bitola de 1 metro. A primeira está arrendada ao srs. drs. Alencar Lima e Austreliano de Carvalho; a segunda, aos srs. dr. Miguel de Teive Argollo e coronel José dos Reis.

Eis alguns dados sobre a estrada da Bahia a Alagoinhas:

Custou 1.800.000 libras ou 16.002:000$000 ao cambio par; o que dá para o custo kilometrico 129:724$339, cifra verdadeiramente exaggeradissima.

O raio minimo de suas curvas é de 300 metros; a rampa maxima, 1,25 °/₀.

Tem tres tunneis: o do Piripiri, com 70 metros; o de Mapelle, 226 metros, e o de Pojuca, com 259.

Receita nos ultimos annos, depois do arrendamento:

2º semestre de 1901	519:369$020
1902	1.078:520$039
1903	1.026:645$480
1904	974:453$640
1905	1.044:320$230

Despesa nos periodos correspondentes:

2º semestre de 1901	383:503$016
1902	886:342$621
1903	753:154$413
1904	756:722$132
1905	857:832$026

Ramal do Timbó:

Receita:

2º semestre de 1901	50:789$000
1902	121:890$650
1903	130:996$550
1904	97.506$000
1905	103:194$060

Despesa :

2º semestre de 1901.....	82:263$540
1902.....	168:819$635
1903.....	178:636$331
1904.....	162:943$616
1905.....	154.658$347

Como se vê, deixa sempre *deficit* este ramal, que parte da cidade de Alagoinhas. Pretendem melhorar esta situação, prolongando-o até o Estado de Sergipe por uma zona bastante rica. Fazem-se para isto estudos actualmente.

O preço por que ficou esse ramal foi de..... 2.650:000$000, o que dá um custo kilometrico de 32:088$320.

Logo á sahida da estação de Calçada, existe uma ponte sobre um braço de mar, com 548,^{m}85 de comprimento, em 48 vãos—é a ponte de S. João, toda de madeira.

Além desta, ha ainda as seguintes pontes bem compridas : sobre o rio Pojuca, com 136,^{m}51 em 11 vãos ; sobre o Joannes, com 115,^{m}64 em 5 vãos.

Percorrem-se cerca de 24 kilometros á beira da praia, vendo-se sempre o mar á esquerda de quem vae para Alagoinhas.

Varios estabelecimentos industriaes se acham na vizinhança da linha ; entre elles, podem se citar : tres fabricas de tecidos, quasi todas nas proximidades da capital e 4 usinas de assucar—de Aratú, S. Miguel, Pojuca e Piranga.

Extensos cannaviaes mostram que, realmente, a base da riqueza da zona é a industria que explora a utilissima graminea de cujo caldo retira o homem substancias que alimentam umas, o corpo, outras, o vicio; em uma grande extensão o terreno é coberto de capoeirões onde se vêm genipapeiros, angicos e outras arvores robustas e de grandes copadas.

Nessa região da matta cultivam-se, além da canna, o milho, o feijão e a mandioca principalmente.

Em torno de cada fazenda ou fazendola vêm-se sempre um mandiocal, e quasi sempre uma pequena roça de milho, feijão etc., algumas jaqueiras, bananeiras e coqueiros. Para a cobertura das casas dos menos abastados, usam quasi sempre a palha de coqueiro ou de outra palmeira.

Ha tambem pastagens ás vezes bem extensas, como as que circumdam o casarão achatado, séde da fazenda do conselheiro Saraiva, formadas geralmente de capim angolinha, tendo, entretanto, intercaladamente, o jaraguá e o « colonia ». Não ha, pelo que vi e me disseram, o gordura tão usado em Minas, como base das extensas « invernadas ».

Nas proximidades da villa de Sant'Anna do Catú, fundou o governo do dr. Luiz Vianna uma « Fazenda Modelo de Criação », para onde foram trazidos da Europa touros e vaccas das raças Durham e Limousin. Devido, entretanto, aos terrenos que não se prestavam bem para ahi estabelecerem-se grandes pastagens, vae ser abandonado o estabelecimento, sendo transferido para o instituto Agricola de S. Bento das Lages, todo o gado de raça que nelle havia.

O terreno da zona da matta, que faz parte de uma grande região chamada « Reconcavo », terminando no littoral e muito conhecida por ser uma das mais ferteis da Bahia, é cheio de morros onde se vêm restos de capoeiras, pastos e culturas. Intercalada nessa zona montanhosa e de terra fertil, ha uma outra formada de terra arenosa, apresentando apenas mui leves ondulações, e onde se vêm sómente arvores tortuosas em meio de um capim de folhas lanceoladas, e de espaço a espaço grupos extensos de piassaveira. Além do capim que cobre o terreno, ha neste ainda outras poucas plantas de porte herbaceo, entre as quaes se destaca

uma bella Bromeliacea de folhas largas e quasi sempre vermelhas na extremidade.

Esta zona constitue o que chamam — « Os geraes».

A unica cousa exploravel nesses geraes é a piassava — tecido fibroso que envolve o tronco da piassaveira. Esta palmeira attinge em outros terrenos a altura de alguns metros; nos «geraes», porém, sempre a vi sem caule apparente.

A altitude dos geraes é apenas de alguns metros — 20 a 40.

A partir da estação da Calçada, cuja altitude é de 5,m 684, o perfil da linha até Alagoinhas ora sóbe, ora desce, chegando a esta localidade com a altitude de 138 metros.

A unica estrada de ferro que se liga na da Bahia a S. Francisco, é a «Centro Oéste», cujo entroncamento dá-se na estação de Agua Comprida, a 34 kilometros de Calçada, não falando no ramal do Timbó, que parte de Alagoinhas. A «Centro Oeste» irá ligar-se ao ramal da Feira de Sant'Anna, actualmente em construcção e pertencente á estrada de ferro Central da Bahia.

A's duas horas da tarde chegámos a Alagoinhas, cidade com 2.700 casas e cerca de 12.000 habitantes. E' a mais importante cidade do Estado, depois da Capital. A sua renda municipal orça por 100 contos. Tem varios edificios vistosos e bem construidos, como o Forum, a Estação da Estrada de Ferro e outros. Ahi estão as officinas do ramal do Timbó; as da linha de bitola larga ficam em Piripiri, a 11 kilometros da estação inicial.

A zona atravessada pela estrada é agricola e importante, sendo o assucar a sua principal producção.

O fumo é cultivado principalmente em outras zonas, como a de S. Felix etc., que o preparam em maior proporção em estado de folhas. Para isto, procedem do seguinte modo:

Apanhadas as folhas, são estas collocadas, á sombra, na «ceva», estaleiro chamado *pindoba* no Rio de Janeiro e Minas. Quando as folhas adquirem a côr de chocolate claro, são amontoadas dentro de casa até apparecer a «febre», começo de fermentação que se manifesta no fim de 15 a 21 dias após o amontoamento. São ellas, então, destaladas e arranjadas em maços de 10 a 12, envolvidos por uma folha em uma das extremidades; chamam-se estes maços — «manócas» —. Estas manócas são dispostas em camadas que se chamam «camas». Uma cama póde conter toda a producção de um agricultor, e é mesmo uso dizer-se: Uma cama de tantas arrobas.

O comprador, quando apparece ao productor, faz então o preço conforme a qualidade do fumo; separa as folhas e organiza novamente as diversas sortes, que são enfardadas em volumes de 5 arrobas, envolvidos por aniagem.

DE ALAGOINHAS A JOAZEIRO

***

A's 2 horas da tarde partia o trem de Alagoinhas para Joazeiro. Dahi a Aramarys, primeira estação, distante cerca de 20 kilometros, e onde se acham as officinas da estrada de bitola de metro, vêm-se pequenas culturas de cereaes, começando a manifestar-se a vegetação, que mais adeante torna-se caracteristica da «catinga».

A altitude deste terreno é pequena, sendo de 180 metros a de Aramarys.

Nesse trecho ha varias pequenas fabricas de telhas, tijollos e outros objectos de ceramica.

Apparecem depois os campos que, quando cobrem terrenos achatados como os dahi, chamam-se «taboleiros».

A vegetação desses taboleiros é semelhante á dos campos cerrados de Minas, si bem que o capim que fórma o campo propriamente, seja muito differente do capim redondo dos campos mineiros — as suas folhas um tanto largas tornam-n'o parecido com o sapé, sendo sómente muito mais baixo.

No meio desses campos existem, esparsos, diversos arbustos e arvores de pequeno porte, sendo as mais communs: a *janaúba*, empregada em medicina; o *cajuy*, que dá um cajú pequeno, comestivel; a *man-*

gabeira; o *piri*, uma especie de araçá; a *bêba*, cujo fructo se come; a *cama de ema*, o *alecrim*, o *quifôfo*. a *sambaiba*, e por toda a parte a palmeira *uricury*, que não cresce muito.

O terreno desses taboleiros é geralmente pouco accidentado e constituido por argilla vermelha, algumas vezes arenosa. Pequenos morros de encostas ingremes salientam-se, muitas vezes, na parte levemente ondulada, sendo ahi tão deficiente a vegetação que não chega a cobrir a terra, cuja côr avermelhada de longe bem se distingue.

A unica riqueza fornecida por esses campos é a borracha extraida da mangabeira, que é muito differente da *Hancornia speciosa* Gomes — a mangabeira de Minas e S. Paulo.

A mangabeira do taboleiro parece ser do mesmo genero *Hancornia*, e o seu aspecto lembra o do *chorão* — galhos pendidos e com folhas pequenas. Quasi sempre estão orientados no sentido sueste-noroeste, o que mostra que são tambem desta direcção os ventos dominantes na região.

A arvore não cresce muito e a borracha que ella fornece é de inferior qualidade. Todavia não se vê uma só dessas mangabeiras que não esteja com a casca cortada em varias direcções — signal de que têm soffrido diversas sangrias para extracção do seu latex.

Ao sul e ao longe vêm-se morros altos cobertos de matto e de culturas bem tratadas — são ahi as ultimas manifestações do Reconcavo.

Pouco antes de Agua Fria o terreno muda sensivelmente e com elle a vegetação; torna-se arenoso e plano ou levissimamente ondulado, impressionando quasi como si fosse um mar, cujo horizonte perde-se de vista para todos os lados.

Assim, a terra vermelha é a passagem entre a terra fertil, cultivada, e a areienta. A terra fertil é

francamente accidentada, tendo morros mais ou menos elevados; a terra vermelha é muito pouco ondulada e a arenosa fórma uma extensa planice.

A vegetação tambem muda, como disse; começa a apparecer a «catinga», que se póde comparar á matta em miniatura.

Ha a «catinga baixa» e a «catinga alta», conforforme as dimensões das arvores que cobrem o terreno.

A que começa pouco antes de Agua Fria está na primeira categoria.

Na vegetação da catinga dominam as Leguminosas e as Cactaceas, sendo que grande numero das primeiras e a totalidade das ultimas são especies espinhosas.

E' sem duvida, cousa bem curiosa a predominancia de Leguminosas em um terreno que representa a esterilidade, pois que essas plantas, como se sabe, requerem, para viver, certas condições de fertilidade, taes como a existencia de acido phosphorico.

Tambem é um verdadeiro constraste verem-se em um terreno secco, onde raramente chove, plantas que, como as Cactaceas que ahi vivem, são verdadeiros armazens de agua.

Entre as Cactaceas podem-se citar: *mandacarú de gado*, que o gado come muito bem; *mandacarú de facho*, que deve ser descascado para que o gado o coma; *mandacarú lava-cabeça*, cuja utilidade ainda é desconhecida; *chique-chique*, que fórma touceiras de compridas hastes; *palmatoria* — do genero Opuntia, muito semelhante á figueira do inferno ou *cactus* da cochonilha: e *cabeça-de-frade*, nome dado em virtude da parencença com a cabeça, tendo a corôa dos frades, pois que a planta é de fórma hemispherica sendo coroada pela flor e depois pelo fructo vermelho e comestivel, apparentando realmente o objecto cujo nome

lhe foi dado. Cresce ás vezes até sobre a propria pedra e não se comprehende onde e como póde encontrar algum alimento, e, além disso, tanta humidade para armazenar em suas cellulas o curioso vegetal.

Até a cidade de Serrinha a catinga apresenta um aspecto de capoeirinha baixa, mostrando ainda um tanto espaçadas as Cactaceas. Os mandacarús, esguios, salientam-se elevando quaes enormes cirios em uma nave immensa, forrada egualmente de folhagem verde, os seus braços articulados.

Nessa catinga baixa não ha solução de continuidade na vegetação subarbustiva ; esta é densa e uniforme, apresentando sempre as mesmas especies.

De Serrinha até Villa Nova a catinga muda um tanto, apparecendo arvores, um pouco maiores, como a umburana, que quer dizer *falso umbú*, por ser muito parecida com o umbuzeiro, intercaladas ás de pequeno porte.

Ahi domina a leguminosa arbustiva, chamada *Páo de rato*, pelo motivo de ser sempre ouco o seu tronco e neste se aninharem os ratos. Este *páo de rato* é uma lenha de primeira ordem, fornecendo um grande numero de calorias.

De Villa Nova até Itú-mirim, (*itú-brejo*, *mirim-pequeno*), o terreno é coberto pela «catinga alta», onde se vêm : o *calumby*, Mimosacea espinhosa, cujas folhas o gado come bem ; o *mimê*, arvore que fornece um oleo empregado para os mesmos usos da copahiba ; o *cajazeiro*, do qual existem 3 qualidades— *cajá*, *cajá-rana*, e *cajá-manga* ; os diversos mandacarús ; o *cambucá*, differente do de Minas, pois dá um fructo preto parecido com jaboticaba ; a *jurema* ; o *icó*, que tambem apparece nas outras catingas ; o *joazeiro*, tambem muito diverso do que com o mesmo nome se conhece em Minas— este é uma arvore, que cresce até attingir grandes dimensões.

Esta região da catinga alta é chamada tambem «matta», cujos terrenos se prestam bem a culturas diversas. Ella exporta para a Bahia milho, arroz, feijão e farinha de mandioca.

De Villa Nova exporta-se tambem para a Capital muito requeijão, que é bem conhecido no mercado.

A agricultura está entregue a pequenos lavradores em torno de cujas casas vêm-se sempre algumas «tarefas» cultivadas.

A unidade agraria adoptada vulgarmente na Bahia é a «tarefa», que equivale a 900 braças quadradas ou 4.356 metros quadrados, de sorte que 1 hectare equivale, aproximadamente, a 2 1/2 tarefas.

De Itú-mirim até Joazeiro apparece a catinga caracterizada pelos espinheiros e pela aridez.

O terreno a principio arenoso e depois calcareo, é coberto pela catinga baixa apresentando em proporção predominante os cardos espinhosos. Os chique-chique se cruzam com as palmatorias, e as cabeças-de-frade forram o terreno em grandes extensões. Parece impossivel poder alguem transpor illeso alguns metros ao menos dessas barreiras vegetaes em que só se vêm espinhos ponteagudos. Entretanto, o sertanejo veste-se de couro, só deixando a descoberto as mãos e o rosto, monta no seu cavallo, que tambem já se habituou a não temer espinhos, e vae a procura do gado que se metteu pela rede intricada de mandacarús, chique-chique e palmatorias. O gado corre, mas o «vaqueiro» tambem galopa por entre essa vegetação fantastica em que a cada momento se lhe apresentam mil difficuldades ; ora se abaixa, acompanhando o movimento do cavallo amestrado que quasi, no galope, une a barriga ao chão, para passar sob um tunnel forrado de espinhos venenosos ; ora anima o cavallo

para saltar as fendas profundas, abertas pela secca; e assim vae esse «vaqueiro», verdadeiro heróe a vencer em cada instante obstaculos formidaveis.

Vimos um desses vaqueiros montado em seu animal amestrado, *animal de fabrica*, que é o nome que lhe dão; crestado pelo sol abrazador, a sua tez morena como que mostrava a rigidez do seu organismo e da sua tempera.

Sáe o vaqueiro para o catinga levando apenas um pouco de farinha e carne; quando a sêde lhe aperta procura um pé de umbú e chupa alguns destes deliciosos fructos; e assim passa o dia inteiro em meio dos medonhos espinheiros.

Na catinga de Itú-mirim a Joazeiro, ha ás vezes claros na vegetação arbustiva que, então, é substituida por uma Malvacea herbacea de flores amarellas, e de hastes simples e flexiveis e que deve produzir uma boa fibra.

Em outros pontos domina uma Bromeliacea de folhas erectas e listadas alternada e transversalmente de verde e branco -é o *caruá*, de que se tem já extrahido uma fibra de qualidade superior.

As arvores maiores que ahi se vêm são: o *angico*, que não é uma Mimosacea como o que em Minas tem o mesmo nome; o *umbuzeiro*, o *joazeiro* e a *umburana* cujas sementes se empregam em perfumaria.

A melhor fructa da catinga é, sem duvida, o umbú, verdadeiramente providencial para o sertanejo. Quando se chupa muito umbú, sente-se como que uma dormencia nos dentes e, para significar isto, diz o sertanejo que «o umbú desbota os dentes»

Quando ouvi esta phrase pela primeira vez, abri logo a bocca e pedi a quem a proferiu ver si os meus dentes já haviam mudado de côr; soube, então, o que queria ella indicar.

Para evitar os effeitos do umbú em toda a bocca, observam os sertanejos a seguinte regra: «Come-se o umbú com um lado da bocca, e poupa-se o outro».

Quando o «desbotamento» é grande, lava-se a bocca com agua salgada, que faz desapparecer a dormencia.

O sertão é extremamente secco, sendo raras as chuvas, com excepção da zona da catinga alta ou matta, nas vizinhanças da serra do Espinhaço, que é atravessada em uma garganta pela estrada de ferro. A agua é, assim, difficil, sendo necessario, para obtel-a, fazerem-se açudes onde fica represada a proveniente das chuvas. Além desta, ella é obtida por meio de poços que, ás vezes, são muito profundos. Perto da estação de Jurema, ha um poço com 60 metros de profundidade. Desses poços é ella retirada por meio de bombas para os diversos misteres, inclusivé o de alimentação das caldeiras das locomotivas.

Em Joazeiro, onde se chega por uma recta de 62 kilometros, a maior, certamente, que existe nas estradas de ferro brasileiras, ha varios moinhos de vento para o trabalho de bombas elevadoras de agua.

A época das chuvas ou «da trovoada», como é chamada, vae de dezembro a março, no sertão. Na matta, chove tambem no inverno, o que foi por nós observado em nossa viagem.

Na grande recta ha tres pontes que indicam serem tambem grandes os rios que ellas atravessam; estes, porém, só existem no tempo da «trovoada» — quando os vimos estavam completamente seccos e semelhavam largas estradas de leito profundo e arenoso.

Quando o gado tem sêde e não acha perto um açude ou «tanque», recorre ao mandacarú, que lhe fornece boa porcentagem do precioso liquido.

E, desse modo, a Natureza poz ao lado do mal tambem um remedio.

EM JOAZEIRO

VIAGEM PELO S. FRANCISCO

Até Joazeiro passamos por varias povoações de categorias diversas e, que são as seguintes: Matta de S. João, villa, cabeça de comarca; Pojuca, arraial; S. Anna do Catú, villa, a cujo municipio pertence Pojuca; Sitio Novo, arraial; Alagoinhas, cidade de que já dei algumas informações; Lamarão, arraial; Serrinha, cidade; Queimadas, onde desembarcavam as forças que se dirigiam para Canudos; Villa Nova, cidade; Itú-mirim, povoação pequena e situada em bello e pitoresco local; e Joazeiro, cidade, á margem direita do rio S. Francisco.

A zona do Joazeiro produz, principalmente, borracha de mangabeira e de maniçoba. Nos quintaes são communs pequenas plantações de parreiras européas.

Queixam-se os habitantes de serem elevados os fretes da estrada de ferro e nos citaram, como exemplo, o frete de 1:675$000 que pagou de Alagoinhas a Joazeiro, 450 kilometros, uma machina a vapor de 11 cavallos, cujo preço fôra de 6:400$000.

Tambem por esse motivo não podem ser exploradas algumas riquezas da região; ha, por exemplo, muito manganez em Villa Nova (Bomfim), mas que não póde ser explorado porque o frete a pagar absorveria todo o preço de venda desse minerio.

Na estrada de ferro de Alagoinhas a Joazeiro, transitou em direcção á Bahia o celebre meteorito Bedengó.

Para commemorar esse facto ha na estação de Jacuricy, onde foi elle posto em vagão, um monumento de pedra e de fórma pyramidal, tendo inscripções lateraes ; foi erigido em 1888 pelo barão de Guahy, o mesmo que fez as despesas de transporte desde o logar em que cahiu o meteorito até a estação de Jacuricy.

Apesar da calamidade por que passou com a ultima cheia do rio, em abril deste anno, os habitantes de Joazeiro não perderam a alegria, pois receberam festivamente, em frisantes demonstrações de contentamento, o dr. Affonso Penna, que, chegando ás 11 horas da manhã, seguiu, acompanhado de povo e da sua comitiva, até a escola publica situada á praça Domingos Ribeiro, onde foi servido um *lunch* cuja nota principal era a existencia de uvas « moscatel branco », colhidas nas vizinhanças da cidade.

São boas como as melhores européas que aqui chegam ; despertaram essas uvas em todos enthusiasmo e admiração por aquella terra arenosa apparentemente esteril, mas que fornecia um producto de delicadeza extrema.

Devido á sequidão do clima, pois que ahi chove apenas 6 a 7 vezes no anno, não existem as molestias cryptogamicas que atacam a parreira, e por isso a cultura desta se faz suavemente, necessitando apenas de regas, para que fructifique abundantemente o util vegetal.

A parreira dá regularmente 3 vezes por anno, podendo ser obtida a uva em qualquer época, para o que só é necessario fazer a poda com a antecedencia de 4 mezes. Póde-se, pois, ter uvas em qualquer época do anno.

O governo do Estado, mantém, a uns 3 kilometros abaixo de Joazeiro, um « campo pratico de viticultura », que está a cargo do engenheiro-agronomo João Silveira. Ha em cultivo 160 variedades européas, americanas e outras. Existe no vinhedo a phylloxera que, entretanto, não consegue matar ou causar mesmo grande mal á parreira, facto que deve ser attribuido ao terreno excessivamente arenoso.

As uvas de Joazeiro já conseguiram supplantar, na Bahia, as portuguezas, pois estas são vendidas, ás vezes, como procedentes daquella cidade bahiana.

Já na estação de Piranga, a uns 3 kilometros da cidade, viam-se os signaes deixados pela formidavel enchente que destruiu ruas inteiras, substituidas depois pelos bancos de areia, tendo aqui e alli depressões ainda cheias de agua. Varias casas mostravam, descobertos, até alguns metros acima do solo, os páos a pique das suas paredes, indicando, assim, aos que por ahi passam, o nivel attingido pela agua em sua furia destruidora. As aguas subiram 8,^{m}12 acima do nivel normal do rio, que ahi tem 800 metros de largo.

Defronte de Joazeiro fica Petrolina, cidade pernambucana, que nada soffreu com a enchente.

Os telhados das casas conservam o vermelho da telha nova, parecendo ter sido a cidade construida recentemente. E' isto devido á falta de humidade na atmosphera, de sorte que os musgos, lichenes e outras plantas inferiores não se podem installar e prosperar nesses telhados.

A travessia de Joazeiro á Petrolina é feita em embarcações chamadas « paquetes », pequenas lanchas á vela, que vão de um a outro lado em 4 a 15 minutos, conforme o vento é ou não favoravel.

Mais ou menos no meio do rio está a ilha do Fogo, escolhida para convescotes e outras festas semelhantes, pela população das duas cidades vizinhas.

O dr. Affonso Penna, dr. José Marcellino e suas comitivas embarcaram, ao meio dia, no vapor « Joazeiro », ex-« Conselheiro Vianna », que os devia conduzir no bello passeio a realizar-se no S. Francisco. Este vapor tem acommodações para 24 pessoas. Além deste, ha ainda sete vapores, dos quaes o maior é o « Matta Machado » ; fazem, quando sobem, 3 a 4 milhas, e quando descem, o dobro.

Todos esses vapores pertencem ao governo da Bahia, que ha pouco encommendou mais dois, e trata de melhorar a navegação.

Os vapores partem de Joazeiro nos dias 1º e 15 de cada mez com destino a Pirapora, vencendo o percurso de 1.369 kilometros.

Ha, além disso, vapores para as cidades ribeirinhas, Corrente e Rio Grande, sendo a partida para ahi em 7 de cada mez. A primeira dista de Joazeiro 30 kilometros, e a segunda, 300.

O governo federal subvenciona com 150 contos annuaes a navegação. Este serviço deixou o anno passado um saldo de cento e tantos contos, que está sendo empregado em melhoramentos da propria navegação.

O *Joazeiro* subiu o rio S. Francisco até a barra do rio Salitre, proporcionando-nos admirar as bellas paizagens que offerece o megestoso curso d'agua.

Das suas margens estende-se por terreno pouco accidentado a catinga, em meio da qual se apresenta, abundante e bellissima, a carnaubeira, fazendo lembrar, com a sua copada espherica, moinhos de vento pintados de verde e especiaes.

A's 2 e 1/2 da tarde, tendo percorrido uma distancia de cerca de 16 kilometros, chegára o vapor á barra do rio Salitre, de onde voltou, gastando 1 e 1/2 horas até Joazeiro.

Em frente á Petrolina, perguntei a um morador do logar : « Esta cidade é grande ? »

—E' muito grande. Imagine que ella vae talvez a uns 40 metros além ahi da margem... »

Que noção de metro tinha o meu informante !

Como curiosidade citarei tambem o modo por que a banda de musica de Joazeiro executava o hymno nacional.

Este hymno não é pequeno e, portanto, parece que todos deviam achal-o sufficiente para representar a alma brasileira. Não pensa assim o mestre da musica de Joazeiro, pois que, na occasião em que ella ia terminal-o, collocava-se elle á frente da sua banda e gritava : « Outra vez ».

A banda de musica recomeçava o hymno, e todos nós que o ouviamos, ficavamos obrigados a continuar com o chapéo na mão.

Era um hymno nacional em duplicata, havendo no curto intervallo das repetições o então classico «outra vez », ordènado em voz alta.

VISITA A S. BENTO DAS LAGES

Estava marcada para 1 da tarde de 23 de maio, a partida para a visita ao Instituto Agronomico de S. Bento das Lages, de que é hoje director o sr. dr. L. Zehntner, contractado ha pouco na Europa pelo governo bahiano.

A hora da partida não podia ser prorogada, visto que a maré começava a vasar ás 4 horas da tarde, e depois disso tornar-se-ia difficil ou mesmo impossivel a navegação em um grande trecho da viagem.

Apesar disso, sahimos com um atrazo razoavel da ponte da Navegação Bahiana, onde tomamos logar no « Conselheiro Dantas », o mesmo vapor que havia recebido, no dia de nossa chegada, o dr. Affonso Penna. Pouco antes de 2 horas partia o « Conselheiro Dantas » em rumo a S. Bento das Lages e bem apprehensivo se mostrava o sr. dr. Jeronymo Teixeira de Alencar Lima, que já nos havia informado sobre a possivel difficuldade da volta.

No fim de 2 horas de viagem, rumo N. O. em plena bahia, deixando á esquerda a ilha de Itaparica, coberta de coqueiros, mangueiras e dendêzeiros, e, á direita, as bellas enseadas de Itapagipe e de Monte Serrat, orladas de casas, seguiu o vapor por entre uma serie de ilhas que ora nos reduziam o horizonte em todos os sentidos, ora nos permittiam, por uma abertura, avistar o mar até a barra.

A' nossa esquerda ficaram, a principio, a ilha dos Frades, em cuja parte norte vimos a povoação de Loreto, e, mais adeante, a de Bom Jesus. A' direita, a ilha de Madre Deus. Entre esta e a das Vaccas, que ficava á nossa direita, avistava-se o continente onde, ao longe, branqueava uma pequena casa—a fazenda de Santo Estevam, pertencente ao conselheiro Luiz Vianna.

Tomando rumo norte, em meio dessas ilhas que pareciam fechar por todos os lados o caminho sobre a agua, passamos, então, entre as ilhas das Vaccas e a de Maria Guarda, e em seguida, enfrentamos a da Bimbarra. Deste ponto viam-se ainda, um tanto afastadas, as ilhas Grande e Pequena, a oeste, e ao sul a ilha do Medo que, bem differente das outras, que eram montanhosas, pouco afflorava o seu solo coberto de coqueiros, semelhando, vista ao longe, um navio cheio de mastros e chaminés.

O terreno dessas ilhas não prima por sua boa qualidade; constituido geralmente de uma terra avermelhada, elle só se presta a alimentar coqueiros e dendêzeiros, principalmente, salvo o da ilha de Itaparica que se presta á cultura de mangueiras, parreiras e diversas outras plantas uteis.

Toda a porção da bahia por nós percorrida é semeada de bancos que ficam a descoberto na maré baixa e que se denominam « corôas », naturalmente pela fórma mais ou menos circular que elles têm. Nas proximidades dessas corôas armam os pescadores os seus « curraes », que são cercados de fórmas diversas, feitos de páos finos, nos quaes os peixes entram com a maré alta e ficam presos, quando, depois, ella baixa. O curral se denomina « massacoára » quando tem, em planta, a fórma de um V. Apanham-se ahi, camarões que são reputados especiaes, tainhas, xangós, e varios outros, que existem em abundancia.

Pouco antes de entrar no rio Subahé, passamos, deixando-a á nossa direita, pela villa de S. Francisco do Sergipe do Conde, de construcção antiga e guardando até hoje a physionomia da época de sua fundação.

Em frente e á nossa esquerda, estava a villa de Cajahyba.

Nesta região residia a nobreza da Bahia, que aqui mantinha extraordinario luxo.

O visconde de Ferreira possuia em suas cavallariças 75 cavallos para uso de sua casa.

Pouco adeante da villa de S. Francisco começamos a subir o rio Subahé, formado dos rios Sergy, Sergy-mirim e Subahé, em cujas aguas o «Conselheiro Dantas» só podia navegar quando em occasião de maré alta.

Ao chegar a S. Bento, ás 4 e 45 da tarde, um cavalheiro que commigo palestrava, mostrou-me ao longe o logar onde ficava a cidade de Santo Amaro e, para bem determinar o local, disse-me: «E' lá onde o senhor está vendo aquelle boeiro».

Depois de algum tempo comprehendi que elle chamava «boeiro», não o pequeno canal para escoamento de aguas, porém, sim, uma chaminé que apparecia ao longe. Soube, depois, que era, realmente, como se designavam as chaminés na Bahia.

Pouco distante do Instituto Agronomico via-se o o convento de S. Bento, que ia ser transformado em colonia correccional.

São muito communs os conventos na Bahia. Na Capital, entre Campo Grande e Lapinha, uma parte apenas da cidade, contam-se os seguintes: Mercês, Capuchinhos, S. Bento, Lapa, Desterro, S. Francisco, Carmo, Perdões e Soledade.

E' grande o edificio do Instituto — um bello sobrado com um pavimento terreo e dois andares. Fun-

ccionou ahi até bem pouco tempo a Escola Agricola, de onde sahiram varios agronomos. Está sendo agora reparado para o funccionamento do Instituto, e conserva ainda os restos de um museu que devia ter sido de muito valor quando era bem tratado. A Escola Agricola era mantida por uma associação particular e subvencionada pelo governo federal.

Hoje o governo bahiano chamou a si a direcção do estabelecimento, reorganizando-o, sob o nome de Instituto Agronomico.

A's 5 1/2 da tarde, embarcavamos novamente no «Conselheiro Dantas», que dahi a pouco penetrava, já com a noite escura, a zona das ilhas por entre as quaes elle tinha de navegar durante cerca de 2 horas, por não poder ser grande a sua velocidade.

Sentados á meza do jantar, ouviamos o discurso proferido pelo dr. Raphael Pinheiro, da *Gazeta de Noticias*, brindando ás senhoras e senhoritas que comnosco se achavam, quando o vapor parou alguns minutos, continuando depois a sua marcha. Dahi a pouco, porém, nova parada nos indicava que qualquer cousa de anormal se passava. Soubemos, logo, que estavam fazendo a sondagem do canal, visto que a maré já havia baixado muito. Poz-se, entretanto, o navio em movimento, mas por pouco tempo, pois que, tendo roçado com o fundo em qualquer cousa resistente, o que bem comprehendemos pelo choque que sentimos, teve de parar.

Todos viram claramente que o navio estava encalhado, facto bem depressa confirmado pelos que o dirigiam.

Ninguem, todavia, ligou grande importancia a esse encalhe, que devia reter o navio até 4 horas da da manhã.

Improvisaram-se distracções — recitativos, danças que se podiam realizar com o auxilio de uma ban-

da de musica a bordo; senhoras e senhoritas envez de se alarmarem, tornaram-se, ao contrario, alegres, concorrendo para que fosse a alegria a nota dominante da noite que tinhamos de passar em claro.

Reconheceu-se que estavamos nas vizinhanças da barra do Pará-mirim, em frente a ilha da Maria Guarda, e que envez de ter seguido o canal, outra tinha sido a rota devido ao nevoeiro denso e á noite escura. Estavamos sobre uma corôa, em um logar até então virgem das rodas de qualquer embarcação a vapor.

Não levou muito a apparecer, bem delineada, a corôa, que aos poucos, com a vasante, augmentava sem cessar.

A' meia noite estava o navio quasi completamente a secco, sobre o cascalho; apenas uma pequena porção da pôpa era banhada pela agua.

Causava, sem duvida, uma impressão toda especial, essa curiosa scena que bem poucos terão tido occasião de presenciar, de estar um navio com o casco sobre um banco deseccado e completamente rodeado pelo mar.

Na noite avançada, alguns, tomados de somno, recostavam-se pelos bancos de madeira do convez e da sala de jantar. A chuva, acompanhada de forte vento, começou, porém, a varrer uma grande parte do convez, de sorte que os somnolentos tiveram de trocar as delicias dos braços de Morpheu pela dos recitativos e narrativas pilhericas.

A's 4 horas da madrugada, permittindo-o a maré, começaram os marinheiros, dirigidos pelo dr. Alencar Lima, engenheiro de uma actividade assombrosa, a operação do desencalhe do navio, que se safava ás 5 da manhã e partia, com grande alegria de todos os passageiros, em direcção á Bahia.

Justamente a essa hora, a corneta da força policial que estava a bordo, começou a tocar alvorada —esse bello hymno á ressurreição do dia, e que naquella occasião como que nos annunciava tambem a terminação de uma noite que, si não nos trouxera dissabores, nos havia dado um pequeno susto e muito somno.

A's 6 horas, estando presentes os srs. drs. Affonso Penna, José Marcellino e quasi todos os passageiros, foi solemnemente hasteado no navio o pavilhão brasileiro, ao som do hymno nacional.

A's 7 horas desembarcavamos, na Bahia, na ponte da Navegação Bahiana, terminando, assim, o bello passeio a S. Bento das Lages.

DA BAHIA A ARACAJU'

Depois de ter o dr. Affonso Penna visitado no dia 25 alguns estabelecimentos entre os quaes o da Associação Commercial, onde pronunciou um discurso que dispertou enthusiasmo quasi delirante nos que o ouviam, embarcou a 1 e 1/4 da tarde no «Conselheiro Dantas» que o transportou ao «Estrella», do Lloyd Brasileiro, a cujo bordo devia seguir, com a sua comitiva, até Aracajú distante 160 milhas ou 296 kilometros, e depois a Maceió.

Trocaram-se os cumprimentos entre o dr. José Marcellino, governador, e as demais pessoas que iam até o «Estrella» levar as suas despedidas, e em seguida, a 1 hora e 20 minutos, zarpava este vapor entre «vivas» aos bahianos e acenar de lenços que bem indicavam a cordialidade havida entre os hospedes e o distincto povo, nos poucos dias de convivencia da qual levavamos a mais grata recordação.

Seguiram a esteira do «Estrella» quatro vapores da Companhia Navegação Bahiana, indo á frente o «Conselheiro Dantas» repleto de pessoas do escól bahiano. Estes vapores, bem como as fortalezas e pharóes, tinham içado os signaes — «Adeus, Boa Viagem ».

Foi ininterrupto o trocar de saudações e «vivas !» entre os passageiros do «Estrella» e os do «Conselheiro Dantas», que a 1 e 3/4 despediam-se, regressando.

Pouco depois sahiamos fóra da barra e avistavamos Rio Vermelho, attrahente suburbio bahiano, ligado á Capital por bondes electricos.

Adeante do Rio Vermelho estava, fronteiro á fazenda da Pituba, o vapor «Manaos», da Mala Real Ingleza, sahido, havia 3 dias, da Bahia. Encalhára em um baixio rochoso, a uns 200 metros da costa, e estava completamente perdido.

Descarregavam-n'o, e tratavam de retirar o que fosse possivel aproveitar, levando tudo para a praia, onde já havia barracas e toldas.

Provavelmente devia estar perdido grande parte do carregamento, que era de assucar e café, pois que as vagas de vez em quando quebravam-se contra o seu costado, inundando completamente o convez.

A's 3 horas passavamos pelo pharol de Itapuan, isolado na costa arenosa e coberta de coqueiros.

Pontos ha, na costa, em que as dunas adquirem um aspecto bellissimo. Enchendo as depressões e deixando descobertas apenas as pontas dos morros, a areia alvissima semelha camadas de algodão que ahi tivessem sido dispostas artisticamente.

Desde a Bahia até Aracajú, todo o littoral apresenta, sem interrupção, coqueiraes que vistos de longe, parecem-se com os nossos cafesaes, estando como que alinhados os coqueiros. E' apenas um engano de vista, pois estes, crescem ao acaso, sendo, ao que me informaram, raras as plantações que, mesmo assim, são feitas sem se observar qualquer arruamento.

A's 9 horas da manhã de 26 chegava o «Estrella» em frente á barra de Aracajú. No pharol estava içada a bandeira nacional e na atalaia signal algum indicava poder entrar o navio. Tinhamos que esperar até ás 2 horas da tarde, pois só então a maré começaria a encher, permittindo a navegação no canal.

O «Estrella» jogava por todos os lados, em todos os sentidos, tornando-se por demais incommodo.

Passageiros havia que, tendo passado regularmente no «Maranhão», estavam na viagem do «Estrella», muito enjoados; quasi todos tinham lançado *carga ao mar,* inclusivé pessoas que, por força da sua carreira, deviam estar acostumadas á vida no mar.

Felizmente, eu ainda me alistava entre os *heróes* que haviam conseguido a gloria de ter conservado no estomago os alimentos.

A's duas horas, avistaram-se, felizmente, na atalaia da barra, signaes para a entrada. Longe da costa, uma baleeira balizava um dos pontos do caminho por onde devia passar o «Estrella». Levantado o ferro, seguiu este em rumo da barra, que nos esperava com um dos mais bellos espectaculos.

A' grande distancia da costa, as ondas, encarneiradas, formavam filas parallelas que mesmo ao longe bem se distinguiam pela catadupa espumarenta que rolava do seu dorso para o flanco fronteiro á praia.

O «Estrella» seguia um rumo normal a essas montanhas d'agua, e em certas occasiões parecia-me estar, não sobre o mar, porém, sim em certos campos das serras mineiras, cheios de escarpados e accidentes de toda sorte. Na esteira do navio apparecia de vez em quando a areia que a helice havia revolvido, mostrando, assim, quão difficil era essa entrada para a Capital sergipana. Marinheiros do «Estrella» me informavam que nessa barra varios navios haviam naufragado; era ella como que um cemiterio de embarcações. Eu verificava, com os meus proprios olhos, como devia ser verdadeira essa informação.

A's 3 horas passavamos pela atalaia na extremidade da margem esquerda do rio Cotinguiba, e pelo pharol de Aracajú um ponco ao sul da extremidade da margem direita.

Iamos entrar no estuario de cerca de 2 kilometros de largo — no Cotinguiba.

Ahi a navegação tornava-se mais facil, pois que elle era mais profundo. A parte peior havia sido a da barra cujo canal tem posição variavel que só praticos, peritos conhecedores do logar, podem descobrir.

A' nossa direita ficava a ilha da Barra dos Coqueiros, formada entre os rios Cotinguiba e Japaratuba, o canal de Pomonga, que liga estes dois, e o oceano. Tem 8 legoas de comprimento e 2 a 6 kilometros de largura; cobrem-n'a coqueiros em quantidade consideravel, adquirindo com isso um aspecto encantador.

Na sua parte sul é marginada por uma fila de casas mais ou menos espaçadas umas das outras, até enfrentar com Aracajú.

A's 3 1[2 da tarde, ancorava o «Estrella» em frente á capital sergipana, situada á margem direita do Cotinguiba.

Vieram a bordo cumprimentar o sr. dr. Affonso Penna, o Presidente do Estado, o Chefe de Policia e varias outras pessoas. Passamo-nos, em seguida, para lanchas e seguimos para a Ponte do Imperador, onde se fez o desembarque, entre a multidão que esperava o futuro Presidente da Republica.

O aspecto da cidade agradou geralmente aos membros da comitiva; as suas ruas são largas e limpas, e as casas bem tratadas. A sua população é de cerca de 15.000 habitantes. Tem bons edificios, como o palacio do governo, a Delegacia Fiscal e outros. E' illuminada a kerozene, e por emquanto ainda não abastecida de agua potavel; esta é obtida de poços donde é retirada por meio de bombas, muitas das quaes movidas por moinhos de vento. Trata-se, entretanto, da canalização das aguas do rio Pitanga para o abastecimento da cidade.

A renda da municipalidade tem sido, ultimamente de 34 contos mais ou menos.

A antiga Capital era a cidade de S. Christovam, distante 4 legoas ao sul, onde se estabeleceu Christovam de Barros, que em 1590 descobriu e se apossou do territorio que chamou Serigipe e depois Sergipe.

Em 1855, a 17 de março, foi, pela resolução n. 413, sendo presidente da provincia o dr. Ignacio Joaquim Barbosa, mudada a Capital para o povoado de S. Antonio do Aracajú, funccionando as repartições publicas, durante algum tempo, em casas cobertas de palha.

Subordinadas directamente ao Presidente do Estado ha as seguintes repartições : Secretaria do Governo, Thesouro do Estado, Recebedoria do Estado, Directoria de Instrucção Publica, Inspectoria de Hygiene, Repartição Central da Policia, Junta Commercial e Tribunal da Relação.

A força policial consta de um batalhão com 400 praças.

A renda do Estado, cuja população é avaliada actualmente em 350.000 almas, orça por 1.500 contos. Ha em todo o Estado 33 municipios, dos quaes os mais importantes são, além do da Capital, os de Estancia, Maroim, Larangeiras e Riachuelo.

Possue a cidade um bom Mercado e, não obstante, ha uma vez por semana a feira. Reunem-se, então, desde cedo ás segundas-feiras, em plena rua em frente ao mercado, vendedores que trazem toda a sorte de objectos : rendas, bonecas, toucinho, côco, manga, fumo, fructas diversas — guajirú (fructa arroxeada), mangaba, oricury, cujas castanhas são enfiadas em rosario — caranguejo, guayamús e aratús — estes dois ultimos sendo uma especie de caranguejo, o primeiro azulado, o segundo avermelhado — munguzá, bijús e uma infinidade de cousas as mais diversas.

VISITA AO ENGENHO DE RIACHUELO

A's 5 e 40 da manhã de 27 embarcavam o dr. Affonso Penna, o presidente do Estado, as pessoas da comitiva do futuro Presidente da Republica e outras mais, na lancha « Sara », a vapor, que nos devia conduzir pelo Cotinguiba acima, para a visita que ia ser feita ao Engenho Central de Riachuelo, da Companhia Assucareira.

Ao amanhecer, foram-se descortinando os panoramas que a pittoresca viagem nos ia proporcionando.

Varias povoações foram apparecendo ; a principio, Taissóca, á esquerda ; depois á direita, a Villa de Santo Amaro, que conta já cerca de 250 annos ; mais adeante e ao longe, a villa do Soccorro e. ás margens, um sem numero de casas muito distanciadas em alguns pontos, em outros, porém, um tanto agglomeradas.

Deixamos o Cotinguiba á esquerda e seguimos pelo Sergipe, cujo principal affluente da margem esquerda é o Canhamoroba.

A's 7 e 40 na barra do Muricy e depois de ter percorrido 36 kilometros, passamos para embarcações de menor calado, visto que a lancha « Sara » calava de mais para o rio dahi para cima.

O dr. Affonso Penna, o Presidente do Estado e outros embarcaram na lancha « Perola », a petroleo,

outros em uma grande lancha a vapor, a « Maroim », e emfim, outros ainda em dois escaleres a remos.

Partiu a « Perola » na frente, e ao passar pelo nosso escaler, alguem de lá nos perguntou se queriamos reboque para o escaler.

Aquella pergunta foi um estimulo para os 6 remadores a quem estava entregue o escaler. Sem que se sentisse, o escaler foi bem depressa se approximando da « Perola », e no fim de pouco tempo passava por esta, deixando-a a uma distancia que se foi augmentando aos poucos.

Os marujos irradiavam de contentamento e em cadenciado remar, faziam com que o escaler fosse guardando heroicamente a posição adquirida na vanguarda da pequena flotilha.

No fim de 1 hora, tendo feito um percurso de 6 kilometros, chegava emfim o nosso escaler no porto do Sapé, ponto terminal da viagem por agua ; as outras embarcações haviam ficado a uma distancia de mais de 300 metros. Resolvemos dar um premio aos destemidos marinheiros e, bem assim solicitar do dr. Affonso Penna tambem uma lembrança para esses bravos, no que fomos promptamente attendidos.

O terreno das vizinhanças dos rios Cotinguiba e Sergipe é todo calcareo e coberto de capoeirinha ou matta, sendo geralmente muito fertil. A's margens vê-se esta rocha, esbranquiçada e não cristallina, ora formando furnas lambidas pela maré, ora em pedreiras mais ou menos lisas e que são, muitas dellas, exploradas para cal e para pedras empregadas no calçamento de Aracajú.

Em diversos pontos do Cotinguiba e do Sergipe vimos cercas que os pescadores chamam « cambôa ». feitas de « canna brava » e que servem para prender o peixe quando a maré baixa.

Em Sapé, onde era festivamente esperado o dr. Affonso Penna, tomámos, ás 9 horas a estrada de ferro vicinal do Engenho Central de Riachuelo, com destino a este estabelecimento que ficava a 9 kilometros.

A's 9 1/2 passavamos pela cidade de Riachuelo, onde uma banda de musica e o povo esperavam o trem. Foi ahi o dr. Affonso Penna saudado pelo vigario da localidade.

Passando sempre por extensos cannaviaes, cultivados em uma terra preta, humosa e fertil, chamada « massapé », chegamos ás 11 horas ao importante estabelecimento que iamos visitar e que tambem estava em festas, embandeirado e enfeitado. O engenho produz annualmente 30 a 60 mil saccas de assucar. Trabalha apenas de outubro a março, tratando diariamente 400 toneladas de canna, cujo rendimento medio em assucar tem sido de 7 por cento mais ou menos. Emprega no tempo de safra 160 operarios, e na outra parte do anno 80.

Antes da canna passar ás moendas, é ella cortada e rachada em pequenos pedaços por meio de uma machina « Ross ».

Os operarios trabalham em duas turmas alternadamente de meio dia á meia noite e de meia noite a meio dia.

Além do assucar, produz tambem cerca de 700 pipas de aguardente por anno, sendo do typo Savalle os alambiques.

E' todo illuminado á luz electrica.

Possue 22 kilometros de estrada de ferro para o transporte da canna.

Ha na zona, exemplos de cannaviaes que produzem, sem renovar a plantação, durante 30 annos ; em média, porém, cada cannavial dá duas colheitas, sendo depois o terreno aproveitado para cultura de cereaes.

Eis alguns dados interessantes que obtive em Aracajú sobre a principal industria do Estado :

Média do preço do assucar em 1905, por sacca de 60 kilos, inclusivé o sacco.

Cristal 1ª, 14$286 ; cristal 2ª, 10$486 ; mascavinhos, 8$714 ; mascavo bom, 6$900 ; mascavo regular, 6$450 ; mascavo baixo, 5$887.

Refina nas refinações em Aracajú, cristaes de 1ª, 2ª e mascavinhos, calculando-se o custo da refinação em 665 réis por sacco.

A despesa da cidade de Maroim, centro assucareiro, a 7 leguas da capital é, de 615 réis por sacca até Aracajú.

Frete ao Rio 1$200 e á Bahia, 800 réis.

Não ha taxas addicionaes sobre exportação de assucar.

As despesas de revenda no Rio regulam 11 °/₀ por sacco.

Os direitos de exportação para cabotagem são de 7 %.

De trapiche : 2 réis por kilo

Lei 455 : 1 1/2 %.

Para o extrangeiro os direitos são apenas de 3 1/2 em vez de 7 %.

O assucar exportado para o extrangeiro foi de 25.652 saccas de 60 kilos, em 1901 ; de 170.452 saccas de 60 kilos, em 1902 ; e em 1903, de 81.023 saccas de 60 kilos, em 1904.

Para os diversos Estados do Brasil foi de 461.744 saccas de 60 kilos, em 1901, de 468.080 saccas de 60 kilos, em 1902 ; de 33.294 saccas de 60 kilos, em 1903; de 164.046 saccas de 60 kilos, em 1904.

Faltam ainda por não publicados os dados para o anno de 1905.

A renda de exportação para o extrangeiro foi :

De 13:824$000, em 1901 ; de 66:640$000, em 1902; de 63:400$000, em 1904 ; e para os Estados do Brasil, em 1901, 252:706$565 ; em 1902, 136:460$000; em 1903, 266:071$000, em 1904, 126:799$645.

Devo estes dados á gentileza do sr. José de Mello, do Banco de Sergipe.

A's 4,20 da tarde, sahimos para o Sapé, e correria muito bem a viagem si uma formidavel chuva não viesse nos molhar a todos nós. Mesmo no carro do dr. Affonso Penna, a cobertura era isufficiente para evitar as innumeras gotteiras que sem cessar incommodavam a todos.

A's 5 horas chegavamos ao Sapé e ás 5,20 embarcavamos nas lanchas e escaleres com destino a Aracajú.

Durante a viagem, novo aguaceiro veiu molhar os que iam, como nós, nos escaleres. Era, entretanto, de certo modo agradavel essa viagem durante a qual iamos vendo os aratús vermelhinhos e os carangueijos, a correr nas margens então a descoberto pela maré baixa e depois, á noite, as phosphorescencias que, quaes vagalumes de varias fórmas, saltavam das pontas dos remos dos heroicos remadores.

São nessa época muito communs essas cargas d'agua, pois que o tempo das chuvas é de março a setembro, bem differente daquelle em que ellas cahem em Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro.

A temperatura neste tempo é, em média de 26°, sendo, porém, pelo menos em Aracajú, diminuidos os seus effeitos sobre o nosso organismo pela brisa que quasi sempre sopra.

Tomando em Muricy a lancha «Sara», que havia ficado á nossa espera seguimos para Aracajú, onde chegamos ás 9,20 da noite.

DE ARACAJU' A MACEIO'

No pouco tempo de que dispuz livremente em Aracajú, tratei de conhecer a cidade, que tão agradavel impressão nos havia causado. Percorri-a quasi toda, o que é relativamente facil, por não ser ella muito grande e estar situada em um terreno plano; cheguei aos comoros de areia que a circumdam e onde a vegetação é rachitica e escassa.

O seu solo arenoso não se presta á cultura de outra planta que não o coqueiro.

As fructas que vimos em bella exposição no palacio do Presidente—laranjas enormes, uvas, mangas, jácas, abacates, melancias, graviola, limas, amoras e limões—são produzidas em terras das vizinhanças da capital.

O fructo caracteristico da localidade é, sem contestação, o côco, cuja agua passa como sendo mais saborosa do que a dos de outros logares. Compra-se no mercado um côco verde por 120 réis e maduro, por 40 a 50 réis. Vendidos, porém, em porção, custam estes ultimos muito mais barato, regulando o seu preço de 2$000 a 3$000 o cento.

Na feira de Aracajú vêm-se, em grande quantidado, côcos, que ahi vão em cestos tecidos de cipó, chamados « cassuás ». Estes cassuás fazem o papel

do nosso jacá mineiro, e servem para o transporte de objectos em costas de burro, em cargueiro.

O unico estabelecimento industrial digno de nota existente mesmo na capital, é a fabrica de tecidos da Companhia Industrial Sergipana.

A partida do « Estrella » estava subordinada á maré; só poderia realizar-se na occasião de maré alta—, sendo tambem uma condição, o tempo favoravel. Por causa do mau tempo, o que acontece quando sopra vento sul ou suéste, é frequente ficarem dias e dias sem poder sahir, navios nas aguas do Cotinguiba. Segundo opinião corrente, a sahida da barra é mais difficil do que a entrada.

O dia estava bonito e, si bem que estivessemos em tempo das chuvas em Sergipe, parecia que nada viria oppôr-se á nossa sahida.

A's 3 1/2 da tarde de 28, embarcavam, com effeito o dr. Affonso Penna e a sua comitiva na lancha « Sara » que os conduziu ao «Estrella », que, depois das despedidas do Presidente do Estado e demais pessoas gradas que foram a bordo, levantou ferro as 4,20, descendo o Cotinguiba.

A « Sara » acompanhou o « Estrella » até as 4 1/4, despedindo-se então e voltando para Aracajú.

A esse tempo viam-se, no norte, nuvens que ameaçavam mudança de tempo, começando tambem a soprar um vento relativamente frio vindo do lado da barra.

O « Estrella » dahi a pouco passava em frente a escola de aprendizes marinheiros cujo pessoal, disposto em ordem pela ponte e caes fronteiros, prestava as honras devidas ao vice-presidente da Republica.

O tempo estava completamente mudado ; a chuva acompanhada de vento forte, já se observava lá ao longe, assim como os seus effeitos sobre o estado do mar.

Do Cotinguiba bem se distinguia o movimento dos «montes d'agua» do mar bastante revolto;

as espumas brancas a se deslocarem continuamente, mostravam que a sahida da barra naquella hora era talvez uma tentativa perigosa.

O commandante, comprehendendo tudo isso, fez parar o « Estrella » no Cotinguiba.

A chuva e o vento tornaram-se então bastante fortes, molhando e varrendo o convez. A atalaia havia retirado os signaes de barra franca, conservando apenas no tope a bandeira nacional.

No fim de meia hora, si bem que não tivessem, de todo, cessado a chuva e o vento, a atalaia içou signaes de sahida franca e na mesma occasião o « Estrella» recomeçou a sua viagem, seguindo rumo léste, e passando pelo mesmo canal por onde haviamos entrado dois dias antes.

A agua verde-clara indicava um baixio, atravez do qual navegamos cerca de 1 hora. Separando-o do mar profundo, via-se, então, distinctamente, a linha de juncção da agua do alto mar, que de longe parecia quasi negra, com a verde-clara.

Mais um pouco, estavamos em mar escuro, profundo, cujas aguas, como já disse em outra parte destas noticias, não me impressionam como agua e sim como uma especie de vidro liquido effervescente. Um verdadeiro contraste entre as duas aguas : a do baixio verde-clara, bonita ; a do mar profundo, escura e feia, Entretanto, na belleza daquella escondia-se o perigo ; era uma belleza trahidora e má ; na feiura desta, reflectia-se a segurança para a navegação ; era uma fealdade sympathica e cheia de attractivos.

A sahida da barra fez-se com a maior facilidade. Informou-nos o pratico ter sido essa a sahida mais feliz que elle havia tido em 30 annos que ahi navega.

O tempo tambem nos dava treguas e a tarde tornava-se bonita.

O « Estrella », pelo facto de ir muito leve, estava com a linha de fluctuação muito baixa, de sorte que a helice rodava fóra d'agua, occasionando uma trepidação demasiado incommoda. De meio em meio minuto todo o navio era fortemente abalado, ouvindo-se o ranger das ferragens, que augmentava o dissabor dos que não passam bem a bordo.

Apesar, porém, dos solavancos e cabritamento do navio, rapazes da imprensa organizaram boas distracções, que se prolongaram até alta noite, concorrendo sobremodo para que os « enjoados », que se estendiam por sobre bancos do convez, tivessem um pouco minorados os seus males.

A's 4 horas da madrugada já se avistava o pharol de Maceió, onde poderiamos chegar ás 5. Por motivo, entretanto, outro que não de navegação, esteve o « Estrella » bordejando, de modo a só lançar ancora ás 8 horas da manhã. O percurso, pois, de 120 milhas ou 222 kilometros de Aracajú a Maceió, foi feito em 12 horas, descontando o tempo em que o vapor esteve parado em Cotinguiba e aquelle em que elle esteve bordejando.

Pouco depois de ancorado o « Estrella», chegaram em lanchas a remos, o governador de Alagôas e varias pessoas gradas que vinham cumprimentar o sr. dr. Affonso Penna.

A's 9 horas desembarcavam na ponte Jaraguá, em Maceió, os que ainda ha pouco se achavam a bordo do « Estrella ».

Esperavam ahi o dr. Affonso Penna o 33º batalhão do exercito, a escola de aprendizos marinheiros e um batalhão de policia que o acompanharam até o largo dos Martyrios, onde se acha o palacio do governo.

As ruas embandeiradas mostravam o jubilo dos alagoanos em hospedar o mineiro que dentro em breve iria assumir a suprema magistratura do paiz.

A CIDADE DE MACEIO'

A cidade de Maceió, estendida em littoral completamente desabrigado, é dividida em duas partes: a do Jaraguá, a beira mar, e onde se acha o commercio em grosso e importador, e a de Maceió propriamente, que é a maior, e onde estão o commercio a varejo, os edificios publicos, etc.

E' illuminada a arco voltaico, sendo o vapor a força empregada para a producção da electricidade.

Quasi todas as casas particulares têm illuminação electrica que custa 170 a 300 réis por vela — mez, conforme o numero de lampadas. Está a cargo de uma empreza particular

A illuminação publica, do mesmo modo como se procede em algumas pequenas cidades illuminadas a kerozene, não se accende nas noites de luar. Chegámos a Maceió em tempo de luar, e, como tivessemos necessidade de sahir á noite que, chuvosa, nada tinha de clara, bem reconhecemos os inconvenientes dessa pratica de illuminar uma cidade de accordo as indicações da folhinha — pratica que se torna bastante incommoda para os que têm de andar pelas ruas.

Naturalmente por motivos hygienicos, quasi todas as casas têm venezianas na metade inferior das janellas, sendo de vidraça a parte superior. As portas de entrada são, em regra geral, cortadas mais ou menos ao

meio, a parte inferior inteiriça, a superior de venezianas.

O abastecimento d'agua está entregue a uma empreza particular que cobra por 200 litros diarios 6$000 por mez.

Comparado com o de Bello Horizonte este preço é exaggerado, pois que sáe cada 1.000 litros a 1$000; entretanto, ainda é a metade do preço porque é paga na Bahia.

Alli, a empreza particular que explora o abastecimento d'agua, exige 12$000 mensaes por 200 litros diarios, o que dá o preço de 2$000 por 1.000 litros.

As ruas quasi todas são percorridas por bondes puxados a animaes e são calçadas á lajões, excepto a do Commercio cujo calçamento é feito de parallelepipedos vindos de Lisboa.

A cidade, cuja população, segundo um recenseamento feito ha poucos annos, é de 36.000 habitantes, tem 6.700 casas que pagam impostos, e tem uma renda de 120:000$000.

A renda do Estado tem sido ultimamente de.... 2.200 contos.

Ha uma Secretaria do Interior e outra de Fazenda.

As funcções de chefe de Policia são exercidas pelo secretario do Interior.

A força policial consta de 1 batalhão, com 550 praças.

Chamam-se aqui commissarios e sub-commissarios os que em Minas se chamam delegados e sub-delegados.

Do mesmo modo que o vatapá, o carurú e a muqueca na Bahia, aqui o prato caracteristico da cozinha local é o sururú, um marisco colhido nas lagôas Norte e Manguaba. Devo dizer, porém, que o meu paladar de mineiro que nestas alturas lembra-se com

grande saudade do feijão, arroz e couves, recusou-se a gosar as delicias do prato alagoano.

Vêm-se aqui já alguns productos mineiros, que entretanto não circulam no mercado na quantidade desejavel. O queijo de Minas, que aqui custa actualmente 1$500 a 1$800, existe em quantidade pequena. Desejam compral-o e, ás vezes, não o encontram.

A manteiga mineira é vendida a 2$200 cada meia lata; mas tambem não entra no mercado sinão em quantidade pequena.

Na rua do Commercio, vi, expostos em uma mostradora, queijos de Palmyra, marca «Borboleta», annunciados a 6$200 cada um.

Ha tambem um consumo relativamente pequeno de aguas de Caxambú e S. Lourenço. No hotel em que ficamos, foi servida quasi exclusivamente uma agua mineral de Sameiro, portugueza. Disse-nos o dono do hotel que os consumidores não apreciavam as de Minas por serem estas «fracas». Além disso, ellas chegam ás vezes deterioradas, e mesmo quando boas, devem ser consumidas logo; ellas não podem «esperar», disse elle, como as outras mais fortes.

Todas essas difficuldades serão, naturalmente, vencidas de modo a encaminhar para os mercados do norte não só as aguas mineraes, como a manteiga, o queijo e outros productos mineiros.

O queijo aqui consumido é, póde-se dizer, todo importado. Ha o «queijo do sertão», produzido no Estado, mas em quantidade diminuta e de qualidade muito diversa da do mineiro, pois é de massa cozida.

A industria pastoril não tem absolutamente desenvolvimento, o que bem se póde avaliar, sabendo que em média uma vacca produz cerca de 2 garrafas de leite.

Convém, pois, como bem o disse, em um discurso proferido na séde da Sociedade de Agricultura Alagoa-

na, o dr. Affonso Penna, estreitar as relações commerciaes entre os dois Estados, de Minas e Alagoas, podendo este nos enviar os seus assucares e nós, em troca, a manteiga, o queijo, as aguas mineraes e outros productos.

A Sociedade de Agricultura Alagoana, fundada em maio de 1901 e cujo presidente actual é o dr. Antonio Guedes Nogueira, já organizou um Syndicato Agricola, bem como Caixa de Credito e vae brevemente installar em terrenos cedidos pelo governo do Estado, na antiga usina Wanderley, uma «Estação Agronomica» com os respectivos campos de experiencia.

O Syndicato tem funccionado regularmente, si bem que por emquanto só se tenha incumbido da venda do assucar. Toda a sua administração é gratuita, recebendo apenas uma remuneração o guarda-livros.

Para a Caixa de Credito obteve a Sociedade o auxilio de 1/3 dos impostos de 30%, addicionaes, cobrados por occasião da exportação; de sorte que do capital de 2.000 contos da Caixa, 400 são provenientes de favores do Estado e 1.600 de acções.

E' orgão da Sociedade a «Revista Agricola», publicada com regularidade e cheia de artigos sobre assumptos de interesses para a agricultura.

O assucar, principal producto e base da riqueza do Estado, é fabricado em «usinas», onde ha todos os apparelhos modernos, e em «banguês», engenhos ainda empregando processos atrazados e onde o cozimento é feito a fogo nú.

Ha no Estado as seguintes usinas: Leão, Serra Grande, Brasileiro, Sinimbú e Santa Ismenia e 964 banguês.

As usinas Leão e Brasileiro foram visitadas no dia 30 pelo sr. dr. Affonso Penna. A primeira, situada em Utinga, possue um «esmagador», que esmaga

grosseiramente a canna, preparando-a para melhor soffrer as duas pressões seguintes, nas moendas.

Produz cerca de 30.000 saccas de assucar por anno e póde tratar diariamente 350.000 toneladas de canna.

Além das usinas, tambem foram visitadas as fabricas de tecidos da estação da Cachoeira — a da Companhia Alagoana Fiação e Tecidos, e a da Companhia Progresso Alagoano.

Estas duas companhias, cujas fabricas estão proximas uma da outra, têm quasi a mesma directoria e os mesmos accionistas.

As duas fabricas estão situadas á margem do ribeirão Mundahú, que tem uma cachoeira donde sahe o canal, de quasi 500 metros de extensão, portador da agua que fornece a força motora dos machinismos de ambas.

A primeira fabrica brins, algodõesinhos e outros tecidos desse genero; a segunda, além desses productos, fabrica tambem meias, camisas de meia, toalhas etc.

E' verdadeiramente colossal o dividendo da Fiação e Tecidos, pois attinge a 60 %. E' talvez a fabrica que maior dividendo distribue, no Brasil, aos seus accionistas.

DE MACEIÓ' Á SERRA GRANDE

A's 7 horas da manhã, estando formada nas vizinhanças da estação de Maceió uma guarda composta do 33º batalhão do exercito e da Brigada Policial, chegou em bonde especial o dr. Affonso Penna que, pouco depois, partia com a sua comitiva, o governador e outras pessoas maceióenses em direcção a Pernambuco.

O trem da «Great-Western of Brasil Railway» compunha-se de grande numero de carros, todos illuminados á luz electrica e muito confortaveis.

A estrada conta actualmente 84 carros illuminados a lampadas incandescentes, e trata mesmo de empregar esta illuminação em todos os seus vehiculos.

Até agora, é, entre nós, uma das poucas estradas de ferro que empregam, correntemente, para illuminação de vagões de passageiros, a luz electrica.

A «Great-Western of Brasil Railway» explora por um arrendamento concedido pelo Governo Federal, feito ha 4 annos e com o prazo de 60 annos, 1.323 kilometros de estrada, divididos nas seguintes secções:

	km.
Natal	171,197
Conde d'Eu	166,090
Limoeiro	182,011
Central de Pernambuco	195,220
São Francisco	124,730
Ribeirão Bonito	28,657
Sul de Pernambuco	193,872
Alagoas	148,800
Em construcção :	
Bello Jardim a Pesqueira	32,830
Itabayanna a Campina Grande	80,000
Total	1.323,457

A companhia arrendataria distribuiu o anno passado, apesar de ter substituido dormentes e trilhos em grande quantidade e ter feito outras obras, um dividendo de 6% aos accionistas.

A estrada atravessa, até as vizinhanças de Recife, uma região montanhosa, que faz lembrar o aspecto de algumas zonas mineiras.

A' sahida de Maceió ella vae margeando a lagoa Norte, no sentido de oéste, até Fernão Velho, a 17 kilometros da Capital.

Essa lagoa, em cuja margem sul está a pittoresca povoação do Côco Secco, cummunica-se, por um estreito, com a da Manguaba, formando ambas uma especie de L e tendo cerca de 42 kilometros de extensão. Ahi se pesca em quantidade colossal o sururú, tão apreciado pelos alagoanos. Este marisco só vive em aguas salobras como as dessas lagoas, que se communicam com o mar por uma pequena abertura.

Na parte margeada pela «Great-Western» apresenta a lagoa Norte um aspecto panoramico dos mais agradaveis.

Essas lagoas, que são a causa de se ter chamado Alagoas o Estado, podiam tornar-se um ponto de diversão dos mais interessantes. Entretanto, nas suas aguas só se vêm as miseras canôas dos pescadores e apanhadores de sururú.

A estrada margeia depois, até quasi os limites de Pernambuco, o rio Mundahú, de agua preta e feia.

O terreno é todo coberto de capoeiras ou pastos artificiaes, sendo grande parte delle cultivada.

Póde-se dizer que a nota dominante na vegetação é uma palmeira — o «catolé» — que fórma ás vezes densas colonias.

As suas folhas, que attingem o comprimento de 4 e 5 metros, representam um grande papel proveitoso para a população da zona, pois ellas servem não sómente para a cobertura das casas, como tambem para se fazerem as paredes e as portas destas.

Quasi todas as casas dos pequenos agricultores, de operarios e de gente de poucos recursos são feitas de palha de catolé, que lhes imprime um aspecto especial e agradavel.

Na vegetação arborescente destaca-se, por seu grande porte, o genipapeiro, e em torno de cada casa de pequeno lavrador sempre se mostram as jaqueiras, os mandiocaes e plantações de milho principalmente.

Em varios pontos, á margem do rio Mundahú, é tambem caracteristica a «canna-fistula», que tem a mesma apparencia da canna de assucar, mas cuja utilidade consiste apenas em fornecer canudos para gaiolas.

As baixadas são geralmente formadas de terra massapé, terra preta constituida de destroços organicos diversos e muito fertil.

E' geralmente pouco argillosa e pouco arenosa e, por isso, no verão, que é aqui o tempo da secca, ella se abre em fendas, ás vezes bem largas e profundas.

Affirmaram-me que, no massapé da baixada de S. Amaro, na Bahia, abrem-se fendas tão largas e profundas que se tornam perigosas para quem percorre o terreno. Em certas regiões os trilhos da estrada de ferro se curvam, devido á grande contracção e fendilhamento do terreno.

No massapé argillo-arenoso, porém, esse inconveniente não existe.

A rocha que constitue a base do terreno, em uma larga zona, é um gneiss pardacento, muito duro e difficil de ser trabalhado, sendo por esse motivo pouco ou quasi nada empregado em construcções.

Para o calçamento em Maceió foram empregadas, como já disse, pedras que vieram de Lisboa, sob a fórma de parallelepipedos, lajões de uma especie de grês esbranquiçado existente nas vizinhanças da cidade e uma pedra de Penedo, margem do S. Francisco, que é de apparencia vulcanica—preta e cheia de vacuolos.

Pelas 9 horas, mais ou menos, passavamos em Itamaracá, pequena estação rodeada de meia duzia de casas, em uma das quaes foi creado o bravo marechal Floriano Peixoto.

Em União, que fica um pouco adeante e é uma das inumeras povoações que bordam a estrada, visitamos rapidamente a fabrica da «Companhia de Oleos vegetaes», situada mesmo á margem da linha. Ahi só se prepara oleo de semente de algodão.

As sementes, depois de soffrerem uma cocção, vão ás prensas hydraulicas, que extrahem 12 ·/. do oleo. Este cáe em um recipiente commum para todas as prensas e é depois levado ao «refinador», onde perde todas as impurezas e adquire uma côr de ouro bonita, ficando com um aspecto dos bons azeites doces.

Além desse oleo purificado, vende-se tambem o oleo tal como elle sáe das prensas — é um oleo de baixa qualidade.

O bagaço é empregado para alimentação do gado, que o acceita bem, sendo preciso apenas, nas primeiras vezes, addicionar-se-lhe um pouco de mel.

A fabrica tratou o anno passado 48.000 toneladas de sementes remettidas pelas fabricas de tecidos da zona.

A producção de oleo foi de 2.300 barris de 30 gallões cada um ou 113 1/2 litros.

Para todo o serviço emprega 50 operarios.

A semente é enviada em saccos de 75 kilos.

Todo o oleo é remettido para o Rio de Janeiro, em cujo mercado acha sempre cellocação franca.

Em Minas, onde ha tantas fabricas de tecidos, esta industria cujo producto encontra, como se vê, sempre grande procura, poderia desenvolver-se, dependendo apenas da iniciativa particular.

Pouco depois de meio dia, chagámos á Serra Grande, limite entre Pernambuco e Alagôas, felizmente sem contestação e bem determinado. Conta-se que por occasião da inauguração da estrada de ferro, sentaram-se a uma mesa, de um lado, auctoridades alagoanas, e de outro, pernambucanas, estando cada grupo em territorio do seu Estado.

De Serra Grande voltaram o governador e mais pessoas de Maceió, que tinham ido acompanhar o dr. Affonso Penna até os limites do Estado.

Despedimo-nos, assim, dos ultimos representantes do povo alagoano, que tantas sympathias nos havia deixado pelo modo carinhoso por que nos tratou.

DA SERRA GRANDE A RIBEIRÃO

Depois de percorrer os 117 kilometros que separam Maceió de Serra Grande, penetramos no territorio pernambucano, chegando a Glycerio, onde esperavam o dr. Affonso Penna o dr. Elpidio de Figueiredo, secretario do governo, e outras pessoas.

Ahi, o povo de Canhotinho offereceu ao illustre itinerante um cartão de prata com dizeres.

O trecho da estrada de ferro nas vizinhanças do limite entre os dois Estados é talvez, o que apresenta em toda a Great Western rampas mais fortes; ha ahi, subindo para Pernambuco, grandes trechos de 3% e outros mesmos de 4%.

A bitola da estrada é de 1 metro e o raio minimo de suas curvas, 150 metros. Os trilhos pesam 21 kilos por metro corrente e estão sendo substituidos por outros de 32 kilos.

As machinas, quasi todas de typo «consolidation» pesam cerca de 45 toneladas e podem rebocar um trem de 300 toneladas. Têm sido adquiridas ultimamente machinas mais pesadas, de 72 toneladas, e que já têm rebocado trens até com 500 toneladas de peso total.

A zona percorrida até Colonia é principalmente productora de cereaes, vendo-se apenas pequenas plantações de canna e de algodão.

O milho é plantado em escala bem grande, como nas vizinhanças do valle do rio Una, de agua preta e feia.

O terreno é ahi coberto de cultura de cereaes e de mandioca, havendo valles realmente de aspecto magnifico pela grande extensão de terras com plantações todas bem tratadas. O milho cultivado é geralmente o vermelho e quasi sempre plantado em linhas, em meio das quaes se planta o feijão.

As plantações de roças são feitas alli em março, e é até mesmo praxe escolher-se para isso o dia 19, dia de S. José. Entretanto, vê-se ainda agora o milho em varios estadios, desde o pequeno, plantado recentemente, até o apendoado e espigado. A colheita do plantado em março faz-se em agosto.

Na colonia Frei Caneca, onde chegamos ás 5 horas da tarde, visitámos o collegio de S. Joaquim, sendo ahi recebido festivamente o dr. Affonso Penna.

Esse collegio, fundado em 1877, é mantido a expensas da Santa Casa de Pernambuco e tem por fim educar orphãos e desvalidos.

Tem actualmente 280 alumnos que nada pagam absolutamente pela sua educação, ministrada por padres de uma ordem religiosa.

Os alumnos aprendem portuguez, latim, arithmetica, geographia, musica e artes diversas, como as de sapateiro, alfaiate, carpinteiro, latoeiro etc. Recebem tambem noções de agricultura, havendo para isso um pequeno campo onde praticam.

O edificio é grande e bem apropriado ao fim a que se destina. No seu frontespicio vêm-se estas iniciaes, em tamanho grande: D. O. M.—que significam: *Deus omnipotens maximus*.

As suas officinas são espaçosas e arejadas.

Proximo ao collegio, que está em um alto, dominando o horizonte, está, mais em baixo, a Usina Frei Caneca, de

propriedade do governo de Pernambuco e hoje arrendada a um particular.

De Colonia em diante succedem-se, ininterruptos, os cannaviaes.

A variedade mais cultivada é a canna roxa. Esta é inferior em qualidade á «cayanna», porém é mais resistente á «molestia gommosa» que arruinou ha tempos grandes e extensos cannaviaes de cayanna.

Para evitar os effeitos dessa molestia, devido á degeneração, pelo emprego seguido das hastes como reproductores, trataram os cultivadores de formar, por meio de sementes, novas variedades. Encetaram-se ha mais ou menos 20 annos as primeiras experiencias por sua natureza delicadas e morosas ; taes têm sido, porém os seus resultados que hoje tornou-se um processo correntemente empregado por quasi todos os agricultores.

Cortado o pendão maduro, é elle collocado, em fragmentos, sobre uma terra fina convenientemente preparada, em caixotes ou outro logar abrigado, e sobre elle peneira-se terra fina em leve camada. Rega-se sempre com cuidado, e no fim de alguns dias apparecem os primeiros rebentos. As plantinhas são ahi mantidas até que estejam em condições de ser mudadas para o terreno em que têm de crescer definitivamente.

No fim de 2 annos já se pòdem cortar as cannas para plantação em cannavial.

A plantação por semente tem por fim, como se vê, preparar cannas para a grande cultura.

No fim de 3 a 4 annos a plantação por semente já fornece canna sufficiente para a cultura de um «senhor de engenho».

Este systema tem dado os melhores resultados, estando todos os cultivadores convencidos das suas grandes vantagens.

A canna é plantada em junho e colhida em setembro do anno seguinte. Dá geralmente 3 córtes, o pri-

meiro, que é o melhor, e a «sócca» e a «ressóca». Ha, entretanto, casos em que, como em terras de massapé, ella dá innumeros córtes ou «folhas».

Feito o ultimo córte, deixa-se, em geral, o terreno em descanço durante 2 e mais annos, conforme for julgado nescessario.

Varios agricultores fazem a plantação abrindo com o arado sulcos no terreno e nelles deitando cannas inteiras privadas do bouquet de folhas ou «bandeira». Os que não dispõe de arado plantam em cóvas abertas á enxada, pondo ahi a canna cortada em pedaços; collocam-se geralmente 3 pedaços.

A «bandeira» ou olhadura é utilisada apenas para a plantação em terreno humido.

A unidade agraria é a braça quadrada; entretanto, para a canna, indica-se a superficie por meio de «pães de assucar». Um pão de assucar equivale a 5 arrobas ou 75 kilos e é produzido mais ou menos por uma tonelada de canna.

Para indicar a extensão de uma propriedade, diz-se: «Uma fazenda de tantos pães».

De um modo semelhante, indica-se uma extensão plantada em mandioca pelo numero de cóvas, e se diz: «Um terreno de tantas covas».

A colheita é indicada pelo numero de «carros». Um carro de planta dá 10 na colheita.

Cada carro tem 100 «feixes» e cada feixe 8—10 cannas de cerca de 1^m,20, conforme a grossura destas.

Quando a canna tem apenas uma altura util de um metro a 1^m, 20, diz-se que é uma «canna de ordem». A cada 1^m, 20 de altura corresponde uma «ordem», havendo cannas que dão até 3 ordens.

A colheita é feita por empreitada e paga por «conta», que equivale a 300 feixes.

O cortador recebe 1$400—1$500 por conta. Este vai deixando a canna cortada disposta em duas filas ou

«esteiras», vindo em seguida o seu ajudante, geralmente um menino ou uma mulher, que a enfeixa, amarrando os feixes com folhas de canna.

Vem depois o «cambiteiro», pago tambem por «conta», conforme a distancia ; este a colloca nos «cambitos» que são dois paus em forquilha, tendo as aberturas voltadas para cima e pendentes da cangalha — dois de cada lado. A cangalha é porém, muito differente da que se conhece com o mesmo nome em Minas; não tem suadouro almofadado nem coberta de couro. E' uma grossa esteira que vem desde as espaduas do animal até a anca, e de cuja parte central emergem os dois alções. Este é o arreiamento dos animaes de carga.

Geralmente, a esteira tem ainda uma cobertura de panno, sobre a qual se senta o individuo incumbido do transporte. Vêm-se, assim, sentados em meio de barris, cassuás e outros volumes componentes da carga, os individuos que conduzem os cargueiros.

Imprimem, á primeira vista, um aspecto semelhante ao de arabes installados sobre camelos.

Cada tonellada de canna é paga nas usinas conforme o preço do assucar na praça. Actualmente, quando o assucar vale 3$000 os 15 kilos, a canna é paga a 3$500. Já houve occasião em que ella foi paga a 22$, o que bem mostra quanto penosa é a situação da industria assucareira na crise actual.

Para cada tostão a mais no preço do assucar no mercado, corresponde um augmento de 250 réis em tonelada de canna vendida nas usinas.

*

A's 9 e meia da noite chegavamos ao ponto onde deviamos pernoitar—pouco aquém de Ribeirão.

Installados confortavelmente em camas nos carros da «Great Western», passamos uma noite agradavel, gosando a tranquillidade dos logares distantes de povoações e respirando o ar puro dos cannaviaes.

VISITA A CUCAU'

COMMERCIO DE ALGODÃO E SEMENTES OLEOGINOSAS

Desde a Bahia que vinhamos supportando sempre uma temperatura nunca abaixo de 25°, quasi sempre de 26° a 27°. Na manhã do dia 2 de junho, entretanto, gosavamos, no trem da Great Western, uma frescura agradavel, si bem que com uma temperatura de 25°.

A's 6 horas partiu o trem para o Ribeirão onde chegou ás 6 1/2. As ruas da povoação estavam todas enfeitadas com capricho.

Ahi o dr. Affonso Penna visitou a Usina Ribeirão, uma das mais antigas do Estado. A sua producção diaria é de 150 a 200 saccas e a annual, de 30.000. Trabalha por simples pressão.

E' propriedade da «Companhia Geral de Melhoramento de Pernambuco», que tambem possue a Usina de Cucaú.

A's 7 horas seguimos em carros da estrada de ferro vicinal pertencente á companhia, para a Usina de Cucaú, distante 22 kilometros, e depois de 1 e meia horas de viagem lá chegamos.

Esta usina apresenta a particularidade de empregar o systema de diffusão para a extracção da materia saccarada da canna.

A canna é lançada, por operarios, em um apparelho, o «cortador», formado de um cylindro movendo-se com grande velocidade em torno do seu eixo vertical e tendo na parte superior uma série de navalhas dispostas de mo do a cortarem a canna opprimida entre ellas e as divisões verticaes dos compartimentos em que esta é lançada.

Estas navalhas cortam a canna em laminas delgadas que cahem em um compartimento donde são elevadas por uma cadeia com alcatruzes até um pequeno reservatorio, munido de uma tremonha e por onde é ella distribuida aos «diffusores». Estes se acham collocados em torno de um grande reservatorio profundo e de fundo feito de grade.

A canna é posta nos diffusores com 30 °/₀ de agua então aquecida por meio de vapor; no fim de algum tempo, o diffusor, que fica hermeticamente fechado, é descarregado no grande reservatorio central, sendo retidas as partes solidas e passando a agua carregada das substancias que retirou da canna. Esse caldo é tomado por bombas que o levam aos defecadores, soffrendo dahi por deante as mesmas operações que no processo por pressões, e que são, como se sabe, as seguintes:

O caldo no defecador é addicionado de cal que precipita as substancias que iriam prejudicar o assucar, e vae, depois de decantado, aos filtros, de onde sáe para as «caldeiras de vacuo».

Em uma primeira caldeira é elle condensado até um certo grau, passando para uma segunda onde soffre condensação mais elevada, e para uma terceira, emfim, onde adquire a consistencia xaroposa conveniente. E' então levado para o «cozinhador a vacuo» onde se formam as partes cristallinas, ficando, todavia, envolvidas pelo mel. Para a separação do assucar é essa mistura de assucar e mel levada ás turbinas — ahi o assucar fica e o mel sáe. Tem-se assim o assucar chamado de «1.º jacto».

Volta o mel novamente ao «cozinhador» onde se forma nova porção de assucar. Levada a mistura ás tur-

binas, o assucar que fica nestas é chamado de «2.º jacto».

Volta ainda uma vez o mel ao «cozinhador» e na turbina vae-se obter o assucar de «3º jacto». O mel resultante vae para os tanques de fermentação, sahindo depois para os alambiques.

A Usina de Cucaú é a unica no Brasil em que se emprega o processo da diffusão, que augmenta apenas 2 % a quantidade de assucar extrahido das cannas.

O processo de pressões extrahe, quando empregando apparelhos aperfeiçoados e triplice pressão, até 8 ·/. de assucar, havendo a seu favor a vantagem de não se augmentar a quantidade de agua do caldo a evaporar. Como na diffusão a quantidade de agua a evaporar é grandemente augmentada, o augmento correspondente de 2 ·/. de assucar obtido no processo, não paga o excesso de combustivel gasto ; de sorte que, por este motivo não tem tido muitos adeptos a diffusão.

Sei que tambem em Cuba se fizeram improficuamente tentativas para implantal-a como processo corrente.

A Usina de Cucaú produz annualmente 30—40.000 saccas, podendo trabalhar por dia 400 toneladas de canna.

Proximo á Usina ha uma vargem de massapé onde já se cultiva a canna ha cerca de 100 annos.

Entretanto, o cannavial que ahi vimos era um dos mais bellos.

A producção total do assucar em Pernambuco tem variado bastante. Eis alguns numeros que a exprimem em annos passados :

	Saccas
1876	1.200.000
1880	2.200.000
1886	1.900.000
1894	2.700.000
1896	1.500.000
1905	1.300.000
1906 (calculada)	2.100.000

Ha no Estado 35 usinas e 1.800 «banguês».

O productor está sujeito a um systema commercial, onde figuram perniciosamente varios intermediarios. A usina remette o assucar ao commissario; este o vende ao armazenario que, então, o passa ao exportador.

Como se vê, é o pessimo systema de alimentar, á custa do productor, verdadeiros parasitas commerciaes.

Para o algodão a cousa é semelhante.

O productor vende o seu algodão ao «descaroçador». Este separa em suas machinas as sementes e o remette ao commissario, que o vende ao armazenario. Est eultimo enfarda-o por meio de prensas hydraulicas, em volumes de 180 kilos, que são mandados ou vendidos ás casas de «inspecção».

A inspecção, que é paga pelo comprador e feita por praticos, sem o auxilio de apparelho algum, tem por fim, á vista das amostras tiradas nos fardos, classificar o algodão, marcando-lhe o preço.

A's vezes, duvidas se levantam sobre o resultado da inspecção, sendo então resolvidas por peritos acceitos pelas partes contendoras.

Depois de ter classificação e preço fornecidos pela «inspecção», é entregue o algodão ao exportador, finalizando ahi o cyclo de operações que pesam sobre elle e em sua passagem do productor ao exportador.

Ha 6 casas de inspecção no Recife, e destas, algumas muitas vezes exportam directamente o algodão, sem outro lucro que não o da taxa de inspecção.

O «descaroçador» aproveita ainda como accessorios as sementes do algodão, que passam tambem por uma série de operações commerciaes até serem exportadas.

São exportadas em saccas de 75 kilos para a Inglaterra, onde são vendidas de 5 a 6 libras a tonelada (1.000 kilos). Para a exportação servem os saccos velhos.

O seu frete maritimo para a Inglaterra custa 12 a 25 schillings.

Outra semente muito exportada para a Inglaterra é a da mamona. Para estas, porém, exige o mercado saccos novos, afim de que não se misturem com as de algodão. São vendidas na Inglaterra a 11—12 libras sterlinas à tonelada.

Quando em saccos de sementes de algodão encontram-se algumas de mamona, o preço daquellas é reduzido de 10 ·/. e até mais. E é por isso que as proprias companhias de vapores exigem o acondicionamento das sementes de mamona em saccos novos, o que não deixa de ser um inconveniente, visto que o preço de um sacco novo é de 800 réis.

CHEGADA A RECIFE

O BAIRRO DOS AFOGADOS

No mesmo dia 2, em que fomos a Cucaú, visitou o dr. Affonso Penna o engenho de Aripibú, mesmo á margem da estrada de ferro para o Recife.

Este engenho, na opinião de muitos, é um dos melhores do Estado, pela perfeição dos methodos ahi empregados.

A canna passa, antes de ir ás moendas, em um « esmagador » e, successivamente, soffre tres pressões. O bagaço, que sáe bastante secco, vae, levado por uma cadeia de alcatruzes, ás fornalhas, economizando-se, assim, muito combustivel.

Em outras usinas o bagaço é tambem utilizado como combustivel, mas antes de ir ás fornalhas tem de soffrer um preparo prévio de deseccamento ; na de Aripibú, ao contrario, elle sáe já em condições de ir directamente ás fornalhas.

A producção annual desse engenho regula ser, como a de quasi todos, 30.000 saccas, approximadamente.

Dos engenhos que visitamos, foi o unico que na occasião estava ainda funccionando. E' de presumir, portanto, que a sua safra este anno tenha sido muito grande, pois que o tempo de trabalho dos engenhos é, geralmente, de setembro a março.

Essa época corresponde exactamente ao tempo secco, sendo de abril a agosto a época das chuvas.

Temos tido diariamente chuvas, ás vezes bem fortes, mas felizmente sem trovões, cujo troar ainda não ouvi aqui.

Após a visita ao engenho de Aripibú, nada mais tinhamos que fazer senão assistir o desenrolar dos quadros naturaes que pela estrada de ferro iriamos apreciar até Recife.

A' medida que nos approximavamos da Capital pernambucana, o terreno e a vegetação iam, aos poucos, tornando-se differentes.

Os cannaviaes foram-se escasseiando e a terra argillosa desapparecia para dar logar á areia.

Quando deixamos a zona montuosa, a mudança de aspecto foi completa. Achavamo-nos já a uma hora de Recife e em pleno areial coberto de vegetação, ora rachitica, ora de porte elevado. Na extensa planicie areienta, de um e outro lado de uma recta de muitos kilometros, os cajueiros formam verdadeira floresta densa, separada aqui e alli por claros em que a vegetação tem porte menos elevado ou mesmo é semelhante á dos campos.

Ao longe, extensa fila de coqueiros indicava os limites da terra com o mar, cuja vizinhança era, além disso attestada pelos mangues que a estrada já começava a atravessar.

A alternancia dos movimentos da maré imprime á vegetação do mangue um aspecto todo especial. A parte de cada arbusto ou arvore que fica alternadamente mergulhada e a descoberto dá uma série de raizes adventicias que, partindo de pontos diversos do tronco, se arqueiam e lenhificam, formando como que uma especie de pedestal de cujo centro se ergue a haste portadora dos ramos e folhas que formam a copa da arvore. Poder-se-ia comparar cada arvore do mangue a uma hydra com os seus innumeros tentaculos distendidos—é uma especie de hydra vegetal.

A vegetação do mangue tem tambem o nome de « mangue ».

Poucas são as especies desta.

Ha o *mangue branco*, o *mangue sapateiro*, o *mangue commum* e uns dois ou tres mais.

Attinge ás vezes grandes proporções o mangue, cuja madeira é utilizada então para construcções e fornece uma lenha de primeira qualidade.

A terra do mangue é sempre formada de uma vasa preta (pelo menos é a que tenho visto até agora) cujo aspecto é o mais desagradavel. Na maré baixa desprende-se dessa lama preta um mau cheiro especial e caracteristico que o torna cada vez mais nauseabundo.

Atravessando sempre mangue e areial, alternativamente, chegamos ás primeiras casas dos suburbios do Recife : são chacaras rodeadas de mangueiras, sapotyseiros, goiabeiras e coqueiros, não sendo rara a «macahyba» palmeira cujo tronco toma ás vezes as fórmas mais curiosas como, por exemplo, a de um fuso em que seja pequena a relação do maior para o menor diametro.

Depois dessas pequenas ou grandes chacaras appareceram as primeiras casas das ruas da cidade. Não tinham, infelizmente, apparencia attrahente.

Feitas de palha, ou então tendo paredes de barro e cobertas de pedaços de latas de kerozene, ou ainda com paredes e cobertura de latas de folha de Flandres, succediam-se umas após outras, em extensos arruamentos ora em terreno « firme », ora no meio do mangue.

Não se póde absolutamente dizer que seja bonita a entrada no Recife, para quem vem na estrada de ferro de Maceió.

Cada casinha desses arruamentos pelo mangue, fica isolada em um pequeno monte rodeado por todos os lados pela vasa immunda e repellente. Para as communicações com a « terra firme » cada casinha tem uma ponte

estreita, de páos roliços, maior ou menor conforme a distancia a vencer sobre a parte periodicamente inundada pela maré.

Parece incrivel que se possa viver nesse charco onde as mais rudimentares regras de hygiene não podem evidentemente ser observadas. Entretanto, ahi vêm-se creanças, pallidas é verdade, mas que estão mostrando que o homem se cria em condições as mais diversas que se podem conceber.

Causaram-me mal-estar essas moradias que nunca imaginei possiveis nem existentes no Brasil. Parece que a terra se acabara e nenhum logar mais restava para se construirem habitações, obrigando, assim, esses infelizes a disputar aos carangueijos e aratús alguns metros quadrados de terreno para suas casitas.

Impressão má e desagradabilissima, digo-o francamente e sem receio de offender as susceptibilidades dos pernambucanos, visto que estes devem pensar do mesmo modo que eu, foi a dessa entrada de uma das maiores cidades brasileiras.

E' o bairro dos Afogados, nome talvez devido á propria natureza da povoação.

A's 5 horas da tarde chegavamos á estação das Cinco Pontas, que fica proxima da fortaleza deste nome.

Uma multidão ahi esperava o dr. Affonso Penna, que, com o governador, seguiu em carro, acompanhado de varios outros carros em que iam as demais pessoas da comitiva e varias auctoridades e altos representantes da sociedade pernambucana, para o Palacio do Governo.

A CIDADE DO RECIFE

Grande parte da cidade do Recife está situada sobre ilhas, quasi todas formadas, ao que parece, por sedimentos do rio Capiberibe, que em sua embocadura subdivide-se em um numero consideravel de braços.

O terreno que assim se originou é de natureza vasosa, e, como tal, pouco conveniente para construcções de certa importancia ; estas só se podem fazer sobre fundações em estacadas, o que encarece bastante o seu custo.

Dentro da vasta zona em que está a cidade não ha um morro nem qualquer elevação do terreno ; este é uma extensa planice sulcada de cursos d'agua influenciados pela maré.

Os bairros mais povoados e que são Recife, S. José, Santo Antonio e Boa Vista, estão situados em ilhas, sendo a maior a deste ultimo, que é formada pelo Capiberibe e por um estreito curso d'agua que sáe deste rio e vae ao Beberibe.

A ilha do Recife, por causa da sua fórma estreita e comprida, é chamada tambem «Lingueta».

Essa parte da cidade é de construcção antiga—sobrados muito altos, de dois e tres andares, bordando ruas que ás vezes só têm 2 1/2 metros de largura, tortuosas e onde parece que nos falta o ar—eis o aspecto do velho Recife. Ahi estão os bancos, o Telegrapho

Nacional, a estação do Brum, da Great Western, o commercio por atacado e tambem pequenas vendas onde se reune a baixa classe social.

Duas bellas pontes sobre as aguas já reunidas dos rios Capiberibe e Beberibe ligam o velho Recife á ilha em que se acham os bairros de S. José e Santo Antonio. Nestes, ha ruas em que já se vêm casas de construcção moderna. Nessa ilha estão o palacio, o theatro, a igreja de S. Pedro, onde ha trabalhos de arte verdadeiramente admiraveis, e as estações das Cinco Pontas e Central, esta inicial da Central de Pernambuco.

E' realmente curioso manter a Great Western até agora, em Recife, tres estações differentes para suas linhas, não havendo entre ellas ligação que facilite o trafego.

Parece todavia, que a Companhia cogita agora de estabelecer a ligação entre essas linhas, deixando apenas uma estação commum.

O bairro de Santo Antonio é ligado por duas pontes ao de Boa Vista, onde ha tambem ruas importantes sob o ponto de vista commercial.

Em frente á Lingueta estende-se estreito, em linha recta e barrando a entrada do Capiberibe, o recife com muitos kilometros de comprimento.

Entre o recife e a Lingueta ancoram navios de não muito grande calado ; os transatlanticos e semelhantes ficam em alto mar.

Póde-se, assim, avaliar as difficuldades provenientes desse facto de não poderem se approximar do porto os navios de grande calado, e ainda mais, sabendo-se que o mar ahi é quasi sempre muito revolto.

Para o embarque ou desembarque ha mil difficuldades, sendo preciso, segundo me informaram, guindar-se ás vezes o passageiro por meio de cordas, para retiral-o ou collocal-o no escaler. Além de tudo, paga-se por um bote, para o embarque em um transatlantico 30$000—40$000.

A parte mais bonita da cidade é a das pontes, que lhe dão um aspecto especial e fóra do commum.

Eu ouvia falar nas pontes do Recife, mas imaginava que estas fossem estreitas e transpondo um rio de poucos metros de largura. Por isso, fiquei realmente surprehendido quando, em vez do que eu pensava encontrar, vi as bellas pontes de mais de 100 metros de comprimento e talvez uns 20 de largura, sobre o volumoso estuario do Capiberibe.

Essa parte da cidade offerece um panorama de belleza extraordinaria que a vista não se cança de contemplar.

Por occasião da maré alta, vi em uma tarde as aguas do Capiberibe azuladas como a de um mar pouco profundo e esse facto, talvez commum, mas que eu observava pela primeira vez, veiu mostrar-me ainda mais bello o quadro que eu já tanto admirava.

Não é entretanto, constante essa coloração azulada das aguas, pois em maré baixa eu as vi tambem lamacentas.

E já que me refiro a essa especie de reverso da medalha, devo dizer tambem que, passeando á noite pelo caes da rua da Aurora, e estando em vasante a maré, tivemos, eu e um companheiro, de nos retirar para o lado opposto da rua, por assim o exigir o mau cheiro que a parte descoberta, vasosa e de aspecto bem pouco agradavel, deixava escapar.

Vinhamos justamente fazendo enthusiasticos commentarios sobre a belleza dessa parte da cidade, então illuminada por um luar morteiro e pelos bicos de gaz alguns dos quaes se reflectiam nas aguas em longas columnas de fogo. Foi nesse momento que a vasa nos mostrou o lado pouco poetico do trecho encantador, informando-nos de que aqui, como em toda a parte, nem sempre andam juntas a hygiene e a belleza.

O caes, nessa parte tão linda da cidade, é utilizado para descarga de capim, tijolos e outros productos, que ahi ficam depositados, alguns delles por muito tempo, dando ao local um aspecto desgracioso.

A cidade é servida por bondes á tracção animal e por bondes a vapor. As suas ruas principaes são calçadas, umas a parallelepipedos de grês, outras a pedras de fórmas varias.

A sua administração é confiada a um prefeito nomeado pelo governador do Estado e a um Conselho eleito. Tem uma renda annual de 1.600 contos e uma população de 200.000 habitantes.

A agua potavel, fornecida por uma empreza que explora o abastecimento de toda cidade, é vendida nos chafarizes a 20 réis cada balde de 20 litros, o que corresponde a 1$000 cada 1.000 litros, a individuos que a revendem nas casas a 40 e até a 100 réis conforme a distancia, ou 2$000 a 5$000 cada 1.000 litros, preço realmente exaggerado.

Além desses chafarizes, é vendida tambem em pennas, cujo preço oscilla com o cambio ; ao cambio de 12, por exemplo, o preço do metro cubico ou 1.000 litros é de 400 réis, sendo a quantidade medida por meio de hydrometros.

Emprega, assim, a importante Capital pernambucana, sem a minima reluctancia por parte da população, o systema racional da venda d'agua.

De Recife partem tres estradas de ferro, antigamente separadas, e hoje pertencendo, por arrendamento, á Great Western : uma que se dirige a Maceió, com um percurso, sem contar os ramaes, de 350 kilometros; outra, que vae á Parahyba, percorrendo 203 kilometros, e outra, emfim, que se dirige para a zona central do Estado, com um percurso em trafego de 195 kilometros.

A cidade é illuminada a gaz, que entretanto, não se accende nas noites em que, pelas indicações do calendario, deve haver luar ; sómente por motivo de festa ou excepcionalmente illumina-se nessas noites a cidade, esteja a noite muito embora escurecida pelos nimbus prenhes de agua a se transformar em chuva.

Não ha na cidade a carroça tirada por burro ; esta é substituida por um carroção puxado por um boi mettido entre dois varaes. Estes carroções são os vehiculos (pelo menos não vi outro) que além dos bondes, mais se empregam para satisfazer as necessidades de transporte de mercadorias.

O Estado de Pernambuco, cuja população é avaliada em 1.800.000 habitantes, tem uma renda annual de 9.000 contos.

O seu policiamento é feito por um regimento composto de duas alas—esquerda e direita—com 1.400 praças, inclusivé um esquadrão com 100 praças.

Como auxiliares immediatos do governador, só ha o Secretario Geral e o Chefe de Policia.

Os poderes publicos empenham-se, ao que parece, em melhorar as condições da Capital do adeantado Estado.

Assim é que brevemente vão ser installados fornos para incineração do lixo, devendo ser empregado o resultado dessa operação para o aterro dos mangues. Trata-se, pois, e com justa razão, de fazer com que aos poucos vá desapparecendo uma das causas que mais concorrem para limitar apenas a alguns pontos a belleza da cidade.

Trata-se de fazer desapparecer, pelo menos nos pontos mais frequentados, o mangue que se intromette por varias partes da extensa zona da Capital.

Entre as industrias que se desenvolveram ou se desenvolvem no Recife, citarei uma que mais interessante achei pela sua relativa raridade entre nós—é a indus-

tria de doces e licores de fructas nacionaes explorada pelos srs. A. Bruere & Comp., cuja fabrica fica na rua da Aurora n. 157.

Modesta embora, nem por isso deixa de ter interesse para os mineiros a sua descripção ou melhor, a descripção summaria do seu processo para a fabricação de doces seccos.

As fructas, preparadas convenientemente (descascadas e privadas das partes que não devem figurar no doce) são collocadas em potes de barro contendo calda. Ahi ficam até que se infiltrem bem e se tornem inteiramente dulcificadas.

Quando isso acontece, são retiradas e lavadas rapidamente em agua que lhes tira a calda da parte exterior. São, então, mergulhadas em uma calda muito concentrada e, em seguida, postas a cristallisar.

Empregam-se na fabricação fructas de varias qualidades, como laranjas, mamão, manga, abacaxi, sapoty, jaca, banana, e varias outras, bem como diversas sementes—castanhas etc.

Os doces seccos assim preparados são comparaveis aos que commummente se vêm no mercado e procedentes do extrangeiro.

São acondicionados em vidros, pacotes, caixinhas, tudo muito bem etiquetado.

A fabrica produz diariamente 200 kilos de doces seccos, que são exportados principalmente para o Rio de Janeiro.

VIAGEM A CARUARÚ

Fomos no dia 5 conhecer uma grande zona do interior de Pernambuco.

A's 7 1/2 da manhã chegava o dr. Affonso Penna, com a sua comitiva e varias pessoas gradas do Recife, á estação Central da estrada de ferro Central de Pernambuco, hoje incluida na rêde arrendada á Great Western, e logo depois partia o trem conduzindo-os com destino a Caruarú, cidade situada d'ahi a 139 kilometros.

A primeira cidade por que passámos foi Jaboatão, onde teve o dr. Affonso Penna expressiva manifestação de apreço.

Ahi é a séde de um syndicato agricola regional, que, como outros, é filial do «Syndicato Central dos Agricultores de Pernambuco».

Ha no Estado os seguintes syndicatos regionaes :

1 — Jaboatão
2 — S. Lourenço, Victoria, Pau d'Alho e Recife
3 — Nazareth e Timbaùba
4 — Ipojuca
5 — Barreiros
6 — Goyanna e Itambé
7 — Palmares, Gamelleira, Bonito e Escada
8 — Cabo
9 — Serinhaem e Rio Formoso.

Essas associações já conseguiram vencer uma das maiores difficuldades ao seu desenvolvimento, isto é, já fizeram com que os agricultores se convencessem da necessidade e utilidade da reunião de esforços para, em commum, estabelecer-se a lucta pela valorização dos productos agricolas, desenvolvimento dos methodos de producção e facilidade do commercio, impedindo que parasitas sem consciencia se installem no corpo gigantesco, mas um tanto enfraquecido, da nossa lavoura.

Certo que, devido a compromissos existentes entre os productores e os commissarios, os syndicatos não puderam ainda fazer desapparecer de vez o pernicioso systema dos adeantamentos a juros elevadissimos, que oneram desastradamente o agricultor; entretanto, vão aos poucos, por meio de Caixas de Credito, facilitando recursos ao lavrador.

Actualmente, 4 syndicatos já fundaram Caixa de Credito: os de Goyanna, que têm funccionado ha 3 annos; Serinhaém, Ipojuca e Barreiros.

Essas Caixas retiram dos Bancos, sem outra garantia que não a do credito da directoria do syndicato, dinheiro a 9 ·/. e o emprestam a 10 ·/. ao agricultor.

O excesso de 1 ·/. sobre a taxa paga ao Banco é destinado a despesas de escripturação, etc.

Por emquanto são ainda modestas as operações. A Caixa de Goyanna emprestou o anno passado 40 contos, pagos rigorosamente nas épocas de vencimentos das lettras.

Os syndicatos tratam, além disso, de aperfeiçoar e desenvolver os processos de cultura. O de Goyanna, por exemplo, vae fundar um campo de experiencias, tendo promovido, já ha 2 annos, uma exposição de productos agricolas.

O de Jaboatão tem tratado com esforço de promover o desenvolvimento do commercio de fructas, que em Pernambuco, pode-se dizer, é ainda quasi nullo. A unica

fructa que se exporta é o abacaxi, e assim mesmo em escala diminuta. E' mandado em barricas, sendo cada fructa envolvida simplesmente em papel.

O abacaxi pernambucano passa como sendo superior aos produzidos em outras partes do Brasil; entretanto, não se tem explorado até agora, como o merecia, a cultura dessa magnifica bromeliacea.

A julgar pela quantidade em que se mostra no Recife, parece que o sapoty é um dos fructos mais apreciados nessa parte do Estado. Nos quintaes da Capital é o sapotyseiro a planta dominante; por toda a parte vêm-se essas arvores, ás vezes, com proporções gigantescas, que bem destoam do porte relativamente rachitico das suas irmãs que vegetam em Minas.

Além dos sapotyseiros, vêm-se tambem, em quantidade menor, jaqueiras, goiabeiras, mangueiras, cajueiros e genipapeiros. Não vi siquer uma larangeira, o que achei, realmente, exquisito, pois me parecia que devia ser uma arvore ahi muito cultivada.

Ainda no intuito de concorrer para o desenvolvimento da agricultura, publica-se no Recife «O Agricultor Pratico» jornal de publicação quinzenal, bem redigido e que já está no seu 4º anno de existencia.

E' uma nota agradavel a accentuar, essa de ter encontrado nos Estados, até agora por nós visitados, sempre um jornal dedicado aos interesses da lavoura; na Bahia, o «Boletim de Agricultura; em Aracajú, a «Revista Agricola», orgão da Sociedade Sergipana de Agricultura e que deu um numero especial em homenagem á chegada do dr. Affonso Penna; em Maceió, a «Revista Agricola», orgão da sociedade Alagoana de Agricultura, e no Recife, o «Agricultor Pratico».

Como já disse, os syndicatos agricolas pernambucanos ainda não intervieram nas operações commerciaes realizadas pelo agricultor; os seus directores pretendem, entretanto, montar armazens no Recife, para o fim de evitar os intermediarios perniciosos.

Adeante de Jaboatão está outra cidade, que tambem recebeu com enthusiasmo o dr. Affonso Penna — é a cidade da Victoria, cujo nome é devido aos louros colhidos em uma batalha ahi ha tempos ferida. Para commemorar esse feito, ergueu-se em uma de suas praças um bello monumento.

Em uma das ruas da cidade realiza-se, ás sextas-feiras de cada semana, uma importante feira onde se vendem sempre 1.200 a 2.000 cabeças de gado que vem principalmente da Parahyba e se destina ao Recife.

Duas cidades ainda—Gravatá e Bezerros—acham-se á margem da linha até Caruarú.

Antes de Gravatá apresenta a estrada um dos trechos mais notaveis que, certamente, existem nas estradas de ferro brasileiras.

Em um percurso de 10 kilometros atravessam-se 14 tunneis e outros tantos viaductos, todos de não pequeno comprimento.

Sahe-se de um tunnel e entra-se logo em um viaducto, que transpõe uma grota secca, quasi sempre muito profunda.

E isto se repete successivamente, com pequenos intervallos, entre esses pares de tunnel e viaducto.

Talvez por ter obras tão dispendiosas, é tambem essa estrada uma das mais caras, pois que o seu custo kilometrico foi de 150 contos.

Grande numero dos seus córtes são feitos em puro grês, bastante duro e de brilho resinoso. Esta é a rocha dominante na região atravessada pela estrada de ferro. Apesar disso, o terreno, mesmo na zona desse grês, que é coberto de catingas, onde se vêm o mandacarú e varias leguminosas das existentes nas catingas da Bahia, é todavia um tanto fertil, pois que ahi vimos roças de milho, de feijão e mandiocaes que se apresentavam dotados de algum vigor.

Até a serra das Russas, que é trecho dos tunneis e viaductos, o terreno apresenta camada de terra verme-

lha coberta de capoeira alta e pastos; naquella serra começa á transição para a catinga alta. Dahi por diante a agua torna-se difficil. Os fundos das depressões são seccos. Para as necessidades do serviço da estrada de ferro a agua é obtida de poços.

Para o gado fazem-se açudes.

Alguns rios só existem no inverno e seccam no verão. O Ipojuca, que é o maior da zona, nos mezes de novembro e dezembro desapparece completamente. Além disso, a sua agua não é potavel, de sorte que, mesmo no tempo em que ella existe, só serve para lavar roupa e outros usos semelhantes.

Quando ella desapparece, é preciso, para obtel-a, cavar poços na camada arenosa do leito.

A agua de beber vem dos regatos de serras da região, ou de poços cavados em logares especiaes, quando a primeira tambem sécca ou então não existe.

Em Caruarú a agua potavel vem da Serra do Jacaré, a uma legua de distancia; é conduzida em cargueiros que levam 4 ancarotes constituindo «uma carga», vendida geralmente a 400 réis.

Nas proximidades da serra do Jacaré estava construido, á margem da linha, um pittoresco barracão de páos roliços e coberto de palha de palmeira; sob elle deviamos almoçar. Da mesa podia-se admirar a catinga cobrindo terreno levemente ondulado, que á nossa frente se estendia a perder de vista no horizonte vasto. Lá bem longe destacava-se uma serra cheia de enormes blocos e escarpados esbranquiçados, dando a impressão de uma cidade que na sua encosta existisse.

Era em tudo semelhante á serra do Jacaré a cujo sopé nos achavamos; os blocos que se viam nesta, eram formados de uma rocha feldspathica porphyroide e bastante dura.

A's 2 horas chegavamos a Caruarú, cidade collocada em bello local, e onde se fizeram grandes festas de

recepção. Em uma rua larga da cidade, realisa-se, cada terça-feira, importante feira onde se vê grande variedade de productos.

A's 3 horas, estava de regresso o trem da Great Western.

Tambem o jantar realizou-se em um esplendido local, á beira de uma profunda grota atravessada pelo maior viaducto da estrada.

A's 5 horas, paravamos em frente da tenda coberta de folhas de palmeira, sob a qual estava a mesa onde seria servido o jantar. Era a GrotaFunda, sobre a qual existe o imponente viaducto de 160 metros de comprimento, cujo estrado, montado sobre cavalletes metallicos, está a 40 metros acima da parte mais baixa do talweg.

A's 6 horas seguia novamente o trem para Recife, onde chegamos ás 8 1/2 da noite.

A CIDADE DE OLINDA

A cerca de 6 kilometros ao norte de Recife fica a cidade de Olinda, séde do bispado de Pernambuco.

Conheci-a no dia em que foi visital-a o dr. Affonso Penna.

Tomamos na estação da rua da Aurora, em Recife, o bonde a vapor que no fim de uma hora de viagem chegava á estação do Carmo, no sopé do morro em que se acha situada a cidade.

Subimos por uma ladeira ingreme, debaixo de um sol ardente que nos fazia achar bem pouco pittoresco o passeio. Alguns companheiros, cedendo a um impulso muito natural, deixaram-se ficar pelo caminho, desanimados de galgar a montanha em cuja cumiada estendiam-se as ruas da cidade.

Algumas casas de telha viam-se espaçadamente em um dos lados da rua inclinada, emquanto que do outro lado, correspondente á parte mais baixa, só se mostravam, salteadas e sem obedecer a qualquer alinhamento, choupanas cobertas de palha de palmeira e de paredes barreadas.

A' meia encosta, achava-se um velho mosteiro, construido em 1640. Estava com uma porta aberta e por esta penetramos, eu e mais dois companheiros, em uma sala deserta, em cujo tecto admiramos varios trabalhos de arte.

Já nos tinham prevenido de que Olinda era uma cidade morta, em que só havia conventos.

Pouco acima desse claustro, encontramos amavel cicerone que bondosamente nos ia dando varias informações sobre o logar.

O becco estreito que cruzava a ladeira e onde então nos achavamos — o becco do Inferno — tinha sido theatro de scenas horriveis na guerra dos Mascates. Ahi um sapateiro pernambucano, postára-se armado de uma faca afiada e tantas victimas com ella fez que no fim de algum tempo cahiu exhausto sobre o chão juncado de cadaveres, Do heroismo desse patriota veiu para o becco o nome de «Inferno», que é até hoje felizmente conservado, talvez pelo facto de ser uma viella feia, estreita, tortuosa e deserta.

Fosse uma rua mais importante, e certamente ter-se-ia preferido dar-lhe o nome de algum potentado do dia, a conservar o que lembra o heroismo de um patriota.

Um pouco mais adeante, extensa escadaria de pedra conduzia ao adro de magestosa egreja, já situada no alto do morro. Era ahi o inicio da cidade propriamente.

Os nossos informantes tinham razão quando nos diziam ser uma cidade morta.

Toda a sua vida foi absorvida pela Capital e hoje só lhe restam as gloriosas tradições que tanto honram a sua historia. Foi, com effeito, ahi o centro de resistencia em terriveis luctas contra os hollandezes, e por isso, além do panorama bellissimo que se apresenta de alguns pontos da cidade, tem o visitante tambem a satisfacção de pisar um sólo onde a cada instante são relembrados feitos heroicos de nossos antepassados. E só isto é bastante para recompensar a subida ingrata pela ladeira que nos fez suar em bicas.

A cidade, por sua collocação topographica, é mais fresca que Recife, e por isso, é escolhida como um refugio nos fortes calores que atormentam os recifenses.

DE RECIFE Á PARAHYBA

Deixamos Recife no dia 7.

A's 7 horas da manhã o dr. Affonso Penna e a sua comitiva tomavam, na estação do Brum, proxima da fortaleza do mesmo nome, o trem da Great Western com destino á Parahyba do Norte.

Em Camaragibe, onde chegamos ás 9 horas, visitamos uma importante fabrica de tecidos da Companhia Industrial Pernambucana. Recebeu em festas os visitantes.

Os machinismos são accionados por um motor a vapor de 500 cavallos.

A fabrica tem 623 operarios e produz annualmente 4.800.000 metros de algodão de typos variados.

A companhia promoveu a organização de uma sociedade operaria, á qual dá semestralmente 15 contos para o fim de zelar os interesses da classe. Esta Sociedade Operaria fornece medico, remedios e auxilios aos empregados doentes e sepultura.

Mantém tambem uma Cooperativa onde se abastecem todos os operarios.

O excedente de 8 % dos lucros desta Cooperativa é distribuido entre os socios proporcionalmente ás compras de cada um. Todos os annos ha sempre lucros a distribuir na proporção das compras, o que bem mostra que esses estabelecimentos, quando bem dirigidos, deixam resultados que remuneram satisfactoriamente o capital nelles empregado.

Mantém ainda escolas frequèntadas por cerca de 200 creanças e um curso nocturno frequentado por operarios

e operarias de maior edade. Essas escolas estão a cargo de irmãos maristas.

A fabrica tem fiação, sendo de 500 toneladas a quantidade de fio produzido annualmente.

A Companhia distribuiu, proveniente da exploração da fabrica, 8 % de dividendo aos accionistas.

Depois de um *lunch*, offerecido pelo director da fabrica, tomámos novamente o trem.

Terreno em que a agua é pouco abundante, coberto de catinga alta, onde de vez em quando se vê o mandacarú, é o da zona atravessada pela estrada de ferro até Nazareth. Ahi elle se torna de peior qualidade e cada vez mais secco. As locomotivas são alimentadas de agua tirada por meio de bombas, em poços á margem da linha.

Nesta região, todavia, não ha propriamente secca, a terrivel secca, feroz e dizimadora.

O terreno, mais ou menos humedecido, dá todos os annos os productos — milho, feijão e mandioca — de que carece a população que ahi habita.

A' margem da estrada vêm-se, realmente, roças diversas e extensos mandiocaes.

De Rosa e Silva, estação mais proxima dos limites de Parahyba, voltaram o secretario do governo e algumas outras pessoas que tinham vindo acompanhar o dr. Affonso Penna. Pouco adeante, em Aterro Grande, estava armado um barracão, coberto de folhas de palmeira — ponto destinado ao almoço.

Itabayanna era a primeira cidade parahybana que iamos encontrar. A's 4,45 ahi chegavamos, incorporando-se então á comitiva o presidente do Estado, que estava á espera do dr. Affonso Penna.

Passando sempre por terrenos cobertos de catinga, ora mais alta, ora um tanto baixa e rachitica, chegámos á Parahyba já á noite, sendo recebidos por grande massa popular, que acompanhou pelas ruas ornamentadas da cidade, o dr. Affonso Penna até o Palacio do Governo, onde se hospedou.

A CIDADE DA PARAHYBA

Estava reservado á cidade da Parahyba apresentar-nos o mais bello dos aspectos festivos que até ahi temos apreciado. Com effeito, além da ornamentação de folhagens, bandeirolas e illuminação, as ruas apresentavam outro enfeite que até então tinhamos visto escasso — moças elegantemente trajadas, que, em bella alluvião, se apinhavam por toda a parte.

Na rua das Trincheiras, illuminada a acetileno, o effeito dessas centenas de representantes do bello sexo, que se agglomeravam nas janellas e nos passeios, tornou-se, devido á intensidade da luz, mais encantador e agradavel.

Nessa rua cujo nome relembra as trincheiras ahi construidas na revolução de 1817, fica o palacio do governo em frente á praça do commendador Felizardo.

O antigo convento de S. José, construido em 1742, foi em 1875 modificado e adaptado a servir para repartições do Estado — os compartimentos do lado direito da capella que fica na parte central do grande edificio, constituem o palacio do governo, os do lado esquerdo foram aproveitados para o Lyceu Parahybano e Escola Normal.

A cidade é illuminada a kerozene, tendo calçadas todas as suas ruas.

E' servida por uma linha de bondes, á tracção animal. Devido ás condições topographicas da cidade, situada em grande parte na encosta de um morro, os bondes quando sobem tem uma velocidade realmente incommoda para quem deseja vencer distancias, pois que, si bem que tirados por 6 burros, estes vão a passo vagarosissimo, dando ao passageiro a impressão angustiosa de que não chegará ao ponto desejado sinão no fim de um tempo exaggeradamente longo. Apesar disso trafegam sempre cheios de passageiros esses bondes.

A agua para os diversos usos domesticos é obtida de poços cavados dentro do perimetro da cidade, e munidos quasi sempre de moinhos de vento ; a potavel vem de um poço especial, situado a uma legua; aquella é vendida a 240 réis a carga, isto é, 4 barris de 20 litros cada um, que equivale a 3$000 o metro cubico ou 1.000 litros ; esta, de 400 a 500 réis a carga, o que equivale a 5$000 — 6$250 cada mil litros, preço realmente fabuloso.

Deseja o governo do Estado melhorar essa situação, trazendo á cidade a agua do rio Jaguaribe. Para isto será ella elevada por meio de bombas a um reservatorio e deste, entrará nos encanamentos que a conduzirão á Capital, estando tudo orçado em 250:000$000.

A cidade é banhada pelo rio Parahyba, cuja fóz é d'ahi a uns 25 kilometros.

As marés, entretanto, se fazem sentir até um pouco acima da cidade, emprestando ao rio um volume dagua que permitte a navegação de embarcações de pequeno calado. Fóra da parte influenciada pela maré, esse rio, que é o maior do Estado, fica completamente secco de outubro a janeiro, sendo preciso cavarem-se poços no seu leito arenoso para obter-se um pouco d'agua.

Vimol-o a 91 kilometros acima da sua emboccadura, atravessado por uma ponte de uns 150 metros de

comprimento, no ramal ferreo que parte de Itabayanna para Campina Grande.

Ahi a sua altitude é de 25 metros e, na occasião, ainda um pouco d'agua corria no largo leito esbranquiçado pela areia; não tardaria muito, porém a desapparecer esse filete liquido, cuja desproporcionalidade para o leito fazia lembrar um individuo magrissimo mettido em roupas demasiadamente largas. Entretanto, de maio a junho, ha dias em que todo esse leito se cobre de agua, que ahi corre em torrente impetuosa e quasi sempre mortifera.

Dá-se commummente o caso de só chover nas nascentes, e então a cheia na parte mais baixa é quasi sempre funesta. Os moradores ribeirinhos, quando ouvem, ás vezes, o ruido da «cabeça d'agua»—o extremo da torrente invasora, com 2, 3 e mesmo 4 metros de altura — tratam de salvar o que podem, refugiando-se nos pontos vizinhos que julgam inaccessiveis ás aguas. Nem sempre, porém, são felizes, e, então, além das plantações e criações, a torrente traiçoeira arrebatalhes, não raro tambem, um ente querido.

E assim passa a «cabeça d'agua», qual cabeça de enorme serpente voraz, de bocca escancarada a tragar economias e vidas.

A rocha dominante nas vizinhanças de Itabayanna é o gneiss, que nas margens do rio Parahyba, no logar da ponte a que me referi, fornece uma boa pedra de construcção.

No sólo da Capital domina, segundo me informaram, um calcareo esbranquiçado, que é, entretanto, coberto de terreno bastante fertil, onde vicejam coqueiros, catolés, cajueiros, sapotyseiros, genipapeiros, mangueiras e arvores gigantescas de *fruta pão*.

A cidade tem, assim, abundancia de arvores, que muito concorrem para imprimir-lhe uma feição agradavel. No fim da rua dos Pinheiros, o bonde passa por

verdadeiros tunneis formados pelas copadas das arvores intercaladas de coqueiros, catolés e macahuba.

Cada cidade tem, geralmente, mesmo nos factos de minima importancia, uma nota particular, um caracteristico. Na Parahyba, por exemplo, ha um uso seu, unico que até aqui tenho visto — é o modo de numeração das casas. As placas, ao contrario do que tenho visto em todas as outras cidades que conheço, não se pregam nos portaes nem nos frechaes das portas; são ellas pregadas no meio geometrico da parte que fica entre os frechaes e a linha limite superior da parede da fachada.

A cidade tem uma renda annual de 84 contos apenas, e mesmo assim apresenta-se tratada com capricho.

Possue uma bella praça ajardinada onde aos domingos e quintas feiras toca uma banda de musica, reunindo-se ahi grande numero de pessoas.

Vimos á noite nesse jardim, em um domingo, para mais de duzentas moças trajadas com a elegancia parahybana, devendo-se notar que todas se achavam reunidas em um recinto de uns 30 metros de raio.

A cidade é administrada por um prefeito nomeado pelo governo e presidente de um conselho municipal eleito pelo povo. A sua população é de 35.000 habitantes.

Os auxiliares administrativos directos do governo são apenas um secretario e um chefe de Policia.

Para o policiamento do Estado ha o batalhão de Segurança com 407 praças.

Além dessa força, ha a Guarda Municipal mantida pelo municipio a custa da renda proveniente do imposto sobre abatimento de gado, cedido pelo Estado para esse fim. Cada municipio não póde, entretanto, manter nem menos de 5 nem mais de 15 praças, que ficam todas sujeitas ao commando do batalhão de Segurança.

Este systema de policiamento teve em vista evitar as despesas com o transporte de força de um logar para outro, obtendo, além disso, tambem economia de tempo quando se tornar imprescindivel mandar reforços para diligencias especiaes.

Ha até agora nos differentes municipios 103 praças municipaes.

Em Pernambuco foi tentado, ha tempos, este mesmo systema de policiamento, mas com mau resultado; de sorte que tiveram de abandonal-o e voltar ao regimen da uniformização de forças.

O povo parahybano é um dos mais pacificos do Brasil, e si não fossem os «cangaceiros» que de vez em quando trazem em sobresalto certas zonas do Estado, menor poderia ser ainda, foi o que me disseram, o numero de praças para o policiamento.

Estes «cangaceiros» são chefiados por um já celebre Antonio Silvino, que é um verdadeiro terror para a população. Contaram-me o seguinte facto, que bem caracteriza o medo que infunde em todos o nome de Antonio Silvino:

Desejando este bandido assaltar a cidade do Pilar, situada á margem da estrada de ferro Great Western e a 57 kilometros da capital, e sabendo que alli havia uma força policial, fardou-se e, com 4 companheiros tambem fardados com os uniformes tomados anteriormente em luctas com a força policial, entrou na cidade, dirigindo-se immediatamente para a cadeia onde disse aos soldados que trazia ordens terminantes do governo para que estes lhe entregassem as armas. Enganados, cumpriram logo as ordens dadas, pois julgaram que iam ser substituidos pelos que chegavam. Uma vez de posse de todas as armas, abriu as portas da cadeia, soltou todos os detentos e dirigiu-se a varios negociantes impondo-lhes a entrega de elevadas quantias, ao que ninguem se oppoz. Depois de verdadeiro saque, em que se muniu de dinheiro, perfumarias, mantimentos e tudo de que nescessitava, sa-

hiu tranquillamente da cidade. Quando a policia chegou, encontrou apenas a tristeza dos que tinham sido roubados—o bandido já se achava fóra de suas vistas e talvez rodeado de um exercito de vassallos.

O Estado da Parahyba tem 600.000 habitantes. A sua renda annual é de 1.600 contos. Provém essa renda principalmente de impostos de 6 % sobre o algodão exportado e de 5 % sobre o assucar.

Além desses dois generos a Parahyba exporta tambem grande porção de pelles de cabra, borracha, fumo e alcool.

A producção annual de algodão é avaliada em.... 250.000 fardos de 100 kilos, e a de assucar, em 160.000 saccas.

O fumo é exportado em folha e não em rolo, e quasi todo para o Pará e Manáos.

O PORTO DE CABEDELLO

ALGUMAS NOTAS SOBRE A PARAHYBA

A cidade da Parahyba é ligada pela estrada de ferro Great Western ao porto de Cabedello, distante 20 kilometros.

Apesar de ser esse o porto onde se faz toda a descarga, a Alfandega está collocada na Capital. Para justificar esta exquisitice, dão a razão de não haver agua em Cabedello e de ser ahi a vida muito penosa. Entretanto, a mesma razão não impediu que fossem lá installadas as officinas da estrada de ferro e que seja a morada de cerca de uns mil habitantes, certamente em numero muito superior ao do pessoal que seria preciso para a Alfandega.

Fomos no dia 8 a Cabedello, tendo tomado ás 7.h — 30.m o trem em Parahyba. Depois de meia hora chegavamos á modesta e poetica povoação collocada sobre um extenso areial, á margem direita do estuario do Parahyba. As suas casas, com excepção de algumas, que se acham proximas da margem do rio, são todas de palha de coqueiro — paredes, cobertura, portas e janellas — e, sem obedecer propriamente a um plano de arruamento, perdem-se pelo meio do denso e alto coqueiral que cobre o areial esbranquiçado e extenso.

A' chegada do dr. Affonso Penna, soltaram-se 700 duzias, ou 8.400 foguetes, cuja queima gastou seguramente 15 minutos — um verdadeiro diluvio de foguetes.

O governo federal trata de melhorar o porto de Cabedello, que dizem ser muito bom, precisando apenas de um caes e do balisamento do canal na entrada da barra. O estuario do Parahyba ahi é muito largo e bastante profundo para permittir a entrada de vapores de grande calado.

No « Maranhão », que ancorára no porto havia já alguns dias, ia realizar-se o almoço que o commandante Pacheco Junior em nome do Lloyd Brasileiro, offerecia ao Presidente da Parahyba. A's 11 horas já se achavam a bordo todos os convidados, entre os quaes muitos representantes do « bello sexo » parahybano.

Seguiram-se ao almoço danças e palestras no convez, artisticamente ornamentado, sendo essa uma das festas que mais agradaram até aqui.

A's 2 horas, tomou o dr. Affonso Penna, em companhia do Presidente do Estado e outras pessoas, uma lancha que o devia transportar á capital, depois de tocar na ilha Tibiry, onde havia uma fabrica de cimento que funccionou durante pouco tempo apenas.

O estuario póde ter uma largura de cerca de 1.000 metros, e desde a capital vem quasi em linha recta, de sorte que já de Cabedello iamos avistando as torres enegrecidas da cathedral do bispado da Parahyba.

Em ambas as margens, branqueadas pela espessa camada de areia, estendiam-se os coqueiraes cujos dominios eram em alguns pontos invadidos pelo estuario que lhes roubava e deitava por terra alguns dos seculares coqueiros.

A's 3 horas aportavamos á ilha de Tibiry, onde uma ponte em ruina nos annunciava já o que iriamos logo encontrar quando saltassemos em terra, em visita á fabrica que alli jazia abandonada.

A uns 200 metros para o interior da ilha, encontrámos em completo abandono o casarão com os machinismos destinados ao preparo do cimento. Poderosas machinas, fórnos, moinhos, uma installação dispendiosissima — tudo isso ahi jazia, sem prestar o menor beneficio.

Essas machinas, em vez de formar um corpo que o vapor deveria movimentar, estavam, ao contrario, com a inercia de membros mortos, dando-nos a impressão de um gigantesco cadaver em lenta decomposição.

A materia prima empregada no preparo do cimento era a vasa calcarea que fórma, em grande espessura, o sólo da ilha.

E' uma vasa preta e, na apparencia, nada apresentando que a distinga de outras tambem escuras.

O cimento produzido, dizem, era de boa qualidade e alcançára bons preços; entretanto, as machinas não eram apropriadas para essa materia prima, e por isso, a empresa naufragou.

A's 3 1/2 deixámos a ilha cujo sólo pouco elevado sobre o nivel das aguas, é coberto, em grande parte, de cajueiros gigantescos intercalados de uricurys e catolés e, subindo o Parahyba na pequena lancha a vapor, iamos apreciando a agilidade dos aratús, que aos milhares, passeavam no mangue então a descoberto pela maré baixa, e os pachorrentos carangueijos que de vez em quando se mostravam em meio da lama enegrecida.

Assim como o sururú é o prato predilecto em Maceió, do mesmo modo o é na Parahyba a fritada de carangueijo, que é realmente bastante saborosa.

Nos banquetes das festas aristocraticas, como nos divertimentos modestos ou familiares em que se dança o «côco», apparece a fritada de carangueijo como um prato obrigatorio. A dança do «côco» corresponde a uma especie de batuque em que, ao som de palmas cadenciadas batidas pelos circumstantes, o dançarino ou dança-

rina, cantando estrophes satyricas ou lamuriosas, faz mesuras e requebros no centro da roda fórmada em torno.

A's 4 horas, desembarcavámos na ponte em frente á estação da estrada de ferro, pondo termo á bella excursão.

A poucos kilometros da Parahyba fica, em Tibiry a fabrica da Companhia de Tecidos Parahybana, fundada em 1891.

O numero de seus teares, actualmente 262, vae ser augmentado para 324, o que prova serem boas as suas condições economicas.

Depois de um periodo de crise, conseguiu a empresa distribuir em 1899 o dividendo de 5 %. Brevemente será distribuido o dividendo de 10 % correspondente ao anno passado.

A fabrica tem um motor a vapor da força de 150 cavallos. Possue apparelhos para descaroçar e fiar o algodão, tinturaria, etc.

Produz tecidos crus e tintos, pannos trançados, riscados, zefires e brins de algodão.

A maior parte da sua producção, 2/3 a 3/4, é consumida no Estado ; o restante é exportado para diversos Estados.

A producção dos ultimos 3 annos foi a seguinte :

1903 — 2.178.239 metros de tecidos.
1904 — 2.066.334 »
1905 — 2.705.491 »

Ha na fabrica 561 empregados, sendo 142 do sexo masculino e 419 do feminino.

A Companhia mantém um medico para o pessoal, sem onus algum para os operarios, que tambem recebem medicamentos gratuitamente, sempre que a molestia os inhibe de trabalhar. Nos casos de accidentes em trabalho, a Companhia trata á sua custa o operario. Actualmente cogita de fundar uma escola para os filhos dos operarios.

Para o aproveitamento das sementes de algodão, a Companhia mantém annexa á fabrica de tecidos uma fabrica de oleos.

Por ser uma installação que de certo modo poderá interessar aos mineiros, darei em seguida a lista de todas as machinas dessa fabrica de oleo vegetal.

1 Machina de descascar a semente ;

1 Dita de separar a massa das cascas e da palha ;

1 Moenda de 5 cylindros para moer a massa ;

1 Tacho para aquecer a massa.

1 Machina para moldar os pães ;

2 Prensas hydraulicas accionadas por 2 poderosas bombas, para expremer o oleo ;

1 Machina para aparar os cantos dos pães, depois de prensados ;

1 Moinho de galgas para moer os pães, transformando-os em farello ;

1 Batteria de tanques para a refinação ;

4 Elevadores para transporte mechanico das sementes e da massa de umas machinas para outras ;

3 Bombas para transporte mechanico de oleo bruto e refinado ;

1 Caldeira para fornecer vapor para o aquecimento da massa e para os tanques de refinação.

Comquanto o fim especial da fabrica fosse o preparo de oleo de caroço de algodão, ella tambem se occupa com o fabrico de oleo de mamona destinado á lubrificação e de oleo de ricino medicinal.

A industria pastoril desenvolveu-se no Estado da Parahyba, tendo como objectivo apenas o aproveitamento do gado para córte. A manteiga, o queijo ou outro qualquer producto decorrente do leite não são explorados convenientemente. O queijo consumido é, póde-se dizer, todo importado da Europa, bem como a manteiga.

Entretanto, Minas poderia encaminhar esses productos para este como para outros Estados do norte, achando aqui um mercado franco, pois que tanto a manteiga como o queijo de Minas são muito apreciados pelos nortistas. Todos dizem que não compram esses productos mineiros por não os encontrarem no mercado. O queijo mineiro custa aqui 3$000. Para a manteiga de certa marca que re intitula mineira, ha um preço realmente curioso — 2$000 o kilo.

A pessoa que me informou sobre esse preço, disse com certo receio, que a manteiga mineira ultimamente recebida era muito barata, porém, de má qualidade.

Expliquei-lhe que essa manteiga não podia absolutamente ser mineira, visto que mesmo em Minas o preço do producto legitimo era o dobro daquelle por que se vendia aqui a droga falsificada, importada do Rio de Janeiro.

As aguas mineraes são tambem todas portuguezas, apparecendo como raridade as de Caxambú, Lambary ou S. Lourenço.

Já no Recife o proprietario de um dos melhores hoteis informou-me que não consumia manteiga nem queijo de Minas sómente porque não os encontrava para comprar.

Parece, assim, que os productores mineiros de lacticinios deveriam voltar seriamente as suas vistas para o norte do Brasil, onde encontrarão largo consumo e preços remuneradores. E' necessario apenas dirigir nesse sentido facil propaganda commercial, estabelecendo depositarios de confiança nas capitaes. Do mesmo modo deverão proceder os depositarios das aguas mineraes, que são vendidas a 1$500 ao consumidor.

Para esses productos, e naturalmente ainda para outros, Minas encontrará no norte do Brasil um mercado immenso e que cumpre não desprezar.

DE PARAHYBA A NATAL

Depois de 3 dias de permanencia na Capital da Parahyba, tomamos ás 7 1/2 horas da manhã do dia 11, o trem da Great Western que nos devia conduzir até Natal.

Em todo o percurso de 207 kilometros, de uma á outra cidade, o terreno poucas ondulações apresenta, sendo quasi sempre coberto de catingas que aqui se chamam « agreste ». — São catingas medianas que se prestam a culturas de milho, mandioca, canna de assucar, batatas doce e ingleza, etc.

Muito poucos são os cursos d'agua que regam essas terras achatadas tambem chamadas « taboleiros », e esses mesmos seccam infallivelmente de outubro a dezembro. Para obter agua fazem-se açudes, barram-se os rios ou furam-se poços.

Nos rios de leito de pedra não se podem furar poços e, então, é necessario fazerem-se barragens para represar a agua durante os mezes em que ella falta.

Para a cultura, aproveita-se a parte do terreno em frente ao açude — é a « revencia do açude » — que se conserva sempre humida.

Em uma dessas revencias, na fazenda do Ingá, Acary, (Rio Grande do Norte), colheram-se cannas de 10 metros de comprimento.

Nos logares em que não ha açudes, recorre-se aos leitos dos rios para as poucas plantações indispensaveis

aos habitantes da região. Nos annos de secca, mesmo o leito dos rios torna-se muito secco na parte mais proxima da superficie, e então, a cultura é feita abaixo do solo, em largas cavas, cuja profundidade varia conforme o grau de sequidão, indo ás vezes até 2—3 metros.

E' o que acontece, por exemplo, no sertão do Seridó, onde o sertanejo só por esse meio consegue obter no leito do rio Carnaúba, um pouco de batata doce que lhe permitte resistir aos mezes de extrema seccura. Em outras regiões do Rio Grande do Norte a população, nos annos da secca, emigra , o sertanejo do Seridó, porém, resiste, preferindo passar por toda sorte de soffrimentos a abandonar o seu lar.

Na zona entre o mar e a serra da Borborema, basta que chova umas poucas vezes para que as plantações forneçam boas colheitas.

Ha uma parte formada de capoeirão existente na encosta léste daquella serra e chamada « brejo », que se conserva humida durante todo o anno, sendo por isto invadida annualmente por uma chusma de pequenos lavradores que ahi fazem as suas roças.

Devido ao systema de cultura — derrubada e queima — a floresta está se tornando cada vez mais escassa e tambem mais sensiveis vão se tornando os effeitos dessa devastação sobre a diminuição das chuvas. O governo do Estado tem procurado, inutilmente, impedir a continuação desse ataque ás mattas.

Nas margens do rio Passassunga mostrou-me um caboclo, habitante do logar, os effeitos de uma inundação recente — uma grande plantação de « macachera » (mandioca), milho e batata doce estava completamente perdida.

—Quando nós ouvimos o ronco da «cabeça d'agua» disse-me elle, era alta noite, e tivemos de sahir depressa das nossas casas para não irmos tambem pela en-

chente abaixo. Este riacho ficou um verdadeiro mar—ia desde aquella arvore que o sr. vê lá ao longe, até aquella outra acolá. »

E mostrou os largos limites da formidavel enchente.

No meio da areia, ainda recentemente trazida pelas aguas, viam-se as pontas de uma ou outra rama de macachera e as extremidades de uns poucos pés de milho, que tinham podido resistir á furia da torrente.

— Este anno, continuou elle, ainda teremos talvez uma outra enchente, pois aqui ha quasi sempre duas, de maio até Sant'Anna. Ha annos em que ellas não são assim tão fortes, e então as plantações da baixada se salvam. Tambem a enchente dura só uns 3 a 4 dias, ficando depois o rio, como elle está agora, com essa insignificancia de agua. »

Perguntou-me o caboclo si onde eu morava tambem havia falta d'agua, ao que lhe respondi negativamente, dizendo que em Minas os rios corriam durante todo o anno ; pensei que com isso o fosse deslumbrar e obter a sua admiração ou mesmo inveja pelo meu Estado. Entretanto, depois de ouvir-me, ficou como dantes, desapontando-me com um indifferentismo que bem mostrava o effeito do meio cosmico sobre o individuo e o amor desse luctador á sua terra.

Talvez elle não possa mesmo comprehender a vida sem essa constante preoccupação pela agua, sem as barragens, sem os açudes, sem o terror pela « cabeça d'agua » cujo ronco estridente indica-lhe, alta noite, que é preciso saltar apressadamente do leito e correr, em faina dolorosa e heroica, a salvar os filhos pequeninos, que dormem nas rêdes, a guiar na escuridão os velhos já tropegos e conduzir para os pontos altos os cacarécos mais estimados.

Que attractivos poderá offerecer um logar que possue regatos e rios de aguas perennes ! ?

E', pois, justificavel o natural indifferentismo com que esse caboclo ouviu as minhas informações.

Além das plantações de macachera e cereaes, vêm-se de vez em quando algodoaes, ora situados no « taboleiro », mesmo á margem da estrada de ferro, ora nas partes altas dos morros, nos poucos pontos em que estes existem.

Quebrando a monotonia do « agreste », apparecem espaçadamente, campos cerrados, cobertos de capim muito apetecido pelo gado e reputado boa forragem. Nos logares mais frescos desses campos vêm-se geralmente plantações, o que mostra ser de boa qualidade o terreno que elles cobrem.

Nesses pastos, em que não existem fechos de qualquer especie, cria-se grande porção de gado, quasi exclusivamente para córte.

O trecho que iamos percorrendo apresentava poucas plantações, quer no territorio parahybano, quer no rio-grandense.

Pouco depois de Independencia, ultima cidade de Parahyba, onde chegamos ás 11 horas e d'onde voltára o presidente desse Estado, monsenhor Walfredo Leal, que até ahi tinha acompanhado o dr. Affonso Penna, haviamos penetrado no Rio Grande do Norte, e, então, como que ainda mais escasseiavam as culturas.

Não era, infelizmente, prospera a região que iamos atravessando. Reproduziam-se os extensos taboleiros, cobertos de catinga, com os mandacarús e varias leguminosas caracteristicas, os pastos naturaes, onde vivem a mangabeira e o catolé, e só raramente apparecia uma casa, sempre barreada e modesta, nas margens de um riacho de exiguo filete ou ao lado de uma agua represada, ás vezes já coberta de limo esverdeado. Era a aguada para os animaes e para os serviços domesticos.

A's 3 horas da tarde, chegamos á cidade Nova Cruz, a primeira povoação que iamos conhecer do territorio do Rio Grande do Norte.

Ahi esperavam o dr. Affonso Penna o secretario do governo e varios representantes da alta sociedade natalense.

Os mesmos taboleiros, que se perdiam no horizonte vastissimo, apresentando as mesmas plantas de uma vegetação que eu já estava cançado de ver, eram ainda a unica cousa a notar de um e outro lado da estrada de ferro.

Parecia interminavel a monotonia desse panorama que nos offereciam as catingas cobrindo o sólo achatado e quasi sempre gneissico; entretanto, ás 4 horas o trem galgava uma rampa extensa e no fim de algum tempo apresentou-se-nos bella e imponente, enorme massa d'agua tendo de dois lados morros um tanto elevados e dos dois outros o extenso valle em que ella estava mettida.

Era a lagôa do Papary, de 5 leguas de extensão, e onde se pesca o «curiman», peixe que representa papel importante entre as iguarias da cosinha rio-grandense. A sua agua é salôbra, visto que ella se communica com o mar.

A' montante da lagôa estava a varzea do Capió, cultivada de canna de assucar, e um pouco acima, ainda cheia de canna, a varzea de Belém, atravessada pela estrada de ferro. Ahi, em um barracão de palha de palmeira, realizou-se o nosso jantar, o ultimo que nos offerecia a Companhia Great Western, cuja directoria tratou com inexcediveis attenções todas as pessoas da comitiva.

Deve ser grato a todo o brasileiro saber que no brinde feito pelo superintendente da Estrada, o sr. dr. Knox Little, disse este ser o Brasil o paiz que dentro em pouco tempo estará collocado entre os primeiros do mundo, pois para isto tem elementos de sobra.

De Belém até Natal, onde chegámos ás 8 horas da noite, appareceu, quebrando a uniformidade da flora até

então observada, a carnaúbeira, bella e elegante, ora em densos grupos, ora disseminada pela catinga.

Desta util palmeira retira-se, como se sabe, a carnauba, que alcança sempre bons preços nos mercados americanos e europeus.

A carnaúba é o induto das folhas da palmeira e que existe em maior proporção nas folhas ainda novas.

Para extrahil-a, as folhas são cortadas e postas a seccar á sombra. Quando bem seccas, são batidas em um compartimento de chão forrado de panno ou papel, e abrigado de modo a impedir que o vento leve o pó fino desprendido das folhas e que se vae accumulando no chão. Este pó é apanhado e posto em um tacho, de onde, depois de fundido, é corrido em pães.

Ha geralmente tres qualidades de carnaúba: a «flor», amarella ou esverdeada, obtida das folhas mais novas, e que é vendida actualmente a 33$000 a arroba (15 kilos); a «segunda», mais escura, e que vale menos 2$000 em arroba; e a «terceira», que não alcança mais de 25—27$000 a arroba.

A CIDADE DO NATAL

A mais ou menos 8 kilometros da foz do Rio Grande do Norte, está, em sua margem direita, situada a cidade do Natal, que conta actualmente cerca de 12.000 habitantes.

Com a sua modesta renda annual, que é de 56 contos, tem feito a sympathica cidade o possivel para melhorar as condições de vida de sua população, pois possue quasi todas as suas ruas regularmente calçadas, mantém uma illuminação a gaz acetyleno e dispõe de um abastecimento d'agua que está sendo augmentado.

A agua, como bem se póde prever, não é obtida facilmente. Ha dois modos de supprir a população — por meio dos encanamentos e por meio de poços.

Para o encanamento, que a distribue em uma parte da cidade, é ella elevada em bombas para um reservatorio de onde partem os tubos, sendo feita a tomada d'agua em um grande tanque para onde esta corre durante varios mezes do anno.

Para a parte alta da cidade, onda ha largas avenidas e ruas quasi todas ainda deshabitadas, porém, já demarcadas, ha uma meia duzia de poços perfurados no terreno arenoso, de onde a agua é elevada por meio de moinho de vento.

A profundidade destes poços é variavel, e attinge ás vezes, 60 metros. São perfurados por meio de son-

das movidas á mão, fazendo-se penetrar successivamente a tubagem de ferro até o lençol d'agua.

O diametro do tubo é geralmente de 5—8 centimetros. A agua desses poços não desapparece mesmo nos mezes de novembro e dezembro, que são os mais seccos, e é cedida gratuitamente á população; a do encanamento é vendida a 8$000 mensaes cada penna.

Além desse abastecimento d'agua, ha ainda um grande tanque, chamado «O baldo», destinado a servir de banheiro publico e situado mesmo nas vizinhanças da cidade.

Percorremos de carro toda a cidade, de cuja parte alta gosa-se um bonito panorama.

Do lado do sul, elevam-se morros de areia branca coberta de arbustos — são as dunas, que constituem uma ameaça constante á segurança dos proprietarios das vizinhanças.

Basta que desappareça em alguns pontos a vegetação, para que o vento comece logo o transporte continuo dos pequeninos grãos, que em pouco tempo invadem grandes areas, sepultando tudo o que encontram.

Apezar da vigilancia mantida pelo governo sobre essas dunas, os habitantes das vizinhanças, para incurtar distancia, fizeram um pequeno trilho na encosta areienta; foi o bastante para que a duna invadisse em pouco tempo uma grande parte de terreno util das suas immediações, sendo logo tomadas energicas providencias no sentido de impedir a continuação do transito pelo trilho fatal.

A cidade possue uma praça ajardinada — a praça Augusto Severo — onde está o theatro, pequeno, mas elegante.

A renda annual do Estado foi, o anno passado, de 1.080 contos.

A Secretaria do governo superintende todos os serviços publicos.

Para o policiamento de todo o Estado, que conta actualmente 300.000 habitantes, ha o Batalhão de Segurança com 270 praças.

As principaes fontes de riqueza estadoal são: o algodão, cuja producção é mais ou menos de 100.000 fardos; o sal, a canna de assucar, a maniçoba e a carnaúba.

As melhores salinas, que são propriedades do Estado, estão arrendadas a uma empresa particular e dão de impostos cerca de 460 contos, annualmente.

Outras pequenas salinas existem, além disso, em outros pontos, como nas vizinhanças da Capital, á margem esquerda do estuario do Rio Grande do Norte.

Entre as pequenas industrias, póde-se citar o fabrico do « queijo do Seridó », exportado quasi todo para o Recife.

Ha no Estado apenas uma usina de assucar— a Usina Maranhão, situada na estação da Penha, da E. F. Great Western. Produz 10.000 saccas de assucar e 280 pipas de aguardente.

Os seus machinismos não apresentam a complicação dos das grandes usinas e, talvez por isto mesmo, tem podido essa usina resistir á tremenda crise actual do assucar cujo preço chegou a ser de 3$000 a arroba.

Tambem o preço da aguardente desceu a 400 réis a canada (5 litros).

Nas vizinhanças da capital existe a « Fabrica de Fios e Tecidos do Natal », fundada em 1888 pelo sr. Jovino Barreto. E' a unica fabrica de tecidos em todo o Estado. A sua producção annual é de 1.600.000 metros de algodão, crús e tintos. Possue 132 teares e 3.600 fusos, sendo de 300 o numero de seus operarios.

Consome 2.500 kilos de algodão, todo de producção do Estado.

Bem ao contrario do que se passa em Pernambuco, onde o algodão cultivado só fornece uma colheita, sendo, pois, annual, o do Rio Grande do Norte dá durante 4 annos. A sua plantação se faz em junho, sendo uso corrente deixar, no fim do primeiro anno, o algodoal ser invadido pelo gado, que o come em grande parte, realizando uma verdadeira poda, necessaria para que o algodoeiro produza convenientemente.

A' entrada da cidade e á margem da estrada de ferro, estava abandonado um grande edificio — era uma fabrica de sabão. Depois de tudo installado, reconheceu-se que faltava a materia prima que devia ser empregada — o sebo. Não é isto, infelizmente, uma novidade na historia de nossas industrias.

Nas proximidades do local dessa fabrica, vimos por occasião de nossa passagem para um almoço, que, fóra da cidade e no trem de Great Western, nos offereceu a directoria desta estrada, uma curiosa scena.

Reunidas em torno de pequenas porções d'agua, á margem do rio, dezenas de mulheres, moças e velhas, umas quasi núas, outras apenas providas de ligeira tanga, se occupavam da lavagem de roupas. A' passagem do trem, algumas envolviam-se em roupões, que se achavam mais á mão; outras, porém, conservavam-se indifferentes, continuando nobremente o seu arduo trabalho, sob um sol crestante e entontecedor. Creanças de tenra edade, não tendo outro resguardo que não o da propria pelle, mettidas na agua lamacenta ou brincando sobre o capim, desafiavam tambem a inclemencia dessa temperatura para nós insupportavel, mesmo dentro dos vagões do trem.

E toda essa gente parecia estar bem á vontade — era ainda uma bella licção sobre a influencia do meio.

EXCURSÃO AO CEARÁ-MIRIM

A VAQUEJADA

Em frente á cidade do Natal e á margem esquerda do Rio Grande do Norte está a estação inicial da estrada de ferro «Central do Rio Grande do Norte», cujo traçado dirige-se para a cidade do Crato, em Ceará, ahi ligando-a com o traçado da E. de F. Baturité.

Entre a estação e a cidade o estuario tem uma largura de cerca de 800 metros e uma profundidade sufficiente para servir de ancoradouro aos maiores navios do mundo. Ahi, na margem direita, será construido o caes do porto do Natal.

A's 7 horas da manhã de 13 de junho, atravessámos o bello estuario, de aguas azuladas, desembarcando junto á estação da estrada de ferro, que, nesse dia, com a presença do sr. dr. Affonso Penna, ia ser inaugurada até Ceará-mirim—um trecho de 34 kilometros.

Da estação, circulada d'agua, segue a linha sobre um aterro de 4 kilometros em um mangue coberto apenas pela maré alta, porém semeado de pequenos lagos na vasante. A' esquerda, algumas salinas de systema ainda rudimentar estendem-se sobre a superficie arenosa, em tanques rectangulares, separados com pequenos muros feitos com a propria areia.

Em seguida a esse extenso aterro, entra-se no «arisco», que é um cerrado onde abunda a mangabeira de folhas lanceoladas, e cahidas como as dos «chorões»; a sua ramagem, como nas mangabeiras do «agreste» da

Bahia, tomou definitivamente a orientação dos ventos dominantes da região. E' a unica planta util do «arisco» que, além de fornecer a borracha de má qualidade, proveniente dessa casta de mangabeira, só é utilisado como pasto reputado ruim.

Difficil é achar uma explicação para o facto de estar essa estação inicial de uma estrada de ferro, situada em meio de um estuario, sem logar para armazens, nem para qualquer outra dependencia necessaria ao bom andamento dos serviços inherentes a um semelhante estabelecimento, mormente quando se souber que na margem direita ha um ponto—Pitimbú—d'onde poderá partir a estrada, entroncando na «Great-Western» e facilitando ao mesmo tempo o transporte por suppressão de incommodos e despendiosas baldeações.

O traçado por Pitimbú é o natural, desde que se supponha que uma estrada de ferro é construida para attender a interesses do commercio, facilitando os transportes.

Pessoas com quem conversei e que estavam em condições de me explicar a razão dessa exquisita situação do ponto inicial, disseram-me que fôra escolhido este porque já havia um aterro antigo, feito em uma parte do mangue, e era preciso dar trabalho a milhares de famintos, reunidos em Natal, na secca de 1903-904.

Para se aproveitarem esses destroços de aterro e para empregarem individuos que a caridade mandava tratar, sujeitou-se uma estrada de ferro a partir de um local evidentemente improprio e uma população inteira a soffrer por tempo indefinido os inconvenientes que decorrem de uma tal escolha.

Outros, porém, disseram-me que si a estrada partisse de Pitimbú, as mercadorias rio-grandenses se encaminhariam para Recife, prejudicando sobremodo a cidade de Natal; entretanto, Pitimbú está a 410 kilometros de Recife e a 14 de Natal.

Seja como for, acho exquisito esse processo de difficultar o transporte para obrigar a mercadoria a seguir caminho que talvez não lhe conviesse, quando mais acceitavel é deixar plena liberdade de escolha ao productor.

A estrada atravessa um terreno levemente ondulado, todo coberto pelo «arisco» arido ou pela catinga pouco productiva.

A unica massa d'agua de certa importancia que se vê até Ceará-mirim, é a de lagoa dos Extremós, de 18 kilometros de extensão, em cujas vizinhanças está a cicade do mesmo nome. Não tem communicação com o mar, sendo toda de agua doce onde vivem diversas especies de peixes em quantidade consideravel.

No fim desse trajecto, feito por uma zona onde não se vê nem criação, nem culturas, descobre-se o valle do rio Ceará-mirim, de fundo largo e de vegetação luxuriante, mostrando a tão falada uberdade do seu sólo. E' o valle mais fertil do Rio Grande do Norte e que representa o papel de verdadeiro celleiro do Estado.

Ahi, na cidade do Ceará-mirim, ultimo ponto do trecho inaugurado, iriamos assistir uma «vaquejada», festa do sertanejo rio-grandense, em que se vae apreciar a pericia do «vaqueiro» em desempenhar as suas funcções de auxiliar do fazendeiro, como aprisionador do gado desgarrado.

A cerca de 8 kilometros da cidade, começamos a avistar a torre branca da Matriz, situada no local da festa que em todos nós despertava extraordinaria curiosidade. Nenhum de nós sabia o que era «vaquejada; nenhum de nós imaginava ao menos o que iria representar esse vaqueiro cujas proezas já tantas vezes tinhamos ouvido narrar e cujos feitos de heroismo despertavam geral admiração.

Ao chegar o trem á cidade, extensa fila de cavalleiros vestidos de couro se achava postada em frente á estação; estavam estaticos como uma guarda de honra

dada por soldados disciplinados de imponente cavallaria. Era apenas uma parte dos vaqueiros que de varios pontos tinham vindo á cidade; a outra parte estava no largo da Matriz, formando um verdadeiro quadrado em torno do gado destinado ás corridas.

Extenso largo em terreno com inclinação leve e uniforme, marginado de casas que eram as melhores da cidade; ao centro, uma linha de arvores bem copadas, indo desde a matriz, situada na parte superior, até quasi a Camara Municipal, que ficava no extremo inferior, ambos estes edificios collocados isoladamente na praça e separados por uma distancia de 300 metros; centenas de pessoas espalhadas por toda essa area coberta de relva baixa, como um tapete verde que sobre ella tivesse sido estendido—eis o aspecto do local onde se realizaria a vaquejada.

Antes da festa, o dr. Affonso Penna visitou a Camara Municipal onde se achavam expostos exemplares de 5 plantas utilissimas ao sertanejo e que são: a carnaubeira, de cuja parte inferior do estipe ainda novo se retira um polvilho alimenticio e forragem muito apetecida pelo gado; a macambira—Bromeliacea de onde se tira tambem uma substancia amylacea alimentar, fornecendo, além disso, uma fibra de primeira ordem; o chique-chique, a cardeira, a facheira e o mandacarú, cactaceas muito carnosas, utilizadas como forragem e tambem para a alimentação do homem.

De todas essas plantas é a carnaubeira a mais util. Além da carnaúba, que é um dos seus principaes productos, ella fornece a palha para a cobertura das casas e confecção de chapéos finos; o seu caule é madeira excellente para postes, esteios etc.; o seu fructo tem uma parte pulposa—o pericarpo—comestivel; a castanha é, emfim, torrada e moida, fornecendo um pó que faz as vezes de café para a população pobre. E' a palmeira providencial que, mesmo nas mais fortes seccas, con-

serva-se sempre verde ao lado das arvores torradas e mirradas pelo calor e pela falta d'agua.

Tambem as outras plantas expostas apresentam esta utilissima propriedade—de não se incommodarem com a secca—consistindo justamente nisto a razão de ser da veneração que por ellas teem os sertanejos.

Da Camara Municipal seguimos para o logar donde deveriamos assistir á vaquejada—um palanque enfeitado de folhagens e collocado nas proximidades de um curral de paus roliços construido ao lado da Matriz.

A 1 hora da tarde, cerca de 200 cavalleiros, formando um quadrado, em cujo centro ficavam as vaccas e os bois destinados ás corridas, puzeram-se em movimento, cantarolando canções sertanejas, até o curral de paus roliços, onde metteram todo o gado que vinham conduzindo preso nas alas cerradas da cavallaria.

Ia começar o primeiro pareo.

Dous vaqueiros, de chapéo e roupa de couro avermelhado, montados em cavallos apparentemente franzinos, postaram-se emparelhados ao lado da tronqueira, na frente do curral.

Tiraram-se as varas horizontaes do tosco fecho de madeira roliça e appareceu uma vacca, que, espantada com a agglomeração de centenas de pessoas disparou em vertiginosa carreira pelo largo abaixo, entre as duas filas compactas formadas pela multidão desde o curral até á Camara Municipal.

Os dous vaqueiros partem immediatamente e, um de cada lado, tentam approximar-se da rez em disparada. Passam-se apenas alguns segundos e, então, quando é mais veloz o galogar dos animaes, um dos vaqueiros se approxima ainda mais, pendido o corpo para o lado da rez, segura-lhe a cauda, que elle torce e enrola na mão, e, depois de um movimento rapido, em que apenas se percebe o cavalleiro ganhar um pouco mais de velocidade, deita por terra a sua victima, que rola e cambalhoteia.

O cavallo estaca logo em seguida e a rez estirada no chão conserva-se immovel durante um certo tempo como que estonteada pelo medonho baque, tremendo e brutal.

Está terminada a primeira corrida, e feliz foi o vaqueiro que poude mais depressa fazer «a saiada», isto é, enrolar na mão a cauda da rez perseguida e dar-lhe o tombo formidavel; a este todas as ovações, todas as glorias da corrida. Entretanto, não fosse o seu companheiro fazer-lhe «a esteira», isto é, conservar-se sempre do outro lado e junto á rez, ser-lhe-ia bem difficil ou talvez impossivel dar o golpe em tão pouco tempo, conseguindo a queda do animal.

Dous outros vaqueiros collocaram-se ao lado da tronqueira; sahiu uma outra rez e a segunda corrida realizou-se.

Desta vez, porém uma nova sensação invadio aquelles, não habituados ao curioso espectaculo; foi uma sensação de horror: após a queda, a rez levantára-se apoiada apenas em tres patas — uma das pernas pendia desgovernada, balançando-se horrivel e vagarosamente na marcha penosa do pobre animal. Era um animal inutilisado, que logo depois seria morto e convenientemente aproveitado.

Succederam-se novas corridas, repetindo-se ainda a triste scena dessa queda de «quebrar a perna» como a denominam; 5 rezes ficaram inutilisadas, de perna quebrada.

Algumas vezes, nenhum dos vaqueiros conseguia dar o tombo; si bem que fizessem o maior esforço para isso, a rez corria mais veloz do que o cavallo ou então, mesmo quando um dos cavalleiros já havia segurado a cauda da rez, esta resistia heroicamente, e não cahia. Os espectadores mimoseavam os vaqueiros caiporas com alguns assobios e gritos que não eram propriamente de ovação, e os pobres sertanejos voltavam cabisbaixos, mostrando no seu desapontamento a ma-

goa que lhes invadia a alma neste momento de sorte adversa.

A vaquejada correra sem desastre algum; o quebramento das pernas das desgraçadas rezes não entrava no rol das cousas tristes. Estas só appareceriam si acontecesse, por exemplo, um facto bem commum nesses divertimentos — cahirem na disparada veloz, vaqueiro e cavallo, ficando ambos, não de perna quebrada como a rez que elles têm tantas derrubado, porém sim, reduzidos a méros montões cellulares onde ha apenas carne morta e ossos esmigalhados.

E nessa vaquejada, que se realisa em terreno limpo e escolhido, representam pallidamente o que se passa no sertão, em meio da catinga cheia de toda a sorte de espinhos, alguns dos quaes, como os do chique-chique mortalmente venenosos; cheia de accidentes, imprevistos, mil difficuldades, emfim, a vencer para que possam o vaqueiro e o seu «cavallo de fabrica» especialmente educado para isso, dar o tombo na rez, que é então amarrada com o laço trançado de couro e conduzida até o logar desejado.

Disse-me um caboclo: «Quantas vezes um vaqueiro sáe de casa com dous olhos para campear, e volta depois apenas com um! Ainda ha poucos dias, F. foi correr uma rez e voltou para a casa com um estrepe que lhe atravessou a cara de um lado a outro, passando por debaixo do nariz, varando o olho esquerdo e sahindo na sombrancelha. Outro dia tambem o filho do coronel B., correndo uma rez, cahiu com o cavallo... No dia seguinte foram encontrados mortos tanto o cavallo como o dono. E era um moço distincto, casado, tendo uma popção de filhos ainda pequenos».

Em pouco tempo, ouvi diversas narrações como essas, tristes é verdade, mas empolgantes e cheias de heroismo que bem define o valor desse brasileiro do sertão.

A's 2 horas da tarde, terminava a vaquejada. Os vaqueiros, reunidos em grupo imponente, dirigiram-se á casa do juiz de direito, onde se achava o dr. Affonso Penna, sendo ahi entregues os premios destinados aos que mais se haviam distinguido.

Pouco depois deixámos Ceará-mirim, tomando o trem para Natal, onde chegámos ás 4 horas.

Nesse mesmo dia, ás 7 horas da noite, foi pelo Lloyd Brasileiro offerecido, a bordo do «Maranhão», um banquete ao governador do Estado.

Ao banquete, succederam-se danças no convez, então cheio de senhoras e senhoritas natalenses.

Já em noite avançada, foram sahindo os convidados, que alegravam o navio e este foi, aos poucos foi ficando apenas com os que no dia seguinte, bem cedo deveriam seguir para o Ceará.

DE NATAL Á FORTALEZA

Na manhã de 14 poz-se em movimento o « Maranhão » dirigindo-se, em aguas do estuario do Rio Grande do Norte, para a perigosa barra cheia de recifes e de bancos de areia.

A' margem direita, os montes de areia antigamente desnudados, estavam já cobertos de « chinça », uma Bromeliacea recentemente plantada no intuito de fixar as dunas. Cercas de varas seccas cortavam esses morros esbranquiçados no sentido da sua maior inclinação.

Por esse meio já as dunas estavam dominadas nª encosta léste, que era a mais temida, visto virem dessa direcção os ventos que conduziam a areia movediça para entulhar o canal.

A' margem esquerda, entretanto, vi montes de areia que se succediam ininterruptos ao longo da costa, apenas deixando apparecer, aqui e alli, a grandes intervallos, as pontas dos morros mais altos, cobertos ainda de vegetação.

O navio, guiado por pratico perito, ia descrevendo sinuosidades, seguindo a linha caprichosa do canal, e ora passava junto á costa, ora desviava-se de um rochedo submerso, até enfrentar a ponta do comprido recife, sobre o qual se acha o forte dos Reis Magos. Dahi por diante entrava no oceano — estava livre da barra em que alguns navios, por impericia dos que se julgavam « praticos », haviam naufragado.

A commissão, mantida em Natal pelo governo Federal, para o melhoramento do porto, está quebrando as pedras e recifes da entrada da barra, de modo a tornar approximadamente recto o canal. Foi-nos annunciado que, em homenagem á visita do dr. Affonso Penna, seria explodida uma mina de 7 kilos de nitroglycerina, na «cabeça de Negro», rochedo que emerge no meio da barra proximo á sahida para o oceano. A explosão dever-se-ia dar na manhã da nossa passagem, quando estivesse á distancia conveniente o «Maranhão»; infelizmente, porém, ninguem de bordo poude observar o annunciado espectaculo.

Durante algum tempo fomos sempre avistando a costa brancacenta e arida, pontilhada de picos verdes, como que perdido no meio da duna intermina. Os coqueiraes só mui raramente se mostravam.

Aos poucos fomo-nos afastando da terra — a faixa branca de areia ia-se transformando lentamente em estreita fita marginal que só a custo, então, já se podia distinguir.

Por fim apenas restava no horizonte uma especie de mancha esbranquiçada — era o cabo de S. Roque, que dentro em pouco tambem desapparecia.

O mar estava de uma mansidão surprehendente ; o navio como que deslisava sobre mollas delicadas que amorteciam qualquer choque ou abalo ; estavamos nelle como em uma casa firme, e chegavamos mesmo a perder a noção de viagem em mar. Estavamos recobrando as terriveis horas que passamos no « Estrella », cujo *cabritamento* nunca mais esquecerão todos aquelles que tiveram a ventura de supportal-o, desde a Bahia até Maceió. E' a lei das compensações : em um caso — um inferno ; em outro — um céo aberto.

A's 3 horas da tarde, presenciavamos um facto realmente digno de nota : o navio atravesára nessa occasião um cardume de peixes voadores, que surgiam da agua soltando, em varias direcções, vôo ás vezes

de algumas dezenas de metros. Surgiam sempre da cumiada da onda espumarenta, e era verdadeiramente bello ver essa alluvião de habitantes do mar mostrando as suas nadadeiras transformadas em azas que, mesmo sem pennas, estavam todavia a desafiar as emplumadas dos passaros.

Como que para tornar bem patente o seu arrojo, já ao escurecer, um desses curiosos voadores marinhos, subindo bastante alto, veio cahir sobre o convez do « Maranhão». Era o representante da população oceanica que, sem discurso e sem hymno nacional, vinha tambem render as suas homenagens...

Dispensou-se acolhimento carinhoso ao heroico voador, que depois de alguns minutos, em que esteve agasalhado nas mãos quentes de pessoas de bordo e em que teve a honra de receber os cumprimentos do Presidente eleito da Republica, foi novamente conduzido ao imperio de suas aguas.

Apesar de ser bastante rapida a visita deste illustre hospede, devo salientar que deixou de si as mais gratas recordações.

Não foi entretanto, a unica visita desse genero que tivemos a bordo.

Na manhã do dia seguinte, talvez por não quererem que só aos representantes das populações das aguas coubesse a ventura de ter estado a bordo do « Maranhão », tambem os dominadores do ar enviaram um emissario, que esteve durante algum tempo aboletado em um dos mastros do navio.

Foi o annunciante da costa vizinha da fortaleza : dahi a pouco começamos a avistar o pharol de Mucuripe, situado na extremidade de um pequeno promontorio, ligado ás dunas que, depois de pequena interrupção, reappareciam na capital do Ceará.

Logo adeante do pharol, o morro elevado e alvacento mostrava o poder destruidor da sua marcha lenta e terrivel ; palmeiras, que bordavam a costa, estavam

quasi totalmente enterradas na areia ; de algumas já se viam apenas as ultimas folhas da copada, como um naufrago que lançasse para o ar, em esforço supremo e ancia de agonia, os braços movidos pelo desespero, pedindo e supplicando nessa linguagem ensinada pelo instincto, soccorro, salvação...

Mais adeante, as primeiras casas do bairro do Mucuripe já tinham tambem a cavalleiro o formidavel monte de areia ; algumas janellas jaziam sepultadas na duna e pouco faltava para que esta começasse a soterrar o telhado.

E a mesma força que enfuna velas, auxiliando o homem a vencer as distancias ; que move os moinhos elevando a agua que conforta ; que varre a atmosphera e dos aposentos enxota germens perniciosos — esse vento ás vezes tão benefico, é o mesmo que transporta aqui, em rumo de léste-oéste, a montanha portadora da aridez e desolação, a montanha que sepulta morros, casas, arvores e tudo o que encontra em seu caminhar mortifero.

Entretanto, não é a duna em absoluto uma dominadora invencivel. Bastava que os cearenses seguissem o exemplo apresentado pela capital do Rio Grande do Norte, onde, em uma extensão enorme, as areias movediças foram obrigadas a tornar-se fixas.

Não se póde imaginar qual o motivo de estarem os cearenses assistindo de braços cruzados a essa invasão das dunas, sem ao menos tentar, pelos meios tão conhecidos, a sua fixação.

Passando por entre uma chusma de jangadas, enfeitadas e embandeiradas, foi o «Maranhão» lançar ferro a uns 200 metros da ponte metallica que nesse dia, 15 de junho, ia ser inaugurada.

Eram 8 1/2 horas quando, depois de longa demora motivada pelo medico da saude do porto, que parecia ter-se esquecido de visitar o navio recentemente ancorado, embarcou o dr. Affonso Penna com o Governador

do Estado e outras pessoas que tinham vindo cumprimental-o a bordo, em um escaler que atracou á escada da ponte de desembarque.

Estavamos livres das «cadeirinhas», unico meio de desembarque que até então podia ser usado no porto agitado de Fortaleza e que era este : chegando o escaler a certa distancia da praia, negros possantes arrebatavam nos braços o passageiro, levando-o sentado sobre os braços que elles cruzavam em fórma de «cadeirinha», ou então, levavam o passageiro carregado ás costas ou seguro mesmo entre seus braços. Comprehende-se quanto era incommodo o systema de desembarque então usado na capital do Ceará. E' preciso dizer que, apesar da ponte, aquelle systema ainda é empregado, pois que nem todos têm permissão de se utilisar da escada de desembarque.

A CIDADE DE FORTALEZA

Nas 22 horas que gastamos para percorrer as 268 milhas ou 494 kilometros (tomando para a milha..... 1.851,^{m}8) do Natal até Fortaleza, o mar havia tido para comnosco a maxima gentileza, poupando-nos o desgosto de soffrer as consequencias de grandes oscillações do « Maranhão ». No desembarque no porto da Capital cearense já não se conservava, entretanto, com a mesma feição : o escaler que nos conduziu á ponte de ferro, subia e descia, impulsionado pelas ondas em um vaevem incessante, mostrando ser verdadeira a tão falada difficuldade para nesse porto saltar-se em terra.

No momento dado, encostado o escaler á escadinha que pendia do alto da ponte, saltamos rapidamente, um a um, e estavamos, emfim, em plena terra cearense.

Dessa ponte de ferro, que póde ter de comprimento uns 100 metros, sahimos logo na praia arenosa onde a custo podia-se caminhar devido á grande quantidade de areia solta.

Toda a costa fronteira á cidade está tomada por essas areias moveis que já têm sepultado edificios e algumas construcções importantissimas que se fizeram para o melhoramento do porto. Mesmo junto á praia e no começo da cidade, ha uma casa que apenas tem o telhado a descoberto ; dentro de mais alguns annos não só a duna sepultará esse resto da antiga casa habitada,

como invadirá tambem a Alfandega, que está distante apenas uns 5 metros da extremidade inferior do talude instavel da montanha de areia brancacenta.

Um quebra-mar construido á custa do governo federal, e que ficou em cerca de 7.000 contos, está hoje completamente rodeado pela areia, tendo apenas a sua extremidade á beira da praia e assim mesmo sem poder ahi atracar embarcação alguma. Era destinado a servir de caes de desembarque, pois, na occasião em que fôra construido o mar banhava-o pelos dous lados, em todo o seu comprimento. Hoje, os paredões nivelam-se com a areia que vae ininterrupta até a cidade distante uns 400 metros.

Feito para ser banhado pelas aguas do mar, está hoje esse quebra-mar mergulhado no oceano de areia —a duna invasora, nomade e mortifera.

Separada dessa camada de areia, está a cidade propriamente, com ruas bem esquadriadas, limpas, calçadas e casas tambem limpas e bem conservadas; é illuminada a gaz e possue de linhas de bondes de tracção animal.

Ao subirmos para a cidade, vimos logo que a Parahyba, que até então tinha tido a primasia quanto á representação numerica do sexo « elegante e bello », estava já em 2º logar, pois que assim o demonstravam as numerosas cearenses formando filas interminaveis de um e outro lado das ruas por onde passavamos. Era uma cidade em que, evidentemente, o sexo feminino prodominava. Mais tarde, soubemos que a proporção era de 1 homem para 10 mulheres. E' realmente um facto bem curioso o dessa desproporcionalidade entre os dous sexos.

A cidade, cuja população é de 50.000 habitantes, prima por sua limpeza : casas pobres em que seria descupavel um certo desrespeito ás regras elementares de asseio, observam como as dos ricos os mesmos preceitos hygienicos ; trabalhadores, operarios diversos, qual-

quer que seja o seu ramo de officio, mostram claramente o seu amor ao asseio — a sua roupa póde estar crivada de remendos, mas, em regra geral, está limpa.

Será curioso notar que esta cidade, cujo asseio póde servir de norma, luta denodadamente para se prover do elemento indispensavel á hygiene — a agua.

A agua é obtida de cisternas ou poços, sendo quasi sempre encontrada a uma profundidade que, no inverno varia de 2 a 8 metros, conforme o local. Estes poços, mesmo no tempo secco, que é de agosto a dezembro, conservam a agua, cujo nivel apenas baixa um tanto.

Geralmente, cada casa tem a sua cisterna donde se retira a agua ou por meio de «sarilho» — um balde preso a uma corda que o leva até o fundo e se enrola em um cylindro movel de madeira movido á mão, ou por meio de moinhos de vento. Destes ha em Fortaleza um grande numero.

Na perfuração desses poços encontram-se, em regra : primeiro, uma camada de areia ; depois, uma de argilla não muito espessa ; e, por fim, uma segunda camada de areia. Em ambas as camadas de areia se encontra a agua ; na ultima, porém, esta apparece em maior porção, havendo poços, com torneiras de 2 ou 3 pollegadas, que a jorram na quantidade de 30.000 litros por dia.

Poucas são as casas que utilisam como aguapotavel a que é fornecida pelos poços situados dentro do perimetro da cidade, pois que não só é uma agua de mau gosto, como tambem deve estar, certamente, contaminada pelos innumeros fossos de materias fecaes existentes dentro daquelle mesmo perimetro.

A agua de beber é tirada em poços especiaes, situados longe da cidade e é vendida a 300 réis a «carga». Uma «carga» consta de 4 «canecos», e cada ca-

neco tem 20 litros. O preço do metro cubico ou 1.000 litros é, pois, de 3$750.

A agua como a da Parahyba, Natal e Recife, não faz espuma com o sabão e quando se lavam as mãos ou o rosto, por exemplo, sente-se uma falta qualquer — é a espuma, sem a qual parece que a limpeza não se fez. O sabonete, por melhor que seja, fica rebaixado a um nivel commum dos não espumantes ; dá a impressão de um sabão qualquer de lavar roupa.

A cidade tem uma renda annual de 200 contos e o Estado, de 2.800 contos.

Ha tres secretarias : Interior, Finanças e Justiça.

O secretario da Justiça accumula as funcções de Chefe de Policia.

O batalhão de Segurança, que faz o policiamento do Estado, tem 650 praças.

A capital é governada por um intendente nomeado pelo Presidente do Estado, e por um conselho de vereadores eleitos pelo povo.

O «Passeio Publico», o melhor jardim que temos visto nas cidades até agora por nós visitadas e que sabemos mesmo ser o mais bem tratado das cidades do norte, é o ponto de reunião, ás quintas-feiras e aos domingos, dos membros da sociedade de Fortaleza.

Ahi, em uma rua de pavimento caprichosamente ladrilhado, no extremo do jardim e donde se descortina o mar, vêm-se nesses dias centenas de moças, trajadas com elegancia, que, em adoravel e respeitosa promiscuidade com os representantes do «sexo feio», tornam esse jardim verdadeiramente unico no genero. E' a avenida «Caio Prado», que, certamente, muito deve ter concorrido para a diminuição do numero de senhoritas e augmento do das senhoras na capital cearense.

Junto dessa avenida do jardim e para o lado do mar, está a «Fortaleza», nome que, mais tarde, foi dado á cidade. E' um terraço com um parapeito de pedra onde, em aberturas ahi existentes, descançam as boc-

cas de uma meia duzia de peças de artilharia antiquada, cujo unico serviço é hoje o de dar salvas. E' uma fortaleza apenas no nome, pois de facto, ella de nada servirá em caso de guerra. Antigamente, o mar vinha beijar o paredão desse forte construido em tempos remotos ; hoje elle está afastado cerca de 500 metros. A duna não se limita apenas a soterrar casas e palmeiraes ; ella lucta tambem contra o oceano ; invade-lhe os dominios e o expulsa definitivamente, tornando-se então senhora absoluta.

E' mais umas das tantas victorias alcançadas por essa duna poderosa, no seu caminhar de conquistadora.

Além do Passeio Publico, possue a Fortaleza outras praças ajardinadas.

Na praça da Estação ha um monumento que se salienta por ser todo feito de marmore do Itapahy, Ceará, inclusivé a estatua do general Sampaio, que fica na parte superior do pedestal marmoreo.

Varias fabricas existem na zona da cidade : de tecidos, rêdes, oleos etc.

A fabrica de oleos «Proença» só trata sementes de algodão. Possue um motor de 60 cavallos effectivos.

O oleo produzido é de inferior qualidade, sendo todo empregado, pelo proprietario da fabrica, no preparo de sabão grosseiro. As sementes custam 40 a 50 réis o kilo, e o sabão é vendido a 400 réis a mesma unidade de peso.

Como producto secundario importante, retira-se da fabricação do oleo, o bagaço, que é vendido a 100 réis o kilo principalmente para a alimentação de vaccas. Uma vacca come 5 kilos por dia, bastando que se intercale um pouco de feno, capim ou milho para que ella tenha uma boa e completa ração.

Vende a fabrica annualmente cerca de 4.000 kilos de bagaço de algodão.

A quantidade de semente tratada por anno é de 800 toneladas approximadamente.

DE FORTALEZA Á QUIXADÁ

A's 6 horas da manhã de 16, tomámos o trem da estrada de ferro Baturité, que nos devia levar até a cidade do Quixadá, em cujas vizinhanças está construido um grande açude, que era o objectivo da viagem.

A velocidade do trem, para uma estrada de 1 metro de bitola, deixava muito a desejar, pois era apenas de 16 a 18 kilometros por hora, devendo observar-se que era um trem especial conduzindo o futuro Presidente da Republica, para quem o tempo tem um valor extraordinario.

Razão alguma, a não ser o mau estado de conservação da via e do material de tracção e rodante, explicava essa velocidade «carangueijal», visto que as condições technicas de estabelecimento da linha foram muito boas : rampa maxima de 1,8 % e raio minimo de 150 metros.

Via-se, realmente, o leito da estrada sem banqueta e sem um revolvimento qualquer que mostrasse o cuidado necessario pela conservação de dormentes em bom estado. Tambem os trilhos em alguns pontos tinham as suas beiras esgaçadas, indicando que prestavam serviço muito além do tempo em que podiam fazel-o com segurança.

Essa estrada, pertencente á União, está hoje arrendada a uma firma que recebe, constantemente, re-

clamações do commercio por causa da morosidade do transporte e exaggero de fretes e preço de passagens.

De Quixeramobim á Fortaleza, 235 kilometros, uma tonelada de sementes de algodão paga de frete 32$000, o que corresponde a pouco menos da metade do seu preço de venda, isto é, de 5 libras. Informaram-me que por este motivo, grandes porções de sementes deixam de ser transportadas para as fabricas em Fortaleza, ficando totalmente inaproveitadas.

De Senador Pompeu á Fortaleza, 287 kilometros, o frete de uma tonelada de algodão é de 75$000, ou seja o dobro do custo do transporte do mesmo peso de algodão de Fortaleza a Hamburgo.

Dizem que, devido ás tarifas, o gado não póde ser levado á Capital pela estrada de Ferro; é preferivel sujeital-o á penosa travessia em que nem sempre elle encontra agua e pasto, de modo a impedir que chegue magro e desvalorizado no ponto de destino.

Citaram-me varios productos que são transportados em costas de animal, entre estações da estrada e a Capital, por não supportarem os fretes.

A estrada emprega a lenha como combustivel, não devendo, porém, ser attribuida a este a sua *vertiginosa* velocidade de 18 kilometros por hora.

E' curioso notar tambem que, ao passo que outras estradas de ferro se esforçam por facilitar as viagens, empenhando-se em attrahir o mais possivel o passageiro, a de Baturité chegou ao cumulo de supprimir a propria passagem de ida e volta.

Na estação da Aracoyaba, que occupa o vertice de um angulo agudo ahi formado pela linha, o trem é invertido, passando a machina para a frente dos carros que vêm na cauda. Na estação seguinte — Baturité, a um kilometro da cidade do mesmo nome, faz-se demorada manobra para reconstituir o trem, perdendo-se com isto um tempo precioso.

Esta irregularidade injustificavel na linha é devida a ter sido adoptado para seguimento da estrada o traçado de um ramal que devia ir até Baturité.

Que se désse essa modificação no traçado, comprehende-se ; mas construir-se um trecho em taes condições e conservar até hoje esse systema absurdo de fazer o trafego, é de todo inconcebivel, uma vez que se saiba que obstaculo algum se oppõe para evitar esse « bico », que tanto incommodo dá aos pobres passageiros por causa das taes manobras interminaveis.

Em Riachão, o trem, que até então não primava muito pela velocidade, quiz dar uma nota de aproveitamento do tempo : poz-se em movimento e partiu, deixando na estação o dr. Affonso Penna e outras pessoas da comitiva. Aos gritos de « Pára ! Pára ! », proferidos com insistencia, o apressado trem obedeceu felizmente, parando a uns 200 metros da estação.

Esse incidente forneceu assumpto para alguns commentarios e boas risadas.

Até a serra do Itahy, o terreno é coberto de catinga alta, verde e muito semelhante ás capoeiras ou capoerinhas mineiras. Ao lado direito da linha, tinhamos visto as serras do Maranguape, cuja altitude, no alto, é, segundo medidas feitas pelo barão de Capanema, Freire Allemão e outros, de 870 metros ; a de Pacatuba ou Aratanha e depois as de Baturité e Coité. As encostas dessas serras apresentavam, esparsas, pequenas roças de milho e um ou outro cannavial tambem de pequenas dimensões, assim como blocos esbranquiçados da rocha que as formava.

A rocha que mais vi e que, segundo me affirmaram, é a mais commum nessa região, foi o gneiss. Não é, entretanto, a unica que ahi se encontra. Vi em uma estação, para ser empregada em construcções, grande porção de granito. Tambem na serra de Itahy existe um calcareo esbranquiçado, que fórma rochedos salientes e elevados em meio da catinga.

Pouco antes de Quixadá, passa-se por extensa erupção de rocha escura, semelhante á diabase, apparecendo em seguida a rocha que fórma todo o terreno da zona. É uma rocha feldspathica, em tudo semelhante á syenita, apresentando-se com um aspecto dos mais curiosos. Em meio da extensa planicie coberta de campo cerrado, elevam-se, completamente limpos de qualquer vegetação, immensos penhascos da rocha núa, que, devido a uma desnudação realizada em época geologica por mim desconhecida, ahi ficou como um attestado do formidavel poder erosivo das aguas que em tempos remotissimos tudo ahi cobriam.

Esta acção das aguas é bem evidente ainda por outros signaes que ellas deixaram. Sobre o sólo, e a uma profundidade de alguns decimetros, vêm-se seixos rolados formando ás vezes, uma verdadeira camada bem definida. Além disso, na região de Quixeramobim, disseram-me, encontram-se, no grês ahi abundante, fosseis marinhos sobre cuja classificação não me puderam informar.

O solo nas vizinhanças de Quixadá é arenoso e esteril, sendo coberto, como disse, desde a serra do Itahy, de campo entremeado de arvores rachiticas e folhas amarelladas, mostrando perfeitamente a difficuldade com que ellas luctam para achar alimentos.

Das rochas isoladas, a mais alta e que se avista em primeiro logar, como um arauto a annunciar a grandeza do panorama quixadense, é a Pedra Aguda, situada na parte oriental da zona. E' de fórma conica e a sua altura sobre o terreno póde ser avaliada em uns 150 metros.

Um dos mais curiosos desses rochedos, que brotam no chão arenoso como se fossem gigantescos cogumelos de fórmas diversas e semeados pela planicie, apresenta-se com uma face talhada a prumo e com uma serie de sulcos verticaes e rigorosamente parallelos, que não atravessam a rocha de um lado a outro, po-

rém, mesmo ao longe bem se distinguem. Esses sulcos, effeitos de erosão de aguas pluviaes, deram ao rochedo o aspecto de um pente colossal, cujos dentes estivessem voltados para o ar.

Esses rochedos, cuja altura acima do solo regula ser de 50 a 100 metros, approximadamente, representam sem duvida alguma os destroços de um grande massiço de syenita que antigamente iam ligar-se ás serras que formam as encostas do valle por onde corre o Satiá.

Na zona da capoeira ou catinga a terra é argillosa, avermelhada ou amarello-avermelhada, sendo sufficientemente fertil. A's margens da estrada de ferro vêm-se umas poucas roças de milho intercalado de algodoeiro, mandiocaes, alguns cannaviaes e maniçobaes.

Todas estas culturas, porém, são em pequena escala ; cada uma dellas não attinge uma area de 2 hectares.

As roças são tratadas pelas mulheres, pois que os homens, geralmente, emigram para o valle do Amazonas, para a extracção da borracha.

Para se avaliar a importancia desta emigração, basta dizer que entram annualmente no Ceará 2 a 3 mil contos de economias procedentes dos cearenses seringueiros que foram ganhar a vida no pestifero igapó amazonense.

Na zona marginal á estrada de ferro Baturité são pouco frequentes as habitações ruraes. Não vimos siquer uma fazenda de certa importancia.

Nem mesmo existem estradas que cortem em varios sentidos a região ; apenas uma ou outra vez viamos uma estrada estreita e pouco trilhada ao longe ou desembocando no leito da linha ferrea.

Não é, pois, uma região prospera.

Os maniçobaes, que não são grandes nem numerosos, são, ao contrario do que eu julgava, plantados e

as arvores não apresentam sempre um aspecto sadio; são, ás vezes, rachiticas, de folhas amarelladas, esguias e de apparencia doentia.

Não vi uma arvore de maniçoba que apresentasse a pujança da que existe no Parque de Bello Horizonte. Entretanto, essas arvores, mesmo fracas, representam uma das fontes mais estimaveis de riqueza; cada uma dellas dá em média 250 grammas de borracha por anno,

A maniçoba não vegeta no littoral, pois só produz bem em terreno francamente argilloso.

A borracha é obtida pelos processos communs de coagulação. Não trataram aqui de experimentar as machinas recentemente preconisadas para tal fim; ao passo que na Bahia o governo já fez acquisição de uma «Michie-Golledge-coagulator», fabricada pelos srs. Walker & Sons, Colombo, Ceylão. Esta machina tem dado resultados admiraveis, pois prepara a borracha em fitas delgadas e sem impureza alguma, tornando o producto muito mais valorizado.

O Estado do Ceará exporta, por anno, cerca de 3.000 contos de borracha de maniçoba.

O AÇUDE DO QUIXADÁ

O açude do Quixadá fica a 6 kilometros da cidade do mesmo nome, e está ligado a esta por uma linha de bondes de tracção animal, estabelecida pela commissão constructora dessa grande obra contra a secca.

Tomamos, ás 6 horas da manhã de 16, o bonde na cidade e chegamos ao açude ás 6 1/2.

O aspecto da obra é dos mais imponentes.

Uma grande muralha central e em fórma de arco com a concavidade voltada para o exterior do açude, de 415 metros de extensão e 16 de altura, toda de cantaria lavrada, é a parte que mais se salienta. O seu cahimento é muito pequeno, de sorte que offerece uma apparencia de muro vertical.

Esta muralha central liga-se por ambas as extremidades a rochedos de syenita, isolados em meio do valle do Satiá.

Completam a barragem duas muralhas de pouco mais de 100. metros cada uma, que, a partir daquelles rochedos, vão até a encosta, fechando o valle.

O rochedo que fica para a margem direita do Satiá, chama-se «Pedra Faladeira», devido a apresentar a particularidade notavel de reproduzir nitidamente tudo o que se diz quando se está collocado em certos pontos das suas proximidades.

Para mostrar a precisão do echo, basta reproduzir aqui o seguinte facto que me foi relatado por pessoa fidedigna.

Em uma cerimonia religiosa, celebrada no açude para solemnizar qualquer cousa referente ao serviço, haveria sermão, pregado ao ar livre por um padre vindo de uma cidade longinqua. Attendendo a commodidades offerecidas pelo local, armaram o pulpito junto á «Pedra Faladeira», sem se lembrarem da tagarelice do rochedo.

No momento opportuno, o sacerdote subiu ao pulpito, e depois de explorar com a vista o enorme auditorio, começou a sua oração solemne, dirigida a centenas de operarios e pessoas de differentes posições sociaes.

Em meio do silencio profundo dos fieis, as suas primeiras palavras passavam provocando a maxima attenção.

O pregador logo notou que as suas phrases estavam sendo repetidas ; a principio, julgou um engano de sua parte, mas depois reconheceu que, de facto, alguem ousava reproduzir tudo o que elle gravemente dizia.

Para certificar-se, emfim, de modo absoluto, lançou no correr da dissertação, propositalmente, um texto latino ; duvidava que este fosse repetido pelo individuo, sem duvida de baixa classe, que estava a divertir-se com o seu sermão.

O texto latino, porém, foi reproduzido com admiravel nitidez. O pregador não se poude conter : enraivecido, desceu do pulpito, proferindo phrases que não eram propriamente de pregação nem de amabilidade para com os ouvintes.

Estes, espantados, attribuiram o facto a qualquer desequilibrio mental que desgraçadamente houvesse invadido o sacro pregador.

Pouco depois soube-se tudo, e então, custaram a convencer o sacerdote, que era a Faladeira, tagarella incorrigivel, a causadora de todo aquelle desastre oratorio.

A area do açude é de 21.800.000 metros quadrados e a da bacia hydrographica, cujas aguas irão ter a elle, de 210.000.000 de metros quadrados:

Quando completamente cheio, comportará..... 125.000.000 de metros cubicos d'agua.

O açude até hoje, porém, nunca se encheu; foi de 8,^{m}80 a altura maxima attingida pelas suas aguas.

Nós o vimos, a bem dizer, sedento, pois havia apenas, abrangendo pequena parte do seu fundo, insignificante quantidade d'agua coberta de limo esverdeado.

O anno tinha corrido muito bem relativamente a chuvas, e por isso é que nos causou surpresa ver o açude em tão miseras condições de agua.

Si esta em um anno julgado bom, ahi já não existia em junho e ainda no tempo das chuvas, como poderia o açude fornecel-a nos angustiosos annos de secca? !

E' uma consideração natural que cada um fazia, vendo vasio o colossal reservatorio.

Este foi feito na previsão de chuvas annuaes que só excepcionalmente cahem na região.

Desde 1894 até o presente, não se registrou precipitação annual capaz de encher o açude; e entretanto, nesses 12 annos já houve um periodo—1898—em que a população experimentou os horrores da secca. Isto mostra que, mesmo que o açude estivesse concluido nessa época de calamidades, elle disporia de uma quantidade d'agua representada apenas por uma fracção diminuta de sua capacidade.

Segundo as observações do illustre sr. dr. B. Piquet Carneiro, director das obras do açude, é de 700 mm. a altura média pluviometrica annual no Quixadá. Nestas condições, a quantidade de chuvas que póde ser recebida no açude é de 147.000.000 de metros cubicos.

Entre a quantidade total da agua que o açude póde normalmente receber e aquella para a qual elle

está calculado, ha apenas a differença de 22.000.000 de metros cubicos. Ora, suppondo que a infiltração e a evaporação consummam sómente 1/3 da chuva cahida (numero muito inferior ao verdadeiro), restariam apenas 98 milhões.

Chegamos a esse resultado suppondo que a chuva cahe uniformemente em toda a bacia do açude, o que não se dá, porque um dos caracteristicos da chuva no Ceará é justamente esse de cahir em pequenas areas separadas umas das outras.

Este facto designa-o o povo pelo nome de «chuva pintada». Nestas condições, o total da agua de chuva recebida ainda diminue, o que faz com que seja menor a quantidade d'agua que o açude poderá receber.

Para esta quantidade, só se entra em conta com as aguas de chuva, porque o curso d'agua represado—o Satiá—é insignificante e, póde-se dizer, quasi nullo o seu concurso para o enchimento do açude.

Da muralha central parte, entretanto, o grande canal de alvenaria, de 400 metros, até uma primeira comporta,d'onde se continúa,mudando de direcção,por outro de fundo e paredes de terra, até uma segunda comporta, dividindo-se, então, em dois: «canal do norte», e «canal do sul.»

Estes canaes são destinados á irrigação de 2.000 hectares de terra. Foram calculados para a descarga do açude supposto cheio, facto que até hoje existe apenas nas previsões provaveis e dependentes de chuvas excepcionalmente fortes.

Como um remedio á sêde do açude, pensou-se em lhe trazera agua do Quixeramobim; a este respeito, porém, eis o que encontramos no telegramma que se segue, dirigido em principios de novembro de 1906 ao sr. Ministro da Viação, pelo sr. dr. Antonio Olyntho, superintendente dos estudos e obras contra os effeitos da secca do Norte:

« O nivelamento rigoroso do leito do rio Quixeramobim, no ponto mais proximo ao açude de Quixadá revelou que aquelle leito está a 21 metros mais baixo que o sangradouro do referido açude.

Para levar directamente agua do Quixeramobim ao Quixadá seria necessaria uma barragem de cerca de 35 metros de altura, além da abertura de um largo canal de mais de 40 kilometros de extensão, obra esta mais consideravel que o proprio açude do Quixadá.

Releva notar que o terreno ondulado não se presta á facil abertura do canal na costa requerida.

Envio a v. exc. essas informações como antecipação e resposta ao officio n. 99 que mandarei brevemente. »

E' realmente curioso! Depois de feito o açude, vae-se quebrar a cabeça para saber de onde se lhe poderá levar agua!

Depois de despendidos 4 mil e tantos contos chega-se a este resultado: « O açude está prompto; falta-lhe agora a agua; assim, é preciso ver de onde esta ha de vir. »

Si ao menos ainda estivessemos nos bons tempos de Moysés...

Nas proximidades do açude vimos sómente uma pequena roça de milho e feijão, de cerca de um hectare; não vimos mais cousa alguma que indicasse o cultivo da terra.

Tanto no Satiá como na cidade de Quixadá, não se vê uma horta cultivada, uma arvore fructifera, tornando-se, assim, bem patente que o açude, apezar de estar calculado para irrigar 2.000 hectares, durante 3 annos, como se acha indicado em um bello trabalho do sr. dr. Piquet, não póde fornecer agua nem para as necessidades de pequenos horticultores. A região apresenta um aspecto de aridez e esterilidade acabrunhadoras.

Além do capim de alguns centimetros de altura, resequido, amarellado, apenas vi mais abundantes, uma *Cassia*, Leguminosa, conhecida por *mata-pasto*, formando colonias mais ou menos extensas e o *melão de S. Caetano*, *Momordica charantia* LINN., Cucurbitacea.

A cidade do Quixadá, cuja população é de cerca de 1.000 habitantes, está situada em uma planicie despida de vegetação arbustiva, onde a agua é obtida com grande difficuldade.

Para tel-a em quantidade escassa, cavam-se poços ou então cercam-se, por meios de muros, depressões existentes nos rochedos das vizinhanças da cidade, onde se acumulam, então, as aguas das chuvas.

A agua destes ultimos reservatorios é a melhor, e a unica que se póde beber sem inconvenientes; a dos poços é de mau gosto e até mesmo venenosa.

Contou-me o illustrado sr. dr. Piquet Carneiro, cuja saude está bastante compromettida devido a sua estada em Quixadá, que pessoas chegadas á cidade são accommettidas de vomitos pouco depois de beberem a agua de poços.

Acho exquisito que se enverede por esse caminho de querer povoar a todo transe uma região inhospita como essa, quando em outros pontos do Brasil a terra fertil, banhada por uma atmosphera sadia, está pedindo apenas o concurso do braço trabalhador para produzir fartas colheitas.

Em vez dessa lucta titanica, mantida pelo heroismo do cearense contra os elementos naturaes, era preferivel que este se resolvesse a se installar em outros pontos do territorio nacional onde seu esforço tivesse melhor compensação.

Que ficassem essas regiões deserticas para serem povoadas quando a densidade da população nos pontos

mais bem aquinhoados pela Natureza, fosse realmente grande.

E em vez de se empregarem 4.000 contos na construção do açude de Quixadá, seria talvez mais vantajoso favorecer com esta quantia o desenvolvimento da nossa rede ferro-viaria, levando-a a pontos que só esperam meios faceis e baratos de transporte para tornarem-se factores importantes da riqueza nacional.

Não comprehendo, repito, por que motivo podem ficar despovoados Matto Grosso, Goyaz e uma grande parte do Pará, Amazonas, Minas e mesmo S. Paulo, e só não o pòdem Quixadá e outros pontos aridos e estereis do norte.

E entretanto, aquelles representam a uberdade, a vida em estado latente que só precisa de ser fecundada pelo trabalho humano para apparecer e tomar fórmas de organismo colossal, e estes, infelizmente, a esterilidade pela falta d'agua, a negação das condições favoraveis ao emprego da actividade do homem.

De 1692 a 1903 houve 25 seccas no Ceará, em algumas das quaes desenrolaram-se acontecimentos verdadeiramente horrorosos. Na secca de 1824-1825, morreu de fome e sêde 1/3 da população ; na de 1877-1879, que foi das mais terriveis, reuniram-se em Fortaleza 180.000 famintos e em Acarape 100.000. O governo imperial gastou em auxilios 72 mil contos.

Na secca de 1888-1889, emigraram 60.000 pessoas e na de 1898-1900 sahiram do Estado 100.000.

Mesmo nos annos chuvosos, as precipitações atmosphericas não se fazem no Ceará com a regularidade desejavel e util ás plantações. Após um periodo de chuva que transforma as estradas em atoleiros, succede uma secca que torra a maior parte dos vegetaes. O caboclo oxprime este facto pelo singello proverbio : «Ceará torrado ou atolado».

A propria cidade de Quixadá tem sido victima de enchentes do valle do Satiá, que logo depois volta ao seu estado normal de sequidão.

O açude do Quixadá, cuja construcção foi deliberada ainda pelo governo da monarchia, está quasi terminado. Na occasião em que o visitamos, pouco faltava para conclusão das obras, havendo, empregados nestas, 400 trabalhadores.

Como obra considerada sob o ponto de vista puramente technico, o açude do Quixadá honra a engenharia nacional, pois é digno de admiração ; como reservatorio, porém, destinado a fornecer agua nas occasiões calamitosas e tetricas das seccas, a milhares de organismos sedentos, não póde ser alvo, segundo penso, de elogios justos.

PARTIDA DE FORTALEZA — O AMAZONAS

A volta de Quixadá á Fortaleza fez-se um pouco mais depressa do que a ida ; a estrada de ferro esforçou-se para dar, em vez de 18 kilometros, uns 30 por hora, e assim, pudemos chegar á Fortaleza ás 5 1/2 da tarde.

A temperatura, mesmo nas horas mais frescas, nunca esteve abaixo de 26°. Estavamos em um continuo suadouro, ainda quando parados.

O calor, porém, não impede que o cearense se divirta por meio de danças, como bem o verificámos durante a nossa curta estada na capital, pois em uma mesma noite tivemos convite para dois bailes.

Nas danças populares sobresahe o «baião», especie de batuque em que dançam duas pessoas — um homem e uma mulher — ao som da viola. Os bons dançarinos exhibem varios «passos» complicados, «sapateados» tendo um quer que seja de parecido com o cateretê mineiro, e uns tantos trejeitos cuja aprendizagem não deve ser facil.

Vimos um desses dançadores de «baião», um perito dançarino que seguidamente nos mostrou 22 «passos» differentes.

A's 9 horas da manhã do dia 18, deixámos a capital cearense, embarcando na ponte de ferro em escaleres que nos levaram até o «Maranhão» a cujo bordo realizou-se, duas horas depois, um banquete offerecido pela empresa do Lloyd Brasileiro ao sr dr. Nogueira Accioly, governador do Estado.

A's 3 horas da tarde, tendo sahido todos os convidados que tomaram parte no almoço e nas danças animadas que se seguiram, suspendeu ferro o «Maranhão» e vagarosamente foi deixando o porto cearense.

Pouco tempo depois, sahimos fóra das aguas agitadas da costa fronteira á Fortaleza e entravamos em mar completamente manso.

Ao longo da costa, a faixa branca de dunas continuava-se indefinidamente, ora semeadas de coqueiros e arvores e arbustos diversos, ora sem o menor vestigio de qualquer vegetação.

A's vezes, o navio afastava-se bastante da terra para que esta se perdesse completamente de vista ; em outros trechos do percurso porém, avistava-se, longe, a linha escura que denunciava o littoral.

No dia 20, ás 4 horas da tarde, já viamos a Barcapharol, que marca a entrada do Amazonas no mar. Cerca de uma hora antes navegavamos em aguas esverdeadas, que se estendem em larga zona prolongada ao norte e ao sul da embocadura do grande rio.

Todos esperavam com certa anciedade o momento da passagem para as aguas do maior dos rios do mundo.

O mar foi-se tornando verde-amarellado ; na sua superficie só se notavam pequenas ondulações sem a crista espumante caracteristica mesmo das vagas mansas do mar calmo.

Não havia duvida que sentiamos a influencia do Amazonas sobre a pacificação da superficie oceanica. Além disto, de vez em quando, manchas barrentas, em meio da face então amarellada das aguas, mostram-se aqui e alli, destacadamente, como que em reluctancia a se renderem ao desapparecimento imposto pelo oceano. São os ultimos restos esparsos do gigante de agua doce, cujo corpo se esphacela ao penetrar a zona onde impera o Atlantico.

A transição do mar para o grande rio é, pois, lenta, gradativa; entre os dois corpos colossaes que se unem, ha uma zona em que nenhum delles predomina, como para tornar bem patente o respeito que cada um vota ao outro; um, tem a grandeza da massa de agua azulada, que por si só é sufficiente para tudo anniquillar; outro, possue a velocidade, a força que lhe permitte, no embate titanico, vencer a resistencia que aquelle lhe oppõe e leval-o subjugado até certa distancia, revolvendo-lhe, então, as entranhas; um, tem um exercito de ondas e vagalhões em agitação continua, como uma ameaça perenne a tudo e a todos que se acham dentro de sua esphera de acção; outro, deslisando em apparente mansidão por entre filas cerradas de batalhões de arvores, sempre cobertas de folhagem verde e densa, dá mostras de sua potencia, fazendo ouvir o ronco da formidavel «Pororóca» que, com os seus gigantescos «cavalleiros d'agua» a deixarem depois de si brancos alinhamentos de espumas e em carreira vertiginosa e destruidora, tudo leva de vencida.

O mar havia estado, desde o Ceará, muito calmo; entretanto, era sempre o mar —o «Maranhão», jogava levemente, e não era permittido confiar plenamente na permanencia da mansidão das ondas, que de uma hora para outra poderiam enraivecer-se e invadir o navio. Ao penetrarmos, porém, em aguas sob a influencia do Amazonas, tudo mudou: abriram-se as vigias da sala de jantar onde o ar então penetrava aos jorros; o navio agora absolutamente não jogava e sulcava, firme, as aguas amarelladas que no fim de mais algum tempo tornaram-se francamente barrentas.

Tinhamos passado junto á Barca-pharol e estavamos já em pleno rio. Entretanto, só enxergavamos terra do lado de léste—a floresta de arvores com as copadas terminando á mesma altura e como que aparadas por uma thesoura que as tivesse reduzido a um nivel

unico, apparecia lá ao longe, esverdeada, mostrando a linha marginal.

Do lado opposto, porém, não havia um limite para as aguas barrentas; estas estendiam-se indefinidamente, formando uma planice avermelhada que na curva do horizonte confundia-se com o ceu ligeiramente roseo e puro.

Achavamo-nos na bahia de Marajó, entre a ilha deste nome e a margem direita do rio, que até então se nos apresentava como si fosse verdadeiro mar; sabiamos que estavamos em um rio, não porque tudo estivesse de accordo com as noções que possuiamos de um curso d'agua sempre intercalado e deslisando entre duas margens, mas sómente porque nol-o affirmavam.

As aguas, apparentemente paradas como as de um lago, não davam, tão pouco, a idéa de uma corrente; pareciam tão tranquillas como se representassem a face lisa de um espelho. Era uma massa d'agua extraordinaria que apresentava uma mansidão tão acentuada como a sua grandeza—especie de modestia imponente que caracterizasse um gigante.

O sol, já nas proximidades do occaso, illuminava por meio de raios quasi horizontaes, a intermina superfiicie d'agua que então semelhava uma planicie de fogo; aos poucos foi-se mudando a paizagem e no fim de alguns minutos estava completamente apagada a extensa lamina incandescente.

A's 5 horas e 40 minutos a borda superior do sol desapparecia como que mergulhada no enorme manancial, e então, da intensa luz da região equatorial, apenas restava um punhado de laminas coloridas de azul, branco-violaceo, roseo e verde-claro, que se enfeixavam como um leque gigantesco applicado contra a parte occidental da abobada celeste sem nuvens e tinta de azul ferrete.

No lado de léste e irradiando de um centro diametralmente opposto, elevava-se um segundo leque de côres desmaiadas que se iam fundir no zenith com as emittidas directamente do occidente.

Durou esse quadro, que todos admiravam extasiados, 35 minutos—que foi, justamente, o tempo durante o qual ficou illuminado o horizonte depois do desapparecimento do sol.

Tinham-me garantido que nessa região do Amazonas não havia crepusculo apreciavel; entretanto, esses 35 minutos, que representavam a duração do dia alimentado sómente pela luz diffusa do sol abaixo do horizonte, mostravam claramente o contrario. Esse crepusculo dura menos que o das regiões situadas nas latitudes mais elevadas, mas nem por isso poder-se-á negar a sua existencia.

A's 7 horas da noite, cruzavamos com o «Espirito Santo», do Lloyd Brasileiro ; vinha de Manáos e, á pequena distancia do «Maranhão», accendeu tigellinhas, apresentando um bello aspecto, realçado pela noite escura.

Mais um pouco e avistavamos já o clarão que indicava ao longe a cidade de Belém, illuminada á luz electrica.

Enfrentavamos então o pharol do Chapéo-Virado, em seguida ao qual estava bem illuminada a povoação do Mosqueiro,—de onde subiam foguetes á approximação do «Maranhão». Este, depois de navegar mais um pouco, lançou ferro, tendo á vista e á esquerda a povoação do Pinheiro, e á direita o pharol de Tatuoca.

Eram 8 horas da noite.

A pedido dos paraenses, o «Maranhão» devêra ancorar nesse ponto para esperar na manhã seguinte a flotilha que viria ao encontro do dr. Affonso Penna.

Nessa primeira noite, que iamos passar em pleno rio Amazonas, já viamos uma amostra do calor dessa região, pois ás 10 horas a temperatura ainda se conservava a 29°.

CHEGADA Á BELÉM

SUBIDA DO AMAZONAS.- O PORTO DE MANÁOS

Ao alvorecer do dia 21, houve a bordo do « *Maranhão* », delicada manifestação ao sr. dr. Affonso Penna, pelo facto de se passar o anniversario natalicio de sua exma. esposa.

Ás 7 1/2 horas estavamos em marcha para a cidade do Pará.

Um pouco abaixo da villa de Pinheiro, encontramos a flotilha de 23 vapores, a cuja frenta vinha o « *Campos Salles* » trazendo a bordo o dr. Augusto Montenegro, governador do Pará.

Ás 9 horas passavamos defronte da Fortaleza da Barra, isolada no meio do rio e tendo algumas peças, que só servem para dar salvas. Esta fortaleza salvou, com effeito, com 19 tiros a passagem do « *Maranhão* ».

Chegados ás 9 1/2 horas, ao porto coalhado de embarcações diversas—gaiolas, canôas, alvarengas e lanchas—passámo-nos para o « *Campos Salles* » e desembarcamos no trapiche da Companhia Amazonas de Navegação.

Do ponto de desembarque seguimos em carros abertos até as casas designadas para nossa hospedagem, e como o sol estivesse regularmente forte, valeu-nos essa caminhada uma boa dor de cabeça, de que nenhum de nós escapou.

Na tarde do mesmo dia em que chegamos, recebeu o sr. dr. Affonso Penna a triste noticia do fallecimento, em Santa Barbara, do seu irmão sr. coronel Domingos Penna ; resolveu, por isso, sahir no dia seguinte para Manáos.

Do Ceará a Belém tinhamos percorrido 688 milhas ou 1.274 kilometros ; iamos vencer até Manáos 860 milhas ou 1.592 kilometros (a 1.851,m8 por milha).

A 1 hora e quarto do dia 22, sahia de Belém o « *Maranhão* », percorrendo em sentido opposto uma grande parte do caminho feito na vespera, até o ponto em que, por entre um sem numero de ilhas, tomou rumo de Manáos.

Ás 4 horas da tarde, depois de admirarmos a vasta bahia de Marajó, passámos pelas vizinhanças da ilha do Capim, em cujas proximidades se achava, em um banco de areia, encalhado, o vapor « *Macau* » : estava completamente perdido. Um engano no rumo determinou esse desastre.

Mais acima, estava, á margem direita, a embocadura do Tocantins, formando a imponente e enorme bahia do Goiabal.

Os paranás cruzavam-se por todos os lados, apresentando cada qual um aspecto mais grandioso. Podia-se comparar a parte que atravessámos a uma cidade immensa cujas ruas, praças e avenidas tivessem a agua como pavimento e cujos quarteirões, em vez de casas, tivessem arvores formando denso bosque.

Nesse labyrintho de ilhas, « furos » e paranás apreciamos ainda o bellissimo crepusculo cuja duração foi de cerca de 30 minutos.

Á noite, nas proximidades do navio, a agua, como um espelho, mostrava as imagens de estrellas, qual úma chusma de vagalumes que lá em baixo formassem curiosa escolta.

Era uma noite estrellada e bella, mas nem por isso deixava de ser incommoda para nós que supportavamos uma temperatura de 31º. Deitado no beliche suava-se como si fôra o camarote uma estufa.

Na manhã seguinte já haviamos entrado no estreito de Tajapurú, de muitas legoas de extensão e de cerca de 200 metros na sua maior largura. Foi uma das partes mais interessantes do nosso trajecto fluvial.

Em ambas as margens, casas quasi sempre de paredes e coberturas de palha, e mais raramente de paredes de barro e cobertas de telhas ou zinco, appareciam successivamente, a intervallos variaveis, dando ao estreito a apparencia de uma rua extensa em que as habitações fossem bastante separadas umas das outras.

Erguidas sobre uma estacada de modo a ficarem com o pavimento terreo a cerca de 1 metro acima do nivel das aguas do rio, todas essas casas tinham as suas dependencias—gallinheiro, chiqueiro etc.—da mesma maneira suspensas sobre estacadas. Em cada uma dellas por mais modesta que seja, vê-se sempre, quer sobre a ponte de madeira que se prolonga do soalho até o rio, quer em giráos nas suas vizinhanças, um jardim composto de alguns vasos com cravos, sempre-vivas e outras castas de flores.

Em torno de cada uma dessas moradas não ha mais que alguns metros quadrados de area desarborisada; em muitos casos tomaram á floresta apenas a parte exclusivamente necessaria para a construcção da casa, que então ora se ergue á sombra de um grupo de palmeiras, ora sob uma sumaumeira ou outra arvore.

Esses desbravadores do Amazonas, que são quasi todos filhos do Ceará, á passagem do *Maranhão* davam «vivas» e salvas de «riffle» e revolver, mostrando que não estão desconsolados com a vida que ahi levam. Além de desbravadores, são tambem bons colonizado-

res, pois que rara era a casa em que se viam menos de 4 creanças quasi sempre nuas e robustas.

Devido ao clima quente e, provavelmente, á moradia nas vizinhanças d'agua os habitantes não têm grande cerimonia para tomar banho: em frente a uma casa cheia das pessoas da familia—mulheres, homens e creanças—um cidadão, talvez o chefe da casa, estava muito commodamente, a alguns metros da margem, em trajos de Adão, a lavar, no rio, uma rêde.

O estreito de Tajapurú é situado na zona de Breves, onde já se extrahe a borracha da seringueira. Mesmo ás margens do estreito, esta arvore apparece sempre cheia de cicatrizes do golpeio dos seringueiros. Muitas dellas ou, póde-se mesmo dizer, quasi todas ellas, têm as folhas amarelladas e alguns galhos seccos ou despidos de folhagem, deixando transparecer o cansaço devido ao esgotamento do leite que cada anno ellas fornecem, em detrimento de sua saude ; pelo seu aspecto doentio, estas «vaccas vegetaes» nos impressionam como as suas irmãs animaes, quando em extrema magreza do ultimo periodo da tuberculose. Os seringaes já não produzem muito, mas mesmo assim o municipio de Breves ainda é um dos melhores do Pará, devido exclusivamente á borracha; a renda municipal, que era, em annos passados, de mil e tantos contos, reduziu-se actualmente a uma média de 500 contos.

A's 10 horas da manhã, sahindo do estreito de Tajapurú, novamente penetrámos na zona dos largos paranás e furos cruzados em varias direcções; e a 1 hora vimos á nossa esquerda as tres grandes boccas pelas quaes o Xingú lança as suas aguas no Amazonas.

Até a povoação de Gurupá, as margens do rio apenas se assignalavam pelos vegetaes que pareciam emergir das aguas que se intromettiam pela floresta ; não se via terra firme a marcar um limite ao rio. Este aspecto, entretanto, mudou-se de Gurupá para cima : em grandes extensões o rio, si bem que dividido em paranás e furos,

apresenta margens de barranco. As casas ahi já não são construidas sobre giráos, e sim directamente sobre a terra firme.

É a zona cacaueira. Em ambas as margens as plantações de cacau succedem-se ininterruptamente, apenas divididas pelos mandiocaes e bananaes, que existem quasi sempre em torno de cada casa. Nenhuma outra cultura ahi se vê, não falando em uma ou outra pequena roça de milho que rarissimamente apparece. E isto se prolonga até Manáos : sempre os mesmos pequenos lavradores, em torno de cujas casas se estende o cacaual em estreita nesga acompanhando a margem do rio. Umas duas ou tres propriedades mais importantes fazem excepção a essa regra geral.

Não é uma zona rica, pois que, desde que falte a arvore productora da borracha, desapparece tambem a riqueza amazonense, actualmente explorada.

Ao passo que Breves tem uma renda de 500 contos, o municipio de Santarem tem apenas 60 e o de Obidos mais ou menos renda egual.

Visitámos Santarem no dia 24.

A cidade, situada na margem direita do rio Tapajoz e á pequena distancia da emboccadura deste, tem ruas bem alinhadas e casas regulares.

Ahi está installado um mastro de 70 metros de altura, para telegraphia sem fio.

Destina-se a experiencias que vão ser feitas por uma companhia norte-americana para as communicações telegraphicas entre Pará e Manáos ; já foram executadas com feliz resultado transmissões radiographicas entre Pará e Breves, e a companhia, á custa da qual estão se fazendo essas installações, mantém as maiores esperanças de exito.

A cidade possue um mercado pequeno, mas decente, onde vimos tartarugas, as curiosas cuias bordadas, especialidade da industria local, e varios outros objectos en-

tre os quaes o mais interessante era certamente a macacaporanga.

É um vegetal arborescente cujas folhas e partes lenhosas passam como possuindo propriedades importantes em materia amorosa.

Tem um cheiro muito agradavel a macacaporanga, que serve á preparação de uma agua de toilette muito apreciada e procurada pelas virtudes que, segundo a crença corrente na região, ella possue.

Este deseja obter a correspondencia na affeição? aquella deseja um marido? aquell'outra pretende levar a discordia a um lar, chamando para si uma parte das caricias de um esposo? — Tudo isso é obtido facilmente com o filtro enebriante e cheiroso para onde passaram, em solução, as virtudes admiraveis da macacaporanga.

Quando chegámos a Santarem havia, no pequeno mercado, á margem do Tapajoz, dezenas de pequenos feixes de lenho e de folhas da preciosa planta, postos á venda por 100 e 200 réis cada um.

Por occasião do nosso embarque, no mercado ainda ficavam as cuias bordadas, as tartarugas e outros artigos, mas já não se viam os feixes de macacaporanga...

A mercadoria tinha sido pouca para a provisão do grande numero de compradores.

As 9 horas da noite de 25, fundeámos em frente á ilha do Marapatá, já em pleno Rio Negro e a respeito da qual circulam varias crendices.

Pouco antes já se havia reunido ao « Maranhão » o aviso « Manáos », que conduzira pessoas cuja missão era cumprimentar o sr. dr. Affonso Penna por parte do governo amazonense.

No dia seguinte, ás 7 horas da manhã, nos dirigiamos para Manáos, onde desembarcámos ás 9 horas, no caes fluctuante da « Manáos Harbour C°. ».

Devido ao regimen das aguas, que oscillam até 15 metros entre a estiagem (outubro e novembro) e a maxima enchente (março e abril), o caes para atracação não devia ser de alvenaria, pois seria preciso uma muralha de 52 metros de altura, inclusivé 7 metros de cava de fundação, o que elevaria o seu custo a 40.000 contos. Recorreu-se então ao caes fluctuante cuja construcção, projectada e effectuada pelo sr. dr. Lavandeyra, ficou terminada em meiado de maio ultimo.

O caes, assentado sobre grandes fluctuadores de ferro, tem 168 metros de comprimento e liga-se, formando exactamente um T, á margem esquerda do rio por uma ponte de 160 metros de comprimento. Esta ponte, formada de partes moveis em torno de charneiras transversaes e espaçadas convenientemente, cede aos movimentos de elevação ou abaixamento do nivel das aguas, formando um plano inclinado da extremidade para a margem.

O caes fluctuante, que tem de um e de outro lado da ponte grandes armazens, é fixado por meio de 4 ancoras cujas correntes passam em guinchos collocados nas extremidades da platafórma. Manobrando convenientemente estes guinchos, póde-se manter o parallelismo entre o caes e a juncção da ponte á margem, corrigindo o deslocamento que se daria em virtude da variação do nivel das aguas.

Os navios atracam directamente ao caes, evitando, assim, a massante e dispendiosa carga e descarga ou embarque e desembarque por meio de saveiros, alvarengas ou escaleres e lancnas.

Do caes para os armazens alfandegados, situados na margem, as mercadorias são transportadas em vagonetes presos a um cabo sem fim movido a vapor e com uma velocidade de 120 metros por minuto. Podem ser presos 12 vagonetes, cada um dos quaes leva 2 toneladas de peso util.

Para os fluctuadores empregaram-se 300 toneladas de ferro.

Além deste caes, ha um outro tambem fluctuante. collocado a montante e com 250 metros de comprimento. Este está isolado de terra, a uma distancia de 168 metros da margem, sendo feito o transporte das mercadorias por meio de cabos aereos movidos á electricidade.

A profundidade do porto, junto ao caes, é de 12 metros na estiagem minima até agora registrada.

A Companhia, organizada com capitaes inglezes, tem de fazer ainda a Alfandega, cuja primeira pedra foi collocada com a presença do sr. dr. Affonso Penna, no dia 27, e concluir o caes de alvenaria na margem do rio em uma extensão de 400 metros, devendo tudo isto ficar prompto dentro de 2 annos.

Aos 15 mil contos gastos até aqui com todas as obras feitas—caes, armazens alfandegados, installação electrica e officinas, terá a Companhia de addicionar mais 5 mil para a conclusão do que ainda lhe falta.

Uma parte do caes de alvenaria é utilisada para atracação de « gaiolas » e outras pequenas embarcações destinadas ao interior.

A CIDADE DE MANÁOS

A cidade de Manáos, que conta actualmente 40.000 habitantes, estende-se por um terreno ligeiramente accidentado e cortado de depressões, onde correm os «igarapés» — especie de corregos de vasão, ás vezes, bem pequena.

Além de uma parte em que os edificios já são bastante aconchegados uns aos outros, ha uma outra, que representa a execução de um plano delineado sobre o papel e que por emquanto está deshabitada ; vêm-se nesta ultima varias ruas, cuja abertura motivou grandes movimentos de terra — córtes profundos e altos aterros.

Tem-se em Manáos a impressão de uma grande cidade que se fórma—obras em execução, ruas semi-abertas e de cujas cabeceiras de trabalho as carroças auxiliam os cavoqueiros a retirar os obstaculos oppostos pelo terreno á regularização da via; emfim, uma serie de predios novos, que bem mostram o progresso constante da cidade.

Ha, é verdade, tambem algumas obras paralysadas como, por exemplo, o palacio do governo.

Esta obra, depois de feita em grande parte, teve de ser demolida, existindo hoje áhi apenas um resto de alicerces; e para mostrar quanto era grandioso o plano, basta dizer que a demolição de suas paredes, trabalho realisado a dynamite, custou 1.200 contos.

A agua para o abastecimento da cidade é elevada, por meio de bombas electricas, de uma represa no igarapé da Cachoeira Grande e lançada em dois reservatorios situados em pontos distantes entre si, porém nas vizinhanças da cidade ; cada bomba póde elevar por minuto 320.000 litros á altura de 50 metros, que é a dos reservatorios sobre a represa.

A capacidade de um reservatorio é de 5.400.000 litros ; a de outro 5.000.000.

O consumo d'agua diario, porém, é sómente de... 5.000.000 de litros, cuja venda produz 400—560 contos annualmente.

O serviço de agua está a cargo de uma empresa particular que segue, para a venda do seu genero, o systema mais exquisito que conheço.

Cada proprietario paga, com effeito, a agua que gasta conforme o valor locativo do predio, como se houvesse entre essas duas grandezas uma relação exata que permittisse avaliar a quantidade de agua consumida: um palacio póde gastar menos agua do que uma réles hospedaria ou uma modesta lavanderia.

As taxas geralmente cobradas são : 5$000, 8$000, e 10$000 mensaes.

A agua, que na fonte é muito amarellada, mesmo depois de filtrada conserva ainda uma parte dessa coloração. Dizem, entretanto, que é boa sob o ponto de vista da potabilidade.

Ha na cidade, mantidas pelo governo do Estado, tres usinas de producção de electricidade por meio da machina a vapor ; uma, podendo fornecer a força de 500 cavallos vapor, para o serviço de bondes que percorrem quasi todas as ruas do centro e dos arrabaldes ; e duas outras, para a luz, uma das quaes de 60 kilowatts, e outra de 240 kilowatts.

O preço da vela-mez é 312 réis, sendo a lampada de 16 velas, que custa 5$000 mensaes, a unidade minima.

Para a illuminação publica empregam-se 330 arcos voltaicos.

A administração da cidade, cuja renda annual é de 1.300 contos, compõe-se de um superintendente, nomeado pelo governo e de intendentes eleitos.

Para o policiamento de todo o Estado ha o « Regimento Militar », com dois batalhões e uma bateria de metralhadoras e algumas praças de cavallaria, sommando o total de 1.200 homens.

Como auxiliares do Chefe de Policia ha os «prefeitos» e «sub-prefeitos», que correspondem aos nossos delegados e subdelegados.

O Estado tem tido ultimamente uma renda de 16.000 contos e é administrado pelo governador, auxiliado apenas por um «secretario geral».

Os principaes edificios da cidade são o theatro Amazonas, cnjo custo elevou se a cerca de 6.000 contos, e o palacio da Justiça, onde se acham reunidas todas as repartições deste ramo do poder.

O theatro Amazonas é, senão o primeiro, ao menos um dos primeiros do Brasil, não temendo a concorrencia dos existentes nos Estados do Sul e da Capital Federal.

No palacio da Justiça figura na parte superior da fachada uma bella estatua da Justiça, com a respectiva balança e a necessaria espada de dois gumes, porém, attendendo talvez ás necessidades dos tempos, com os olhos bem abertos.

Já não basta, certamente, para o golpe sentencioso, apenas o peso de provas que façam pender para um ou para outro lado o fiel da balança ; é preciso vel-as e examinal-as com attenção, e por isso aquelle symbolo já não tem a venda incommoda e archaica.

As ruas da parte mais povoada são quasi todas calçadas a parallelepipedos de gneiss ou granito, vindos de Lisboa, e asphalto, tambem em parallelepipedos.

Para as construcções, emprega-se o grês vermelho, bastante duro e muito abundante mesmo no solo sobre o qual assenta a cidade.

Os passeios das ruas mais largas e avenidas têm, ás vezes, como na avenida Eduardo Ribeiro, 5 metros de largura, e então representam o papel de pavimento de «cafés» e restaurantes; á tarde e á noite esses passeios ficam, em frente dos botequins, cobertos de mesas e cadeiras e ahi se installam á vontade os que desejam dar trabalho ao estomago. São cafés e restaurantes a ceu aberto e em plena rua.

Na parte mais alta da cidade está construida a «antenna» destinada aos radiogrammas que serão brevemente trocados entre Belém, Santarem e Manáos. Esta ultima cidade poder-se-á julgar feliz si as experiencias derem bom resultado, pois que, actualmente póde-se dizer que o serviço telegraphico existente faz-se de modo verdadeiramente absurdo. Paga-se por palavra, de Manáos á Belém, separadas por 1.590 kilometros, 2$200, taxa cujo exaggero dispensa qualquer commentario.

Além disso, como aconteceu quando fui levar á estação dois despachos meus para Minas, a linha está quasi sempre interrompida, de sorte que, levando-se por exemplo (como no meu caso) o despacho de manhã, o telegraphista nos informa: «Este seu telegramma só amanhã de tarde é que será recebido em Belém.» Para uma taxa exaggerada, só mesmo uma informação consoladora como esta...

Não sei quaes as razões que influem para darem-se essas irregularidades; sei, porém que esse serviço telegraphico, feito por uma Companhia particular, é o peior e o mais caro que se póde imaginar.

As vias publicas são quasi todas arborisadas a mangueiras, Ficus Benjamini, amendoeiras, Luhéas e Astrapéas que, excepto as primeiras e os Ficus, nem sempre apresentam bonito aspecto.

Manáos, cujas egrejas são todas sem qualquer attractivo como obras d'arte, inclusive a propria cathedral, possue, entretanto, um templo realmente curioso — é a egreja do Pobre Diabo.

Em uma das faces da praça Floriano Peixoto ergue-se, com effeito, pequena e modesta, mas muito querida dos catholicos da cidade, a egreja para cujo nome que não póde lembrar certamente um padroeiro, não pude obter uma explicação. No dia em que a vi, estava a egreja do Pobre Diabo em festa e ornamentado em sua honra o largo fronteiro.

AINDA ALGUMAS NOTAS SOBRE MANÁOS

VIAGEM A PARICATUBA.--O RIO NEGRO.--NOTAS SOBRE DISCURSOS

Fala-se tanto na carestia da vida em Manáos, que não será fóra de proposito a indicação de alguns preços de productos ou mão d'obra, correntes naquella cidade; escolherei, evidentemente, apenas uns poucos que sirvam para uma ligeira comparação entre elles e os de outros logares. Por uma engraxação de botinas, por exemplo, que custa 200 réis, no sul, paga-se lá 500 réis; um exemplar de jornal local, 300 réis; 1 milheiro de tijolos, 200$000; 1 metro cubico de cal, 190$000; 1 metro cubico de areia, 15$000; o metro corrente de meio-fio para passeios, 10$000; um servente de pedreiro, 8$000 por dia, e um pedreiro, 20$000; 1 metro cubico de grés vermelho, 20$000; uma chicara de café, 200 réis.

Eis os preços de alguns pro luctos mineiros: 1 queijo, 3$000; 1 garrafa de agua de Caxambú, 1$500; 1 lata de manteiga (1/2 kilo), 3$500.

A manteiga e o queijo de Minas são muito procurados, mas, como acontece em outras cidades do norte, apparecem no mercado em quantidade escassissima.

As aguas de Caxambú e outras mineiras são pouco conhecidas ou, pelo menos, pouco consumidas; nos hoteis e restaurantes só se vêm aguas mineraes es-

trangeiras—italianas e portuguezas principalmente, cujo consumo é grande.

Manáos, apesar de estar collocada em meio de vegetação arbustiva, que cobre densa e ininterrumptamente as collinas de seus arredores, é, como se sabe, dotada de um clima muito quente.

No dia de nossa chegada, ouvimos, por varias vezes e de varios habitantes do logar, esta informação que, de certo modo, nos tranquillisava :

« Aqui os dias são muito quentes, mas, em compensação as noites são frescas. »

Suavamos, realmente, sem cessar, verificando que a primeira parte da observação que nos faziam era mais do que verdadeira. Si andavamos um pouco, parecia que o corpo se ia liquefazer sem demora, tal era a quantidade de suor que minava por todos os póros ; si ficavamos parados, a marcha dessa torrente que nos amollecia os collarinhos e inundava-nos as roupas, era sem duvida menos violenta, porém, não cessava de todo.

Tudo, entretanto, tem seu termo e, assim, esperavamos a noite que espancaria esse calor bem pouco querido e nos traria a frescura desejada e confortadora ; era aquella informação com ares de lei scientifica que nos garantia, na segunda parte do seu enunciado, a certeza desse goso.

Chegou, emfim, a noite, esperada com anciedade ; a temperatura, porém, que durante o dia attingira 32°, conservava-se ainda em 30°, sem tendencia de baixar mais. Tinhamos o corpo, como de dia, envolvido por uma camada humida, pegajosa e incommoda ; tanto no quarto do hotel como nos jardins ou nos passeios em frente aos restaurantes, o calor perseguia-nos do mesmo modo, o que não deixava, certamente, de ser curioso, porque «as noites eram muito frescas...»

Dez milhas acima de Manáos fica Paricatuba, onde ha um importante estabelecimento de instrucção, que no dia 28 de junho foi visitado pelo sr. dr. Affonso Penna

e diversas outras pessoas ; é o «Instituto Agricola de Paricatuba».

Conduziu-nos a canhoneira «Acre», que foi comboiada por duas outras do mesmo typo—«Missões» e «Amapá».

Cada uma dessas canhoneiras possue 6 metralhadoras Maxim, podendo dar 500 tiros por minuto, 2 canhões Armstrong, sendo um na pôpa, outro na prôa e um canhão Maxim no mastro de ré.

Para mostrar ao sr. dr. Affonso Penna a rapidez dos disparos, foi preparada convenientemente uma metralhadora, que, no momento opportuno, deveria mostrar como está adeantada a arte de matar os nossos semelhantes, lançando uma verdadeira chuva de balas.

Preparamo-nos todos para assistir a essa tempestade metallica e já anteviamos a morte de innumeros peixes, pois o cano estava dirigido contra as aguas do rio Negro. Collocado por detraz da metralhadora o artilheiro, fez este a manobra em virtude da qual deveria voar uma chusma de balas com a velocidade de raio ; a arma, porém, recusou-se a obedecel-o, dando por muito favor apenas um tiro.

Examinou-se detidamente a rebelde ; desparafusaram-se peças que foram lubrificadas; collocou-se novamente tudo nos seus logares, e tentou-se novo disparo. A metralhadora estava, entretanto, ainda no firme proposito de não disparar. A' vista disto, recorreu-se a uma outra metralhadora que foi cheia da respectiva dóse de oleo e preparada para o fim de lançar as 500 balas por minuto.

O exemplo pernicioso de sua companheira foi, porém, contagioso, e ella, do mesmo modo, recusou-se a trabalhar ; tinha as peças emperradas.

Nesse meio tempo, a «Missões», que vinha em segundo logar, mostrou que as suas metralhadoras estavam aptas realmente para destruir vidas, pois que de umas dessas armas sahia, sem interrupção, um chuveiro

de balas que revolveram durante alguns instantes as aguas apparentemente tranquillas do rio Negro.

A's 10 horas chegámos ao Instituto Agricola, situado á pequena distancia da margem direita do rio. Este estabelecimento tem por fim o ensino de artes e officios e noções de Agricultura, e é dirigido por frades francezes da ordem do Saint-Esprit. Póde comportar 200 alumnos, mas tem actualmente apenas 32.

De agricultura propriamente nada vimos lá ; parece que está por emquanto no periodo de organização.

O regresso de Paricatuba fez-se já no «Maranhão», que, ás 4 horas da tarde, depois de passar em frente do caes fluctuante para deixar algumas pessoas que ficariam em Manáos, seguiu rio abaixo, sulcando as aguas negras do grande affluente do Amazonas e deixando uma esteira coberta de espumas tambem escuras.

Para explicar a côr dessas aguas, muitas hypotheses têm sido feitas.

Segundo uns, ella é devida á micro-organismos ; segundo outros, que não estiveram no local, ella é o resultado da côr do fundo do leito julgado ser de rochas ferruginosas e pretas.

A primeira das hypotheses é a mais seductora em uma época que se póde classificar de « época dos microbios » ; entretanto, ningnem isolou nem viu esses microbios ; é uma méra fantasia que não póde absolutamente ser acceita, pois que bem se comprehende que a quantidade desses seres seria tão grande que qualquer microscopista os descobriria.

A segunda hypothese é puramente infantil, pois que o rio Negro, pelo menos na parte em que o vi, corre sobre um leito de grês vermelho ; além disso, as suas aguas, mesmo fóra do rio, são ainda bastante escuras.

Para mim o rio Negro representa em grande escala um facto observado em cursos d'agua de Minas, como o Parauninha, na serra do Cipó, e outros cujas aguas são

tambem escuras. A causa do escurecimento das aguas, é, sem duvida, a mesma em qualquer desses casos, isto é, acidos ulmicos provenientes de destroços vegetaes da bacia e que se misturam ou se dissolvem em maior ou menor quantidade.

Nem são as aguas do rio Negro as unicas da região amazonense que se apresentam escuras ; as do Tapajoz, si bem que em gráo muito menor, têm tambem uma certa coloração escura e as do igarapé da Cachoeira Grande, utilizadas para o abastecimento de Manaos, são do mesmo modo amarello-escuras, como bem se percebe ainda quando postas em um copo.

Na sua emboccadura, o rio Negro mantém entre as suas aguas e as do Amazonas uma separação que, muitos kilometros abaixo do ponto de juncção, é ainda bem accentuada de modo a distinguirem-se as duas faces — preta, do lado da margem esquerda, e avermelhada, do lado da margem direita. No meio das aguas barrentas do Amazonas surgem, de vez em quando, já bem longe da reunião dos dois colossos d'agua doce, manchas negras que luctam inutilmente pela sua integridade, pois que no fim de algum tempo em que ellas, mesmo subdivididas, tentam reapparecer aqui e acolá, são obrigadas a se render ao rei dos rios.

Na manhã de 29, chegámos a Parintins, limite entre os Estados do Amazonas e Pará, voltando d'ahi, no aviso « Cidade de Manáos », o sr. dr. Constantino Nery, governador.

Na descida do Amazonas iriamos ter um certo descanço nessa peregrinação em que o tempo é quasi todo gasto em ouvir discursos e hymnos e assistir a banquetes, espectaculos de gala, etc.

Difficil é achar um momento para coordenar estas ligeiras noticias, que, por levarmos uma vida como a de estudantes em republicas, são escriptas sempre em meio de uma palestra ou de troças dos companheiros, dispostos

geralmente para pilheriar e fazer considerações sobre os accidentes da viagem.

Sobre os discursos, por exemplo, são longas e interessantes as notas que possuimos.

É certo que temos ouvido discursos necessarios e criteriosos, que agradam e mesmo despertam enthusiasmo; isto, porém, nem sempre acontece e, de vez em quando, apreciamos esplendidas peças oratorias que, em vez do enthusiasmo, nos provocam riso.

Ao chegar na Bahia, de volta de Joazeiro, um orador, em uma estação da estrada de ferro, á frente de numeroso grupo de manifestantes, tomou a palavra e começou a desfolhar as suas flores de rethorica; como, porém, já estivesse falando havia muito tempo, a multidão não esperou que elle concluisse o seu discurso e rompeu em vivas e acclamações. A musica tocou o hymno nacional e o orador recebeu os agradecimentos da pessoa em honra de quem elle tinha falado.

Tudo parecia acabado. Pois bem; depois de todos esses factos, o orador, que se tinha conservado de pé no mesmo logar, recomeçou impavidamente o seu discurso, continuando-o a partir do mesmo ponto em que o havia interrompido por força da vontade dos circumstantes. A peça oratoria, preparada talvez com grande trabalho, não podia ficar em meio, tinha de ser impingida por inteiro.

Outro caiporismo foi o que se deu na estação de Pilar, da Great Western, pouco antes de chegar á cidade da Parahyba.

Pensavam na cidade do Pilar que o trem parava algum tempo na estação, e, nestascondições, era preciso um discurso de boas vindas.

Ao approximar-se da estação cheia de gente, o trem foi diminuindo de velocidade, parando, de facto, na plataforma. Immediatamente um homem encartolado, que bem se salientava em meio do povo, começou o discurso que promettia ser longo.

Contra a espectativa geral, mal havia sido enceta-da a serie das bellas phrases, o trem foi-se pondo de novo em movimento e deixou, abandonado em plena plataforma e no meio dos seus companheiros de manifestação, o orador que, em ultimo esforço, ainda acompanhou o comboio durante alguns segundos, falando e gesticulando, afim de aproveitar mais uns momentos em que o pessoal do trem pudesse ouvil-o.

Até hoje não consegui saber si esse orador continuou o seu discurso, dirigindo-se, então, ao povo que enchia a plataforma, ou si, enraivecido, substituiu a saudação por uma grande descompostura na directoria da estrada.

Poderia ainda citar trechos interessantes do discurso de um orador que, depois de concluil-o, voltou-se para a banda de musica e, cheio de si, ordenou em voz vibrante: «Toca o hymno»!»

Seria longo enumerar factos semelhantes aos precedentes, servindo os que deixo narrados apenas para dar uma idéa de alguns oradores que ouvimos.

NOTAS SOBRE A MATTA E FAUNA DO AMAZONAS

Na bacia do Amazonas a matta é a vegetação dominante.

Campos naturaes, segundo ouvi dizer, são ahi relativamente raros; ha-os na ilha de Marajó, na bacia do Rio Branco e em poucos outros pontos mais.

A matta amazonense, pelo menos na zona em que a vimos, desde a foz do Amazonas até Manáos, não tem, entretanto, a magestade que geralmente lhe é attribuida.

Talvez pelo facto de passar a região do Amazonas como sendo a terra das grandezas, julga-se que tambem as suas mattas devem ser colossaes e sem rival quanto ao porte das arvores que as compõem.

Tantas vezes eu ouvira falar na imponencia da floresta amazonense, que, confesso, tive uma impressão desagradavel quando verifiquei que isso não passava de mera fantasia dos meus informantes no sul.

Segundo a classificação mineira, a matta que vimos no Amazonas deve ser collocada na categoria dos nossos capoeirões; entre as suas arvores mais altas ha sempre um grande numero de arbustos que impedem poder a vista penetrar no seu interior; é uma matta «suja», como se diz em Minas.

As nossas mattas virgens, completamente limpas de qualquer vegetação arbustiva e formadas de arvores de porte elevado e de troncos grossos, têm um

aspecto imponente e magestoso, muitissimo superior ao da matta amazonense.

Entre as arvores mais abundantes sobresahe a *sumauma*, Bombacea de cujos fructos vermelhos retira-se uma paina reputada de boa qualidade; não é, todavia, explorada como productora de paina.

Affirmaram-me que é difficillimo obterem-se alguns kilos dessa substancia, mesmo sob promessa de bom pagamento; os habitantes da região, desde que não se trate de borracha ou cacau, acham que não vale a pena occupar-se com qualquer outro negocio,

A sumauma existe, ás vezes, em tal abundancia, que é a unica essencia que se vê na floresta.

Outra arvore em alguns pontos abundantissima, é a imbauba ou arvore da Preguiça; ella existe geralmente nas terras não invadidas pela agua.

Apesar de não ser gigantesca a floresta amazonense, é preciso dizer, entretanto, que, devido as innumeras palmeiras que enchem os seus claros, ella apresenta quasi sempre um aspecto de belleza extraordinaria. Ha algumas ilhas que são verdadeiramente encantadoras, pela disposição harmoniosa de um sem numero de palmeiras de portes diversos e de varias especies.

Extensões, ás vezes enormes, vêm-se cobertas exclusivamente de assahy, burity, e bossú, tres especies de palmeiras que dominam na parte que vimos do Amazonas. Em compensação, ha logares, como nas costas do Paurá, em que não se vê sequer uma palmeira de qualquer especie que seja.

Estas palmeiras são de grande utilidade para a população amazonense, pois que não só lhe fornecem material para cobertura e paredes das casas, como tambem uma parte da sua alimentação.

Raros foram os claros naturaes que vimos na extensa matta do Amazonas.

Nestes domina uma graminea muito semelhante ao capim angola, chamada *canna-rana* (canna falsa) e utilisada como forragem.

A canna-rana tem a propriedade de vegetar sobre a agua, cobrindo densamente, ás vezes, grandes extensões do rio ; de sorte que, em alguns pontos, vê-se um grande campo de canna-rana que á primeira vista dá a impressão de terra firme ; passa, entretanto, o navio nas suas proximidades e a vaga produzida, quando attinge o pseudo campo, o faz ondular, com grande espanto para quem pela primeira vez observa um tal phenomeno.

Dessas superficies cobertas de canna-rana desprendem-se fragmentos, ás vezes de grandes dimensões, que são arrebatados e transportados pela corrente. Vêm-se em alguns pontos do rio dezenas dessas porções de canna-rana que descem enfileiradas, dando a impressão de uma série de pequenas ilhas fluctuantes. Têm o nome de « camalotes » e são em certas occasiões tão abundantes que as embarcações, cortando-as constantemente, chegam a reter na quilha tal quantidade de canna-rana que se torna necessario fazel-as parar para a devida limpeza.

A matta do Amazonas, vista á distancia de dezenas de kilometros, fornece uma série de transformações interessantes.

Vê-se, com effeito, nos trechos muito extensos do rio, no limite do horizonte como que uma poeira pardacenta, cujos grãos mal definidos estivessem muito separados uns dos outros. Com a approximação do navio, essa especie de poeira transforma-se em uma série de pontos pretos bem distinctos, que no fim de mais algum tempo adquirem a apparencia de arvores espaçadas e dispostas em extensa fila. A' medida que o navio se vae approximando, essas arvores vão aos poucos se ligando umas ás outras, até que, mais de perto, ellas se transformam em pura floresta densa e verde.

Não nos mostrou grande variedade de fórmas nem tão pouco quantidade numerica de individuos, a fauna amazonense ; bem ao contrario, deu-nos uma impressão accentuada da sua pobreza. Em todo o nosso trajecto apenas vimos alguns gaviões, umas maritacas, algumas garças e uns poucos magoaris, no grupo dos possuidores de pennas ; mais uns tres jacarés e outras tantas tartarugas, e ficou completo o quadro dos representantes da fauna indigena.

As tartarugas do Amazonas, antigamente abundantissimas, tendem a desapparecer, devido á guerra incessante que lhes movem os habitantes da região. Estes, para os quaes a tartaruga fornece um prato apreciadissimo, caçam-n'a não sómente quando ella se acha no estado adulto, mas tambem na tenra edade, sendo ainda procurados com avidez os óvos que ella deposita em cavidades na areia das praias. De sorte que, com um tal systema de caça, a destruição attinge o mais alto grau que se póde imaginar.

Nas mesas de Belém e de Manáos, a tartaruga apparecece invariavelmente sob multiplas fórmas de iguarias: sopa de tartaruga, tartaruga ensopada, tartaruga de forno, tartaruguinhas, óvos de tartaruga etc.

A caça da tartaruga faz-se geralmente nas praias, bastando apenas que o caçador a vire de costas ; chamam mesmo «virar a tartaruga». Além desse processo, que é o mais simples, empregam tambem, em certa época do anno, quando as praias estão cobertas pela agua, o arpão ou fisga.

Vimos varios caçadores pondo em acção este ultimo processo.

De pé, em uma canôa, á margem do rio e em meio da canna-rana, ficam com o arco e a fisga em posição de atirar, olhando attentamente para o rio. Conservam-se assim horas e horas até que a tartaruga venha á superficie d'agua e então lhe desfecham a fisga certeira.

Na lista das iguarias dos caboclos amazonenses figura tambem uma qualidade de jacaré ; é a especie denominada «jacaré-tinga.»

Corre então entre elles a crença de que para transformar uma qualquer outra especie de Jacaré, naquella por elles apetecida, basta pronunciar na occasião de matar o animal, a palavra—tinga. Por este modo, todo e qualquer jacaré se transforma em jacaré-tinga.

Bem se vê que é um bom meio de que se serve o caboclo para comer qualquer qualidade de jacaré.

Estes animaes são pouco encontrados no rio propriamente ; vivem de preferencia nas lagôas, e então em quantidade colossal. Na ilha de Marajó contam-se por milhões e causam serios prejuizos aos criadores. Estes os perseguem o mais possivel ; porém, como se póde imaginar, com resultados pouco satisfactorios quanto á diminuição apreciavel do numero de individuos.

Perseguem-n'os geralmente á noite.

Varias pessoas munidas de archotes cercam uma parte da lagôa, fazendo a maior algazarra afim de espantar os jacarés que se vão dirigindo, amedrontados, para um mesmo ponto escolhido previamente pelos caçadores. Uma vez fóra d'agua, são mortos, então, a machado.

E assim, conseguem attenuar um pouco os effeitos perniciosos dos terriveis reptis.

OBIDOS.--- UMA TEMPESTADE.--- ESPECTACULO A BORDO

As unicas vias de communicação de que se servem os habitantes da bacia do Amazonas, são o rio, os paranás e os furos, e por isso, em frente de cada casa ha infallivelmente, amarrada á margem do rio, pelo menos uma canôa ou « montaria », como elles a denominam.

Parece que a primeira cousa que ensinam á creança, é remar. Vê-se, com effeito, em meio do rio, sozinho, conduzindo uma canôa, um menino ás vezes de uns 5 ou 6 annos, que se mostra, pela apparencia, muito seguro e calmo dentro da sua fragil montaria.

Para se abastecer dos generos de que carece, o morador da margem do rio não precisa sahir de casa, pois que a pequenos intervallos de tempo o « regatão », commerciante ambulante, vem trazer-lhe á porta uma grande montaria ou barcaça carregada com os generos e objectos commerciaveis na região. Geralmente, o regatão recebe borracha ou cacau em troca dos generos vendidos.

Provavelmente por causa deste systema de commercio ambulante dos regatões, nas cidades ribeirinhas, como Obidos e Santarem, não ha casas commerciaes de certa importancia, pois as que existem nessas localidades limitam-se a vender apenas para a respectiva população que é sempre de pequeno numero de habitantes.

Visitamos Obidos no dia 29 de junho.

A cidade está collocada em um alto descampado, na margem esquerda do rio, e é formada de umas duas ou tres ruas ladeadas de casas modestas. Espaçadamente vêm-se nas ruas lampeões a kerozene destinados á illuminação publica.

O sr. dr. Affonso Penna visitou o grupo escolar ahi existente, recebendo, como todos os que o acompanhavam, a melhor impressão.

Esse estabelecimento de instrucção está, com effeito, caprichosamente montado e apparelhado de todo o material necessario ao ensino primario: globos geographicos, quadros de historia natural, mappas « mudos » e mappas communs, apparelhos para gymnasticas etc., tudo isso se encontra no grupo escolar, que é confiado a 5 professoras e 1 director.

Soube, depois, que em todas as outras cidades do Pará, ha grupos escolares com organização identica ao de Obidos.

A industria caracteristica da cidade é o doce de tamarindos, delicado e saboroso; é vendido em pequenas latas.

Alguns pontos das ruas são calçados com uma pedra, encontrada mesmo no sub-sólo da cidade sendo composta de quartzo em grãos irregulares e oxidos de ferro.

Como eu desejasse saber d'onde era retirada essa rocha, perguntei a um individuo que se achava a meu lado:

— « Póde dizer-me onde é que se encontra a pedra com que calçaram esta rua? »

Foi o bastante para despertar a fibra megalomaniaca do meu patricio:

— « Ah! Isto se encontra por toda parte aqui. Esta pedra é uma riqueza, mas, como o sr. sabe, ninguem trata disso. Falta-nos quem viesse para aqui explorar todas essas cousas que estão por ahi perdidas,

Tambem isso competia ao governo, mas este não se importa... »

E começou a passar uma descompustura no governo, fazendo-o responsavel pela não exploração da riquissima rocha composta de quartzo e oxidos de ferro.

Sempre a mania de ver thesouros e riquezas fabulosas por toda a parte...

Todas as aguas do rio Amazonas passam em frente a Obidos comprehendidas entre duas margens distantes cerca de 1.000 e poucos metros. A profundidade do rio é ahi approximadamente de 100 metros e a velocidade das aguas é de 6 milhas ou 8 kilometros por hora.

O estreito de Obidos é considerado um ponto estrategico muito importante e por isso, junto á cidade, existe uma fortaleza situada em um alto que domina perfeitamente todo o rio.

Essa fortaleza não está, infelizmente, em boas condições.

Assestados contra o rio ha 10 canhões de campanha, de calibre 7 1/2, Krupp, que, no dizer dos entendidos, são de todo improprios para uma fortaleza.

Encostados em um barracão vimos ainda 6 canhões Krupp, calibre 28, que, segundo nos informaram, são demasiado pesados para campanha e muito leves para fortaleza, de sorte que nenhum serviço podem prestar.

O quartel da guarnição de artilharia é todo coberto de palha de palmeira, havendo apenas uma pequena parte assobradada, antiga e mal conservada, que é coberta de telha.

No estreito de Obidos os barrancos são formados de uma argilla vermelha, carregada de grãos de quartzo, semelhando á primeira vista o grês vermelho tão commum na região do Amazonas. Encravadas nessa argilla, encontram-se grandes porções da rocha consti-

tuida de quartzo e oxidos de ferro, a que precedentemente já me referi.

Devido á grande velocidade da enorme massa d'agua e á pouca consistencia do terreno, a erosão das margens tem-se operado com uma relativa rapidez, de sorte que o estreito se alarga visivelmente. Informou-me o pratico de bordo do « Maranhão » que em 10 annos a margem do lado opposto a Obidos tinha sido corroida na largura pelo menos de 200 metros.

A superficie das aguas do Amazonas, é, em geral, tranquilla, salvo em occasiões anormaes ; no estreito de Obidos, porém, tal não acontece, sendo ella ahi constantemente ondulada em virtude da forte correnteza.

Tinhamos visto sempre calmo e manso o rio Amazonas, de modo que, em vez de nos infundir medo ou terror, a grandeza das suas proporções como que contribuia para augmentar a nossa confiança em seus instinctos pacificos ; era como que si estivessemos sob o dominio de um gigante que nos tratasse com carinho e toda a sorte de attenções. Tinhamos idéa nitida do seu immenso poder, mas, ao mesmo tempo, achavamos que a sua força colossal só poderia agir para nos fazer caricias.

Na tarde de 30 de junho, quiz o Amazonas que não sahissemos fóra dos seus dominios sem que apreciassemos o espectaculo de uma de suas tempestades.

A's 5 1/2 da tarde, apresentavam-se, longe, ao noroeste, nuvens pretas formando extensa faixa que bordava um grande arco do horizonte.

Dentro em pouco, o vento noroéste nos annunciava que os nimbus se dirigiam para o nosso lado e que não demoraria muito sermos attingidos pela chuva que já viamos no horizonte sob a apparencia de larga cinta côr de chumbo.

A's 6 horas chegavam os primeiros respingos precursores da chuva tempestuosa que dentro de mais alguns instantes se apresentou acompanhada de vento cuja intensidade redobrára.

Achavamo-nos, então, na bahia Melgaço, onde o « Maranhão », obrigado pela tempestade, teve de arrear a ancora, pois em torno do navio a chuva dera á atmosphera um gráo de opacidade tal, que era impossivel descobrir o rumo a seguir.

No pequenino circulo em que se podiam distinguir as aguas do rio, vîamos que estas estavam bastante revoltas, apresentando ondas que faziam lembrar um mar agitado.

Convem consignar que, ao contrario do que se podia esperar, os trovões foram sempre fracos, o que talvez seja devido á falta de montanhas qne representassem o papel de caixa de resonancia.

A's 8 horas, cessada a tempestade, poz-se o «Maranhão» novamente em movimento.

A essa hora começaram os rapazes da imprensa os preparativos para o espectaculo que se ia realizar a bordo e que já havia sido annunciado pel'*O Brasil*, jornal que era para ser diario, mas que, devido ao enjôo dos typographos e ao de muitos jornalistas, tornou-se mensal.

Em frente á escada que liga o salão com a sala de musica, collocou-se o panno de bocca, que era um mappa do Amazonas, de 2 metros de alto por 2 de largura.

A escada e a sala de musica eram a platéa, e em baixo, o salão,— o palco.

O espectaculo foi honrado com a presença das mais altas auctoridades que se achavam a bordo do « Maranhão ».

No variado programma, cumprido á risca, figuraram: uma serenata, o Hercules, a dançarina, magia branca, o hypnotismo etc.

Para dar uma idéa do valor dos artistas, basta dizer que o Hercules levantava com uma das mãos, apenas, uma bola trazida até a scena por 4 pessoas. A bola, porém, em vez de ser metallica como se tentava fazer crer, era... de borracha.

Terminou o espectaculo ás 9 horas, justamente na occasião em que a campainha de bordo dava o signal do chá; os empresarios, aproveitando a opportunidade e agradecendo o comparecimento dos espectadores, convidaram-n'os para tomar, na sala das refeições, uma chicara de chá.

E, assim terminou a agradavel diversão realizada pelos jornalistas da comitiva.

No dia seguinte chegámos a Belém, ás 6 horas da manhã, e ás 7 desembarcamos, depois de atracado o navio á ponte do Lloyd Brasileiro.

A CIDADE DE BELÉM

A cidade de Belém, situada á margem direita de um dos braços do Amazonas, estende-se por um terreno quasi plano, com excepção apenas de uma parte para o lado de léste onde ha alguns morros.

A sua população é avaliada em 120.000 habitantes.

Póde-se considerar a cidade como dividida em duas partes : uma, que fica mais proxima do rio, antiga e densamente povoada ; outra, que constitue a « cidade nova », formada de ruas largas chamadas « estradas » tendo casas e palacetes construidos com gosto. A primeira é a parte commercial ; ahi se chamam « travessas » todas as ruas que vão ter ao rio, e « ruas » as que correm perpendicularmente ás travessas.

A parte velha tem as suas principaes ruas bem calçadas ; a parte nova, porém, posto que seja a mais bonita, tem ainda grandes necessidades a respeito de calçamento.

A cidade é servida por bondes á tracção animal.

As suas praças mais importantes e as « estradas », ruas que têm 20 metros de largura, são arborizadas a mangueiras, havendo de uma á outra arvore uma distancia de 20 metros.

É illuminada á luz electrica. Uma casa com 1.600 vellas paga por mez, a 5 horas de illuminação por noite, 80$000, o que corresponde, para essa quantidade, a 50 réis por vela-mez, funccionando porém, apenas 5 horas por noite.

O serviço de electricidade é explorado por uma companhia particular— a « Pará Electric Railway and Light Company », de capitaes inglezes. Tem privilegio por 99 annos.

A energia electrica é produzida por machina a vapor.

O serviço de limpeza publica custa 90 contos por mez e está contractado com um particular, pelo prazo de 30 annos. Na parte relativa á remoção do lixo dos domicilios, é feito esse serviço por um systema que, segundo penso, não é dos melhores. Em frente de cada casa collocam-se desde a tarde, caixotes contendo o lixo que deve ser transportado pelas carroças na manhã do dia seguinte ; de sorte que, junto aos meio-fios dos passeios, estabelece-se uma fila de vasilhas, cujo aspecto nada tem de agradavel para os transeuntes.

Bem sei que é esse o systema usado em outras cidades, mas nem por isso me convenço de que não seja elle repugnante. Em torno de cada vasilha reunem-se quasi sempre cães que, á procura de restos de comida, revolvem o lixo, espalhando-o pelo chão.

O lixo é todo incinerado em fornos apropriados.

Para o abastecimento d'agua utiliza-se um grupo de nascentes de pequena vasão, cujas aguas vão se reunir em um tanque donde são levadas, por meio de bombas movidas a vapor, a um reservatorio de distribuição, situado á distancia de 4 kilometros, e de... 1.500.000 litros de capacidade.

Uma vez cheio o reservatorio, as bombas podem fornecer agua para ser distribuida directamente, de sorte que o consumo não fica na dependencia exclusiva do reservatorio. O consumo total diario é de 12.000.000 de litros. Informaram-me, porém, que esta quantidade d'agua é distribuida apenas a 70.000 habitantes, o que dá para o consumo médio de cada habitante 171 litros. A outra parte da população abastece-se com a agua do rio ou de poços.

A agua é vendida a 1/2 real o litro ou 500 réis o metro cubico, pagando-se além disso 1$000 por mez pelo aluguel do hydrometro.

Os que não querem em casa o hydrometro, pagam 10$000 mensaes pela torneira correspondente a 1 penna. O hotel da Paz, por exemplo, paga 50$000 por mez pelas suas torneiras.

O serviço d'agua é todo feito pelo Estado.

A cidade vae ser dotada de uma rede de esgotos e para attender ás despesas com este melhoramento, pagam os proprietarios um imposto especial de 6 % sobre o valor locativo dos predios.

O edificio mais imponente da Capital paraense é, sem duvida, o theatro da Paz, construido no largo da Polvora, em 1870 e inaugurado quando era presidente da então Provincia o sr. dr. Bandeira de Mello. Custou 2.000 contos.

Esse theatro tem actualmente em todo o Brasil, como rival, apenas o theatro Amazonas, de Manáos. Entre os dois, não se póde, ao certo, dizer qual o mais grandioso.

No de Manáos, que custou 6.000 contos, ha certamente maior exhibição de luxo ; em compensação, no theatro da Paz, a relativa singelleza como que actúa no sentido de ter-se uma impressão mais agradavel.

Além desses theatros monumentaes e que só servem para grandes companhias, existem, em Manáos, o Cassino, e em Belém, o Polytheama.

Estes, porém, são um verdadeiro contraste daquelles : velhos barracões de paredes de taboas, construidos sem o menor gosto artistico ; são identicos ao antigo theatro Soucasaux de Bello Horizonte, que felizmente já não mais figura na Capital mineira.

Como as grandes companhias são menos frequentes do que as pequenas, acontece que aquelles grandes theatros estão quasi sempre fechados, ao passo que os

barracões de madeira prestam reaes serviços como casas de espectaculos.

O Estado mantém uma Brigada Policial com 2 batalhões de infanteria, 200 praças de cavallaria e um parque de artilheria com 4 metralhadoras, alguns canhões de tiro rapido e canhões revólver, havendo ao todo 1.400 homens.

A indole do povo paraense é, entretanto, pacifica, pois que para o policiamento de todo o Estado são necessarios, segundo me informou uma alta auctoridade administrativa, apenas 150 homens.

Permanece, portanto, na Capital, uma força de 1250 homens.

A cidade de Belém é administrada por um intendente que executa as deliberações de um conselho de vogaes ; intendente e vogaes são eleitos pelo povo.

A renda annual da Intendencia varia de 6 a 8 mil contos.

O governador é auxiliado na direcção dos negocios publicos por tres secretarios : da Justiça, da Fazenda e da Viação, Terras e Colonização.

Nos orçamentos do Estado não figura o papel moeda, e sim, ouro. Para o anno corrente, a receita foi orçada em 7.086:000$000, ouro, e a despesa em. .... 6.709:611$700 ouro.

A Capital paráense lucta com grande difficuldade para abastecer-se de pedra para as suas construcções e para o calçamento das suas ruas, pois todo esse material de primeira necessidade vem de Lisboa.

Além do theatro da Paz, ha outros edificios importantes, como o Palacio do Governo, a Intendencia, o Instituto Lauro Sodré, o Asylo de Mendicidade e varios outros.

No Asylo de Mendicidade, que custou mil e tantos contos e é mantido pela Intendencia, recolhem-se os mendigos que apparecem na Capital, onde é terminantemente prohibido esmolar pelas ruas. De facto, não se

vê em Belém, sequer um pedinte, sendo talvez a unica cidade do Brasil, onde se põe em pratica, rigorosamente, tão humano e salutar modo de proceder com relação aos desventurados.

Ha, recolhidos no asylo, 60 mendigos. Segundo me informaram, estes preferiam esmolar pelas ruas a ficar naquelle estabelecimento, si bem que sejam ahi muito bem tratados. Affluiam, antigamente, á Capital paráense dezenas de mendigos, vindos dos logares vizinhos; depois, porém, que o seu recolhimento ao asylo é obrigatorio, desde que sejam encontrados nas ruas, raramente ahi apparecem. E' este ainda mais um beneficio do asylo: afugentar da cidade a chusma de pedintes que, o mais das vezes, não passam de verdadeiros espertalhões que vivem á custa do favor publico.

A cidade de Belém possue, mantido pela Intendencia, um Corpo de Bombeiros provido de todos os recursos modernos e destinado á extincção de incendios. Raros têm sido, todavia, os casos em que este corpo ha tido occasião de prestar os seus serviços, sómente porque muito raros são os incendios.

Entre os estabelecimentos scientificos do Brasil, occupa logar de destaque o Museu Paráense.

Nas suas ricas collecções figuram não sómente representantes da flóra, fauna e geologia e mineralogia, mas tambem objectos que são verdadeiras preciosidades relativas á historia paráense.

Annexa ao museu ha uma secção de animaes vivos; ahi se vêm macacos, onças, antas, tamanduás, veados, cobras de varias especies, jacarés, tartarugas, uma enorme variedade de passaros os mais curiosos, emfim, uma grande quantidade de representantes da fauna do Pará.

No jardim em torno ao estabelecimento ha muitos especimens da flora paráense, entre os quaes o que mais chama a attenção do visitante é incontestavelmente a tão falada *Victoria regia*.

Tivemos a felicidade de assistir á abertura de uma de suas flores.

A's 6 horas da tarde rodeavamos o pequeno lago em que a *Victoria regia* exhibia as suas folhas circulares que attingem até 2 metros de diametro. Ao lado de uma dessas folhas colladas á superficie d'agua, afflorava um botão entre-aberto, de cujas petalas alvas escapava-se um perfume suave.

Pouco demorou para que esse botão se tornasse em flor aberta que todos admiravamos.

Já com o escuro da noite, deixámos a magestosa Nympheacea, que lá ficou derramando no ambiente delicada fragancia que já um pouco distantes ainda sentiamos.

A flôr da *Victoria regia* conserva-se aberta sómente durante a noite e dura apenas dois dias; no primeiro, ella é completamente branca; quando se abre, porém, no segundo dia, já se apresenta avermelhada.

Situada na parte extrema da cidade nova, ha uma grande avenida de 50 metros de largura e 3 kilometros de comprimento; é a «avenida Tito Franco», por emquanto quasi deshabitada. Ahi estão o Bosque Municipal—que é uma porção de floresta paráense caprichosa e cuidadosamente conservada, e o Instituto Lauro Sodré, destinado ao ensino de artes e officios a meninos pobres. Este estabelecimento possue 130 machinas diversas e póde conter grande numero de alumnos.

Pela «avenida Tito Franco» passa a estrada de ferro de Bragança, que tem actualmente em trafego 141 kilometros; até Bragança, porém, seu ponto terminal, o numero de kilometros será de 240. A sua bitola é de 1 metro e o seu preço de custo kilometrico tem sido de 50 contos. Pertence ao Estado, mas a sua construcção é feita por empreitada do Banco Norte.

O Estado mantém um estabelecimento importante, destinado á instrucção da infancia desvalida: é o Insti-

tuto Gentil Bittencourt, onde se recebem apenas meninas.

Ainda para a educação de meninas desherdadas da sorte, ha, mantido pela Intendencia, o Orphanato Antonio Lemos.

Como se vê, não se descuidam os paráenses de zelar pelo bem estar daquelles que desde o berço foram perseguidos pelo infortunio,e é justamente a existencia de tantos estabelecimentos destinados a fins tão humanitarios que faz com que a capital paráense se torne uma das mais sympathicas cidades do Brasil.

A hygiene publica merece tambem especial attenção dos poderes do Estado.

A repartição de Hygiene, mantida pelo Estado, está apparelhada para servir perfeitamente ao fim a que se destina.

Possue magnificos laboratorios de chimica e de bacteriologia, ambulancias, seruns diversos etc.

Em uma de suas dependencias vimos empregada uma telha, sobre a qual julgo util dar algumas informações: é a telha «fibro-cimento», fabricada de uma mistura de amianto e cimento. Cada telha, cujas dimensões são 0.40×0.40×0.03, custa 400 réis, de sorte que o metro quadrado de cobertura, incluindo os pregos precisos, sáe a 3$200, sendo de 8.150 grammas o peso respectivo. Têm sido empregadas com optimo resultado.

Além dessa repartição custeada pelo Estado, tambem a Intendencia mantém a sua repartição de Hygiene.

Para a instrucção publica primaria ha 7 grupos escolares, funccionando em grandes edificios construidos especialmente para esse fim.

Cada edificio, que é um sobrado de construcção luxuosa e elegante, é dividido ao meio em duas partes symetricas; em uma, funccionam 4 escolas para o sexo masculino, em outra, 4 para o sexo feminino.

Na parede longitudinal que separa essas duas partes, ha apenas uma porta que se mantém normalmente fechada.

O curso, no grupo escolar, é de 6 annos e o alumno que o faz, fica habilitado a ir frequentar a Escola Normal, onde elle tem que cursar ainda 4 annos para tirar a carta de normalista.

Nos 7 grupos escolares acham-se matriculados 4 mil alumnos.

O sr. dr. Augsto Montenegro, governador do Estado, vae, dentro em breve, fundar mais tres grupos, elevando assim o seu numero total a 10.

Ha na cidade uma praça que de todo não se póde elogiar : é a praça do «Ver-o-peso», proxima ao rio. Quando a maré baixa, a parte junto ao cáes e descoberta pelas aguas, mostra toda a sorte de immundicie, donde exhala um mau cheiro verdadeiramente nauseante.

Tive de passar pela praça de «Ver-o-peso», em uma dessas tristes occasiões, e, infelizmente, pude bem ver o peso da colossal immundicie ahi accumulada.

Em frente ao caes foi começada a construcção do luxuoso edificio da Bolsa ; devido, porém, á falta de recursos pecuniarios, está actualmente paralyzada.

E' bem conhecida a versão que corre sobre as chuvas em Belém. Não só entre nós, mas até no extrangeiro diz-se que diariamentc cahe na cidade uma chuva á hora certa. O sr. R. H. Scott, em sua *Elementary Meteorology*, 1893, cita a conhecida phrase attribuida aos paraenses : «Farei isto ou aquilio depois da chuva».

A chuva cahia invariavelmente ás 2 horas e durava de 1/4 a 2 horas.

Tudo isto não passa, entretanto, de pura lenda, pelo menos na Belém actual.

Estivemos lá por duas vezes, demorando-nos na cidade por espaço de uns 5 dias, e não assistimos sequer á queda de um pingo de chuva.

Pessoas a quem perguntei o que de verdadeiro havia a respeito dessa lei meteorologica atirada aos quatro ventos, não se julgavam habilitadas a me fornecer indicações seguras sobre o assumpto; limitavam-se a dizer que tambem ouviram contar que em tempos passados a tal chuva cahia diariamente.

Segundo deprehendi das informações que procurei obter, não tem o menor fundamento o que se lançou como lei meteorologica a respeito da chuva em Belém, nem mesmo em épocas passadas.

A população da cidade está em estreitas relações com Lisbôa, para onde se dirige grande parte dos habitantes, cada anno, de março a julho, á procura do clima confortador. Deram-me como justificativa dessa preferencia, a modicidade de preços das passagens nos transatlanticos. Uma passagem de 1.ª classe de Belém a Lisbôa, a 3.000 milhas de distancia, custa 12 libras, ao passo que para Fortaleza, no Ceará, a 688 milhas apenas, o seu preço é de 8 libras approximadamente. Além disso, a vida em Lisbôa é muito barata. De modo que, em vez de vir ao sul do Brasil, gosar as delicias de um clima pelo menos tão bom como o de Lisbôa, dirigi-se, á vista da careza do transporte, a população para a capital portugueza.

Em materia de transportes, parece que por toda a parte formulam-se as mesmas queixas.

Contra as tarifas da Companhia Amazonas de Navegação, fundada pelo Visconde de Mauá e hoje ingleza, ha grandes clamores. Um paneiro de farinha (25 litros), que custa 6$000, paga de frete, de Belém ao Acre, Juruá e outros pontos semelhantes, 25$000. O frete de uma sacca de café ao Oyapoc, é mais caro do que do Havre ao mesmo Oyapoc.

Devido ao imposto de 10 % *ad valorem* lançado pela municipalidade sobre varios generos nacionaes que entrem no municipio, alguns productos extrangeiros,

isentos daquelle imposto, ficam, em Belém, segundo me informaram, mais baratos que os nossos.

Póde-se citar, por exemplo, o xarque argentino que desbanca no mercado o riograndense por pagar na Alfandega impostos menos pesados que o nacional que entra no municipio.

Eis os preços de alguns productos mineiros :

1 kilo de manteiga, nunca menos de 5$000 ; queijo, 3$500 o kilo ; 1 garrafa de agua mineral (a unica conhecida é a de Caxambú), 1$500.

A manteiga chega em muito bom estado de conservação, bem como o queijo. Estes dois productos são muito procurados, mas difficilmente se encontram no mercado. Informou-me o proprietario do hotel da Paz, que, quando chega um vapor do Lloyd trazendo queijo de Minas, a noticia se espalha immediatamente e é preciso desenvolver grande esforço e actividade para poder-se obter uma pequena porção dessa mercadoria.

Não acontece a mesma cousa com as aguas mineraes, que os consumidores acham que, pelo facto de serem estas nacionaes, não devem ser pagas pelo mesmo preço das extangeiras, isto é, 1$500 a garrafa ; assim, estão promptos a consumil-as, mas pagando apenas 1$000 por garrafa.

E', infelizmente, costume bastante generalisado no nosso paiz, achar que um producto, só por ser nacional, fica, por este motivo, collocado em nivel inferior ao do similar extrangeiro. Para julgar da sua qualidade não se examina o producto propriamente, e sim, sómente a sua procedencia : sendo esta extrangeira, o producto póde ter preço elevado, sendo, porém, nacional, não póde ser pago senão por um preço miseravel.

E ainda ha quem fale contra o proteccionismo !

AINDA ALGUMAS NOTAS SOBRE BELÉM

O SERINGUEIRO NO AMAZONAS — RIOS E FEBRES NO ACRE

Alguns preços em Belém são, realmente curiosos. Assim, uma passagem de bonde custa 6 vintens até o largo da Polvora, e dahi por deante, outros 6 vintens. O conductor já traz comsigo, em uma bolsa a tiracollo, grande quantidade de moedas de cobre, de vintem e dois vintens, para fazer face ao troco.

Do mesmo modo, custa ainda 6 vintens um exemplar de qualquer dos jornaes locaes.

Devido a esses preços exquisitos, para cujo estabelecimento não se acha á primeira vista uma razão, têm-se no fim de pouco tempo, reunidas no bolso, incommodas moedas de cobre provenientes de trocos successivos.

Talvez por causa do clima quente, pois, desde pela manhã já estavamos sob uma temperatura de 29º—30º centigrados, faz-se não só em Belém mas tambem em Manáos, uso, em grande escala, de uma bebida que passa como sendo refrigerante — o assahy, caldo mucilaginoso, denso e côr de vinho, retirado do côco maduro da palmeira tambem chamada assahy e abundantissima em todo o valle do Amazonas.

O assahy toma-se em qualquer occasião ; a hora, porém, predilecta da população é ás 3 da tarde.

Geralmente, em cada rua vêm-se casas com uma bandeira vermelha á porta : ahi toma-se o assahy, a

cujo preparo o freguez ás vezes assiste. Quasi sempre uma preta é a dona da casa.

O preparo do assahy é simples: esfregam-se os côcos, comprimidamente, contra uma especie de peneira e apara-se em baixo a mucilagem que passa atravez das malhas. Está prompta a bebida, que é vendida em copos ou grandes chicaras.

Alguns tomam o assahy com assucar, outros com farinha, e outros, emfim, simples, sem nada.

Entre os condimentos usados no valle do Amazonas, o mais empregado é o molho de « tacacá com tucupy ». São dous caldos preparados separadamente e depois misturados. O tacacá é uma especie de grude muito ralo feito de polvilho; o tucupy, a manipoeira ou liquido que escorre da mandioca quando submettida á pressão para o fabrico da farinha.

Parece que não se emprega qualquer delles isoladamente e sim, somente reunidos constituindo o « tacacá com tucupy ».

Em Belém e em Manáos, vimos varias vezes nas listas das refeições, esse môlho como complemento de diversas iguarias; por exemplo: pirarucú com tacacá com tucupy, tartaruga com tacacá com tucupy, etc.

Não se podem deixar sem elogios duas compotas magnificas feitas com fructas procedentes de arvores da flora indigena; são as compotas de bacury e de cupu-assú, que se encontram no mercado bem acondicionadas em latas.

A farinha geralmente usada é a « farinha d'agua», feita de mandióca, e cujos grãos, ás vezes de um centimetro de diametro, têm a dureza de pedra.

Cacau e macachera (mandioca) são as unicas plantas cultivadas em grande escala no Pará. O anno passado o Estado exportou cerca de 3.000 contos de farinha de mandióca.

O proprietario de cacauaes chama-se «cacaulista», reservando-se o nome de «fazendeiro» apenas para o possuidor de fazenda de criação.

Conversavamos no hotel da Paz, sobre a difficuldade que provavelmente haveria para um estomago digerir a farinha d'agua, quando um nosso companheiro de prosa atalhou :

— Não fosse a farinha d'agua e certamente morreria de fome o seringueiro.

— O sr. já esteve em algum seringal ?— perguntei.

— Muitas e muitas vezes ; conheço o valle do Amazonas até o Acre, onde tenho ido a negocio. Como pharmaceutico achei que podia fazer alguma cousa, levando daqui carregamentos de remedios para vendel-os naquella região inhospita. E não me tenho dado mal com esse negocio. Imagine que um purgante de sal-amargo que aqui custa-nos 200 réis, vende-se no Acre por 3$000 e 4$000.

— Deve ter visto muita cousa interessante nessas suas viagens !

— Oh! Muita ; tantas cousas interessantes que até me repugna descrever-lhe algumas. Já ouviu falar na escravidão branca do Amazonas ?

— Escravidão ! nunca.

— Então ouça-me e depois me diga que nome merecem os trabalhadores dos seringaes. O «patrão», senhor do seringal, que precisa de gente para o seu trabalho, manda emissarios aos Estados da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, contractar trabalhadores que, attrahidos por promessas vantajosas, acquiescem em seguir para o Amazonas. Feito o contracto, o agente começa por debitar-lhes a passagem que custa 300$000 até o Acre; do mesmo modo roupas e mais alguns objectos que elles precisam para a viagem, escripturam-se em seu debito por preço fabuloso. Já

vae, portanto, o pobre trabalhador para o seringal sobrecarregado de uma divida bastante grande.

Daqui para cima elles vão em «gaiolas», embarcações que já deve ter visto por ahi, onde levam uma vida verdadeiramente miseravel. Em meio de bois, cavallos e porcos, que vão ás centenas na gaiola, ficam os desgraçados trabalhadores, cuja alimentação é de duas rações diarias de farinha d'agua. Em uma das minhas viagens tive que ir tratar um desses infelizes, que havia sido chifrado por um boi, seu companheiro de viagem.

Mergulhados em uma atmosphera putrida e nauseabunda, onde a temperatura de 34° accelera a fermentação dos excrementos e toda a sorte de immundicies que forram o pavimento do commodo que lhes serve de sala de refeição e de dormitorio, passam todo o tempo da longa viagem. Os que não resistem a esse meio infecto e adoecem, nem ao menos encontarm remedios de qualquer especie. Aos doentes ninguem dispensa o minimo carinho. Caridade, qualquer que seja a fórma sob a qual se manifeste este sentimento, é cousa que não existe absolutamente entre os que vão no navio.

Parece que a influencia do meio insensibilizou o individuo humano, bestificando-o.

Nenhum sentimento de pesar os que morrem despertam naquelles que os vêm morrer. Haver ou não entre os circumstantes um moribundo, é a mesma cousa, olham para este com o maior indifferentismo.

— Nunca pensei que fosse possivel ouvir semelhante narrativa.

— Ah! Além de tudo isso, o commandante da gaiola, porque um individuo lhe fez qualquer desaforo, deixa-o em um ponto deserto da margem sem o minimo recurso.

Fica-se indignado deante dessa scena de selvageria, mas ai daquelle que se animar a protestar.

Chegando ao seringal, o trabalhador toma conta de uma «estrada», um certo numero de seringueiras comprehendidas em uma zona, pela qual o seringueiro abre caminhos para poder «golpeal-as». A's 5 horas da manhã sahe o seringueiro a percorrer a sua estrada, operando o golpeio das arvores e collocando as «tigellinhas» para aparar o leite.

Depois de collocada a ultima tigellinha, volta á primeira arvore golpeada e vae então recolhendo em grandes baldes o leite de todas as tijellinhas. Em seguida, accende o fogo e «defuma», isto é, prepara as bolas de borracha. Só as 3 horas da tarde termina a sua faina diaria e então é que vae almoçar.

— E a sua alimentação é boa, quando no seringal ?

— Consta principalmente de farinha d'agua misturada numa agua lamacenta.

Raramente, elle tem assucar, sal e outros generos á sua disposição. E assim vive 5, 6 e mais annos esse desgraçado, bebendo uma agua pestifera e intoxicando-se de aguardente, que elle toma em quantidade consideravel. Todos esses generos elle é obrigado a comprar por preço exaggerado no armazem mantido pelo dono do seringal. O seringueiro fica trabalhando tempos e tempos sem saber si tem saldo ou si deve ao patrão. Quando se dirige a este pedindo o seu saldo, é geralmente mal recebido, sendo-lhe ás vezes negada formalmente qualquer informação a respeito. De sorte que, si o trabalhador quer voltar para a sua casa, tem de renunciar a esse desejo e continuar a trabalhar no seringal.

— E a navegação faz-se bem nesses rios?

— As grandes enchentes dão-se lá em cima de novembro a março, chegando cá em baixo de janeiro a maio ; nessa epoca, a navegação não tem impecilho e podia se fazer ainda de maio a julho si não fossem os paos que, trazidos pela enchente, obstruem os rios,

desde que as aguas começam a baixar. Imagine que desde junho acham-se presas lá no Acre, por causa da baixa das aguas, 30 embarcações carregadas de borracha, e bem póde avaliar os transtornos e mesmo prejuizos causados pela paralysação desta mercadoria.

— Como se arranjou com as febres? Poude evitar os mosquitos?

— Felizmente, tendo multiplas precauções, não apanhei febre. Quanto, porém á transmissão desta exclusivamente pelo mosquito, sou forçado a ter duvidas. No rio Antimary, affluente da margem esquerda do Acre, não ha carapanã nem pium; entretanto dá muita febre. Acham alguns que é esta devida á abundancia extraordinaria de *Assacú,* euphorbiacea cujo leite é venenosissimo. Não é, porém, uma questão bem liquidada. No Chapury, pessoas que tomam banho nas aguas do rio, apanham a febre infallivelmente, ao passo que podem livrar-se della quando evitam o banho».

Depois de palestrar ainda um pouco, fui com o meu informante, até a estrada S. Jeronymo, apreciar a bella illuminação em frente á casa onde se achava hospedado o sr. dr. Affonso Penna.

PARTIDA DO PARÁ --- A CIDADE DE SÃO LUIZ

As 7 horas da noite de 3, realizou-se a bordo do «Maranhão» o banquete offerecido pelo Lloyd Brasileiro ao governador do Pará, depois do qual o convez transformou-se em sala de baile, que durou até ás 11 horas.

Nessa mesma noite apreciámos, ás 9 horas, a bella serenata do club de regatas de Belém, que trouxe até junto do « Maranhão », varias canôas enfeitadas de balões venezianos e cheias de moças e rapazes a queimarem fogos de bengala.

Em uma dessas embarcações achava-se a orchestra, cujas musicas, talvez devido áquelle meio saturado de poesia, tinham para nós como que o valor de producções archangelicas.

Ás 4 horas da madrugada do dia seguinte, deixavamos o porto de Belém e seguiamos rumo de S. Luiz, Capital do Maranhão. Pelas 10 1/2 horas passavamos pela Barca-pharol, que marca o limite entre as aguas do Amazonas e as do mar.

Dahi por deante, cessou o bem-estar para aquelles que enjoavam, pois que, com o jogo do navio, começaram logo a pagar o seu aborrecido tributo.

O pharol de Gurupi, que avistámos ás 6 horas da tarde, indicava-nos o começo da costa do Estado do Maaanhão, a cuja Capital chegámos ás 10 horas do dia 5.

Cahia a essa hora forte chuva, que durou cerca de 30 minutos, e que por si só era bastante para impedir o

desembarque ; cessada, porém, essa pancada d'agua, tivemos ainda que esperar hora e meia pela visita da saude, de sorte que só ao meio dia puderam penetrar no navio o governador e outras pessoas que tinham ido a bordo do vapor «Continente», ao encontro do «Maranhão» dentro da bahia de S. Marcos. Fez-se logo depois o desembarque, na rampa em cujo lado esquerdo fica o « forte S. Luiz », hoje apenas formado de um velho e antiquado canhão, collocado junto ao caes e apontando contra a bahia. Nem ao menos serve para dar salvas esse representante da artilharia archaica.

Á esquerda de quem entra na Bahia, ha, na ponta d'Areia, ainda o « forte de S. Antonio », situado actualmente em meio de extenso areial ; está em completa ruina e nem possue canhões de qualquer qualidade que seja.

A cidade está situada em uma ilha bastante extensa, cortada de cursos d'agua e coberta de capoeirinha e catinga, onde existe em quantidade extraordinaria uma palmeira chamada *Babassú* ou *Baguassú*.

Dois rios, o Anil e o Bacanga, cujas embocaduras na bahia de S. Marcos distam pouco entre si, limitam a área da cidade a léste e a oéste.

Por occasião da cheia da maré, estes rios tornam-se importantes, quanto ás suas dimensões, até alguns kilometros da bahia ; na maré baixa, porém, reduzem-se a verdadeiros riachos.

Na bahia de S. Marcos dá-se a maior oscillação das marés das costas do Brasil.

As oscillações communs são ahi, com effeito, de 6,^{m}20, e 7,^{m}20 as de marés de lua.

Tem-se tido já a ideia de aproveitar para a producção de força essa variação da differença de nivel das aguas do mar.

Neste sentido o sr. dr. Aarão Reis elaborou um detalhado trabalho, onde estuda convenientemente a questão.

A' margem esquerda do rio Bacanga, mesmo em frente á capital, ha um industrial que aproveita a maré para a producção de força.

Por occasião do fluxo, enche-se um grande tanque que, no refluxo, fornece agua para mover uma roda hydraulica que move machinismos de uma pequena fabrica de calçados.

A cidade é illuminada a gaz, que custa 450 réis o metro cubico e é explorado por uma companhia particular.

E' em grande parte calçada a parallelepipedos, vindos de Lisboa e do Rio de Janeiro, chegando ahi pelo preço de 400 a 600 réis.

A sua população é avaliada em 50.000 habitantes e a sua renda annual, em 400 contos.

E' administrada por um intendente eleito pelo povo, e as suas leis elaboradas por um Conselho de Vereadores, tambem eleitos.

O abastecimento d'agua está a cargo de uma companhia particular que empregou nesse serviço o capital de 800 contos.

Foram captadas tres nascentes, distantes da cidade cerca de 7 kilometros, e cujas aguas, elevadas por meio de bombas, vão em tubos de ferro de 0,^{m}06 e de 0,^{m}09 de diametro, a um primeiro reservatorio de 120.000 litros de capacidade. Deste reservatorio situado no outeiro da Cruz, partem dois tubos de 0,^{m}06 que levam a agua até um outro reservatorio de 1.200.000 litros, situado no Campo do Ourique, nos suburbios da capital. Dahi partem 4 tubos de 0,^{m}06 para distribuição na cidade, onde se consomem diariamente 1.400.000 a 1.600.000 litros.

Póde-se estabelecer á vontade a communicação das bombas com a rede de distribuição, desde que, cheios os reservatorios, seja preciso ou conveniente fazer supprimentos a algumas zonas da cidade.

A agua é vendida a 1$200 o metro cubico ou então a 1$000 por pessoa, quando em uma casa se faz o contracto por torneira livre.

A parte mais bonita da cidade é a avenida Maranhense, de cerca de 300 metros de comprimento e uns 50 de largura. E' toda ajardinada, sendo os seus jardins de elevado gosto artistico e caprichosamente conservados.

Algumas praças são tambem ajardinadas e arborizadas com gosto.

A cidade está collocada em um terreno accidentado, havendo, portanto, ruas em ladeiras, ás vezes bem ingremes. Algumas dessas ruas não primam por sua limpeza, o que infelizmente verificamos mesmo nas proximidades do Mercado.

Ha na capital um corpo de Bombeiros convenientemente apparelhado e dispondo de 60 praças.

A policia do Estado consta de 1 batalhão com 500 praças e 1 esquadrão com 50.

O Estado, cuja população é avaliada em 600.000 habitantes, tem uma renda de 2.700 contos.

A sua principal producção consta de algodão, cuja colheita annual regula ser de 35 a 36 mil fardos de 120 kilos. Destes, 15 mil são consumidos nas fabricas de tecidos que existem em torno da capital e em outros pontos do Estado.

Produz tambem cereaes, farinha de mandioca, fumo e outros generos, porém, em pequena escala.

Em S. Luiz e seus arredores ha varias fabricas: algumas de tecidos, uma de phosphoros e uma de chumbo de caça e de prégos.

Sobre esta ultima darei algumas informações colhidas em uma rapida visita.

Para obter a materia de que é feito o chumbo de caça, funde-se o chumbo com uma pequena porcentagem de acido arsenioso que lhe dá a propriedade de

poder granular-se facilmente. A fusão se faz em uma caldeira de ferro collocada sobre uma fornalha.

Este chumbo assim preparado é levado para uma caldeira no alto de uma torre de 50 metros de altura. Desta caldeira elle passa, em estado liquido, por crivos metallicos contendo orificios do mesmo diametro, e cahe em um tanque com agua, existente em baixo da torre.

Na quéda elle toma a fórma granular de chumbo de caça, havendo, porém, alguns grãos que não se tornam bem esphericos. Vae dahi ao « classificador », cylindro inclinado, provido de furos por meio dos quaes separa-se a boa qualidade, isto é, o chumbo bem redondo. Este é collocado, em seguida, dentro de um cylindro—o « burnidor »— contendo plombagina. Ahi se faz o acabamento do producto, recebendo este o polido conveniente.

No mesmo edificio da fabrica de chumbo ha tambem uma de pregos, existindo para este fim 4 machinas.

O capital empregado nas duas fabricas é de ... 150:000$000.

Com as folhas da palmeira babassú, abundantissima nos arredores de S. Luiz, fazem-se cestas de tamanhos diversos, chamadas « côfos », geralmente empregadas para o transporte de objectos os mais differentes.

No côfo transportam-se as verduras, os cereaes, as fructas, a carne etc.

Quem vae, por exemplo, ao mercado fazer compras, leva infallivelmente o seu côfo.

Para o acondicionamento da farinha de mandioca, fazem-se cestas especiaes, com as folhas de « guariman », zingiberacea que dá nos brejos. Nestas cestas, que têm um aspecto agradavel, é vendida toda a farinha produzida no Estado.

Antes de chegar ao Maranhão, já eu tinha ouvido falar em uma das suas mais queridas iguarias — o arroz de cuchá. É o arroz commum, que se deve comer misturado com um guizado — uma especie de mingáo verde—em que entram gengibre e outros condimentos, mas cuja base principal é a « vinagreira », herva da flora maranhense,—uma Malvacea do genero *Hibiscus*.

Tive algumas vezes, nas refeições, na minha frente, a tão falada iguaria ; mas, confesso que para o meu paladar foi ella simplesmente detestavel. Alguns companheiros da comitiva julgaram-n'a do mesmo modo.

E assim é tudo o mais ; o que agrada a uns, é detestavel para outros. O prato saboroso para os maranhenses, para mim e outros foi verdadeiramente intragavel.

PARTIDA DO MARANHÃO

SUBIDA DO RIO ITAPICURÚ

Fazia parte do plano de viagem do sr. dr. Affonso Penna, ir a Caxias pelo rio Itapicurú, e de lá á Therezina, voltando, depois, pelo rio Parnahyba.

As noticias que corriam sobre as condições de navegabilidade do Itapicurú, eram, entretanto, desanimadoras : o rio estava com as aguas muito baixas ; algumas embarcações de maior calado ficavam encalhadas dias e dias ; era quasi certo que de S. Luiz a Caxias seriam necessarrios, pelo menos, uns 20 dias.

Outros informantes não eram, todavia, tão pessimistas: o rio estava realmente em más condições de navegabilidade, mas, com um pouco de felicidade, podia-se ir a Caxias em uns 6 ou 8 dias.

Apesar desse desencontro de noticias, o sr. dr. Affonso Penna não se intimidou e ficou firme em proseguir o seu plano.

A viagem ia ser feita no « Barão de Grajahú », vapor pertencente á «Companhia Fluvial Maranhense», companhia de accionistas, sem subvenção dos poderes publicos. Faz a navegação dos rios Itapicurú, Pindaré, Mearim e Maracú, e além disso dá tambem algumas viagens na costa de Icatú e S. José do Riba-Mar. Esta companhia se acha em boas condições economicas, pois o anno passado teve um saldo de 193:433$307. Possue, para o serviço, 4 vapores e 11 barcas.

Ha, ainda no Maranhão, a « Companhia Navegação a vapor do Maranhão », que tem serviços costeiros e é subvencionada com 200 contos por anno pelo governo federal.

O « Barão de Grajahú » estava já preparado para a viagem. É um navio do typo das « gaiolas » do Amazonas ; custou 110 contos e tem 30 metros de comprimento, sendo, approximadamente, de 1 metro o seu calado. A sua machina a vapor é de 40 cavallos.

Ás 3 horas da madrugada, terminando então, o baile que, animado, seguiu-se ao banquete offerecido pelo Lloyd Brasileiro ao governador do Maranhão, começámos a passar a nossa pequena bagagem para bordo do « Barão de Grajahú », que já estava atracado ao costado do « Maranhão ».

Não foi das melhores a impressão que tive quando me achei no vapor em que deviamos viajar tantos dias.

No pavimento superior da « gaiola », cada um tratava de arranjar um logar para armar a sua rede, e bem se póde imaginar a balburdia produzida por umas vinte e tantas pessoas que tratavam de accommodar-se. Alguns nem sabiam como armar a rede, e tinham de esperar até que os entendidos lhes viessem dar instrucções a respeito.

O espaço disponivel era pequeno para o numero de passageiros, de sorte que as redes ficavam quasi unidas umas ás outras.

No centro do dormitorio, aberto por todos os lados passava, vinda da fornalha, a grossa chaminé portadora de calor que, por irradiação, concorria para que mais elevada se tornasse a temperatura do meio em que tinhamos de passar a noite.

Além disso, dois grandes lampeões de gazolina traziam tambem forte contingente para que o nosso dormitorio se tornasse verdadeira estufa, evidentemente incommoda.

Para extinguir estes dois focos de calor havia, felizmente, um recurso : apagal-os—e foi o que se fez.

No fim de algum tempo, a relativa confusão dos primeiros momentos foi desapparecendo, estando cada um aboletado, bem ou mal, na sua rêde, de sorte que ás 4 1/2, quando o « Barão de Grajahú » se poz em movimento, já havia a bordo completo silencio.

Um luar bellissimo permittia que, mesmo da rêde, pudessemos ir contemplando a cidade de S. Luiz,que, aos poucos,a distancia foi fazendo desapparecer.

Depois que o navio se poz em marcha, a temperatura tornou-se agradavel, devido provavelmente não só ao deslocamento do ar, como tambem á approximação da hora em que se dá a minima diurna.

Na passagem pela ilha do Medo e pelo Boqueirão, ainda na costa léste da ilha de S. Luiz, logares que passam como sendo perigosos para os navios apropriados á navegação fluvial, o «Barão» jogou bastante, denunciando um mar agitado.

A's 7 1/2 da manhã, depois de passar pelo estreito da Estiva, chegámos á bocca do Mojó, extremidade de um dos quatro braços partidos da «bahia dos Quatro Cantos» e pelos quaes o Itapicurú se lança no mar, na bahia do Arraial. Iamos, então deixar as vizinhanças da ilha de S. Luiz, de que haviamos contornado uma grande parte, e começar a subida do Itapicurú.

Pouco depois da bahia dos Quatro Cantos, passámos pelo velho forte de Vera Cruz, construido pelos hollandezes ao lado da corredeira do mesmo nome. Hoje, em vez de canhões possue arvores e arbustos que se installaram nas suas muralhas arruinadas e já circumdadas pela capoeira.

Sobre as aguas salobras do rio, corre, ás vezes, em verdadeiras manadas, um peixe de uns 20 centimetros de comprimento—é o «tralhoto», que, na sua carreira rapida, dirige-se em muitos casos para a mar-

gem, ficando, não raro, ahi mettido na terra amollecida.

Impressionaram-nos esses curiosos peixes como si fossem lagartixas que, espertas, estivessem a correr sobre a agua.

Até a villa do Rosario, onde chegámos ás 9 horas e 40 minutos da manhã, ás margens vê-se sempre extenso mangue formado de arvores altas sobre as quaes esvoaçavam, ás vezes, bandos rubros de guarás, como manchas de sangue que estivessem a deslocar-se sobre a matta.

Do tronco das arvores do mangue descem sempre, de varias alturas,raizes adventicias que attingem o sólo, e que dão ás arvores uma feição das mais curiosas.

Na villa do Rosario, situada á margem esquerda do rio, tinhamos de almoçar ; era preciso, porém não perder tempo, porque o vapor devia sahir ao meio dia afim de approveitar a maré para passar um baixio ; caso perdesse essa opportunidade, só poderia sahir ás 8 horas da noite.

Depois da visita á Camara Municipal, realizou-se o almoço em que cada um tratava de ingerir o mais depressa possivel a dose de alimento necessario ao estomago.

Ao terminar a refeição, depois que se havia levantado o sr. dr. Affonso Penna, um nobre orador achou propicia a occasião para dirigir um brinde aos jornalistas da comitiva. Ao contrario, porém, do que elle imaginava, o momento, si bem que fosse solemne, era, todavia, pouco opportuno, pois que dispunhamos apenas de alguns minutos para o embarque. Nestas condições, fomos forçados a deixar de ouvir o discurso, que não soubemos si ainda durou muito tempo.

Tomamos em Rosario uma bebida especial dessa zona—a «tiquira»—que é a aguardente feita de mandioca.

Para preparal-a, rala-se a mandioca, e aggrupam-se as raspas em pães, que são postos a fermentar. Por distillação extrahe-se, depois, a aguardente.

Rosario, collocada entre coqueiros da Bahia, babassú e jussára, que é o assahy do Amazonas, marca o limite do mangue. Dahi para cima as margens são altas e tambem dahi para cima é que a navegação encontra serios empecilhos.

O rio, que em frente á villa tem 25 metros de profundidade e a largura de cerca de 70, apresenta até Caxias profundidade e largura muito variaveis.

No tempo das cheias a sua navegação é facil; quando, porém, as aguas baixam, ella torna-se penosissima para os navios de calado egual ao do «Barão de Grajahú».

Até Rosario, encontramos frequentemente grandes lanchas á vela, carregadas de generos diversos; dessa villa para cima essas embarcações já se tornaram mais raras. Viamos quasi sempre, presas á margem, canoas denominadas «igaratés» e outras ainda menores, chamadas «cascos».

Passou-se o dia sem incidente algum na navegação. A's 9 1/2 da noite, porém, o navio ao entrar no primeiro «secco», desgovernou-se e embicou na margem com forte encontrão. Galhos de arvores espinhosas penetraram no logar em que se achavam armadas as rêdes, obrigando os que já estavam deitados a levantar-se apressadamente.

Foi esse o começo de uma navegação verdadeiramente fantastica, pois que o navio, que calava approximadamente 1 metro, tinha de passar por uma serie de «seccos» ou baixios,cuja profundidade era, em média, de 60 centimetros.

Quatro marinheiros, collocados na prôa, applicavam as varas de amejús, madeira especialmente para

isso empregada, e com grande difficuldade conseguiam afastar o navio.

Era preciso procurar a parte menos rasa para fazer por ella o canal. Dois marinheiros desceram então ao rio e foram, com a agua a principio pelo meio das côxas, como que tacteando a procura da parte mais funda.

Esta, porém, não existia propriamente, pois que o «secco» era quasi todo da mesma profundidade.

A' vista disso, mais dois marinheiros, conduzindo cabos, desceram ao rio e foram prendel-os a arvores nas margens, a uns 40 metros da prôa. Puzeram-se então a funccionar o guincho a vapor e a machina do navio. Os cabos foram-se esticando e á medida que lentamente se enrolavam no guincho, o navio movia-se com egual lentidão, arrastando-se sobre o leito.

Poderia ter uns 200 metros de extensão esse primeiro «secco»; entretanto, gastamos quasi 2 horas para transpôl-o. Logo acima, estava a povoação de Itapicurú-mirim, onde muitas pessoas esperavam na rampa de desembarque o «Barão de Grajahú», que ahi chegou ás 11 horas.

A noite de luar deixava ver a pequena povoação que se extendia em uma assentada á margem direita do rio.

A temperatura que durante o dia tinha sido um tanto elevada, era a essa hora de 22°.

A' meia noite, recomeçou o navio a marcha, e só então nós nos fomos utilizar das rêdes armadas no salão de jantar, transformado em dormitorio.

AINDA NO ITAPICURU'

A «gaiola» constitue um typo todo especial de embarcação.

Formada de dois pavimentos quasi sempre abertos por todos os lados, tem apenas um camarote para o commandante e ás vezes um compartimento fechado para *toilette* das senhoras.

Cada passageiro deve munir-se da sua rede, que elle mesmo arma na hora de deitar-se, no salão que á noite serve de dormitorio, porém, de dia é sala de jantar.

Pela manhã, cada um desarma a sua rede, e guarda-a onde melhor lhe convem.

No pavimento inferior ficam as machinas, os depositos de lenha e de viveres, a cosinha etc. Em algumas gaiolas, ahi tambem ha um salão utilisado para dormitorio de passageiros.

No pavimento superior, fica o salão de refeições que, como disse, á noite se transforma em dormitorio.

Não é, portanto, das mais confortaveis, a vida que se leva a bordo de uma gaiola, onde a procura de um logar para armar a rede é quasi sempre objecto de serias cogitações.

Alguns trocistas perversos escondiam ás vezes, as redes dos companheiros, e bem se póde avaliar o incommodo destes, quando á noite davam por falta dos seus leitos.

Além desses dissabores, tinha-se sempre na idéa o perigo de ser apanhado pelos ramos das arvores quasi sempre espinhosas que a intervallos bem pequenos invadiam o navio.

Destas invasões constantes resultam muitas surpresas. Todos os animaes que, á noite, se achavam nas arvores invasoras, ficavam quasi sempre na «gaiola»; de sorte que, por cima da rede em que se dormia, esvoaçavam passaros de toda a especie, que obrigavam a que se ficasse completamente envolvido na rede, para poder livrar-se de um contacto pouco desejado com o extranho hospede.

O peior desses visitantes foi, certamente o que appareceu na rede do dr. Raphael Pinheiro, representante da *Gazeta de Noticias*.

Estavamos todos já aboletados em nossas redes, quando, á meia noite, forte alvoroço nos indicou que se passava a bordo qualquer cousa de anormal. Mais um pouco e podia-se ouvir distinctamente o que diziam : «Uma cobra ! Uma cobra na rede !» Foi o bastante para que cada um se puzesse em movimento e fosse saber o que se passava.

Era com effeito, uma cobra de 1 metro de comprimento que tinha vindo fazer uma visita ao dr. Raphael Pinheiro. Estava este deitado e quasi a dormir, quando notou que uma cousa estranha e escura estava a mover-se nos punhos da rede ; prestando um pouco mais de attenção, reconheceu que era uma grande cobra que vinha dirigindo-se para elle. Diz o nosso companheiro que não sabe como sahiu da rede, tal foi a força do seu instincto de conservação.

Diversas pessoas foram chamadas apressadamente para matar a cobra ; não houve porém, quem se animasse a fazel-o, apparecendo apenas um marinheiro que, por muito favor, deu-lhe com um pau, atirando-a dentro do rio.

Estas invasões de arvores davam-se, ás vezes, com uma intermittencia irritante.

O navio, completamente desgovernado, porque o leme de nada valia em aguas de pequena profundidade, ia ora de encontro a uma margem, ora á outra. Era uma navegação feita ao acaso; a embarcação ia para onde a sorte a levava.

E assim, zig-zagueando no rio, aos encontrões nas margens e nos bancos de areia, seguia o «Barão de Grajahú», arrastando-se sobre o leito do rio, onde a agua quasi que apenas prehenchia o papel de mero lubrificante.

A tripolação, que bem merece o nome de heroica, não descançava. Entretanto, nem sempre os seus esforços davam promptos resultados. Assim, no dia 9 esteve o navio, desde meio dia até 3 1/2 da tarde, encalhado em S. José dos Morros.

Quando o vapor parava, o calor como que redobrava de intensidade, pois não havia a menor viração.

Varias vezes, ás 4 horas da tarde o meu thermomemetro marcára 35º no salão de jantar, e 37º na camara destinada ao sr. dr. Affonso Penna. Na prôa que era a parte mais fresca do navio, a temperatura á tarde mantinha-se de 31º a 32º.

Tão insupportavel tornára-se o calor, que as refeições foram transferidas para um espaço acanhado em frente ao camarote do commandante na extremidade da prôa. Ahi, frequentemente a galharia das arvores das margens obrigava os que estavam á mesa a levantar-se apressadamente e a defender os pratos e copos ameaçados pelos ramos.

Nas visinhanças da borda do navio ninguem podia estar tranquillo, e aquelles, que se descuidavam corriam o risco de ser feridos, como aconteceu a alguns companheiros.

Para certas distracções era, todavia imprescindivel arrostar a furia das arvores.

Divertiamo-nos uma noite, em torno de uma mesa collocada na extremidade da pôpa, jogando o *truque*, bastante conhecido em Minas. Depois de passar o «remanso da Marianna»— trecho em que o rio fazendo uma volta em angulo recto, passa entre dois paredões rochosos, a pique — sentimos o choque do navio contra a margem ; tivemos tempo apenas para correr, pois immediatamente um grosso galho de arvore varreu a nossa mesa, derrubando o castiçal e apagando a vela, atirando com o baralho e tentos para o chão, arrastando a propria mesa e virando as cadeiras, emfim, uma verdadeira devastação que só se comprehenderia egual á que fosse feita por um ataque policial cujo fim devesse ser o exterminio do jogo.

Desses choques contra o leito ou contra a margem, o maior foi o que houve ás 11 horas da noite, no «remanso do Camundá». O navio soffreu um forte abalo que fez com que todos acordassem.

Raros são os beneficiamentos que o rio tem recebido para manter as condições de navegabilidade. Vimos apenas um comprido caes de alvenaria de pedra secca, á margem direita, no «remanso dos Primeiros Campos», e cujo fim era impedir o alargamento do rio, e um outro caes construido em frente a uma povoação.

O rio tem uma largura media de 40 metros, havendo alguns «remansos», em que ella desce a 20 ; nos logares em que a sua largura é maior, forma-se sempre um secco, isto é, um baixio. Mesmo, porém, nos trechos estreitos, o navio não obedece absolutamente ao leme ; a sua direcção é dada pelo accaso. A's vezes a correnteza e o esforço da machina actuam de maneira que o navio navega bem durante certo tempo pelo centro do rio ; dahi a pouco, porém, elle muda de direcção e não ha meio nem de desvial-o nem de fazel-o parar : ha de seguir o seu rumo até dar um encon-

trão na margem, ou então ficar encalhado em meio do caminho.

A partir do Rosario, para evitar que os navios, por não terem governo, virem, por effeito da correnteza, a pôpa para cima, elles rebocam quando sobem, uma barca pesada, que serve de contrapeso.

O «Barão de Grajahú rebocava a barca «Caxias», grande, larga, e tendo o tecto formado por duas aguas cobertas de capim.

O terreno até Caxias é constituido pelo grés, ora esbranquiçado, ora vermelho ou avermelhado; as suas camadas são em alguns pontos quasi horizontaes; em outros, porém, têm inclinação nunca muito forte.

Uma camada de terra argillosa cobre, em geral, o grés, que umas vezes é friavel, outras, bastante duro.

Todo o terreno é coberto de capoeira, onde impera a palmeira babassú, que fornece aos habitantes da zona varias utilidades.

Com os rachis das folhas fazem cercas e constroem jangadas, que no alto Itapicurú são empregadas no transporte do algodão.

As folhas novas são utilisadas como forragem, e as velhas para cobertura de casas.

Da extremidade aerea do tronco tiram um bom palmito, e do côco um oleo muito empregado para lubrificação, sendo um bom combustivel o bagaço resultante da sua expressão.

O côco é perseguido por um bicho — larva de um coleoptero — que se installa na castanha e que é muito procurado como fina iguaria. E' o «bicho de côco», que os habitantes comem com prazer.

A's margens do rio, quasi que só se vê uma Urticacea do genero *Celtis*, muito espinhosa e parecida com a planta chamada *grão de gallo*, em Minas, e que lá se chama *joazeiro*.

A agricultura é ainda rudimentar nessa parte do Maranhão. A unica plantação que vimos em maior

escala, e assim mesmo formando estreitas faixas de alguns metros á margem do rio, foi a do fumo, que é preparado em cordas fusiformes de cerca de 1 metro de comprimento e envolvidas completamente por uma corda de tucum ou burity. Da região, o mais afamado é o «fumo do Codó».

Pouco antes do igarapé do Codó-mirim, vimos uma plantação de algodão; era, porém, pequena. Vimos ainda umas duas ou tres plantações de algodão, e cifrou-se nisso tudo o que observámos da agricultura da parte que a vista podia alcançar além das margens do rio.

Nestas, vê-se raramente uma casa, e assim mesmo de palha, mostrando o atrazo dessa região, que é devido, talvez,á falta de gente.

A industria pastoril mantem-se, ao que parece, em estado semelhante ao da agricultura, pois que bem raros foram os animaes que vimos durante a subida do Itapicurú. Pouco antes de Codó, vimos, entretanto, um bello touro de raça.

O governo do Maranhão, para desenvolver a industria pastoril do Estado, tem ultimamente alli introduzido reproductores de raça, que são vendidos aos criadores por preços razoaveis. Tambem têm sido introduzidos varios reproductores de gado mineiro, que naquelle Estado gosa de justa reputação.

A vida do caboclo maranhense é a mais simples, quasi primitiva. Habitualmente traja-se apenas de calças, sendo a camisa e paletó objectos de luxo.

Vimos algumas vezes caboclas que, apenas em camisa, conservavam-se muito naturalmente á margem do rio, a observar a passagem do vapor; outras vezes, preparadas para o banho, pouco se incommodavam com a approximação do navio.

Relativamente a salarios, é pouco exigente o caboclo maranhense; basta dizer que um marinheiro do «Barão de Grajahú» ganha 20$000 por mez, para tra-

balhar dia e noite. O commandante desse navio tem o ordenado fixo de 150$000 mensaes e, além disso, uma porcentagem sobre as passagens e os fretes.

Entre os representantes da fauna itapicuruense, podem-se citar a «cigana», grande ave que se apresenta em bandos numerosos, e os jacarés e lagartos, que junto ás margens ficam, principalmente de manhã e de tarde, a aquecer-se ao sol.

O sr. dr. Alvaro Penna, em tiros certeiros, partidos de bordo, dizimava esses reptis.

Falando da fauna itapicuruense, não se póde deixar de citar o «Tira-manha», pequeno coleoptero preto que em quantidade prodigiosa era o tormento dos passageiros do «Barão de Grajahú» em um certo trecho do rio. Este insecto, quando entra nos olhos, causa um ardor incommodo que o torna ainda mais detestavel.

De Itapicurú-mirim a Caxias, tocamos em duas povoações: Caroatá e Codó, que foram visitadas pelo sr. dr. Affonso Penna.

Em Codó, a banda de musica, como em outros logares, executou o hymno nacional na occasião em que saltou em terra o futuro chefe do paiz. Não se contentou com isso, entretanto, a banda musical, pois que, formado o prestito, ella o foi acompanhando ainda a toque de hymno nacional. Como se tornasse demasiadamente incommodo ficar-se sem chapéo debaixo do sol abrasador das 3 horas da tarde, foi necessario pedir-se ao mestre da banda que reservasse para outra occasião mais opportuna a execução da apreciada musica que faz vibrar a alma brasileira.

A's 6 da tarde do dia 13, chegámos, emfim, depois de 6 dias de viagem pelo Itapicurú, a Caxias, ponto terminal da navegação a vapor. Tinhamos feito a bordo do «Barão de Grajahú», do qual então nos despedimos, o percurso de 429 kilometros.

DE CAXIAS Á THEREZINA

A cidade de Caxias, que é, depois da Capital, a mais importante do Estado do Maranhão, está situada a uma altitude de 50 metros, em terreno plano e arenoso, á margem direita do rio Itapicurú. Não tem ruas calçadas, sendo algumas destas providas apenas, de passeios junto ás casas. A sua população é avaliada em 10.000 habitantes.

Algumas fabricas de tecidos que ha na cidade, contribuem para dar-lhe a importancia que lhe marca logar saliente entre as povoações do Estado.

Estivemos em Caxias apenas uma noite, pois que no dia 14, ás 5 horas da manhã, tomamos o trem da «Estrada de Ferro Caxias a Cajazeiras», que nos conduziria á Flores, cidade fronteira á Therezina.

Pelo nome desta estrada de ferro parece que o do seu ponto terminal é — Cajazeiras; não é entretanto, o que se dá: a estrada liga Caxias á cidade de Flores, e além disso chama-se — Senador Furtado — a sua estação no ponto terminal. Este fica, assim, com tres nomes legalizados: Cajazeiras, Flores e Senador Furtado.

A estrada, que pertence á «Companhia de Melhoramentos do Maranhão», tem 78 kilometros e gosa da garantia de juros de 6 % paga pela União, sobre o capital correspondente a 28 contos por kilometro.

A's 6 1/2 da manhã, chegámos á estação do Engenho d'Agua, uma das melhores da estrada, onde visitá-

mos a usina de assucar do mesmo nome. Além desta usina, ha em todo o Estado, apenas uma em Pindaré, mas que não funcciona ha já algum tempo.

A usina de «Engenho d'Agua» é propriedade da firma Viuva Cruz & Filhos.

O engenho póde tratar diariamente 80 a 100 toneladas de canna e produz por anno 10.000 saccas de assucar e uma pequena quantidade de aguardente. E illuminado a alcool, que ahi fica mais barato que o kerozene.

O rendimento em assucar é, devido aos apparelhos empregados, apenas de 6 %.

A cultura da canna faz-se pelos processos mais aperfeiçoados.

O terreno é revolvido por meio de arados de discos e depois destorroado e gradado.

Empregam-se arados de 2 e de 3 discos, que funccionam puxados por 3 juntas de bois.

Cada arado occupa um menino para guiar os bois, um outro menino que vae ao lado e um homem que, sentado na boléa, dirige o arado.

O modo de arar o terreno plano, é o seguinte: marca-se no terreno um grande quadrado de 50 metros de lado e faz-se o arado sulcal-o; chegando no fim desse quadrado, continúa-se na mesma direcção, abrindo um sulco do lado de dentro e junto ao primeiro. Deste modo, o arado, seguindo sempre para a frente, não precisa soffrer a reversão, economisando-se tempo e trabalho.

Nos terrenos inclinados este systema não póde ser empregado. A usina, porém, só cultiva a canna em terrenos planos ou quasi planos.

Preparado o terreno, um arado abre nelles sulcos parallelos e convenientemente distanciados, onde se plantam pequenos pedaços de canna.

A capinação é feita por meio de capinadores mechanicos. Cada capinador é puxado por um burro e

guiado por um homem, e faz o trabalho de 20 homens que capinassem á enxada.

No momento da nossa visita, estavam em trabalho 3 arados de discos e 5 capinadores mechanicos.

A principio, a terra não era adubada e então, uma quadra (100×100 braças), que é a unidade agraria usada na região, produzia 200 toneladas de canna; depois, porém, que lhe addicionaram o adubo de cinzas, estrumes de curral etc., a producção da mesma unidade de superficie elevou-se a 800 toneladas.

As plantações são irrigadas por meio de mangueiras tendo na extremidade esguichos por onde é projectada a agua tirada por bomba a vapor, de um corrego ou de poços.

Os dados que ahi citei, me foram fornecidos por um dos donos da usina e bem mostram a vantagem do emprego das machinas e dos adubos em agricultura.

Sahimos do Engenho d'Agua ás 8 horas.

O terreno até Flores é coberto de campo cerrado, onde ainda apparecem o babassú e algumas carnaubeiras. Os troncos desta palmeira são empregados para postes telegraphicos.

Não ha propriamente morros e sim ligeiras ondulações que não tiram ao terreno o aspecto de planicie infelizmente arenosa e arida.

A agua ahi não é facilmente encontrada. De Caxias a Flores, 78 kilometros, passámos apenas por dois corregos com agua; vimos, é certo o leito de mais alguns poucos; mas já estavam completamente seccos.

Chegámos á cidade de Flores ás 9—45, tendo gasto na viagem propriamente, 3 horas e 1/4, de sorte que foi de 24 kilometros por hora a velocidade do trem.

Flores é uma cidade pequena, sem importancia e situada á margem esquerda do rio Parnahyba, que é, em grande extensão, a divisa entre os Estados do Maranhão e Piauhy.

Da estação de Senador Furtado, de onde já avistavamos a bella cidade de Therezina, na margem opposta do rio, dirigimo-nos logo para este, que transpuzemos no vapor «Therezinense».

Atracado o vapor junto á rampa do largo Marechal Deodoro, saltamos em terra do Piauhy, cuja capital nos dava a mais agradavel impressão.

A CIDADE DE THEREZINA

A cidade de Therezina começa mesmo junto á margem do rio Parnahyba e extende-se sobre um terreno ligeiramente inclinado, desde tempos passados conhecido pelo nome de Chapada do Corisco.

A 20 de outubro de 1851 foi para essa chapada mudada a villa de Puty, existente nas margens do rio Puty e ahi sujeita á devastação das enchentes e a febres ; ficou sendo, então, a — Villa Nova de Puty.

Satisfazendo a uma aspiração antiga dos piauhyenses, em 6 de julho de 1852 foi votada pela Assembléa Provincial e sanccionada pelo presidente, dr. José Antonio Saraiva, a lei que estabelecia a mudança da capital para a Villa Nova do Puty, que então recebeu o nome de Therezina.

A 7 de agosto do mesmo anno de 1852, o presidente Saraiva abandonava definitivamente a cidade de Oeiras, que ficava destituida dos fóros de capital.

A impressão que se tem de Therezina é a de uma cidade modesta, porém, asseiada. As suas ruas, bem alinhadas e largas, não são calçadas, mas em qualquer dellas póde-se respirar um ar puro, pois que na camada espessa de areia que fórma seu lastro, nada se encontra de repugnante e que concorra para viciar o ambiente.

A pedra na zona da cidade é muito difficil ; e, por isso, tem-se retardado o calçamento das ruas ; ain-

da por essa razão, os passeios são formados ás vezes, de meio-fio de pedra e ladrilho de tijolo, outras vezes, inteiramente de tijolo.

Algumas das largas praças da cidade são arborizadas a oitys e outras variedades de arvores.

Entre os edificios que se destacam, devem-se citar o Palacio, a Delegacia Fiscal, o Congresso, a Intendencia, a Secretaria da Fazenda e o Mercado, todos situados na praça Marechal Deodoro, o Theatro, «4 de Setembro» e algumas egrejas. Destas, a mais bonita é, entretanto, a de S. Benedicto, construida na parte alta da praça do mesmo nome. Para o atrio bem calçado e, além disso, ladeado de bancos de pedra, dá accesso uma grande escadaria tambem de pedra, que torna o templo ainda mais imponente.

Proximo a essa egreja, fica o palacete Lavinopolis, onde se hospedou o dr. Affonso Penna.

A cidade tem uma população de 20.000 habitantes; é illuminada a kerozene e não possue linha de bondes.

A sua renda annual é de 100 contos. Apesar, porém, da relativa exiguidade desta, os poderes municipaes, constituidos de 1 intendente e um conselho municipal, eleitos pelo povo, dotaram-n'a com um abastecimento d'agua, cujo serviço, a cargo do engenheiro Antonino Freire da Silva, é feito com regularidade.

O manancial aproveitado é o rio Parnahyba, sendo a captação feita a 2 kilometros da cidade.

Uma galeria collocada abaixo do nivel da estiagem maxima do rio, conduz a agua ao poço de alimentação, de onde duas bombas Worthington, accionadas por uma força de 7 cavallos-vapor, elevam-n'a até os tanques de decantação situados a uma distancia de 150 metros.

A decantação é feita por gravidade no espaço de 12 horas, que, pelas experiencias feitas pelo dr. An-

tonino Freire,é o tempo da decantação util das aguas do rio Parnahyba.

Dos tanques de decantação é a agua conduzida, ainda pela gravidade, aos filtros inglezes, e destes ao reservatorio de agua filtrada.

Todo o serviço de filtração é em duplicata,afim de permittir a lavagem dos tanques de decantação e limpesa das camadas de areia dos filtros.

Lavam-se os filtros, introduzindo agua sob pressão pela parte inferior delles. Na occasião das cheias, essa lavagem faz-se semanalmente.

Do reservatorlo de agua filtrada, a agua é recalcada para a cidade por um encanamento de 0^{m},30 de diametro, e de 2.400 metros de extensão, havendo para o recalque duas bombas Worthington que precisam de 20 cavallos-vapor cada uma.

A distribuição é feita em marcha, directamente pelas bombas.

No extremo da linha de recalque está collocado o reservatorio de compensação, dividido em duas caixas de 500.000 litros cada uma. Está, por emquanto, construida apenas uma caixa, cujo fundo está a 36^{m},5 acima do nivel da estiagem maxima do rio.

Da linha de recalque, partem tubos de 5, 6, 7 e 8 pollegadas para a cidade. Todas essas secções de tubos são alimentadas pelos dois extremos, de modo a permittir concertos, sem interromper o serviço de distribuição.

Nas ruas de menor população o diametro do encanamento é de 2 1/2 pollegadas.

A venda d'agua se faz, actualmente, por torneira livre, tendo como base o valor locativo dos predios : 12$000 para os predios em que este valor é egual ou superior a 30$000 por mez, e 7$000, para aquelles em que esse valor é inferior.

As casas cobertas de palha pagam apenas 5$000 mensaes.

O governo trata, entretanto, de estabelecer hydrometros, devendo, depois disso, ser a agua vendida a 400 réis o metro cubico.

Ha na cidade 300 casas servidas de agua proveniente do abastecimento.

A renda do Estado, cuja população é avaliada em 350.000 habitantes, tem sido, ultimamente, de 1.200 contos.

No governo estadoal, ha o governador e mais tres secretarios, que são: do Governo, Fazenda e Policia, tendo este ultimo as funcções de chefe de Policia.

O Batalhão de Segurança, incumbido do policiamento do Estado, é constituido de 400 praças.

Bastante incommodo é o calor que se supporta em Therezina.

Andar ao sol é ahi o maior sacrificio que se póde impôr a quem vae do sul do Brasil. Mesmo com o chapéo-de-sol aberto, a luz solar directa como que entontece quem não está habituado a supportal-a.

O proprio vento de fraca intensidade, como verifiquei quando me achava ás 2 horas da tarde na praça do Saraiva, não actua de modo a tornar mais fresco o ambiente; é, ao contrario, uma baforada quente, que nada tem de agradavel.

A's 9 horas da manhã já o meu thermometro marcava 32°, o que bem esclarece sobre a temperatura a que estivemos sujeitos.

Devido provavelmente ao intenso calor do dia, a noite parece ser de uma frescura agradabilissima, porém, mesmo assim, a sua temperatura conserva-se nas vizinhanças de 26°.

Como em varios outros Estados do norte, ninguem supporta dormir em camas de colchão, sendo estas substituidas pelas redes largas e confortaveis.

Na casa em que fiquei deram-me para dormir uma cama de colchão; não pude entretanto, supportal-a, pois parecia que o leito queimava-me as costas; tive de trocal-a por uma rede, onde passei a noite magnificamente.

Na cidade os estabelecimentos industriaes mais importantes são uma fabrica de tecidos, muito bem montada, e uma fundição pertencente á «Companhia Navegação a vapor do rio Parnahyba».

Nos arredores da capital a vegetação é de campo cerrado, onde se encontram cajueiros, tamarindeiros, piquizeiros, pitombeiras e algumas palmeiras — burity e outras.

Ha nos suburbios varias ruas cujas casas são construidas inteiramente de palmeira, inclusivé portas e janellas.

Estas casas de palha, mergulhadas em uma atmosphera quente e favoravel ás combustões, são um verdadeiro desafio á perversidade humana; um simples phosphoro riscado por mão de malvado, desejoso de uma vingança cobarde, bastaria para tornar em montão de cinzas esses abrigos dos therezinenses menos protegidos da fortuna. Poucos têm sido, entretanto, os casos de incendio, e assim mesmo sem que para estes tenha contribuido directamente a acção voluntaria do homem; são devidos a foguetes e a outras causas meramente accidentaes.

Para diminuir o mais possivel o numero destes accidentes, ha, desde algum tempo, leis protectoras, entre as quaes póde-se citar, por exemplo, a que prohibe soltarem-se foguetes e outros productos da pyrotechnia na zona das casas de palha e em suas circumvizinhanças.

As duas principaes fontes de riqueza do Estado de Piauhy são o algodão e o gado.

O gado é criado quasi exclusivamente para córte,

O queijo é fabricado em quantidade insignificante e a manteiga unicamente nas «Fazendas Nacionaes», arrendadas á «Companhia Amparo Industrial», fundadada pelo dr. Antonio José de Sampaio, fallecido ha algum tempo.

Em Therezina é bem caro o leite, pois custa ahi 500 réis a garrafa, preço qne não está de accordo com as condições de vida barata da cidade.

O Estado exporta tambem borracha de maniçoba, oleo de copahyba, pennas de aves e poucos outros productos.

PARTIDA DE THEREZINA

NO RIO PARNAHYBA

Atracado ao caes da praça General Deodoro estava já, ás 4 horas da tarde de 15, no rio Parnahyba, o vapor «Therezinense», que nos devia levar até a bahia de Tutoya, onde passariamos novamente para o «Maranhão».

Pouco depois daquella hora chegava com a sua comitiva para embarcar, o sr. dr. Affonso Penna, acompanhado das mais altas auctoridades piauhyenses e do sr. dr. Benedicto Leite, que o viera trazer até os limites do Estado do Maranhão e que resolvera ir tambem á Therezina.

Grande massa de povo, ao longo do caes, tinha vindo prestar, ainda uma vez, legitima homenagem ao illustre hospede que dahi a pouco deixaria a cidade.

A's 5 horas o navio em estridente apitar que se confundia com as acclamações do povo, deu o signal de partida, e, lento, foi seguindo rio abaixo.

Na parte fronteira á Therezina, o rio Parnahyba tem, de barranco a barranco, cerca de 400 metros; a parte do leito, porém, coberta d'agua, era, na occasião, de uns 120 metros mais ou menos.

Elle é francamente navegavel até Floriano ou Colonia, 60 leguas ou 360 kilometros acima de Therezina, e no verão com grande difficuldade. De Colonia á Santa Philomena, 180 leguas ou 1.080 kilometros acima,

elle é navegavel, no inverno, com difficuldade, por causa das cachoeiras, tornando-se no verão não navegavel.

De Therezina á Tutoya, 114 leguas ou 684 kilometros, é elle francamente navegavel no inverno, tornando-se difficil a navegação no verão para vapores que calem 1 metro ou mais.

No Igarassú, que é um dos braços pelos quaes o Parnahyba se lança no mar e que vae ter á bahia da Amarração, a navegação se faz ainda regularmente até um pouco abaixo da cidade da Parnahyba, em um percurso total de 6 leguas.

O trecho navegavel do rio Parnahyba é, pois, de 360 leguas.

A navegação do Parnahyba é feita pela «Companhia Navegação a Vapor do Rio Parnahyba», proprietaria do «Therezinense».

Este vapor, que custou 150 contos, tem $40^m,5$ de comprimento, $6^m,6$ de largura e cala $1^m,08$. A sua machina é de força de 55 cavallos.

A companhia, fundada em 1858, possue para o serviço 4 vapores;, o anno passado o seu dividendo foi de 20 %.

Os fretes no Parnahyba são mais baratos que os do Itapicurú, pois, de S. Luiz a Caxias, 429 kilometros, o preço da passagem é de 103$000 na subida, e de 87$000 na descida, ao passo que de Therezina á Parnahyba, mais de 600 kilometros, paga-se 58$000.

Os salarios pagos á tripolação do «Therezinense» são quasi os mesmos do pessoal do «Barão de Grajahú».

A primeira povoação por que passamos, foi a do Puty Velho, situada na margem piauhyense, 6 kilometros abaixo de Therezina. Casas de palha espalhadas nas vizinhanças do rio Puty—eis a povoação cujo aspecto bem denotava a sua pobreza e o seu atrazo

Apesar da baixa das aguas, o «Therezinense» fez uma navegação incomparavelmente superior á do «Barão de Grajahú» no Itapicurú.

De vez em quando o navio encalhava em bancos de areia; porém, sempre safava-se sem grande demora.

Não era uma navegação em que o rumo fosse indicado pelo acaso. O navio não andava aos encontrões, alternada e seguidamente de margem á margem, como si fôra um pedinte que ora em uma porta, ora em outra, percorresse extensa rua de amargura. O leme não era uma ficção; o navio obedecia-o. Emfim a navegação, bem differente da que haviamos feito no rio Itapicurú, não nos trazia em constante sobresalto e sempre em guarda contra os grossos ramos de arvores das margens—verdadeiros verdugos que punham em frangalhos a nossa tranquillidade.

Para evitar os muitos baixios ou «seccos», que o rio apresentava, o «Therezinense» só navegava das 5 horas da manhã ás 6 da tarde.

Felizmente, desta hora em deante o calor abrandava bastante, descendo mesmo a temperatura a 22° pela madrugada. Durante o dia, porém, o navio, si bem que aberto por todos os lados, pois é do typo das «gaiolas», transformava-se em verdadeiro forno.

Até o meio dia, a temperatura conservava-se entre 26° e 32°, approximadamente; d'ahi em diante, começava a subir e logo o thermometro indicava 36.°, que se mantinham em terrivel estabilidade até ás 5 horas da tarde. A essa hora servia-se o jantar, para cujas iguarias bem se pode imaginar que seria pouco o apetite.

Do rosto de cada um o suor brotava e escorria, como si no interior da cabeça existisse apenas agua que, sob elevada pressão, estivesse a transpor o envolucro da sua prisão. E para quem como eu, tem decidida aversão ao suor, não era absolutamente agradavel vêr, á refeição, essa serie de rostos inundados, inclusivé os dos criados que serviram a mesa e que por causa do trabalho apresentavam mais intensa a corrente de exsudação.

Certo dia, no vasto salão do navio, puz-me a escrever, mergulhado numa atmosphera aquecida a 36°, as ligeiras notas que enviava ao «Minas Geraes»; no fim de pouco menos de 2 horas, ao me levantar, tudo em torno se me apresentou amarello e como que ôca me parecia a cabeça. Comprehendi que seria temeridade querer, a 36°, contar as minhas impressões de viagem e nunca mais empunhei o meu lapis a bordo do *Therezinense*.

O regimen a bordo era o mesmo do *Barão de Grajuhú*. A' noite cada um armava a sua rêde e já de manhã tinha de desarmal-a e guardal-a, pois o dormitorio era a mesma sala de refeições.

Pouco povoadas são as margens do rio e poucas tambem são as plantações que ahi se vêm.

Nas corôas arenosas do rio—bancos de areia que emergem por occasião da baixa das aguas—plantam feijão e milho principalmente; no terreno das margens vêm-se de vez em quando plantações de mandioca, fumo, algodão e milho; tudo porém, em pequena escala.

O terreno é quasi todo coberto de capoeiras cujas arvores são bem diversas das que se encontram á margem do Itapicurú. A arvore dominante é o ingazeiro, havendo tambem com relativa abundancia as palmeiras babassú, burity, carnaúba e tucum.

Esta ultima fornece uma fibra resistente empregada para cordas, rêdes, peias de animal e varios outros usos.

Para extrahil-a, firma o caboclo contra o chão a ponta da folha do tucum, comprimindo-a com o pé, e, com a mão esquerda mantendo-a mais ou menos na vertical, com a direita dobra-a pouco antes de sua base, de modo a romper a epiderme e o parenchyma, na face inferior; segurando na parte da base que ficou dobrada, elle puxa de modo a destacar toda a face superior da folha até a ponta que estava presa sob o

pé, obtendo duas laminas fibrosas cobertas da epiderme e divididas ao meio pela nervura media.

Vi um caboclo fazer com grande rapidez a extracção da fibra pelo modo que indiquei.

A fibra, para diversos usos, é empregada tal como sahe da folha, isto é, coberta da camada epidermica; para outros fins, como o preparo de rêdes, é, porém, preparada de modo a ficar limpa da epiderme foliacea.

Um kilo de fibra bruta, ainda nas laminas cobertas pela epiderme, custa 400 réis.

A fibra do tucum, bem preparada, poderia talvez constituir importante riqueza para os habitantes da região, pois segundo estou informado, a linha de tucum é vendida no Rio de Janeiro a 2$000 o kilo. Não é a linha bruta e sim, já submettida a beneficiamento conveniente para que possa servir ao preparo de rêdes de pescadores etc.; mesmo assim, parece que deva deixar resultado a extracção da preciosa fibra, uma vez que é só colhel-a da palmeira tão abundante.

Na longa viagem que fizemos no rio Parnahyba, não vimos gado nem qualquer cousa que indicasse existir, desenvolvida, a industria pastoril.

A vida na região é semelhante a dos habitantes do valle do Itapicurú. Raros são os caboclos que trajam camisa; usam apenas calças. Pela margem do rio vêm-se frequentemente, como no Itapicurú, mulheres mergulhadas na agua até a cintura, occupadas na lavagem de roupas; algumas destas, si bem que poucas, estavam mesmo completamente nuas, e, ao approximar-se o navio, umas vezes corriam e internavam-se no matto da margem, outras vezes, afundavam-se na agua, conservando fóra apenas a cabeça.

Fui, uma noite, á casa de um morador ribeirinho.

Era uma casa de « salão », nome que indica ser uma das melhores construidas á margem do rio. É toda de palha de palmeira.

A entrada, uma grande sala rectangular de uns 40 metros quadrados, estava illuminada por uma lamparina a kerozene presa ao esteio de pau roliço que ficava bem ao centro e que era um dos sustentaculos do tecto.

O seu proprietario, um lenheiro, sentado em um banco de madeira e recostado á parede de palha resequida, conversava com sua mulher sentada em um tôco junto de uma porta sem portaes.

Recebeu-me amavelmente o caboclo, que, em conversa, foi me contando a vida que elle e os seus alli passavam.

O seu officio é tirar lenha para vender aos vapores que navegam o rio. Elle é um simples aggregado que não tem contracto algum com o dono das terras. Quando, por qualquer motivo, tem de mudar-se, ateia fogo á casa, que pouco valor tem. Até bem pouco tempo, elle tirava a lenha sem nada pagar ao dono das terras; hoje, porém, este já lhe prohibiu essa pratica e só cederá a lenha por preço que não lhe convém. Poucas plantações de roças se fazem, sendo para isso o tempo proprio de janeiro a fevereiro. O logar é sadio, pois elle, sua mulher e suas duas filhas nunca tiveram febre. Alli não ha cerca de qualidade alguma; tudo está em aberto. Tambem pouco adeantam as cercas, porque quasi não ha cultura nem criação. A pequena cultura que ha, é feita mesmo á beira do rio.

Perguntei-lhe como se arranjava quando tinha alguem doente; onde encontrava medico e remedio.

—Ora! disse-me elle, aqui cada um entende de medicina, e no matto ha muito remedio bom para tudo. É cousa com que ninguem se incommoda, é com doença. E tambem, o sr. sabe, onde ha medico e botica a gente morre do mesmo modo. »

Reflecti, e dei razão ao lenheiro.

Alli ningem pensa em molestias—disse elle; entretanto, em vez de seruns complicados elle dispõe

apenas dos preparados que as plantas indigenas lhe offerecem ; em vez de uma bibliotheca numerosa onde fosse encontrar preceitos resultantes das observações feitas pela sciencia medica, tem sómente á sua disposição as regras empyricas que os seus paes lhe deixaram ; elle desconhece a serie intermina de remedios que sahem dos laboratorios cheios de retortas, balões e matrazes, e nem por isso julga-se infeliz. E com esses conhecimentos elle cura sem se incommodar em saber si taes e taes microbios fabricam ou deixam de fabricar o veneno denominado *toxina* e se acham ou não installados neste ou naquelle orgão.

Nessa casa de palha, com a mulher e filhas, passa esse caboclo uma vida que elle não maldiz, e acha que as condições dos habitantes das grandes cidades são semelhantes ás suas.

Realmente, muitos factos que são o tormento do homem nos grandes centros de civilisação, faltam absolutamente na lista daquelles a que está sujeito esse caboclo.

Elle não tem, com effeito, o *cacete* que depois de 2 horas em que nos martella a paciencia contando cousas que em nada nos interessam, começa a nos recitar fragmentos de suas producções litterarias ; elle desconhece a obrigação de ouvir um trecho de musica horrorosamente executada e dizer que o executor é um genio musical ; elle está livre das manifestações populares e do discurso ; emfim, no meio em que elle se acha, a vida como que é menos hypocrita e mais natural.

A dança popular usada entre os caboclos dalli é a « roda de S. Gonçalo », especie de cateretê mineiro dançado ao som da viola e de cantigas em verso. Ultimamente, porém, a quadrilha, a valsa e a polka estão desbancando nas reuniões a « roda de S. Gonçalo », que muitos já se envergonham de dançar, substituindo-se, ao mesmo tempo, a viola sonora e plangente, pela sanfona fanhosa e aborrecida.

GRÊS PARNAHYBANOS E SEUS ASPECTOS CURIOSOS

CHEGADA A TUTOYA-SALINAS

Na descida do Parnahyba, poucos foram os morros que avistámos; o terreno quasi sempre parecia ser de levissimas ondulações ou mesmo planicie.

Apenas no Rodeio, a 56 leguas de Therezina, mudou-se completamente esse aspecto.

Na margem esquerda do rio, que ahi faz uma grande volta, vêm-se, com effeito, morros mais ou menos elevados cobertos de capoeiras e pastos e formando larga cadeia que se dirige para o interior; na margem direita, porém, existe ainda a planicie extensa e vestida de matto rachitico.

Nas vizinhanças do fundo dos valles, varias casas, das quaes uma só coberta de telha, sendo as demais, de palha de palmeira, concorrem para que seja esse trecho do rio o que mais bello panorama apresenta, fazendo lembrar, quanto á topographia, muitas das paizagens mineiras.

Abaixo da povoação da Repartição, passámos pela «Pedra dos Milagres» — um rochedo de grês, abrupto, que se ergue mesmo junto á margem esquerda. Na sua face avermelhada e mais ou menos vertical, vêm-se algumas fendas pelas quaes enchergam os crentes uma santa no interior da rocha, massiça.

«Para ver a santa, dizem os que a descobriram nessa exquisita e curiosa moradia rochosa, é preciso ter fé e estar bem com Deus».

Entretanto, era mil vezes preferivel que visse o atheu esse phenomeno admiravel e sobrenatural, pois, assim, ficaria certamente em ruinas o seu modo de pensar e haveria mais um crente fervoroso.

Em frente á face dessa rocha, considerada uma capella pelos habitantes da região, tres cruzes de pau, toscas e enfeitadas de flores e ramos seccos, se erguem, como tres pharóes que mostrassem aos que passam, um porto abrigado e seguro onde as almas acham o desejado conforto para as agruras desse *mare magnum* da vida.

E a Pedra dos Milagres recebe annualmente dezenas de individuos que diante della vão orar, cumprindo promessas feitas em hora de adversidade...

As povoações por que passámos no rio Parnahyba, são todas pequenas e sem importancia, inclusivé a cidade da União, na margem piauhyense.

Dentre essas, a mais curiosa, pelo nome, é a Pouca Vergonha, situada a 42 leguas de Therezina.

Não encontrei quem me explicasse a origem dessa exquisita denominação, si bem que me esforçasse para sabel-o.

Os filhos da Pouca Vergonha têm-se esforçado para mudar este nome da sua terra natal, mas infelizmente nada conseguiram até hoje, pois não cahem na giria popular os diversos nomes mais ou menos bonitos com que baptisam a povoação.

O unico logar que visitámos á margem do rio, foi a villa do Porto Alegre, formada de casas mal conservadas e feias, dispostas aos lados de ruas estreitas e pedregosas. A povoação, francamente, nada apresenta de attrahente e de prosperidade.

Entretanto, para mostrar como alguns individuos transmittem aos outros o resultado das suas observa-

ções, citarei aqui um trecho do livro—*Do Rio de Janeiro ao Piauhy*, 1905, do dr. Nogueira Paranaguá, em que elle se refere á villa; diz elle :

«A bem situada villa do Porto Alegre, encantadora e prospera, surge na riba piauhyense, onde nós aportámos; e, depois de pequena demora, deixámos a florescente villa, para avistarmos outros povoados, nucleos risonhos de futuras villas e cidades piauhyenses.»

Chamar «encantadora, prospera e florescente» a villa de Porto Alegre, já é querer dar o *record* em dizer tudo ás avessas.

A rocha que se encontra á margem do rio, é exclusivamente o grês, ora avermelhado, como na Pedra dos Milagres, ora esbranquiçado. As suas camadas são, ás vezes, pouco inclinadas ; outras vezes, porém, chegam a ser quasi verticaes.

No logar chamado «Corrente», existe na margem maranhense um grande rochedo de grês, denominado « Pedra das Trincheiras » e que é, evidentemente, o resto de uma grossa camada de grês que a erosão destruiu em largas extensões, deixando aqui e alli esses marcos como attestado do seu poder destruidor.

Os mais importantes destes destroços de uma camada de grês, encontram-se a 35 leguas da cidade da Parnahyba, constituindo o que o povo chama — «As Sete Cidades».

A descripção que pessoas de Therezina, de certa illustração, me fizeram das «Sete Cidades», foi das mais curiosas : eram cidades sobre cuja construcção nada constava na Historia ; ninguem sabia como haviam ellas alli apparecido ; entretanto, lá existiam praças fortificadas, ruinas de edificios, arcadas, canhões e muitos outros representantes do trabalho humano.

Era, evidentemente, uma noticia curiosa. Aos poucos, porém, me foram fornecendo mais detalhes :

tudo isso era de pedra massiça; os canhões pareciam já estragados, mas em todo o caso, conservavam a fórma dessa arma de guerra; os muros das fortalezas tinham blocos de pedra tão grandes, que só poderiam ter sido alli collocados por gigantes; eram, todavia, paredes, pois bem se viam as fiadas da alvenaria.

Percebi que os canhões, as arcadas e outras cousas attribuidas ao trabalho do homem, tinha a mesma significação dos pulpitos, candelabros, oratorios, nichos etc., das grutas calcareas; eram restos de erosões designados por nomes de objectos cujas fórmas elles lembravam. Nenhuma duvida tive mais a este respeito, depois que vi a Pedra das Trincheiras, cuja historia era, segundo me disseram, tambem desconhecida; nos velhos alfarrabios nada se encontrava para esclarecer sobre a construcção dessa trincheira.

A historia das «Sete Cidades» continuará, entretanto, como era, e poucos se resolverão a acreditar que os canhões, arcadas e tudo mais que a fantasia creou, são os restos de uma camada de grês que as aguas carcomeram.

Nas corôas e nas margens do rio, são frequentes grandes depositos de areia, quasi sempre muito branca e tão desaggregavel que o choque da vaga produzida pela passagem do navio, desloca-a, fazendo com que ella caia pelo talude vertical, produzindo verdadeira cascata durante alguns minutos.

Pouco antes de Igarassú, começa a rêde de braços em que se divide o Parnahyba, formando as ilhas Tucum de Mariquita, Poção, Santa Izabel, Santa Cruz, Estevam, Batatas, Trindade, Eguas, Manguinho, Canarias, Poldros, Cajú, Paulino, Cajueiro, e ainda varias outras da mesma importancia, todas comprehendidas no delta formado entre Amarração e Tutoya.

Nesse delta o terreno é todo baixo, sendo as margens dos braços do rio habitadas principalmente pela «anninga», aracea que cresce até 3 e 4 metros de altura,

Nas terras seccas das ilhas ha extensos carnaubaes, que formam ás vezes bellissimas paysagens.

A's 10 horas da noite de 18 de julho, depois de uma viagem de 3 dias e pouco, chegamos á bahia de Tutoya, onde as ardentias produziam um effeito realmente deslumbrante.

No dia seguinte, pela manhã, assistimos á chegada do «Maranhão», que vinha de S. Luiz e ás 7 horas estava ancorado.

E' ampla e regularmente profunda a bahia de Tutoya.

Infelizmente, por não haver agua potavel, a moradia nas margens é irrealizavel. Ha apenas 3 casas de palha, na margem direita, e mesmo assim estão quasi sempre deshabitadas.

Tentou o Governo Federal estabelecer ahi uma Mesa de Rendas; mas desde logo verificou que seria impossivel mantel-a e, então, transferiu-a para Salinas, situada em territorio maranhense, dahi a cerca de 6 kilometros.

Todos os vapores de grande calado ficam em Tutoya e ahi recebem a visita do empregado da Mesa de Rendas.

Fomos á villa de Salinas. A's 11,30 embarcaram o sr. dr. Affonso Penna e as pessoas de sua comitiva no «Therezinense», que ao meio dia atracava a uma ponte em frente ao edificio da Mesa de Rendas.

A villa tem apenas duas ruas, tendo passeios e casas bem tratadas e até algumas de bonita apparencia, de sorte que fornece uma impressão muito agradavel.

Nas vizinhanças da villa, havia diversas salinas que hoje estão abandonadas por ter o sal baixado muito de preço.

A 1 1/2 deixamos Salinas, que nos mimoseára com um sol ardentissimo, reflectido incommodamente na areia espessa das ruas.

Chegados a Tutoya, logo depois o «Therezinense» seguiu rumo de Therezina, levando a commissão de altos funccionarios piauhyenses que tinham vindo acompanhar o sr. dr. Affonso Penna.

DE TUTOYA Á VICTORIA

Deixámos a bahia de Tutoya ás 3 horas da tarde de 19 de julho.

Iamos fazer o maior percurso por mar que teriamos na viagem, pois de Tutoya á Victoria, para onde nos dirigiamos directamente, a distancia é de 1.424 milhas ou 2.637 kilometros.

A hora da partida fôra escolhida de modo a satisfazer a condição de poder o «Maranhão» passar de dia o canal de Caiçáras, no cabo de S. Roque, cuja travessia, bastante perigosa, não póde ser feita á noite.

A's 9 horas da manhã de 21, chegavamos a entrada do canal, situado entre a costa e uma larga faixa de recifes quasi todos encobertos.

O mar, devido a sua pouca profundidade, apresenta uma bella côr verde esmeralda, que, longe de traduzir uma esperança para os navegantes, mostra-lhes, ao contrario, a grande extensão de uma zona que elles deverão evitar cautelosamente.

Desde a bahia de Tutoya, em cujas margens do lado norte se elevam grandes montes de areia branca, a costa vem apresentando sempre a mesma feição — uma serie de dunas intercaladas de coqueiros sob os quaes se installam, em casas de palha, pescadores pobres e já insensiveis ao calor intenso do areial. Formam-se, assim, povoações mais ou menos importantes conforme a extensão do coqueiral.

Mesmo á entrada norte do canal, fica uma destas povoações—a de Caiçáras, que possue uma egreja cuja historia não deixa de ser interessante.

Eis como m'a referiu a bordo o Pratico do canal :

Veiu ter á costa de Caiçáras uma imagem de Christo encontrada em uma jangada que não se sabia d'onde vinha. Os pescadores levaram immediatamente a imagem para a villa de Touros, onde foi collocada no altar de uma egreja.

Alguns individuos, querendo causar uma surpresa á população, tiraram sorrateiramente a imagem e foram collocal-a novamente na praia, junto ao logar em que ella havia sido encontrada.

Descoberto o paradeiro da fugitiva, o povo de Touros veiu buscal-a e em procissão levou-a de novo para a egreja da villa.

Pela segunda vez, porém, a imagem desappareceu do altar e foi para a praia predilecta.

Estabeleceu-se no espirito do povo forte duvida si devia ou não ficar a imagem mesmo na praia ; no fim de muita discussão, resolveu-se conduzil-a mais solemnemente até a villa. Baldado foi ainda este esforço, porque pela terceira vez a fugitiva abandonára o altar cheio de flores e velas e mergulhado em ondas de incenso solemne e perfumoso, para vir descançar no leito quente de areia da praia deserta e núa.

Acreditaram os tourenses que a imagem, insistindo nessa volta á beira da praia, desejava fazer alli a sua morada, e nestas condições, cuidaram logo de edificar uma egreja, onde a depositaram.

Mais tarde soube-se que essa imagem era a mesma que os cearenses haviam atado a uma jangada solta, em Fortaleza, ao destino que as ondas lhe quizessem dar. Esse procedimento dos cearenses foi motivado pelo facto de quererem elles uma imagem «cearense» e ser portugueza a imagem que elles

julgavam enviar novamente á Portugal, uma vez que ella estivesse presa á jangada.

A crendice attribue a este facto a secca que de vez em quando martyrisa o Estado do Ceará.

Tal foi o historico que ouvi sobre a egreja que hoje branqueia em meio do areial e que na maré alta tem os seus alicerces beijados pelas ondas.

Bem difficil é a direcção do navio no extenso canal, pois é preciso, para o rumo, guiar-se por pontos de referencias existentes na costa—uma arvore, um coqueiro, uma pedra etc.

Depois que sahimos do canal das Caiçáras, fomos aos poucos nos afastando de terra, até que perdemol-a de vista completamente.

O mar, agitadissimo, balançava incommodamente o «Maranhão», e tornava-se alvo das pragas rogadas pelos que estavam a bordo.

No dia seguinte, ás 4 horas da madrugada, paravamos no Lamarão, em frente á cidade do Recife, de onde o navio ia receber viveres.

A furia das ondas parecia redobrada. Os escaleres que rodeavam o navio, subiam e desciam constantemente, em medonho vae-vem, sumindo ás vezes das nossas vistas para reapparecer alguns momentos depois.

O embarque e desembarque do empregado do correio e do Pratico de bordo, unicas pessoas que ahi entraram ou sahiram, não foram feitos pela escada que vae ao portaló e sim por meio de guindaste e corda que se lhes atava á cintura.

Pouco antes da partida do «Maranhão», ás 7 horas, chegava ao porto o «Charlestown», trazendo a bordo o sr. Elihu Root, ministro das Relações Exteriores, dos Estados Unidos da America do Norte. Trazia o cruzador norte-americano um atrazo de um dia, devido ao temporal cujos effeitos nós tinhamos supportado nos dois dias anteriores.

Tambem um paquete da «Messageries Maritimes», havia chegado com dois dias de atrazo, devido ao mesmo temporal.

De Recife, nos afastamos da costa até perdel-a de vista e só fomos tornar a vel-a nas vizinhanças dos Abrolhos, no dia 24 de julho.

Desde a tarde do dia antecedente, o mar havia melhorado e agora estava mesmo calmo. Podiamos, assim, observar, sem a contrariedade dos fortes balanços, as innumeras baleias, cujo dorso escuro divisavamos mesmo ao longe. Algumas dellas passavam tão perto do navio, que foram alvejadas por tiros partidos de bordo, mas que não lhes causaram, certamente, o minimo damno.

A's 5 horas da manhã de 25, chegámos á barra da Victoria, algum tempo antes já annunciada pelo pharol de Santa Luzia, junto á margem sul da entrada; ahi permanecemos até ás 7 á espera do Pratico.

O canal, perfeitamente balisado, em toda a sua extensão, faz uma serie de voltas, ás vezes bem apertadas, e ora passa junto a um elevado morro de rocha desnudada e de encosta ingreme, ora junto de uma ilha tendo na cumiada do morro que a fórma uma casa de construcção elegante. E como esta ha um grande numero de ilhas, todas cobertas de vegetação arbustiva e sempre coroadas por uma casa, de modo que é dos mais curiosos e bellos o panorama dessa pittoresca entrada da barra da Victoria.

Duas ruinas á direita do canal—uma nas proximidades da barra, outra nas vizinhanças da Capital, mostram os destroços de antigas fortalezas que velavam pela segurança da cidade.

Mais ou menos á egual distancia da barra e da cidade, eleva-se o morro da Penha, em cujo cimo, formado pela rocha escarpada e núa, está construido o convento do mesmo nome. Em baixo fica a Villa Ve-

lha, que começa á beira do mar e se extende por uma planície arenosa e humida.

A's 8 horas o «Maranhão» ancorou bem em frente á cidade e logo depois, em lanchas, desembarcámos no caes fronteiro ao Palacio do Governo do Estado.

A CIDADE DA VICTORIA

A 10 kilometros, approximadamente, a oéste da barra, está a cidade da Victoria, situada na parte sul da ilha montanhosa collocada entre o largo estuario do rio Santa Maria, ao sul e a oéste, um braço menor desse mesmo rio, ao norte, e o oceano a léste.

Varios rios vêm ter ao estuario, e desses o mais importante é o Cariacica, que entra no Lameirão, pouco abaixo do ponto em que o Santa Maria se divide nos dois cursos que abraçam a ilha.

A cidade, pela sua posição topographica, lembra o aspecto de Ouro Preto, em Minas, pois está plantada na encosta ingreme de uma serra que vem morrer mesmo na praia.

Algumas das suas ladeiras têm inclinação tão forte, que o seu calçamento é feito em fórma de escada.

Quasi todas as suas ruas são tortuosas, sendo algumas dellas calçadas de pedras irregulares.

Foi em outros tempos illuminada a gaz, hoje, porém, o é a kerozene.

Avalia-se a população da cidade em 8.000 habitantes e a do Estado em 180.000.

A Capital é governada por 1 presidente e um Conselho de governadores municipaes; a sua renda annual é de 150 contos.

O Presidente do Estado tem como auxiliar directo apenas o «Secretario do Governo».

O policiamento do Estado é feito pelo corpo Policial, com 105 praças de infanteria e 6 de cavallaria.

Entre os maiores edificios da cidade podem-se citar o Palacio do Governo—um antigo convento de Jesuitas, datando dos tempos coloniaes; o theatro «Melpomene», que dizem ter custado 700 contos, mas que, infelizmente para a segurança publica e mesmo para a esthetica, é todo de madeira—paredes de taboas etc.; o quartel de Policia, o Congresso e emfim algumas egrejas—a cathedral e outras.

Da margem direita do estuario, partem duas estradas de ferro cujas estações iniciaes ficam quasi fronteiras á cidade : são a «Sul do Espirito Santo» e a «Victoria a Diamantina»; a primeira têm 80 kilometros e vae até a estação de Mathilde, situada a 506,m 60 de altitude; a segunda está em construcção e já tinha em trafego 92 kilometros, indo até a estação João Neiva.

Esta estrada dirige-se para o norte até o rio Doce, tomando ahi a direcção oéste até Natividade, situada já em territorio mineiro e a 205 kilometros da estação de Porto Velho, inicial. O traçado em territorio espirito-santense fórma exactamente um L, do qual o lado norte-sul, terminando na margem do rio Doce, tem 146 kilometros.

A Companhia pretende inaugurar a estação de Natividade em abril de 1907, sendo, porém, bastante duvidoso que tal aconteça.

O ponto terminal dessa estrada é como se sabe, a cidade de Diamantina; a Companhia pretende, entretanto, modificar o traçado de modo a servir melhor o interesse publico. A partir de Sant'Anna dos Ferros, situada a 551 kilometros de Victoria e a 421 metros de altiltude, será desprezado o traçado para Diamantina, seguindo a estrada para Itabira, Santa Barbara, Caeté e Sabará. Para, Diamantina seria construida uma estrada que partisse do ponto mais conveniente da E. F. Central do Brasil.

O sr. dr. Affonso Penna percorreu alguns trechos das duas estradas de ferro espirito-santenses: na Sul do Espirito Santo foi até a villa do Vianna, a 30 kilometros de Victoria; na Victoria a Diamantina foi até a ponte sobre o rio Santa Maria, a 30 e 1/2 kilometros da Capital e 1/2 além da estação «Afredo Maia».

Vimos na estação de Cariacica uma jaqueira, que é hoje um bello attestado do amor que os habitantes da villa de Cariacica, situada á pequena distancia da estação, votam ás arvores.

Pelo traçado da estrada de ferro, cujo leito passava junto da arvore, esta fôra comdemnada a ser abatida. Assim o exigia a portadora do progresso.

O povo de Cariacica, porém, resolveu embargar essa sentença, e, reunido, obteve que a Companhia desviasse o traçado de modo a deixar desfructando a vida a vetusta jaqueira.

Fomos eu e alguns companheiros conhecer Villa Velha, primitiva séde do governo da capitania, e que em 1551, devido á escassez d'agua e á insegurança offerecida para resistir aos ataques dos indigenas, foi destituida dessa regalia, passando-se então a capital para Villa Nova, hoje cidade da Victoria.

Lanchas a vapor fazem o serviço de transportes, regularmente, entre a Capital e Villa Velha, gastando-se meia hora na viagem.

A villa, si bem que pouco commercial e pequena, tem um aspecto pittoresco, agradavel; as suas ruas são regularmente alinhadas, sem calçamento e illuminadas a kerozene. A sua população póde ser no maximo, de 1.000 habitantes.

Ahi visitei a usina em que se beneficiavam areias monaziticas procedente das vizinhanças de Guarapary, cidade situada no littoral.

A apuração se fazia em mesas Wilfley, trabalhando por vibração, e em dalas á corrente d'agua.

A mesa Wilfley consiste em uma mesa rectangular de madeira collocada inclinada, tendo uma serie de reguas de madeiras dispostas de modo a encaminhar a areia para direcções differentes, conforme a densidade desta; a mais pesada— a monazitica vae para o topo da mesa, cahindo, separada em duas qualidades—mais rica e menos rica — conhecidas pelos ns. 1 e 2; a mais leve, composta de grãos de quartzo, oxidos de ferro, etc., cáe na parte lateral, em um compartimento, donde é retirada como materia inutil.

No angulo superior da mesa, que é disposta de modo a ficar com o angulo diametralmente opposto mais baixo, é collocado o reservatorio, donde sáe a areia que cáe ininterruptamente sobre a mesa em constante movimento vibratorio, dando-se então a separação.

Cada mesa occupa tres operarios e produz 3 toneladas de areia monazitica por dia.

Nas dalas o processo baseia-se ainda na differença de densidade, empregando-se a agua como meio separador.

A dala é uma grande cuba de madeira de secção semi-circular e de 7 metros de comprimento, inclinada, tendo a extremidade superior encaixada em uma cuba de fundo trapezoidal, onde cáe a agua necessaria á operação.

A areia, na cabeceira da cuba, é constantemente revolvida por um operario, de sorte que as partes mais leves são arrastadas pela agua e as mais pesadas formadas principalmente de monazita, ficam.

As areias monaziticas apuradas são levadas a grandes tachas cylindricas e de fundo espheroidal, collocadas sobre fornalhas onde se queima lenha; nessas tachas ellas perdem a agua, ficando, então, em condições de ser ensaccadas.

Uma dala requer apenas um operario e prepara por dia 12 saccos de 60 kilos, ou 720 kilos.

Este processo tem o inconveniente de necessitar a deseccação como complemento, ficando encarecido com o gasto de combustivel, mão de obra e juro e depreciação do capital empregado nas tachas e fornalhas ; não obstante, disseram-me que era preferivel ao das mesas, pois a areia fica mais bem preparada e a perda é menor.

A usina já não funcciona, ha algum tempo, devido á questão levantada entre o Estado e a União, sobre a propriedade das areias monaziticas.

Estas areias eram vendidas, a principio, a 42 libras e até mesmo a 50 a tonelada (typo commercial de 92 % de monazita) ; hoje, o seu preço é de 22 libras a tonelada.

Ao lado da Villa Velha, ergue-se o morro em cujo tope está o convento da Penha, construido sobre um penhasco abrupto e despido de vegetação.

Junto da praia, mesmo em frente ao porto das lanchas a vapor, está o grande portão que dá para o caminho todo calçado que conduz até o alto.

Na arcada desse portão lê-se a data de 1774, e ao lado, em uma placa de marmore, pregada á pedra que fórma o tecto de grande lapa, a synthese do historico do convento ; foi este fundado por Pedro Palacios, da ordem dos franciscanos, que morou debaixo dessa pedra e morreu em 1775, tendo sido sepultado no convento da Victoria, tambem da ordem dos franciscanos.

Subimos a extensa ladeira bastante ingreme e calçada de pedras cobertas de lichenes e musgos, que ahi vivem perfeitamente á sombra da espessa capoeira cortada pela estrada.

O convento occupa justamente o vertice do morro em fórma de cone. Os seus alicerces confundem-se com a rocha granitica e núa do apice.

Na capella, que faz corpo com o edificio do convento, uma infinidade de quadros e figuras de cera branca representando partes do corpo humano, mostram as innumeras curas milagrosas feitas pela santa,

bem como os medonhos perigos de que ella tem livrado os crentes.

A' entrada do convento vê-se, junto ao chão, um pequeno reservatorio de fórma rectangular, sempre cheio de agua tida como milagrosa. Dahi tem sahido a preciosa lympha sobrenatural para mitigar, em regiões longiquas, os males que atormentam a humanidade.

Para tornar mais elevado o seu poder milagroso, procuram envolver a nascida d'agua no necessario mysterio: assim, dizem, ninguem sabe até hoje como póde brotar da rocha pura, no apice do morro, essa fonte prenhe de virtudes...

Para as necessidades do convento, fizeram os frades grandes reservatorios, onde é recolhida a agua das chuvas.

Algumas das construcções que antigamente existiam ao lado do convento estão hoje em ruinas, e outras mesmo já desappareceram.

O horizonte que se descobre, lá do alto, é vasto e bello.

De um lado, o mar que se perde de vista; de outro, a série de montanhas que vêm terminar nas vizinhanças da bahia da Victoria cheia de ilhas pittorescamente dispostas. Ao norte, vê-se o morro do «Mestre Alvaro», que é o mais alto da região, e logo após os «Morros do Ceu», que já ficam na linha extrema do horizonte.

Por minha parte, fiquei pezaroso quando tivemos de descer desse bello alto da Penha, onde não sómente tem-se a admirar a ousadia do frade Pedro Palacios, como tambem um dos mais surprehendentes panoramas naturaes.

PARTIDA DA VICTORIA

LAZARETO DA ILHA GRANDE.—JACUECANGA.—ANGRA DOS REIS.
DE SANTOS A S. PAULO

Após as danças que no convez do «Maranhão» se succederam ao almoço offerecido a bordo pelo Lloyd Brasileiro ao Presidente do Espirito Santo, levantou ferro o navio ás 3 horas da tarde de 26 de julho, seguindo rumo sul, com destino á Ilha Grande.

Já não alvejam na costa as montanhas de areias do norte; montes e serras de grande altura e encostas ingremes, que vêm terminar quasi sempre no mar, apresentam-se com a côr verde de uma vegetação sadia, bordando o littoral.

Ao meio dia de 27 defrontavamos com a Ponta Negra, onde ha um posto semaphorico que se correspondeu com o navio.

Cerca de 1 hora depois, começámos a divisar os montes da Gavea que d'ahi a pouco foram delineando a cabeça do «gigante de pedra», cujo corpo, deitado de costas, logo nos appareceu nitido e imponente.

Depois de passar pelas ilhas do Pae e da Mãe, á direita, e Maricás á esquerda, chegámos, ás 2 horas, á barra da bahia de Guanabara, donde via-se, lá no fundo, o vulto da cidade mais importante da America do Sul.

Tomou em seguida o «Maranhão» rumo de Copacabana, passando, em toda a extensão desse arrabalde, á pequena distancia de terra.

A's 6 1/2 da tarde estava ancorado o navio em frente ao Lazareto da Ilha Grande, que no dia seguinte, ás 6 horas da manhã, foi visitado pelo dr. Affonso Penna e comitiva.

Não é um edificio de bonita apparencia o destinado a hotel; com janellas pequenas e desgraciosas, nada tem de elegancia o casarão de sobrado, que é o maior dentre os que formam o grupo de edificios do Lazareto; em compensação, apresenta todas as condições hygienicas necessarias ao fim a que se destina.

O desinfectorio e alguns outros edificios são de construcção leve e elegante.

O desembarque no Lazareto foi feito em escaleres, pois que a ponte que havia, achava-se em misero estado e a ella não podia o «Maranhão» atracar.

A's 10 horas da manhã, seguimos para Angra dos Reis, onde o dr. Affonso Penna ia collocar uma rica corôa sobre o tumulo das victimas do «Aquidaban». A's 11 1/2, passamo-nos para uma lancha a vapor que, cerca de 40 minutos depois, deixava-nos no caes da velha cidade fluminense.

Em frente ao longo caes de alvenaria de pedra, uma fila de casas, cujos tectos haviam desapparecido e cujas paredes da frontaria sómente restavam de pé, formava uma grande parte da extensa rua á beira da praia.

A parte restante da cidade nada apresenta que a recommende, quando considerada sob o ponto de vista esthetico: ruas tortuosas, mal calçadas e ladeadas de casas antigas e sem gosto.

Antigamente, foi uma cidade de certa importancia commercial; ahi vinham ter as tropas de varios pontos do interior, trazendo café e generos diversos, o que contribuia para ser movimentado o seu commercio; hoje, porém, está decadente, sem vida.

Das duas grandes egrejas, collocadas a cavalleiro da cidade e construidas por Ordens religiosas, apenas

uma está em bôas condições de conservação, estando a outra em ruinas. Em cemiterios dessas egrejas é que foram inhumados os mortos no desastre do «Aquidaban».

Na parte superior dos muros, em cuja face vertical se liam os nomes do almirante Calheiros da Graça, capitão-tenente Santos Porto e outros victimados na horrivel catastrophe, uma série de pequenas urnas funerarias de formatos e tamanhos diversos, lembravam o estado a que podem ficar reduzidos os nossos semelhantes, quer sejam estes pequenos ou grandes, potentados que disponham de forças, ou miseraveis que arrastem uma vida de privações.

Absorvia-me nessas considerações e estava justamente a ler o nome gravado em uma pequenina urna que trazia a data de 1723, quando um meu companheiro, percebendo perfeitamente a minha contemplação, tocou-me em um dos hombros com a mão, dizendo :

«Não te admires de ver a que ficam reduzidos individuos que a morte colheu ha já quasi dois seculos, pois eu conheço alguns bastante troncudos e adiposos que mesmo em vida chegam, depois de certas discussões, a volume ainda menor.»

Dizendo isto, o meu companheiro sorriu e foi-se.

A's 2 1/2 horas mais ou menos deixámos a cidade, e, em lancha, nos dirigimos para bordo do rebocador «Audaz», da marinha nacional, pois o dr. Affonso Penna desejava conhecer o local da bahia de Jacuecanga em que havia explodido o «Aquidaban».

Depois de dar uma volta pela enseada de Jacuecanga, que é uma parte da extensa bahia da Ilha Grande, cheia de pequenas ilhas e rochedos constituindo pontos perigosos paraa navegação, nos approximámos do local em que estava submerso o couraçado brasileiro.

Tinhamos visitado, em Angra dos Reis, o tumulo cheio de inscripções e de flores onde descançavam os

marinheiros, cuja perda a Patria amargamente chorára ; iamos agora ver um outro jazigo imponente, cujo epitaphio era uma simples boia, sufficiente para reavivar em nossa imaginação toda a historia da triste noite enluarada em que se dera a catastrophe que ahi deixou sepultado o corpo ferreo do grande vaso de guerra.

Dentro em pouco o «Audaz» chegava ás bordas da grande sepultura e então redobrára a anciedade dos que iam a bordo para ver si percebiam qualquer cousa do gigantesco cadaver.

Em um movimento instinctivo de respeito, cada um descobriu-se, como si estivesse realmente deante de um morto, e, olhos fitos na agua esverdeada, procurava, attento e sem dizer palavra, o objecto da sua contemplação.

Atravez da camada de 5 metros d'agua como que tinta de amarello-clara, divisámos, realmente, o corpo escuro da grande victima da explosão.

O mar estava bastante calmo e a agua regularmente translucida para se distinguirem até escadas e alguns detalhes do couraçado.

Uma impressão de angustia, talvez mesmo maior do que a recebida quando no cemiterio, percorreu todos aquelles que, debruçados na borda do «Audaz» e como em extase, contemplavam, durante os poucos momentos permittidos pela marcha vagarosa do rebocador, o vulto submerso e para sempre anniquilado do poderoso couraçado brasileiro.

E já ao longe ainda avistavamos a modesta boia, qual uma cruz singella a marcar o jazigo de um gigante.

A's 4 horas, não sem alguma difficuldade, devida ás vagas que então havia, transferimo-nos em escaleres para bordo do «Maranhão», que logo depois seguiu para Santos, onde desembarcámos ás 9 horas do dia seguinte (29 de julho).

Visitadas as importantes obras do porto, seguimos nesse mesmo dia, ás 4 horas da tarde, para S. Paulo, vencendo em 2 1/2 horas a distancia de 79 kilometros que medeia entre as duas cidades paulistas.

Subindo a Serra do Cubatão, tive occasião de apreciar o esmero com que é mantido o trecho da estrada até o Alto da Serra.

Tunneis illuminados á luz electrica; córtes, valletas e leito da linha cuidadosamente pichados; obras d'arte onde transparecia o capricho e apuro, tudo indicava que na construcção e custeio da estrada o dinheiro podia ser gasto sem grandes preoccupações de economia.

S. PAULO

POSTO ZOOTECHNICO, POLICIA E AGUA E ESGOTOS

Aproveitei minha estada na Capital paulista para visitar o Posto Zootechnico da Moóca, importante estabelecimento que tem por fim a acclimação de animaes estrangeiros.

O governo do Estado manda vir os animaes de raça e os cede, depois de bem acostumados com o clima, aos fazendeiros, pelo preço do custo.

Desse modo têm-se introduzido muitos animaes no Estado, pois os que chegam ao Posto Zootechnico acham sempre compradores.

Havia, na occasião, 60 e poucos animaes no estabelecimento. Dentre esses podem-se citar : carneiros para carne — « Southdown » e « Oxforddown », cujo preço de venda é de 550$000 ;

Cavallo andaluz, para sella, do preço de 4 contos ;

Cavallo «Hackney», para carruagem, do preço de 385 libras.

Jumentos italianos, de 1:300$000 cada um ;

Porcos «Berkshire» e touros e vaccas das raças Hollandeza, Hereford, Guernesey, Jersey e Redpolling.

A alimentação dada ao gado vaccum é a seguinte: de manhã, 3 kilos de farello levemente humedecido; ao meio dia, 2 kilos de feno ; á tarde, 2 kilos de feno e á noite 3 kilos de farello.

A alimentação dos outros animaes é composta dos mesmos elementos, cuja quantidade varia conforme o animal a que se destinam.

O animal recemchegado fica, nos primeiros dias, constantemente estabulado ; passados 8 a 10 dias, elle é levado ao pasto durante o dia, voltando ao estabulo á tarde.

Aos poucos, vão-se intercalando na sua alimentação doses progressivas de forragem verde, até o animal acostumar-se com a ração normal.

O Posto dispõe de uma área de 120 alqueires, grande parte da qual póde ser utilizada para pasto.

Em um pequeno campo de experiencias, encontram-se varias forragens : consolda do Caucaso, ervilhas, feijões e diversas outras leguminosas, e differentes qualidades de capins.

O estabelecimento já está apparelhado com todas as machinas necessarias a uma escola pratica de lacticinios, a qual brevemente será inaugurada.

Vi funccionar um dos instrumentos destinados a essa escola—o butyrometro, systema Babbcok — que póde ser movido á mão ou a outro esforço procedente de machina inanimada.

Collocam-se no apparelho 17,6 centimetros cubicos de leite, cujo gráo de manteiga deseja-se determinar, misturados a 17,5 centimetros cubicos de acido sulfurico de densidade 1,82.

Submettida a mistura a uma rotação de 2.200 voltas por minutos, durante 5 minutos, toda a parte gordurosa se separa e então é medida na bureta apropriada e convenientemente graduada.

O leite experimentado deu 3,2 % de manteiga.

O Posto Zootechnico é aproveitado para exposições de productos agricolas e pastoris, que de tempos a esta parte têm sido frequentes na Capital paulista.

Depois de ter soffrido o calor de 36º no norte do Brasil, fomos encontrar em S. Paulo o frio de 5º, que,

realmente, era bastante incommodo. No quarto do hotel, completamente fechado, o meu thermometro marcava, á noite, 12°.

Durante a estada do dr. Affonso Penna, varias ruas da cidade apresentavam illuminação artistica e de gosto apurado.

O Estado de S. Paulo, cuja população é de 2.900.000 habitantes, teve ultimamente uma renda de 44.000 contos. O seu corpo policial é o maior do Brasil, não falando no da Capital Federal.

A sua Força Publica tem, com effeito, actualmente 3.800 praças, dispondo, além disso, de metralhadoras.

Para o proximo anno de 1907 o effectivo da força publica será de 4.927 homens, incluindo nesse numero 1.147 homens da Guarda Civica incumbida do policiamento da Capital, e 310 do Corpo de Bombeiros.

Toda essa força é assim discriminada :

4 batalhões de infanteria.....	3.179	homens
Corpo de cavallaria.....	270	»
Corpo de Bombeiros.....	310	»
Guarda Civica.....	1.147	»
Enfermeiros	21	»
Total	4.927	»

O orçamento da despesa com essa força é de 7.600:992$000.

A capital, que, pelo seu progresso e sua população de 300.000 habitantes, é collocada em segundo logar na lista das cidades do Brasil, tem uma renda annual de 7.000 contos. O seu supprimento d'agua varia de 20 a 60 milhões de litros diarios, conforme a época da estiagem (inverno) ou das chuvas (verão). A' vista da insufficiencia deste abastecimento, estão sendo actualmente captadas as fontes do Cabuçú, e do Barrocada, que virão trazer á cidade mais 40 mi-

lhões de litros diariamente, elevando assim o total a 100 milhões.

Os mananciaes aproveitados para o abastecimento de S. Paulo nascem todos na serra da Cantareira e se distribuem em 3 grupos destinados a abastecer respectivamente as 3 zonas—alta, média e baixa—em que é dividida a cidade.

Os do 1º grupo comprehendem a ala esquerda da serra e podem ser discriminados como se segue :

I.—Quatro riachos do Engordador reunidos em uma caixa de decantação de onde parte uma linha de tubos de 12 polegadas que comporta 4.000.000 de litros diarios.

II.—Pinheiro e 4 mananciaes do Campo Redondo levados para uma caixa de onde sáe uma linha de 12 pollegadas e tambem de 4.000.000 de litros.

III.—Pequenos regatos situados em altitude inferior, nos valles do Engordador e do Campo Redondo, cujas aguas são actualmente armazenadas em uma represa, bem como as do Currupira, e elevadas em tubos de 12 polegadas, por bombas de 150 cavallos-vapor á caixa do Gonçalves, onde tambem vão ter os dois encanamentos dos I e II grupos. Este III póde fornecer 8.000.000 de litros.

Da caixa do Gonçalves partem um aqueducto de alvenaria de tijollo de 0,m50 e um siphão de ferro fundido de 25 polegadas, comportando ambos 28.000.000 de litros, que vão ter á caixa do Guapira.

O aqueducto recebe em marcha ainda as aguas do Cachoeira e de 3 mananciaes do Cassununga.

Da caixa do Guapira sahem um encanamento de 12", com a capacidade de 8.300.000 litros, um de 11", com a de 5.500.000 litros para a zona alta da cidade, e um de 12", de sobras para o tanque do Guarahú para a zona média.

O sr. dr. Arthur Motta, director da Repartição de Aguas e Esgotos, pretende supprimir esta linha de so-

bras, substituindo-a por outra que poderá fornecer 8.200.000 litros para o abastecimento da zona alta.

Os mananciaes do 2º grupo comprehendem a ala direita da serra e a parte central desta (tanques da Cantareira). Na ala direita são captados os seguintes: Cuca, Canivete, Divisa, Nogueira, Deposito, Menino, Itaguassú, Olaria e Bispo (9), conduzidos por um aqueducto de 0,^{m}60 até a represa do Guarahù onde tambem vem ter o riacho do mesmo nome; são, assim, 10 riachos.

Dahi parte um encanamento de 24", comportando 22.000.000 de litros, e indo até o reservatorio da Consolação.

Para assegurar uma descarga normal no periodo da estiagem, constróe-se actualmente uma barragem no valle do Guarahú.

Os dois tanques da Cantareira armazenam as aguas dos mananciaes: Iguatemy, Toucinho e Barro Branco. Parte d'ahi uma linha de encanamentos de 12" com a capacidade de 3.000.000 de litros, para a zona média da cidade.

Para a zona baixa são utilisadas as aguas dos riachos do Ypiranga, Simão, Borba e Campanario, decantadas em dois grandes tanques e conduzidas por um encanamento de 12", comportando 3.456.000 litros; o manancial de Agua Funda, que é filtrado e vae por uma linha de 12" (3.024.000 litros); uma parte do Tieté, filtrado e elevado por bombas fornecendo 5.000.000 de litros; e finalmente, as aguas do Cabuçú e Barrocada cujas captações estão ainda em execução. As aguas destes dois serão conduzidas em aqueducto de cimento armado atravessando 3 tunneis até Sant'Anna, e d'ahi seguindo em canos de 1,^{m}0 até a Torre de distribuição, de onde partem duas linhas de 25", uma para o reservatorio da Moóca (em construcção) e outra para o bairro do Bom Retiro. Na extremidade desta ultima ha uma bomba elevatoria que permitte fornecer

a zona média, e junto do reservatorio da Consolação haverá outra para a zona elevada.

O abastecimento será, pois :

	Litros
Zona alta.....	22.000.000
» média.....	25.000.000
» baixa.....	54.680.000
	101.680.000

Descontando 20 % de perdas e desperdicios, restarão 82.000.000 de litros para o abastecimento de toda a população de 300.000 habitantes, o que dará 273 litros por habitante em 24 horas. Como porém, na estiagem, de maio a outubro, o volume de agua fica consideravelmente reduzido, póde-se calcular que nessa occasião o volume total será de 30.000.000 fornecidos pelos encanamentos actuaes, mais 30.000.000 provenientes das obras do Cabuçú e Barrocada, ou um total de 60.000.000 de litros, o que dá 200 litros por pessoa em 24 horas.

São varios os reservatorios.

O da Liberdade, com 6.390 metros cubicos, e o do Araçá, (em construcção) com 6.000, servirão para a zona elevada.

Para a zona média ha o da Consolação, duplo, com 25.600 metros cubicos de capacidade, e para a zona baixa existem o da Moóca (em construcção) de 6.000 metros cubicos.

Os diametros dos encanamentos da distribuição variam de 2" até 25".

Estão sendo installados vertedores em todos os mananciaes e hydrometros Venturi nas linhas principaes da distribuição, com transmissão electrica para um quadro existente na Repartição onde, ao lado dos manometros, póde-se verificar o volume d'agua que se escôa em cada um desses encanamentos principaes.

A distribuição a domicilio é feita em tubo de ferro cujo diametro minimo é de 3/4".

Têm sido empregados hydrometros dos seguintes typos : Tylor, Stoll, Uniform's Kent, Absolute's Kent, Frager e Standart's Kent.

Para as aferições dos hydrometros, mantem a Repartição uma officina montada com todo o necessario para experiencias que permittam fazer conhecer os defeitos ou vantagens dos typos experimentados.

Possue tambem a Repartição dous laboratorios de analyse de agua ; um chimico, outro bacteriologico.

No primeiro faz-se o exame de cada especie de agua, quanto á sua potabilidade sómente, uma vez por mez, em tres phases—antes da captação, entre a represa e o reservatorio, e na rede distribuidora. São determinados os seus caracteres physicos, gráo hydrotimetrico, porcentagens de residuos mineraes e volateis, substancias organicas, chloro, ammoniaco salino e albuminoide, nitratos e nitritos, corpos em suspensão e gazes dissolvidos.

Nas pesquizas bacteriologicas determina-se o numero de colibacillus, de germens totaes, de germens liquefacientes e não liquefacientes, bacterias pathogenicas e algas em geral.

Os resultados dessas analyses vão ser brevemente publicados pela imprensa.

A Repartição de Aguas e Esgotos vae fazer as precisas installações para a filtração geral das aguas.

A venda d'agua é feita actualmente por 3 systemas : por hydrometro, torneira livre e penna.

O governo do Estado, por cuja conta correm os serviços de aguas e esgotos, trata, porém, de uniformisar a venda, tornando exclusivo o uso do hydrometro e sómente tolerando a penna emquanto não se faz o assentamento dos medidores.

Os preços vão ser os seguintes por hydrometro ou por penna, tomando por base o valor locativo do predio :

Valor locativo mensal	Taxa mensal	Até o maximo de:
Até 50$000.....	3$000	30 kilolitros
De 50$ a 100$000.....	5$000	50 »
De 100$ a 300$000...	7$000	70 »
De mais de 300$000...	9$000	90 »

O preço de cada kilolitro excedente será de 150 réis.

Por essa tabella vê-se que o preço para todas as categorias, é de 100 réis o metro cubico até o limite maximo a partir do qual cobrar-se-á a taxa augmentada de 150 réis, o que me parece de uma injustiça clamorosa.

Com effeito, porque deverá ter apenas 30 kilolitros mensaes o desgraçado que mora em casa de 50$ por mez, ao passo que poderá despender 90, pelo preço modico de 100 réis, aquelle que habita o palacete de mais de 300$ mensaes?

Acaso não têm ambos as mesmas necessidades hygienicas?

Toda a agua que exceder de 30.000 litros mensaes, terá de ser paga a razão de 150 réis o kilolitro pelo morador da casa pobre, ao passo que o habitante da rica, só deverá pagal-a por esse preço quando o volume mensal for além de 90 kilolitros!

Demais, acho extravagante esse consorcio do hydrometro com o valor locativo, mormente para dar em resultado essas taxas que em nada beneficiam os habitantes dos predios mais modestos.

A rede de esgotos de S. Paulo é do typo do «systema separado relativo».

Pela configuração topographica da cidade, ha actualmente 6 collectores de 1ª ordem que despejam o effluente directamente no rio Tieté.

Cinco desses collectores trabalham por gravidade e um, o que serve a zona baixa, possue estação elevatoria constituida de 5 bombas centrifugas de 80 caval-

los-vapor, das quaes 4 movidas a vapor e 1 á electricidade.

Os collectores têm secção ovoide ou circular, havendo de alvenaria de tijolo, manilha e um de 20" de ferro fundido. O maior delles tem 2,m20 no maior diametro e 1,m50 no menor.

A Repartição está estudando as melhores condições em que se deve fazer o tratamento do effluente antes de ser lançado no Tieté.

No escriptorio technico da Repartição fazem-se os calculos e desenhos de todos os projectos relativos á materia. Pelo pessoal desse escriptorio está sendo levantada a planta cadastral da cidade, trabalho já quasi concluido.

O Estado cobra a taxa de esgoto 4 % sobre o valor locativo do predio.

Ao illustrado engenheiro, sr. dr. Arthur Motta, competentissimo director da Repartição de Aguas e Esgotos, devo todos os dados que aqui deixei indicados, e é desnecessario affirmar-lhe ainda uma vez o meu grande reconhecimento.

PARTIDA PARA O RIO

DO RIO A PARANAGUÁ. — CHEGADA A CURITIBA

No dia 1º de agosto, o sr. dr. Affonso Penna e sua comitiva partiram, ás 6 1/2 da tarde, em trem especial para o Rio de Janeiro, onde chegaram ás 6 1/2 da manhã de 2, e ás 8 horas da noite de 3 sahiam da bahia de Guanabara com destino ao porto de Paranaguá.

A'quella hora justamente, puzeram-se tambem em movimento os cruzadores «Charleston», a cujo bordo ia o ministro Elihu Root, o «Buenos-Aires», da marinha argentina e o «Almirante Barroso» da marinha brasileira. Estes tres vasos de guerra guardavam a conveniente distancia entre si, indo na frente o «Charleston» e em ultimo logar o «Barroso». No fim de pouco tempo a distancia do norte-americano para o argentino era consideravel, ao passo que o «Barroso» se approximava visivelmente do «Buenos-Aires». Pouco além da ilha Rasa, uma parte deste cruzador já se confundia em projecção no horizonte illuminado por um luar sem sombras, com o vulto do «Barroso».

Era evidente a inferioridade de marcha do navio argentino, comparada com a do vaso de guerra brasileiro — facto que, devo aqui consignal-o, encheu de contentamento a alguns jornalistas que, no convez do «Maranhão», acompanhavam com grande interesse a marcha dos tres cruzadores.

Viajámos quasi todo o dia 4 sem avistar terra.

O mar, que nos diziam ser agitado e sempre cheio de vagalhões e ondas a invadirem o convez, estava ao contrario, absolutamente manso; e assim se conservou até o ponto terminal da viagem — o porto de Paranaguá, em cuja entrada o «Maranhão» ancorou ás 11 horas da noite, gastanto, portanto, para percorrer as 364 milhas ou 674 kilometros 28 horas, o que lhe dá a velocidade exactamente de 13 milhas por hora.

A's 6 1/2 da manhã de 5, seguiu barra a dentro o «Maranhão», e pouco depois passavamos pelo pharol da Concha, mais adiante pelo forte da Barra e, emfim, chegavamos a Porto d'Agua, pouco distante de Paranaguá, onde o navio ancorou.

Em Porto d'Agua, que dista 2 kilometros da cidade de Paranaguá, ha uma ponte de atracação; o nosso desembarque, porém, fez-se mesmo na cidade, sendo preciso, para isto, percorrer em escaleres uma distancia de cerca de 2 milhas no estuario do rio Itiberê, que banha a povoação.

Este rio está cada vez mais ficando aterrado, e dentro em pouco não será navegado nem mesmo por escaleres.

A cidade, situada á margem esquerda do rio Itiberê e em um canto da bahia de Paranaguá, tem 5.000 habitantes; é calçada e limpa e illuminada á luz electrica.

A illuminação está a cargo de uma empreza particular que cobra: 5$000 mensaes por lampada de 16 velas, 4$000 por lampada 10, e 2$000 por uma de 5. A energia electrica é produzida por machina a vapor.

Fomos a Porto d'agua, em visita á Alfandega que ahi está edificada, cuja inauguração depende apenas da construcção do caes no porto.

Ahi estão tambem funccionando algumas uzinas de preparo do matte.

A cidade está ligada a esse arrabalde por uma linha de bondes de tracção a vapor

A 1/2 hora depois do meio dia tomamos o trem da «Estrada de Ferro do Paraná», com destino á Curitiba, distante 111 kilometros.

A linha, de 1 metro de bitola, vae quasi de nivel até a cidade de Morretes, situada a 41 kilometros, e a 10 metros apenas de altitude ; dahi em deante começa a subida da Serra do Marumby, da Graciosa e Serra Geral, em rampa de 3 % quasi constante, na extensão de 40 kilometros, galgando a altitude maxima de 955 metros.

A estrada vae pelo valle do rio Ipiranga até a garganta Gaiguava, ganhando ahi o plató onde correm o rio Iguassú e seus affluentes.

Até o alto da serra o terreno é coberto de capoeiras, em meio das quaes não se vê siquer um pinheiro ; daquelle ponto em deante a vegetação muda completamente ; vêm-se extensões de campo limpo, tendo capões arredondados onde predominantemente apparecem pinheiros—*Araucaria brasiliensis* RICHARD e arvores de matte—*Ilex paraguariensis* ST. HIL.

A respeito dessa escolha do pinheiro, de logares altos não batidos pelos ventos vindos directamente do mar, devo dizer que já em 1896 eu fiz notar a mesma cousa relativamente aos pinheiros da serra da Mantiqueira, na zona entre a estação da Mantiqueira e Remedios. Ahi o pinheiro escolheu para seu *habitat* exclusivamente a vertente oéste, que é a mesma escolhida por essa arvore nas serras que no Paraná separam o plató da parte baixa e vizinha do mar.(*)

Disseram-me que em outras zonas do Paraná os pinheiros attingem proporções gigantescas ; os que vi,

---

(*) Boletim n. 4 da Comm. Geographica e Geologica de Minas. — *Subsidio ao estudo da Geographia Botanica do Estado de Minas Geraes* —ALVARO DA SILVEIRA—1896.

entretanto, na região que atravessámos, são em tudo semelhantes aos encontrados em Minas, tanto em dimensões como na fórma.

Faz-se em grande escala, como é sabido, a exploração desta util conifera, e quando pergunta-se si tratam de replantal-a, dizem:

«Ah! Não é preciso! As mattas são inextinguiveis; nunca se acabarão. Temos pinheiro para supprir o mundo inteiro, fornecendo milhões de toneladas annualmente».

Mattas que não se extinguem! Somos realmente muito ricos ...de fantasias.

Do alto da serra até Curitiba, descemos apenas 55 metros, pois as altitudes desses pontos são respectivamente 955 o 900 metros.

Chegámos a Curitiba ás 5 horas da trade, havendo na estação enorme massa popular.

CURITIBA. --- COLONIAS VIZINHAS DA CAPITAL

Sobre a origem da palavra Curitiba, ouvi duas versões : segundo uma, vem de *curiü* (*ü*—tendo o som que lhe dão os allemães), pinheiro, e *tyba*, sitio onde ha alguma cousa em abundancia, o que significava—sitio em que abundam os pinheiros ; segundo outra, é a corrupção da phrase de commando—*Cury—tim !*, vamos embora !, pronunciada pelos indios Caingangs na occasião em que, atacados pelos conquistadores, retiraram-se para outras paragens, phrase que os invasores começaram a pronunciar *Curytiba*, julgando que exprimisse o nome do local.

De sorte que, pelos adeptos da primeira explicação, deve-se escrever *Curityba*; de accordo com o modo de vêr, porém, dos que adoptam a segunda, deve ser *Curytiba*.

Como ha, entretanto, quem escreva tambem, mais simplesmente, *Curitiba*, tomei o alvitre de acompanhal-os, substituindo o *y* por *i*.

A cidade de Curitiba, que hoje tem 40.000 habitantes, data dos fins do seculo 16.

A sua situação topographica dá-lhe o direito de ser considerada, sob este ponto de vista, uma das mais bellas cidades do Brasil.

Tem poucas ruas calçadas e mesmo assim em más condições.

Possue uma linha de bondes de tracção animal que percorre quasi todos os pontos da cidade.

A sua illuminação feita de lampadas electricas incandescentes, é fornecida por uma empresa particular privilegiada. A luz é vendida por dois preços bem distinctos : para o governo, custa 450 réis a vela-mez ; para os particulares, custa apenas 300 réis.

E' realmente uma cousa bem curiosa essa differença de preços, cuja explicação deve ser um tanto complicada.

A cidade trata actualmente de estabelecer a sua rêde de esgotos e de agua potavel.

Fez para isso o Governo do Estado um contracto com os engenheiros Alvaro de Menezes e Octaviano Augusto Machado de Oliveira, que se obrigaram a executar pelo preço de 6 mil contos todas as obras necessarias; estas, porém, já estavam paralysadas havia mais de um mez, tendo ficado concluido apenas o reservatorio de 10 milhões de litros de capacidade, e atacada uma parte do serviço de esgoto.

As taxas annuaes que se cobrarão de agua e esgoto, são baseadas no valor locativo dos predios, na seguinte proporção :

Valor locativo Mensal			Agua	Esgoto
0	a	10$000	gratis	gratis
10$000	a	20$000	36$000	24$000
20$000	a	30$000	48$000	36$000
30$000	a	40$000	66$000	48$000
40$000	a	50$000	72$000	60$000
50$000	a	70$000	84$000	72$000
70$000	a	100$000	95$000	84$000
100$000	a	150$000	108$000	96$000
150$000	a	200$000	120$000	108$000
200$000	a	300$000	144$000	120$000
mais de		300$000	180$000	132$000

Desde dois annos já se cobra 1/4 dessas taxas, como auxilio ás despesas com as obras de agua e esgotos.

Para o abastecimento actual da população a agua, tirada de alguns chafarizes publicos ou de poços, é vendida em barris, de 30 litros pelo preço de 50 a 100 réis, o que corresponde a 1$700—3$400 o metro cubico ou 1.000 litros. Para eleval-a dos poços empregam-se quasi sempre moinhos de vento.

E' de 300 contos a renda da cidade.

Devido ao serviço de aguas e esgotos, que está sendo feito pelo Estado, este chamou a si a arrecadação do imposto predial, que é de 12 % sobre o valor locativo dos predios alugados, e 6 % sobre o mesmo valor para os predios não alugados.

A Capital é governada por um prefeito nomeado pelo governo do Estado, e um Conselho de Intendentes eleitos pelo povo.

Auxiliando o Presidente do Estado ha 3 secretarios: do Interior, Finanças e Agricultura e Colonização.

O Regimento de Segurança, incumbido do policiamento do Paraná, tem 600 praças, algumas das quaes são de cavallaria; possue tambem 3 metralhadoras.

O Estado cuja população é valiada em 370.000 habitantes, tem uma renda de 6.000 contos, na qual figuram 3.000 provenientes da «Estrada de Ferro do Paraná», gastos com a propria estrada; de sorte que, a renda realmente empregada nos diversos serviços reduz-se a 3.000 apenas.

Nos arrabaldes da cidade são numerosas as casas construidas inteiramente de madeira.

As proprias telhas da cobertura do tecto são ás vezes tambem de madeira, sendo formadas de pequenos pedaços rectangulares de taboa de pinho, e semelhando exactamente uma telha chata e lisa de barro queimado, ahi muito frequente e introduzida pelos allemães.

Varias são as fabricas que existem em Curitiba e suas circumvizinhanças.

A fabrica de phosphoros marca «Pinheiro», pertencente ao sr. Ferdinand Hürlimann, onde trabalham 350 operarios, está preparada para ter uma producção diaria de 400 latas ou 500.000 caixas; na occasião em que a visitei, o seu fabrico diario era apenas de 200 latas.

Esta fabrica é, segundo affirmou-me o seu proprietario, a unica que no Brasil prepara os palitos e as laminas para caixas; todas as outras importam o palito e as caixas desarmadas. A madeira empregada nesse mistér é o pinho paranaense,como tambem é paranaense a cola que entra no preparo da massa inflammavel.

Ainda é nacional um outro material de não pequena importancia—o papel das caixinhas, que é fabricado pela «Companhia Melhoramentos», de S. Paulo.

Queixa-se o sr. Hürlimann da terrivel concorrencia de outras fabricas que abaixaram, perdendo dinheiro evidentemente, a 40$000 o preço da lata.

Os diversos machinismos da fabrica são accionados por uma machina a vapor de 55 cavallos. Uma outra machina a vapor de 30 cavallos, que tambem lá existe, não funccionava na occasião em que visitei o estabelecimento.

A 18 kilometros da Capital existe, na villa Colombo, a fabrica de «Louça Colombo», que ha já algum tempo está fechada.

O proprietario de uma olaria, o sr. Francisco Busato, italiano, voltou em 1888, as suas vistas para o fabrico da louça. De suas pacientes experiencias convenceu-se de que a sua modesta olaria podia transformar-se em fabrica de louça, e, neste sentido, empregou todo o seu capital, que em pouco tempo se esgotára sem que a louça pudesse sahir preparada de suas officinas.

Recorreu a um pequeno capitalista que se associou a Busato, mas que no fim de pouco tambem estava sem recursos.

Teve a sociedade de admittir, em 1901, novo socio capitalista—o sr. Zacarias de Paula Xavier, que elevou o capital social a mais de 200 contos.

Pouco depois sahiu um socio, ficando a empresa da Louça Colombo propriedade apenas de Busato e Zacarias, e gyrando sob a razão de Zacarias & Comp.

Mil difficuldades encontraram os industriaes, e tantas, que foram forçados a fechar o estabelecimento.

Vi em uma exposição que o Centro Commercial de Curitiba promoveu para mostrar ao dr. Affonso Penna os productos paranaenses, a louça da fabrica Colombo. A sua esmaltagem, problema terrivel para todos aquelles que se mettem nessa parte da industria ceramica, não é ainda perfeita; o esmalte é bem corrido, mas, como que é fino demais, de sorte a deixar visivel a massa do *biscuit*.

Entretanto, já é uma louça certamente utilisavel, formando um typo especial que poderia muito bem achar grande consumo.

As peças expostas—pratos, chicaras, compoteiras, escarradeiras, travessas etc., eram umas brancas completamente, outras com desenhos a cores diversas e bem adherentes.

E' lastimavel que não tenha podido vingar uma industria tão importante e cujos productos, si não estão collocados na categoria dos mais aperfeiçoados, tendiam, em todo caso, para esta classificação, sendo certo que já podiam encontrar consumo entre nós.

Uma fatalidade qualquer tem passado sobre a resolução do problema da louça e porcellana no Brasil, de modo a difficultar a corrente e franca exploração desses ramos da ceramica.

De uma longa série de tentativas para a implantação dessa importante industria, ha em todo o paiz só-

mente a do dr. João Pinheiro, em Caeté, que vae vencendo todas as resistencias, pois é a sua fabrica a unica que actualmente funcciona produzindo louça.

Disse-me o sr. Zacarias que, longe de estar desanimado, continuará a empregar esforços para restabelecer o trabalho na sua fabrica, o que espera acontecer dentro de pouco tempo.

Segundo me informaram, uma das causas do fracasso foi a grande distancia da jazida de kaolim á fabrica, de modo a encarecer demasiadamente o transporte. A jazida do bom kaolim fica no Boqueirão, junto á Serra de S. Luiz do Purunã.

A capital possue um Museu, ainda modesto, que tende, todavia, a desenvolver-se.

Varias colonias extrangeiras existem nas circumvizinhanças de Curitiba; taes são: Santa Felicidade, habitada por italianos, Nova Orleans, por austriacos, Argelina, Abranches e outras.

O sr. dr. Affonso Penna visitou as duas primeiras.

Em qualquer dellas os alumnos difficilmente conseguiam dizer, em portuguez, os discursos em honra ao Presidente eleito da Republica, apesar de empregarem para esse fim o maximo esforço.

E era, sem duvida, bem curioso verem-se creanças já brasileiras a luctar, proferindo quanta syllabada se possa imaginar, para exprimir-se na lingua do seu paiz natal!

Em uma escola em que entramos na colonia Santa Felicidade, vimos nas paredes quadros pedagogicos, cujos dizeres eram exclusivamente em italiano; era entretanto, uma escola publica, mantida pelo Estado. Não admira, portanto, que não saibam a lingua brasileira creanças que não encontram escolas onde possam aprendel-a.

Nessas colonias quasi todas as casas são de madeira, isto é, de pinho exclusivamente. Em cada uma dellas ha um nucleo mais denso de casas, onde estão as

escolas—umas particulares, outras publicas—a egreja e casas de negocios.

Além de cereaes e horticultura, tratam principalmente de viticultura, sendo a Isabella a variedade de parreira quasi unicamente cultivada.

Como experiencia, têm sido introduzidas ultimamente algumas variedades como Herbemont, Norton Virginia etc.

A producção de vinho no Estado, quasi toda proveniente dessas colonias extrangeiras, sobe a algumas mil pipas annualmente.

Em uma dessas colonias ha uma fabrica de capas de palha para garrafas, utilisando-se palha de cevada e centeio cultivados na região.

O colono começou fazendo á mão essas capas, e aos poucos foi introduzindo machinas, de sorte a ter hoje uma importante fabrica que lhe deixa grande resultado.

O matte. — O trecho da Serra na Estrada de Ferro do Paraná. — Antonina

REGRESSO A PARANAGUÁ

O principal producto de exportação do Paraná é o matte, que existe em quantidade consideravel em uma grande parte do territorio do Estado.

O matte ou «herva» provém de extensos «hervaes» nativos que fornecem toda a materia prima necessaria a essa industria ; ninguem planta, pois, o *Ilex paraguariensis*. O dono do herval tem apenas o trabalho de colher a herva, empregando para isso o mais expedito dos processos—o decote da arvore.

A colheita faz-se, realmente, podando completamente a arvore, da qual ficam apenas os galhos mais grossos, e mesmo assim aparados rentes com o tronco principal.

A arvore assim podada descança 4 annos, durante os quaes ella se reforma, dando novos galhos que no fim daquelle periodo são colhidos.

Os galhos são levados para junto de uma fogueira, accesa mesmo em meio do herval, e ahi deixados até murcharem sob a acção do calor recebido—é a «sapéca».

Desprendem-se, então, dos grossos galhos os mais finos que são cortados e amarrados em pequenos feixes chamados «manojos», e levados para a sécca no «carijo»

—especie de estaleiro ligeiramente inclinado, construido de páos roliços sob uma coberta de capim ou de palha de coqueiro.

Sob o estaleiro accende-se uma pequena fogueira, de modo a seccar os manojos no fim mais ou menos de 4 horas.

Em vez do carijo, empregam tambem, para a sécca, um processo mais aperfeiçoado, utilisando para isso o que chamam «barbaquá».

Sob uma coberta geralmente de capim ou palha de palmeira, constroem a 2 metros de altura do chão, um arcabouço de páos roliços, e hemispherico, com a concavidade voltada para baixo, cercado na circumferencia por uma borda chamada «cambarahy» tambem de madeira roliça e talvez de um metro de altura. A uns 20 metros dessa construcção abre-se uma cava donde parte um canal subterraneo que vae surgir na parte do chão correspondente á projecção do centro do tosco hemispherio. Faz-se o fogo na cava e, depositados os manojos sobre a armação hemispherica, o calor, conduzido pelo canal, vae operando a deseccação.

No «barbaquá» o matte não fica, como no carijo, sujeito aos inconvenientes da sécca a fogo nú—enfumaçamento, queima pelas labaredas etc.

Do carijo ou do barbaquá vão os manojos para a «cancha», que é uma especie de grande cuba cujo fundo rectangular é forrado de couro e cujas paredes, inclinadas para fóra, são formadas por uma grade de páos roliços. Com o «facão», tendo a fórma de foice sem gume, a herva é batida até ficar reduzida a pequenos fragmentos.

Tem-se, então, a «herva cancheada», que é enfardada e remettida ás usinas de preparação do matte.

Nestas usinas a herva soffre varias operações que têm por fim, umas, reduzil-a a pó ou a fragmentos muito pequenos, outras, separal-a em qualidades, de accordo com as exigencias dos mercados.

Para a Republica Argentina, que é a maior consumidora do matte paranaense, vão qualidades de que já não gostam os chilenos.

Ha o matte reduzido todo a pó ; o matte em pó e fragmentos de folhas e hastes ; em folhas ou em fragmentos de hastes—«páos», como se diz ; em folhas e páos»; emfim, uma serie de typos commerciaes os mais diversos e todos formados nas usinas.

A usina do sr. Francisco F. Fontana, em Curitiba, produz diariamente 18.000 kilos. E' illuminada a luz electrica produzida por dynamos da propria usina. Possue um motor de 45 cavallos e tem 12 operarios.

O matte é acondicionado em barricas de pinho geralmente de 100 kilos e em surrões de peso variavel. Para encher estes saccos de couro, são elles primeiramente mettidos dentro d'agua ; uma vez que estejam bem amollecidos, enchugam-se, forrando-se o seu interior com papel. Enche-se então o sacco, soccando bem o matte, e cose-se a sua bocca. Com o deseccamento, o couro contrahe-se, comprimindo consideravelmente o matte, que é conservado durante muito tempo, do modo mais satisfactorio possivel. Preferem os importadores argentinos este acondicionamento em surrões.

A fabrica Fontana e, parece, ainda outras de Curitiba acondicionam tambem o matte em barriquinhas elegantes, formadas de aduellas de pinho branco, vermelho e havana—côres naturaes da madeira—e dispostas alternadamente.

Curitiba passa como sendo um dos pontos mais frios do Brasil. Realmente, durante a nossa estada, a temperatura foi, provavelmente, mais baixa do que a supportada em S. Paulo.

A 1 hora da tarde do dia 7 de agosto, estavamos de regresso a Paranaguá, deixando, assim, a sympathica e aprazivel capital paranaense.

Em Roça Nova, começo da descida para Morretes, por um offerecimento gentil da directoria da Estrada de

Ferro do Paraná, passamo-nos, eu e os engenheiros Aarão Reis e Sá Freire, para trolys, sendo ainda nossos companheiros os engenheiros Lange e dois outros da Estrada.

Poderiamos assim apreciar melhor as innumeras obras d'arte e panoramas esplendidos que se nos apresentariam nesse trecho admiravel.

O nosso troly descia, movido sómente pela acção da gravidade, com uma velocidade de 36 kilometros por hora, o que fazia tornar-se ainda mais sensivel o frio do alto da serra.

Chegavamos dahi a pouco a um dos pontos mais imponentes quanto ao panorama natural—ás immediações do Pico do Diabo. De um e d'outro lado do ribeirão Ypiranga, que lá em baixo, fórma uma serie de cascatas, as encostas dos morros são quasi a prumo e cobertas de fetos arborescentes, camadas espessas de musgos, lichenes, lycopodios e outros cryptogamos, e plantas diversas que ornamentam, dispostas com a elegancia e arte inimitaveis da Natureza, o valle profundo.

Nesse trecho, o horizonte é quasi nullo; a estrada como que está pregada a uma das paredes de tortuoso corredor esverdeado e imponente. Mais adiante, desapparece a encosta abrupta e fronteira á estrada e no horizonte vastissimo descobrem-se algumas povoações e uma parte da bahia de Paranaguá. Depois de alguns tunneis e uma infinidade de muros de arrimo que margeiam a esquerda da linha, estavamos no kilometro 65, tristemente celebre pela scena, sem duvida horrorosa, ahi desenrolada em uma noite de 1893, durante a revolta.

Sobre modesto pedestal, uma cruz preta, abraçada por uma corôa de flores rôxas, mostrava o logar em que, depois de assassinado por um contingente das forças legaes que o levavam preso dentro de um dos carros do trem, fôra atirado o Barão de Serro Azul, e lembrava a magua de uma familia enluctada. Não é

esse logar, como tenho ouvido dizer, um abysmo profundo ; póde ficar no maximo a 10 metros de differença do nivel da estrada; pouco antes ou logo depois é que a linha margeia despenhadeiros profundos.

Em sua descida rapida, o troly passava, então, pelo «Cadeado», uma grande curva, em cuja parte media fica a «ponte de S. João», de 113 metros de comprimento e sobre cavalletes metallicos de 58 metros de altura.

No extremo mais baixo dessa grande curva, onde ha uma serie ininterrupta de obras d'arte importantissimas, está o viaducto «Carvalho», que é sem duvida, a obra mais notavel da Estrada.

Em uma extensão de 110 metros, o leito da estrada contorna um rochedo liso, muito alto e cuja face, de mais ou menos 60º de inclinação, vae terminar no fundo do valle.

As vigas metallicas que sustentam o leito, descançam, do lado externo, sobre 8 pilares de alvenaria, dos quaes o mais alto tem 12 metros, e do lado interno, sobre a propria rocha da encosta escarpada.

Gastámos 1 hora e 25 minutos para percorrer todo o trecho da serra, apenas parando na estação de Porto de Cima, unica que existe entre os pontos extremos da extensa rampa de 3 °/₀ em que atravessámos 13 tunneis, dos quaes o maior tem 420 metros.

Em Morretes tomámos o ramal que vae á Antonina, cidade distante 16 kilometros e situada á margem e ao fundo da bahia de Paranaguá.

Antonina nada tem de notavel; é uma cidade de uns 2.000 habitantes, de casas que não primam pela construcção elegante e de commercio que não parece ser importante. No porto viam-se apenas umas poucas embarcações e assim mesmo de pequena tonelagem — barcas e barcaças—o que reflectia a escassez do commercio maritimo para ahi encaminhado.

Regressámos, emfim, a Paranaguá, onde chegámos ás 6 1/2 da tarde, desembarcando em Porto d'Agua, debaixo de uma chuva fina e impertinente.

Dirigimo-nos para o « Maranhão », já atracado á ponte do Lloyd. Ahi realizou-se o banquete que esta empresa de navegação offereceu ao Presidente do Paraná, que viera, com os seus Secretarios, acompanhar o sr. dr. Affonso Penna.

PARTIDA DE PARANAGUÁ

AS CIDADES DE S. FRANCISCO E JOINVILLE

A' meia noite, depois de terminadas as diversões que se succederam ao banquete a bordo, seguiu o «Maranhão» para S. Francisco, onde chegámos ás 8 1/2 horas da manhã do mesmo dia (8 de agosto).

A cidade de S. Francisco, situada á margem da bahia do mesmo nome, é pequena, tendo ruas tortuosas e casas de construcção antiga.

A igreja Matriz apresenta a originalidade de ter custado apenas 500$000, tendo sido construida ainda em tempos coloniaes; é um templo de grandes proporções e solidamente edificado.

Algumas ruas têm grandes extensões lastradas de conchas, retiradas de sambaquis que existem nas vizinhanças da cidade.

Ao almoço, já começámos a sentir a iufluencia allemã na região, pois, pela primeira vez em nossa viagem, viamos á mesa agua mineral allemã, com exclusão de qualquer outra; a agua mineral de «Birresborn» era a unica que havia.

Nas ruas da cidade continuámos a verificar o inicio da germanização: letreiros diversos em allemão e indicações para recemchegados da Allemanha, e ignorantes da lingua brasileira, como—«aqui se fala o allemão» etc.

Está em construcção uma estrada de ferro que, partindo de S. Francisco, vai ligar-se á «S. Paulo e Rio Grande».

O trecho até Joinville está prompto, faltando apenas o assentamento de uma ponte metallica em substituição á de madeira existente.

Sahimos de S. Francisco ao meio dia, e ás 2 horas chegámos á Joinville, tendo percorrido, na estrada de ferro, a distancia de 41 kilometros. Pela primeira vez transitaram carros de passageiros em grande parte da linha, tendo o trecho assim uma especie de inauguração.

Em todo o percurso da estrada de ferro, tinhamos visto sómente capoeiras, em meio das quaes, ás vezes, um monte de conchas mostrava a quantidade enorme de mariscos caçados pelos antigos habitantes dessa região. O proprio lastro da linha era, em muitos pontos, de conchas provenientes desses sambaquis.

Carros que nos esperavam á estação da Estrada de ferro, conduziram-nos até a cidade de Joinville, distante cerca de 2 kilometros.

A cidade apresenta um aspecto unico, caracteristico e ao mesmo tempo agradavel; as suas ruas são muito bem alinhadas, limpas, e macadamisadas; as casas são construidas com gosto e quasi systematicamente para dentro do arruamento, tendo ajardinada a parte intermediaria; são quasi todas isoladas e bem tratadas e os seus quintaes cercados apenas por fios de arame dispostos em cercas de um metro de altura no maximo.

Esta falta absoluta de muros é que dá á cidade uma feição exclusivamente sua, pittoresca e curiosa.

Diversos vegetaes trepadores ou voluveis se apegam ás cercas de arame que são tão baixas, que, como distinctivo da propriedade, fazem lembrar as divisões feitas a giz, no soalho das salas e outras grandes ca-

maras de republica de estudantes, para representarem o papel de paredes de suppostos quartos.

Ninguem salta uma cerca para apanhar uma fructa, ou uma flôr ou um objecto qualquer; valem por fortalezas inexpugnaveis esses miseros fechos das hortas e jardins.

Nas casas as folhas das portas e janellas são de vidraça, dispensando-se as de madeira que, commummente, em outras cidades são ainda reforçadas por trancas poderosas. Isto mostra que não existem gatunos e ladrões na localidade.

São, com effeito, rarissimos os crimes de furto ahi occorridos.

Contaram-me que não ha ainda muito tempo, appareceu na cidade um individuo que, encontrando trabalho, ahi se fixou. Em um bello dia, esse cidadão, tendo praticado um roubo, fugiu para S. Francisco levando comsigo o producto do crime. Tal fôra, porém, sobre elle a acção moral do meio em que vivera algum tempo, que não poude supportar o remorso que lhe causticava a consciencia: voltou a Joinville e entregou a seus donos todos os objectos roubados.

Para o policiamento da cidade, que conta 5.000 habitantes, ha apenas duas praças do Corpo de Segurança do Estado.

A qualquer hora da noite, uma senhora póde sahir á rua, sosinha, que ninguem lhe dirigirá o minimo gracejo.

E' sem duvida admiravel o espirito de ordem que reina na cidade.

As proprias creanças, que em certa edade são em toda a parte verdadeiramente buliçosas e commettem toda a sorte de tropelias, distinguem-se em Joinville pela sua correcção: passam ás vezes por uma arvore carregada de fructos em logar publico ou nas beiras das cercas e, entretanto, não lhes tocam sem o consentimento de pessoa para isso competente.

O municipio de Joinville, cuja população é avaliada em 22.000 habitantes, rende 80 contos annualmente.

Cerca de 2/3 dessa renda são applicados a obras publicas onde predominam as estradas e pontes.

Ha bem organizado um serviço de conservação de estradas municipaes, empregando-se para isso «zeladores» nomeados e pagos pela Camara.

Para estes serviços ha um imposto especial — «imposto para conservação das ruas, estradas e pontes», tendo por base a área dos terrenos e, além disso, nas povoações, a extensão que elles occupam nos alinhamentos das ruas e praças, cobrando-se um tanto até certo limite, e depois uma taxa determinada por 25 ares e por metro.

A cidade tem um bom abastecimento d'agua, que é vendida por meio de hydrometros a 100 réis o metro cubico.

A sua illuminação é feita por lampeões a kerozene, mas já procedem a estudos no sentido de lhe dar uma boa installação electrica, aproveitando para isso quéda d'agua existente no municipio.

Possue Joinville um corpo de bombeiros que é tambem original : é o «Corpo de Bombeiros Voluntarios», constituido por praças que nada ganham. A Camara Municipal o auxilia apenas com 300$000 annualmente para compra e reforma de material. Reaes serviços já tem prestado esse corpo.

O aviso de incendio é dado por meio de um cornetim. Ouvido o signal por um desses destemidos voluntarios, este por sua vez toca o seu cornetim transmittindo o aviso aos voluntarios das vizinhanças e logo acodem todos ao local do incendio.

De todas as cidades do Brasil, por nós visitadas, foi Joinville certamente a que melhor impressão nos causou sob o ponto de vista da organização municipal e mesmo quanto a essa ordem admiravel que alli reina, mostrando

não ser verdadeiramente uma utopia ou mera fantasia a futura sociedade sonhada por alguns socialistas intransigentes.

A povoação data de 1849, época em que se fizeram os primeiros estudos para a Companhia Colonizadora (extrangeira), vindo depois, em 1850, os primeiros colonos que eram uns 300 alsacianos. Mais tarde é que vieram os colonos allemães.

O nome da cidade vem do «principe de Joinville», francez, em honra de quem a Companhia denominou a nova colonia.

Ha na cidade innumeras fabricas: de moveis, onde vimos bella mobilia, rica e artistica; de velas, que são um producto comparavel ao da *Luz Stearica*, do Rio; de sabonetes, de meias e de diversos tecidos de malha; serrarias; usinas de matte e de beneficiar arroz; fundições, etc.

—Das 6 horas da manhã ás 6 da tarde, disse-me um joinvillense, não se encontra aqui uma pessoa para conversar; todos estão trabalhando.

Depois do jantar é que cada um vae tomar o seu copo de cerveja nos cafés e restaurantes, formando-se então palestras quasi sempre animadas e alegres.»

O municipio de Joinville concorre, segundo me informaram, com 1/3 da renda total de Santa Catharina, o que bem esclarece sobre a sua importancia.

A cidade, posto que esteja situada em uma baixada, á margem do rio Cachoeira, tem um bom clima, estando livre de febres e outras molestias endemicas.

A sua principal via de communicação com o mar foi, até bem pouco, o rio Cachoeira, por onde transitam mercadorias e passageiros em embarcações de pequeno calado, sendo S. Francisco o ponto terminal dessa navegação. Hoje, porém, é a estrada de ferro um outro meio commodo de communicação de que dispõe a cidade; e este, si não forem exaggeradas as suas tari-

fas, certamente será preferido ao moroso transporte por agua.

Joinville recebeu o sr. dr. Affonso Penna com o maior carinho e as mais accentuadas demonstrações de contentamento.

A cidade, garridamente vestida, bem reflectia o enthusiasmo da sua população pelo facto da visita do Presidente eleito da Republica.

Muitos dos seus habitantes, quer fossem allemães, quer fossem brasileiros, mostravam-se empenhados em fazer desapparecer qualquer prevenção, infelizmente bastante corrente entre nós, sobre o procedimento dos joinvillenses com relação á nacionalidade brasileira. Espontaneamente, informavam-nos de que «é pura invenção o que se diz a seu respeito ; podem afiançar que são tão bons brasileiros como os melhores que assim se julgarem. Mesmo os que nasceram na Allemanha não pegariam em armas contra o Brasil, quanto mais os que aqui nasceram ! Era uma campanha absurda a levantada por alguns jornaes contra Joinville.»

—Mas porque é que os srs. não ensinam os filhos a lingua brasileira ? Parece que a lingua é o élo que liga todos os seres da mesma nacionalidade..., perguntei.

—Nós fazemos o possivel para que as creanças aprendam o portuguez e lhe garantimos que aqui qualquer pessoa o sabe e fala.

O que acontece é o seguinte : nas nossas escolas municipaes e particulares, que são as mais numerosas, não existem, realmente, bons professores de portuguez, porque não os encontramos ; de modo que, para ensinar mesmo pouco aos nossos filhos, luctamos com grande difficuldade. Para remediar esses inconvenientes temos feito innumeros pedidos ao governo do Estado, mas este infelizmente não nos tem attendido. De sorte

que, lh'o dizemos com a maxima sinceridade, os nossos filhos não aprendem, como deviam, o portuguez, unicamente porque nos faltam escolas mantidas aqui pelo governo do Estado.»

Contrariei a principio, propositalmente, a alguns desses joinvillenses, deixando transparecer a minha duvida sobre a verdade do que elles diziam e sobre o seu amor ao Brasil. O ardor com que elles falavam redobrou-se e, então, cheguei mesmo a convencer-me de que não passa de pura fantasia o tal *perigo allemão*.

Alguns delles, como prova do seu patriotismo, citavam-me occasiões em que já haviam exposto a sua vida, luctando pela nossa Patria, e accrescentavam :

—«Si não fossemos tão brasileiros como o sr. e outros que presam esta nossa Patria commum, não iriamos, evidentemente, pegar em armas por uma idéa que só a ella aproveita.»

De facto, a unica cousa que se nota de anormal, é o falarem mal a lingua brasileira e isto por falta de escolas, segundo elles affirmam.

E' verdade que alguns habitantes antigos nada entendem de portuguez ; tal era, por exemplo, o cocheiro do carro em que percorremos a cidade ; era um homem já edoso e não falava uma palavra da nossa lingua.

Isto, entretanto, dizem não ser commum. Joinville está hoje quasi nacionalizada. Antigamente, segundo ouvi, era, de facto, como o é Blumenau ainda hoje, uma povoação genuinamente allemã : não se falava o portuguez e sim exclusivamente o allemão.

Nas casas de negocio e fabricas os lettreiros são, com excepções, em allemão ; ás vezes, os dizeres existem em allemão e em portuguez. São tambem em allemão os jornaes que alli se publicam.

Por ahi se vê que de facto, em Joinville, a lingua allemã é sem duvida mais corrente que a portugueza, o que não quer dizer, segundo o protestam os seus habitantes, que estes sejam mais allemães que brasileiros.

Nós, que empregamos uma lingua extrangeira para a carta dos banquetes, sejam estes officiaes ou não, mostrando assim uma adoração inexplicavel e triste pelo francez, não podemos, com justa razão, segundo penso, censurar esses allemães-brasileiros por empregarem o allemão um pouco mais que o portuguez.

A noite de 8 para 9 de agosto, durante a qual a cidade conservou-se bella e curiosamente illuminada, passou-se em diversões : concertos, baile etc., que duraram até a hora em que tivemos de nos dirigir para a estação, afim de tomar, ás 5 horas da madrugada, o trem que nos conduziu á cidade de S. Francisco, onde chegamos ás 8 1/2 da manhã.

A CIDADE DE FLORIANOPOLIS

Para o embarque no «Maranhão», tomámos, como em quasi todos os portos, escaleres que do caes, em São Francisco, tiveram de vencer uma grande distancia até o navio. Este zarpou ás 9 horas da manhã de 9 de agosto, e ás 4 da tarde do mesmo dia enfrentava já o forte de Santa Cruz, á entrada da barra do norte, entre a ilha de Santa Catharina e o continente.

Pouco depois de passar pelas ilhas Ratones, á esquerda, o «Maranhão», que já vinha seguindo o canal balisado por meio de boias e mastros, começou a navegar arrastando-se na lama do fundo do canal.

Achava-me encostado á borda quando uma pessoa da tripolação chamou a minha attenção para a grande porção de casco que então se via do navio. Este estava, realmente, com cerca de 1 metro de fóra e abaixo da sua linha d'agua normal, o que queria dizer que o navio apoiava-se, não sobre agua, porém, sim, sobre uma materia solida que o elevára a cerca de 1 metro. Tinhamos, assim, uma reproducção, em ponto grande, da navegação do rio Itapicurú apenas com a differença de que no canal de Santa Catharina, como o fundo era de vasa, o «Maranhão» escorregava sobre esta sem grande difficuldade; em certo momento, entretanto, o navio adernou sensivelmente para estibordo.

Um catharinense, que tambem apreciava a curiosa navegação sobre lama, teve estas phrases de satisfacção:

—Bravo! Si todos os navios do calado do «Maranhão» fizessem o que elle se animou a fazer, este maldicto canal estaria desobstruido, pois isto equivale á magnifica dragagem.»

Será, todavia, um meio bem curioso esse de abrir canaes á quilha de navio.

Avistavamos, havia já algum tempo, uma parte de Florianopolis—a Praia de Fóra, ficando a outra, que é a maior, encoberta pela ponta de terra em cuja extremidade fica a fortaleza de Sant' Anna.

Ao passar pelo estreito entre essa ponta e o continente, recebeu o «Maranhão» a homenagem de uma salva de «tiros de mina», partidos da rocha núa existente mesmo ao lado da Fortaleza. Esta confessava assim a sua impotencia, pois não possuia siquer alguns canhões que servissem ao menos para dar salvas. Era uma fortaleza que não tinha o embuste de querer passar como praça de guerra, como quasi todas as que haviamos visto na extensa costa brasileira ; em vez de conservar canhões hoje ridiculos e só dignos de figurar nas collecções archeologicas dos museus, ella despojára-se dessas inutillidades metallicas, enviando-as talvez ás fundições onde poderiam ainda ser uteis, e conferindo á rocha a incumbencia das salvas officiaes. E' muito mais nobre esse systema de «viver ás claras», do que apparentar uma força que no momento grave e serio de nada valerá.

Ao dobrar a ponta de Sant' Anna, descobrimos já proxima, a parte mais importante de Florianopolis.

A cidade, situada em terreno accidentado, apparecia como que projectada em morros muito altos e cobertos de matto denso. Estes morros, entrelaçados em cadeias, estendem-se por toda a ilha de Santa Catharina, que tem 8 leguas na sua maior dimensão.

A's 5 horas arriou a ancora o «Maranhão» e pouco depois tomámos escaleres, que nos conduziram por entre alas de embarcações embandeiradas, ao trapiche Municipal, na praça 15 de Novembro, onde desembarcámos.

E' uma praça ajardinada e bonita, estando em uma das suas faces o Palacio do Governo, o melhor edificio da capital, que custou 2.000 contos ; ahi se acham tambem a cathedral, o Grande Hotel e algumas repartições publicas.

A cidade, cuja população é avalidada em 16.000 habitantes, tem algumas ruas bem calçadas ; é illuminada a lampeões de kerozene e por emquanto não possue nem rede de encanamentos de agua potavel nem de esgotos.

Para o seu abastecimento, a agua é tirada de poços ou cisternas e vendida a 60 réis o barril de 10 litros, o que equivale a 6$000 o metro cubico.

A renda municipal é de 150 contos annuaes.

O municipio é governado por um Superintendente e um Conselho de Intendentes eleitos pelo povo.

Como auxiliar directo do Governador do Estado apenas ha o Secretario Geral.

A renda do Estado é de 1.500 contos, em que representa maior parcella o imposto sobre o matte, principal genero da producção catharinense. Esse imposto é de 30 réis por kilo e 1 1/2 °/₀ sobre o valor official, que é actualmente de 250 réis o kilogramma.

O policiamento do Estado incumbe ao Corpo de Segurança, que dispõe de 200 praças.

Além do matte, Santa Catharina produz manteiga, queijo (em quantidade que não dá para exportação) e cereaes.

A parte do continente fronteira á Sant'Anna é bastante povoada, havendo para ahi um serviço regular de transportes, feito por barcas a vapor que partem do trapiche municipal.

Ao sul dessa povoação do continente, acha-se installado o Campo de Experiencias, mantido pelo Estado.

A convite do seu director, fomos, alguns jornalistas, visitar esse instituto agricola.

Situado á beira-mar, em um terreno com forte proporção de areia e bastante inclinado, está ainda com proporções bastante modestas.

Vimos ahi canteiros de alfafa, viveiros de parreiras, de pinheiros extrangeiros e outras arvores da mesma procedencia destinadas á silvicultura, assim como varios pés de maniçoba, figueiras, laranjeiras e outras plantas cuja cultura estava começada.

A maniçoba mostrava-se rachitica e sem vigor, deixando prever o nenhum exito da sua cultura em clima e terrenos semelhantes.

A area de que dispõe o estabelecimento é, actualmente, diminuta ; o governo, porém, deseja augmental-a afim de desenvolver as experiencias.

Entre os grandes edificios de Florianopolis, conta-se o Quartel de Policia, cuja construcção executada ainda nos tempos coloniaes ficou, como a Matriz da cidade de São Francisco, em 500$000. O seu constructor, que hoje seria considerado milagroso por executar com esse pouco dinheiro uma obra de tão grandes dimensões, foi, entretanto, censurado pelos poderes publicos daquella época pelo facto de ter gasto demasiadamente, excedendo os orçamentos.

Não se póde falar de Florianopolis sem citar as mimosas e delicadas flores de pennas, de escamas e de conchas que ahi se fabricam e que constituiram objecto de admiração por parte dos membros da comitiva do sr. dr. Affonso Penna.

Durante todo o tempo que estivemos na Capital catharinense, cahiu quasi continuadamente uma chuva fria e incommoda que nos privou de conhecer a cidade, tal como desejavamos.

DE FLORIANOPOLIS A PORTO ALEGRE.

De Santa Catharina a Porto Alegre a viagem ia ser feita em um outro vapor do Lloyd Brasileiro—o «Florianopolis», cujo calado, inferior ao do «Maranhão», permittiria a transposição da barra do Rio Grande.

A's 11 horas da noite, depois de realizado o banquete que, a bordo do «Maranhão», o Lloyd offereceu ao Governador de Santa Catharina, passamo-nos para bordo do «Florianopolis», que ás 4 da madrugada de 11 de agosto levantava ferro e seguia para o sul.

Até a barra do Rio Grande tivemos um mar como nunca o tinhamos visto durante a viagem; a sua superficie sem ondas fazia lembrar a bahia de Marajó, no Amazonas, na occasião em que por ella passámos : a agua era tão tranquilla e calma que se podia comparar sua superficie a um verdadeiro plano geometrico. Diziam, entretanto, alguns marinheiros experimentados, que essa calma extraordinaria era prenuncio certo de mau tempo: não demoraria muito a visita de forte temporal.

Alguns lobos marinhos, curiosos peixes que nadam ás vezes com a cabeça fóra d'agua, appareciam á pequena distancia do navio e deixavam depois de si leves ondulações que, vinham quebrar a immobilidade quasi absoluta da extensa e azulada superficie lisa.

Tambem alguns mergulhões esvoaçavam, seguindo a esteira do «Florianopolis» e pousando aqui e alli, quasi sempre em grupos mais ou menos numerosos.

A 1 hora da tarde do dia 12 começámos a avistar o pharol da Barra, collocado á entrada do perigoso caminho para a lagôa dos Patos, e meia hora depois chegavamos ás bordas do baixio arenoso de 3 1/2 kilometros de extensão, que se continúa até a costa e constitue o tormento dos navegantes e do commercio e da industria rio-grandenses.

Ahi deveriamos ter as informações sobre a possibilidade ou não de entrada.

Estavam a «espera de agua», para entrar, já havia pouco mais de 1 mez, seis grandes paquetes que, então, viamos á pequena distancia de nós.

Felizmente, para o calado do «Florianopolis», que é de 9 pés, era sufficiente a agua do canal, pois este tinha 9 1/2 pés na occasião.

Por entre uma série de boias, que marcam o tortuoso canal do sul, seguiu o «Florianopolis» acompanhando o rebocador «Camaquan», que propositalmente nos esperava para servir de guia.

Nos bancos de areia, todos submersos, as ondas, volumosas e altas, arrebentavam, em constante alternativa, formando extensas filas parallelas espumarentas e brancas.

O «Florianopolis», seguindo a esteira do rebocador, ia cortando os grandes vagalhões que em continua successão se apresentavam, e ora elevava-se, ora descia bastante para revolver a areia do fundo.

Desse canal desappareceu em 11 de junho de 1887, o «Rio Apa», apanhado por um temporal de que não teve tempo de livrar-se.

Ninguem soube que fim tiveram a tripolação e o navio, apezar de grandes esforços empregados para se descobrirem quaesquer signaes deixados pelo naufragio. Uns poucos cadaveres e alguns destroços do navio vieram muitos dias depois confirmar a catastrophe.

Ao sul da barra, ha uma praia onde vão ter irremediavelmente, destruindo-se de encontro aos bancos,

os navios e quaesquer embarcações apanhadas de lado pelas ondas. Ahi existem numerosas casas de pescadores, construidas com os destroços desses desgraçados navios apprehendidos pelas vagas. Encontram-se, não raro, na modesta sala de um desses pobres habitantes, um rico e luxuoso espelho, uma cortina adamascada e outros objectos semelhantes que vão ter á praia procedentes das embarcações naufragadas.

Gastamos meia hora para percorrer o canal em meio do baixio que tranca a sahida da lagôa dos Patos; no fim desse tempo, estavamos na entrada do Estreito, a partir do qual a navegação não teria entraves, devendo ser feita, entretanto, até á lagôa, com muito cuidado.

No Estreito acham-se, á margem direita, a cidade do Rio Grande e, á margem esquerda, as villas da Barra e de S. José do Norte, ficando esta ultima bem defronte daquella cidade.

Entre Rio Grande e a entrada da barra fica a Mangueira, onde deve ser construido o porto cujas obras estão orçadas em 26 mil contos.

Para as obras de abertura da barra ha varios projectos, parecendo que o adoptado orça todas as obras em 19 mil contos.

Porto e abertura da barra custarão, pois, 45 mil contos.

Além desta despesa, que é feita pelo Governo da União, devem ser feitas outras, pelo Estado, visando melhorar a navegação da barra até Porto Alegre, onde será construido um porto que custará 4 mil e tantos contos.

Da Barra até á sahida do trecho de navegação difficil—até o pharol do Estreito, já em plena lagôa dos Patos—a distancia é de 50 milhas, e, como haviamos sahido ás 3 horas daquelle primeiro ponto, anoiteceu quando ainda estavamos no Estreito.

Por não ser navegavel á noite este trecho, teve o «Florianopolis» de ancorar e só ás 6 horas da manhã do dia seguinte poude recomeçar a marcha.

Ao passar pelo Cangussú, o navio esbarrou por varias vezes contra o fundo do canal, que é ahi estreitissimo. Felizmente, ás 9 horas defrontavamos com o pharol do Estreito, a partir do qual a navegação, que então póde ser feita tambem á noite, seria, até Itapuan, dahi a 99 milhas, sem a minima difficuldade.

Pouco antes de sahirmos do Estreito, mais ou menos ás 8 horas da manhã, chegou ao nosso camarote um chamado urgente para os medicos que, como eu, tambem ainda se achavam deitados. Tinha havido um pequeno desastre : um foguista «destroncara» um braço e estava soffrendo muitas dores.

Os meus dois companheiros de camarote resolveram que bastaria um apenas para trazer ao logar o braço deslocado ; e, assim, seguiu logo o que tinha de prestar os seus estimaveis serviços.

Tinhamos feito toda a viagem sem ter, felizmente, que registrar serios desastres. Apenas um tinha havido a bordo, já em agosto : quando o sr. Ranulpho José de Sousa, immediato do «Maranhão», na volta do norte, carregava um canhão para salvas, fez-se a explosão inesperada, que o feriu bastante na mão.

No fim de alguns dias, devido á falta de gravidade do ferimento, estava o immediato restabelecido.

Tinha-se feito, portanto, uma viagem verdadeiramente feliz e era preciso que entrassemos em agosto, mez dos dias aziagos, para abrir a porta aos accidentes infortunados. Esse deslocamento de braço já era o segundo desastre em agosto e, si já tinhamos passado pela celebre primeira segunda-feira desse mez, portadora de infortunios e desastres, estavamos todavia em um dia não menos caipora e cheio de azar —o dia 13.

No fim de 1 hora voltou o distincto medico e então informei-me sobre o que houvera : tratava-se de uma luxação sub-coracoide, que é a mais commum e, para reduzil-a, era preciso o auxilio do outro medico,

nosso illustre companheiro de viagem. Seguiram, pois, os dois facultativos para junto do pobre foguista afim de livrarem-n'o da encommoda e dolorosa deslocação da cabeça do humerus.

Em conversa com uma das muitas pessoas de Porto Alegre que já nos faziam companhia desde a villa da Barra, onde tinham vindo encontrar o sr. dr. Affonso Penna, eu soube que a bordo tambem se achava um notavel cirurgião daquella Capital, onde gosava de grande fama como perito operador.

Si acaso os medicos de bordo desejassem o seu auxilio, elle certamente não o recusaria em beneficio do foguista.

Depois de hora e meia chegaram os medicos; nada haviam conseguido; estavam exhaustos, mas a cabeça do osso relutava em entrar na cavidade glenoide. Haviam já tentado todos os meios conhecidos para a reducção, e tanto elles como o doente, só conseguiram o cançaço e o desanimo, como resultado da operação.

Relatei-lhes o que eu ouvira e com grande satisfacção acceitaram o nobre offerecimento do notavel e famoso cirurgião. Voltaram, pois, logo que acabaram de almoçar, acompanhados do eminente operador.

— Desta vez, é imposivel que venham sem ter conseguido reduzir a luxação do pobre foguista — era o que pensavamos.

Algum tempo depois, chegavam entretanto, os tres scientistas: tinham luctado inutilmente; o osso continuava irrevogavelmente fóra do logar.

—E então, o que se faz nestas condições?», perguntei-lhes.

Informaram-me que só em Porto Alegre poderia ser tentado um ultimo processo que requeria a chloroformização do paciente.

Todos os recursos de que podiam dispôr a bordo, tinham sido inuteis.

Só no dia seguinte chegariamos a Porto Alegre e só então poderiam ser aliviados os padecimentos do infeliz foguista, pois que era imprescindivel, conforme o havia sentenciado a sciencia, a chloroformização.

Depois que os medicos sahiram, foi o machinista visitar o seu companheiro de trabalho, e emquanto ouvia os gemidos occasionados pelo osso rebelde, naturalmente começou a fazer esta reflexão: eu tenho varias vezes collocado no logar peças de uma machina complicada como a que está sob a minha guarda; ora, o corpo humano é tambem uma machina cheia de engrenagens e peças diversas; portanto, quem sabe si um feliz acaso me faria concertar esta machina desarranjada?!

Encaminhou-se resoluto para o foguista, e, sabendo que elle havia luxado o braço na occasião em que o levantara demasiado para collocar em certa boquilha uma lampada electrica, segurou-lhe com a mão direita no braço e á medida que o foi levantando, acalcava com a mão esquerda, debaixo da axilla, a cabeça do osso. Em certa altura, sem saber si havia ou não apophyse coracoide e cavidade glenoide, ouviu um ligeiro *crak* e sentiu que a junta no mesmo instante deixou de lhe offerecer resistencia. Olhou immediatamente para o foguista e já o encontrou com olhos fitos nos seus e com um sorriso ainda entremeado de dôr e de agradecimento, a dizer-lhe:

—Ora graças a Deus! Está no logar!»

Em sua rudeza de marinheiro, achou o machinista ser muito natural a victoria que acabava de alcançar e foi elle certamente quem menos pensou no facto.

Em considerações que se fizeram sobre o bem fazejo machinista que livrou do chloroformio o seu companheiro e encurtou-lhe as horas de soffrimentos, houve quem se referisse a um caso de certo modo parecido

com aquelle e citasse o desabamento do edificio do Club de Engenharia, no Rio de Janeiro.

São as decepções por que passa ás vezes a sciencia...

Depois do Estreito, appareceram-nos, na lagôa dos Patos, successivamente, os pharóes do Bujurú, Marca, Christovam Ferreira e Itapuan, collocado, este ultimo, á entrada do rio Guahyba no extremo norte da lagôa.

Tinhamos que subir esse rio, em cuja margem esquerda está Porto Alegre, dahi a 31 milhas; a navegação, porém, não póde ser feita á noite e, por isto, teve o «Florianopolis» de ancorar em frente ao pharol de Itapuan.

No dia seguinte, ás 6 horas da manhã, zarpou o navio, seguindo o canal estreito no largo rio Guahyba.

Boias e de vez em quando, um mangrulho—pharolete illuminado a oleo—balizavam o caminho a seguir.

A's 10 horas da manhã, tendo deixado á nossa direita a ilha das Pedras Brancas, formada de um amontoado de pedras, algumas das quaes de enormes dimensões, chagámos em frente a Porto Alegre, para onde logo seguimos em botes e lanchas.

A CIDADE DE PORTO ALEGRE

Porto Alegre, que é Capital desde 1808, chamava-se antigamente Porto dos Casaes, nome devido a uns casaes de açorianos que ahi se estabeleceram no inicio da povoação.

Anteriormente a 1808, a Capital era Viamão, situada distante 3 1/2 leguas em um local de onde avistam-se os 5 rios—Jacuhy, Gravatahy, Cahy, Taquary e do Sino, que entram no Guahyba como que formando os dedos de u'a mão cuja palma seria constituida por este ultimo. Dizem que uma pessoa, chegando a esse local, confirmava o que lhe haviam dito sobre a apparencia daquelles rios e dizia: «*Vi a mão*».

A cidade está collocada sobre morros de encostas ás vezes bem inclinadas, de modo que muitas das ruas são ladeiras ingremes.

Ha todavia o bairro ainda pouco povoado, do Menino Deus, em que o terreno é sem accidentes.

E' de 80.000 habitantes a população da cidade e 1.700 contos a renda do municipio, que é administrado por um «Intendente», e pelos «Conselheiros municipaes», todos eleitos pelo povo.

O serviço de abastecimento d'agua é feito pela Intendencia, que adquiriu a antiga Companhia Guahybense, e pela Companhia Porto-Alegrense.

A primeira tira, por meio de bombas, a agua do rio Guahyba e a eleva a um reservatorio collocado acima do nivel das casas mais altas da cidade. Cobra por penna 4$000 mensaes.

A seguanda distribue a agua proveniente do arroio do Sabão, tirando-a em um ponto a 2 leguas da cidade.

Esta agua é a preferida, si bem que seja de 5$000 o preço da penna-mez ; a sua quantidade porém, não é grande e dá sómente para abastecer uma pequena parte da cidade.

O ponto do rio Guahyba em que é bombeada a agua—a praia do Menino Deus—, fica a jusante da cidade e não muito acima da Ponta do Mello, onde o rio recebe toda a materia fecal, que para ahi é levada em «cubos», recipientes tronconicos collocados em baixo das latrinas.

Não é, como se vê, uma agua que se possa beber sem certo receio, fundado ou não, de que ella seja contaminada pelas materias excrementicias, pois que, em certas occasiões, segundo me informaram pessoas de Porto Alegre, sopra um vento intenso contra a corrente do rio, occasionando uma especie de maré que transporta para montante parte daquelles residuos.

Além dos fornecimentos feitos pela Intendencia e pela Companhia Porto Alegrense, avaliados em 3 milhões de litros diarios, a agua, tirada dos chafarizes ou directamente do Guahyba, é vendida em barris de cerca de 10 litros, pelo preço de 50 réis cada um, o que corresponde a 5$000 o metro cubico.

O serviço de abastecimento está sendo, porém, melhorado pela Intendencia, que para esse fim tem quasi concluidas obras no valor de 2.000 contos projectadas pelo engenheiro Dario Pederneira e executadas sob as suas vistas.

A tomada d'agua para o novo reservatorio situado no bairro Moinhos de Vento e quasi prompto, faz-se no rio Guahyba em um ponto fronteiro á rua do Caminho Novo ; não fica de todo a montante da cidade, mas em todo o caso está em melhores condições que o ponto de onde é actualmente tirada a agua.

Esta é elevada, em tubo de 40 centimetros de diametro, a 50 metros para o reservatorio de Moinhos de Vento por bombas que podem fornecer 15 milhões de litros por 24 horas, e accionadas por machinas a vapor.

A' sua chegada no reservatorio, a agua cáe em cascata em uma grande bacia, o que tem por fim tornal-a arejada. Desta bacia ella é distribuida a quatro tanques de decantação, tendo cada um 80 metros de comprimento e o fundo com o cahimento total de 15 centimetros ou sejam 0,m00185 por metro. A agua passa desses tanques, onde ella tem a velocidade de 4 milimetros, para os de filtração, em numero de 4, tendo cada um, no fundo, a superficie de 100 metros quadrados.

A filtração é feita sobre uma camada de areia.

Constroem-se, para isso, pequenas galerias de pedra solta sobre as quaes collocam-se primeiro, uma camada de cascalho ; segundo, uma de areia filtrante, de 60 centimetros de espessura. No fim de alguns dias, as impurezas retidas tornam a areia pouco permeavel ; esta é então raspada na sua parte superior ; nova porção de impurezas vem tornar imprestavel uma outra pequena espessura de areia que é eliminada ; e, assim, seguidamente, até que se tenha raspado a metade da camada. Nessa occasião, é esta restabelecida, addicionando-se-lhe novamente areia até completar a espessura de 60 centimetros.

Da filtração vae, emfim, a agua para os reservatorios propriamente ditos, que são dois, tendo cada um a capacidade de 6 milhões de litros. São completamente fechados por abobadas descançando sobre columnas de tijolo e cimento, sendo de pedra e cimento a alvenaria dos muros.

Na frente e acima 10 metros do nivel da agua desses reservatorios, ha uma caixa metallica para

50.000 litros, destinada ao abastecimento de pontos altos do Moinhos de Vento. Para essa caixa a agua será elevada por uma bomba accionada por machina a petroleo de 6 cavallos.

Depois de promptas essas obras, será abandonado o bombeamento da praia do Menino Deus.

A agua vae ser vendida por 7$000 mensaes para as casas de valor locativo até 200$000 por mez, e a 100 réis o metro cubico, medida então por hydrometro, para aquellas de maior valor.

A cidade, segundo disseram-me, vae possuir uma rede de esgotos, orçada em 3.000 contos.

Em falta desta rede, emprega-se actualmento o systema dos «cubos», que são conduzidos em carroças até uma estradinha de ferro que os transporta á Ponta do Mello, na praia da Tristeza, onde são virados no rio Guahyba.

O transporte dos «cubos» não póde ser todo feito de madrugada, como convem; de sorte que não é difficil comprehender como deve ser desagradavel o encontro com uma dessas carroças, que ás vezes transitam até as 10 horas da manhã, deixando uma esteira certamente sem encantos.

Esse serviço está a cargo da Intendencia, que cobra por «cubo» que deva ser tirado 2 vezes por semana, 4$000 mensaes.

As aguas servidas—de lavagens, mictorios e outras —correm systematicamente nas sargetas das ruas, o que, por certo, destoa do adeantamento da capital riograndense. A' face vertical do meio-fio dos passeios vem ter o canal por onde cada casa lança na sargeta, transformada em canal de esgoto, todas as aguas servidas e de lavagens; de sorte que nas ruas vêm-se, ao longo dos passeios, essas numerosas boccas a lançarem detrictos sem duvida pouco dignos de circular pela cidade.

As sargetas, parece, são lavadas á noite; foi, pelo menos, o que vi uma vez: um individuo munido de

vassoura abriu uma torneira existente junto ao meio-fio do passeio e foi varrendo a sargeta.

E', pois, a rede de esgotos um grande melhoramento que irá ter Porto Alegre, supprimindo a corrente de agua preta e immunda que systematica e constantemente circula nas sargetas das ruas e acabando com os anti-hygienicos e incommodos «cubos».

A parte central da cidade é illuminada a gaz por uma empreza particular — *Companhia Riograndense de Illuminação a Gaz*, e os suburbios por lampadas electricas incandescentes e arcos voltaicos, serviço este executado pela Intendencia.

Parece que uma Companhia denominada *Força e Luz*, formou-se para exploração da electricidade não só para luz que substituirá a do gaz, como tambem para força na tracção dos bondes, actualmente puxados a animaes.

Ha dois theatros na Capital, o de S. Pedro que é o melhor, e o Polytheama.

Visitamos ainda o Museu do Estado, onde ha dignas de nota, uma collecção de borboletas e outra de agatas. Está o estabelecimento ainda em seus primeiros annos de existencia, e, como tal, pouco farto de informações sobre as riquezas naturaes e sobre os diversos ramos da actividade riograndense.

Na Capital estaciona a Brigada Militar com 3 batalhões de infanteria, tendo 1.200 homens e dispondo de 4 metralhadoras, e 2 regimentos de cavallaria com 800 homens; estes regimentos estavam, na occasião da nossa visita, fóra da cidade.

A Brigada Militar não é, como se poderia imaginar, a incumbida de fazer o policiamento do Estado: este serviço é feito exclusivamente pelos «Guardas municipaes», mantidos á custa de cada municipio.

Para o policiamento de Porto Alegre, ha 300 guardas municipaes; em todo o Estado o seu numero é avaliado em 1.000.

A renda do Estado, cuja população calcula-se em 1.000.000 de habitantes, é de 10.000 contos.

O governador tem como auxiliares immediatos e de sua confiança tres secretarios : da Fazenda, do Interior e de Obras Publicas.

ESCOLAS SUPERIORES EM PORTO ALEGRE

CLASSES LIBERAES NO RIO GRANDE DO SUL
O CHIMARRÃO

Dentre os edificios publicos de Porto Alegre, destacam-se como mais importantes, a Intendencia, que custou 400 contos e que é o de construcção mais elegante, a Escola de Engenharia, o Thezouro e a Escola Militar.

Ha tambem edificios particulares construidos com gosto e luxo.

Além da Escola Militar, existem na cidade tres outras escolas superiores: Medicina, Engenharia e Direito. As duas primeiras luctam com difficuldade para dotar os laboratorios com o necessario e indispensavel ao ensino.

Todas ellas são instituições particulares.

A mesma associação que mantém a Escola de engenharia, fundou tambem o «Gymnasio Rio Grande do Sul», que funcciona no pavimento terreo do edificio daquella escola.

O gymnasio tem 200 e poucos alumnos, cada um dos quaes paga, por anno, 200$000 de matricula e 20$000 de taxa para material.

Em uma secção desse gymnasio installou-se, ha pouco tempo, uma especie de Lyceu de artes e officios, tendo já algumas machinas e ferramentas.

No Rio Grande do Sul está instituida a liberdade plena de profissão, isto é, qualquer individuo póde exercer, sem constrangimento algum, a profissão que bem quizer.

Para o exercicio da medicina basta que se paguem na Mesa de Rendas 300$000 pela respectiva licença. Adquire, desde então, o «licenciado» os mesmos direitos que qualquer medico.

Contaram-me varios factos interessantes, relativos aos «medicos» da Mesa de Rendas.

Não ha muito tempo os jornaes denunciaram em linguagem violenta, um negro feiticeiro que em Porto Alegre curava tirando bezouros do corpo do cliente, e outros *passes* semelhantes.

A policia, cedendo á indignação da imprensa, intimou o curandeiro a fechar o seu consultorio. Como resposta á intimação, o feiticeiro, que pagára immediatamente os 300$000 á Mesa de Rendas, tirando a precisa licença de medico, estampou no dia seguinte á entrada de sua casa, este letreiro em grandes caracteres: « O dr. F., medico, dá consultas a qualquer hora do dia ou da noite», e ao mesmo tempo, pela secção livre dos jornaes publicava artigos em linguagem arrogante, desafiando a policia a vir fechar o seu escriptorio de medico.

Continuou, portanto, o doutor a prestar os seus reaes serviços á humanidade, livrando-a de bezouros perniciosos e de feitiços diabolicos e maleficos.

E sabem cobrar caro pelos seus serviços esses medicos portadores da licença conferida pela Mesa de Rendas.

Em São Francisco de Paula, na Serra, ainda não faz muito tempo, um individuo que, cançado de ser leiteiro em Porto Alegre, tirára na Mesa a licença de medico, cobrou 500$000 pela cura que teve a felicidade de fazer em uma mulher atacada de simples indigestão.

Não deixam de ser dignos de nota os remedios usados por alguns desses medicos.

Citarei o de um, que mora em Porto Alegre : emplastro de barro e chá de alho. Com o auxilio desta preciosidade therapeutica, contaram-me, o distincto *medico* foi enviando para o outro mundo uma pobre creança atacada de pneumonia.

Verdade é que, ás vezes, apezar do emprego de drogas muito mais caras que o barro e o alho, a propria medicina, intelligente e valiosa, torna-se impotente para evitar que um corpo humano se anniquile para sempre.

E assim, não se póde, em absoluto, culpar nem o barro talvez innocente, nem aquelle bulbo condimentar, pelo desfecho fatal da molestia. Talvez tivesse esta a marcha de impetuosa corrente que zombaria de qualquer dique que se lhe tentasse oppor, quer fosse do emplastro de argilla, consolidado pelo chá da substancia excitante, quer fosse de ventosas e causticos acompanhados de kermes e outros expectorantes.

Póde-se tambem suppor, não sei si fundadamente, que aquelle *doutor*, reflectindo sobre o facto de estar a medicina moderna empregando com vantagem o ar e a agua no tratamento de molestias terriveis como a tuberculose e as febres typhicas, quizesse experimentar um outro elemento—a terra—companheira daquelles dois no grupo natural dos «quatro»—ar, agua, terra e fogo—entre os quaes a sciencia antiga distribuia todas as occurrencias do mundo material ; tendo em vista, além disso, o axioma —*corpora non agunt nisi soluta*—addicionára um pouco d'agua á terra, empregando-a, então, sob a fórma de emplastro.

Terá trazido grandes transtornos aos riograndenses essa ampla liberdade de profissão ?

Parece que não. Os bons medicos, os bons engenheiros e os bons advogados ou juristas, continuarão, certamente, a se distinguir entre a chusma de «licen-

ciados» que não curarem bem, não construirem bem uma ponte ou não desempenharem satisfactoriamente uma funcção de engenheiro, e mostrarem ignorancia do direito.

Ao menos lá, o curandeiro, por exemplo, que existe aqui, sem pagar direito, e em toda parte, concorrerá para os cofres publicos com uma certa quantia imposta ao exercicio legal de sua profissão.

Assim como quem vae comprar um genero escolhe o que mais lhe convém, do mesmo modo deverá proceder quem precisar chamar um medico, um engenheiro ou um advogado ; ao criterio do cliente cabe exclusivamente a escolha. O Estado do Rio Grande, deixando de reconhecer o exclusivismo dos diplomas escolares, não quer accarretar com a responsabilidade de indicar á sociedade um medico incapaz de curar uma dôr de barriga, um engenheiro inapto para fazer um nivellamento, um advogado sem habilidade para redigir um simples requerimento.

O Estado deixa ver de modo bem claro a sua desconfiança relativamente ao valor dos productos sahidos das escolas e rotulados de medico, engenheiro ou bacharel em direito. O rotulo é, evidentemente, necessario e util, mas acontece que ás vezes tambem indica um producto falsificado. Assim, o melhor e mais acertado, será syndicar do valor do individuo, deixando de lado o titulo com que este se apresente á sociedade. E' o que o Estado faz quando precisa de empregados, de accordo com a sua Constituição ultra liberal, e é o que elle incita o povo riograndense a fazer quando este necessitar dos serviços das classes liberaes.

Quiz em Porto Alegre experimentar o chimarrão. Fui, para isso, com alguns companheiros moradores na cidade, a uma casa particular, que passa por ser uma das que melhor preparam essa bebida.

Em certo momento, appareceu, com effeito, o dono da casa chupando um canudo de prata, mettido em

uma cabacinha, assim como quem estivesse a fumar um cachimbo.

Trouxe depois uma chaleira de ferro, e, mais um pouco, disse estar prompto o chimarrão.

Passou em seguida a pequena *cuia* com a *bomba* de prata a um dos companheiros, que começou a sorver gostosamente a bebida ; este passou-a depois a outro, e consecutivamente a todos os presentes até chegar a minha vez.

Antes de chegar a mim, já havia sido reformada algumas vezes a agua quente da cuia, estando para esse fim alli presente a chaleira de cujo bico escapava-se de vez em quando uma ligeira nuvem de vapores.

A bomba, muito quente, queimou-me logo a bocca. Explicaram-me, então, como se deveria fazer para evitar esse desastre. Recomecei a chupar o liquido sem assucar e por mais que me suggestionasse, não pude achar saborosa a tão falada infusão. Em todo o caso, estava satisfeito o meu desejo de soffrer a impressão, sem duvida bem desagradavel, de chupar a extremidade de um canudo onde tantas boccas haviam feito a mesma cousa, antes que a agua interpuzesse os seus bons officios como agente de asseio.

Para quem não está acostumado, é, certamente, um martyrio, esse de chupar a bomba de chimarrão, ainda humedecida pela saliva de outrem. Além de repugnante, é esse habito um bom meio de transmissibilidade de varias molestias, como a tuberculose e a syphilis, e fica-se mesmo admirado como póde um tal costume crear raizes em uma população adeantada e culta !

Nas cidades do littoral já vae sendo pouco querido o chimarrão ; na campanha, porém, é uma bebida de que se usa e abusa.

Prepara-se o chimarrão do seguinte modo : colloca-se na «cuia» o matte, impellindo-o todo para um

mesmo lado ; põe-se um pouco d'agua morna ou fria, de modo a molhal-o até que elle se torne em uma especie de parede vertical. Colloca-se, então, a bomba e em seguida a agua a 70 ou 80° ; si a temperatura for mais elevada o matte tornar-se-á amargo. Vae-se então reformando a agua quente até «esgotar» a folha, isto é, até retirar desta toda a substancia soluvel que caracteriza a infusão.

UMA FABRICA DE BANHA EM PORTO ALEGRE

"UM ABSURDO" JUSTIFICADO

Varias são as fabricas que existem em Porto Alegre : de tecidos, de biscoutos, que exportam 90.000 kilos annualmente, de presuntos, salames e carnes em conserva, de sabonetes, sabão, papel etc.

Visitei a fabrica de banha «Neve», dos srs. Otero Gomes & Comp. A fabrica recebe a banha derretida pelo criador do porco e acondicionada em latas de 100 kilos, mais ou menos. Estas latas são fornecidas pela fabrica ao criador.

Os srs. Otero Gomes & Comp. precisam, para o tratamento diario, de 10.000 kilos de banha, e como é com certa difficuldade que podem obter esta quantidade, vão tratar da criação de porcos, para poder fazer face ás necessidades da fabrica.

Nesta, a banha passa pelas seguintes operações, realmente bem simples :

E' collocada primeiro, em uma cuba de ferro, tendo uma certa porção d'agua no fundo e aquecida a 140°, por meio de um tubo que se ramifica em seu fundo, conduzindo até ahi vapor que se escapa por orificios. A banha derrete-se e as substancias estranhas cahem na agua, que é retirada pelo fundo. Põe-se então uma lixivia de soda, que tem por fim atacar a ma-

teria cellular que ainda existe na banha, e bate-se bem, retirando-se pelo fundo a lixivia com os destroços cellulares.

Lava-se, depois disso, em agua pura, pondo-a em grande porção, batendo bastante e esgotando-a ; repete-se a lavagem até que a agua não apresente senão traços de soda em proporções acceitaveis e estatuidas nos regulamentos de hygiene. Duram essas operações 2 dias.

Dessa cuba é a banha levada, por meio de bombas movidas a vapor, para o «bastidor» — uma cuba parallelepipedica de ferro, onde é batida mecanicamente por especies de braços de ferro, tendo por fim esta operação fazer a liga do oleo, que durante a fusão se separou, com a stearina, de modo a reconstituir a banha.

Passa d'ahi para o «resfriador», uma outra cuba de ferro, onde ha uma parte da banha fria e endurecida, deixada pela operação do dia anterior, e com a qual é ella misturada. Ahi é ella enlatada a frio, ficando as latas abertas durante 24 horas. Na occasião do fechamento, põe-se um pouco de banha na lata e esta é levada á machina de fechar por justaposição das laminas, sem solda.

Ha latas de 1, 2, 5, 10, 15 e 20 kilos, que são os typos já conhecidos no mercado. São acondicionados em caixas de 60 kilos, onde se põem latas de todos aquelles typos.

A fabrica produziu o anno passado 31.000 caixas ou 1.860.000 kilos de banha, que é exportada para o Rio e Norte do Brasil.

Ha em Porto Alegre uma empresa denominada *Fiat Lux*, que explora a electricidade produzida por machina a vapor, para fornecimento de luz a particulares.

Custa 1$000 o kilowatt, o que corresponde approximadamente ao preço de 5$000 por lampada de 10 ve-

las funccionando até meia noite, ou 500 réis a vela-mez até meia noite.

Apesar desse preço exaggerado, ha na cidade cerca de 6.000 lampadas de 10 velas.

Em conversa com o director technico dessa Companhia, em occasião em que se achavam tambem presentes á agradavel palestra outros engenheiros, falou-se sobre o mau costume de alguns consumidores que substituem lampadas de certo numero de velas por outras de maior numero, prejudicando os interesses da Companhia.

Perguntei então por que motivo não empregavam boquilhas apropriadas exclusivamente a cada typo de lampada de valor illuminativo determinado ; cada um desses typos teria a sua boquilha especial, de modo que a lampada, por exemplo, de 5 ou de 8 velas não pudesse servir para o encaixe da lampada, supponhamos, de 16 velas. Seria, pelo menos, um embaraço bem grande á fraude, pois que para trocar as lampadas necessitar-se-ia substituir a boquilha.

O amavel director, com um sorriso de commiseração para os meus conhecimentos sobre electricidade, esmagou o meu atrevimento em lhe indicar uma medida tão disparatada, respondendo :

—Ah ! Isso não existe em parte alguma do mundo.»

Não sei que juizo fariam de mim os circumstantes; o certo, porém, é que naquella resposta transparecia bem nitida a minha blasphemia reprimida paternalmente por um «não seja tolo» ou «não diga asneira...»

O electricista, si me não engano, engenheiro inglez ou allemão, estava ao correr do que havia sobre electricidade em todo o mundo e esmagava com o peso da sua palavra extrangeira e ultra-auctorizada a minha pobre ignorancia na materia.

Não era nada de mais que tal acontecesse.

Apenas achei demasiado o desembaraço com que o especialista generalizava as suas proposições e naquelle «em parte alguma do mundo» revelava a vastidão admiravel de seus conhecimentos.

Apesar da firmeza com que o electricista pronunciára a sentença absoluta, atrevi-me a dizer-lhe que, segundo me parecia, S. João d'El-Rei fazia parte daquillo que eu e elle chamariamos mundo, o que, todavia, eu sujeitava á sua approvação; caso, porém, nada tivesse a oppor, havia de consentir que eu contrariasse sua affirmação categorica e lhe indicasse S. João d'El-Rei como sendo um logar do mundo, em que existe o tal systema de lampadas e boquilhas a que eu me referira.

Assim, o que elle achava absurdo e impossivel, já existia funccionando perfeitamente em uma cidade de Minas. Talvez as suas vistas se volvessem sómente para alguns poucos pontos desse scenario immenso onde a multiplicidade de factos que se passam ao mesmo tempo é bastante grande, e julgasse que o descortinava por inteiro. E era certamente por isso que elle nivellava a minha ingenua pergunta com o mais grosseiro disparate.

Não me surprehendeu, entretanto, a resposta do electricista. Tenho visto varios casos como esse, para já estar em condições de os não estranhar.

Ainda não faz muito tempo, disse o correspondente d'*O Pharol*, em S. João d'El-Rei, a proposito de uma discussão a respeito da possivel prohibição dos toques de sino nessa cidade, que «em parte alguma do mundo havia sido lembrada tal medida»; queria com isso defender o incommodo e enjoativo badalar. Julguei, como adversario não do uso de sinos, mas do abuso que se faz desses instrumentos, a ponto de prejudicar o socego publico, que devia citar um caso que punha por terra a esmagadora generalização do correspondente: citei a

proposta do Governo francez apresentada, ha pouco tempo, pelo ministro dos Cultos á Camara dos Deputados, e onde se lê o seguinte :

«Art. 20. As procissões e outras manifestações externas de qualquer culto só poderão ser feitas com licença especial do *maire* da communa.

«Os toques de sino serão regulamentados por acto municipal.»

E' sem duvida um defeito, que certamente tambem eu terei, de querer com o pouco que se sabe sobre determinada materia, submetter á estreiteza desses conhecimentos, deduzindo leis geraes, todos os phenomenos que a ella se prendem.

E assim, é muito commum pretender transformar a verdade em erro, só porque não se verificam condições impostas por uma generalização mal feita.

Por ignorar-se, censura-se e inquina-se de absurda uma proposição já verificada.

Foi o que aconteceu com o electricista que julgou heresia a minha pobre pergunta.

CAMPOS DE CEVADA.—PALESTRA COM UM CARRETEIRO

Não pude, infelizmente, visitar nem ao menos uma estancia rio-grandense, o que me privou de conhecer o modo de criação do gado e de cultivo da terra naquelle Estado.

De culturas, apenas vi, nos suburbios de Porto Alegre, as de cevada destinada á forragem.

São prados extensos inteiramente plantados de cevada, que é cortada antes de florescer para que ainda possa dar segundo e terceiro cortes.

E' a forragem mais commum e que se vê quasi sempre transportada em carroças e em cargueiros.

Os prados de cevada são feitos em terrenos frescos e planos.

A unidade de superficie agraria é a quadra, que é egual a 132 × 6600 metros ou 871.200 metros quadrados, area equivalente a 18 alqueires de 100 × 100 braças. Esta é a medida geralmente empregada para os campos.

Para as mattas, hoje já se vae empregando o hectare, e um ou outro conhece o «alqueire», e assim mesmo só nas colonias.

A legua, em vez de equivaler a 6.000 metros como em Minas, é egual a 6.600 metros.

O transporte dos productos agricolas ou outros, faz-se sempre em «carretas», especie de «carro» mineiro, porém pequeno, puxado apenas por uma ou duas jun-

tas de bois. Sobre a mesa da carreta armam quasi sempre uma tolda de couro para resguardo dos objectos transportados.

Em um extremo do «Campo da Redempção», grande praça de 700.000 metros quadrados, que se estende em frente á Escola Militar, vi diversas carretas pertencentes a estancieiros que haviam mandado generos á cidade.

Nas vizinhanças das carretas, cujas mesas descançavam os cabeçalhos sobre escóras, os bois e alguns cavallos, já soltos, estavam a roer o magro pasto da praça publica.

Sobre o fogo que no chão e ao lado de cada tolda se conservava acceso, apesar da chuvinha miuda que insistentemente cahia, uma chaleira estava a aquecer a agua destinada ao chimarrão.

Eu tinha ido ao Campo da Redempção para assistir aos exercicios que as forças militares federaes iam fazer em honra ao sr. dr. Affonso Penna, mas tive mais vontade de ir conhecer alguma cousa sobre a vida do carreteiro, que é como que o tropeiro de Minas, do que fazer inutil acção de presença no sequito presidencial.

Demais, estava de accordo com o meu modo de proceder em outras cidades ou quaesquer pontos por nós visitados. Preferia a palestra com um caboclo, a estar alerta para figurar nas photographias que iam ser publicadas nas revistas e nos jornaes, gloria que absolutamente não me fascinava; em vez de ir a um banquete ouvir discursos que o mais das vezes pouco me interessavam, preferia ouvir referencias a costumes e a factos diversos da vida local para mim mais importantes.

E não me arrependo de ter seguido esse systema, pois que, apesar da rapidez com que passamos por

quasi todos os pontos tocados em nossa excursão, pude, com algum esforço, obter os diversos dados que figuram nesta já longa exposição da viagem.

Caminhei para o lado das carretas e, procurando um pretexto qualquer, dirigi-me a um individuo de bombacha e de pala enfiado pela cabeça e cahido de um e de outro lado do corpo; estava elle junto ao fogo, em pé e com a *cuia* de chimarrão em punho.

Já havia começado o exercicio militar e cá de longe, na parte fronteira á Escola Militar e nas proximidades da fila de casas que bordam uma das faces da extensa praça, o carreteiro, bem como outros seus companheiros, estava a observar a numerosa força em evoluções.

Com a longa pratica adquirida na viagem eu já não encontrava difficuldade para fazer conhecimento e entabolar conversa.

No fim de pouco tempo mantinha prosa, corrente e agradavel, com o rio-grandense rustico.

Ao dizer-lhe o meu nome, em satisfacção a sua pergunta, dissi-me:

—O sr. é meu «tocaio».

—Que vem a ser tocaio? perguntei.

—E' que eu tambem me chamo Alvaro.

—Ah! Isso lá para nós, em Minas, chama-se *xará*.

—O sr. é, então bahiano?

—Não; sou mineiro.

—Sim, mas não é daqui do Rio Grande; é nortista, não é? Para nós aqui é bahiano».

Um soldado de cavallaria levára uma queda do cavallo e este sahia espantado, a trote, pelo meio do povo.

—E' o terceiro que cáe, disse o carreteiro com um ar de despreso; é uma vergonha. Si aqui, brigando fingido e em terreno bom, elles estão assim, que diria si elles fossem brigar mesmo de verdade, como no tempo da revolução!

Alli é que era cousa mesmo feia!

—O sr. esteve na revolução?

Abanando a cabeça affirmativamente, a principio sem dizer palavra, começou depois a referir-me os horrores desenrolados no triste periodo revolucionario.

Testemunha ocular de muitos dos factos que me contava, podia entrar em minudencias, em detalhes que reproduziam quasi ao vivo a scena, ás vezes de uma hediondez incrivel.

Mudando, depois, de assumpto, disse-lhe:

—Os senhores aqui montam bem; porém os seus cavallos, bem ao contrario do que eu imaginava, são muito menores que os lá de Minas. Alguns daquelles em que estão montados os alumnos da Escola Militar e que eu já tinha visto na passagem do prestito, são até indecentes - pequenos, feios e pelludos. Lá em Minas seriam cavallos indignos de figurar em qualquer festa, por mais modesta que fosse.

—Sim, os cavallos aqui são pequenos, mas para uma carreira... barbaridade! Alli tem, é verdade, uns pequenos de mais e feios como o sr. está dizendo, mas mesmo assim, garanto que são damnados para correr.

São cavallos que fazem regularmente, na campanha, duas leguas por hora, e na serra, 1 1/2. E são os que nos servem. Esses cavallões que o sr. vê por ahi vêm da Argentina e só servem para puxar carros.

—Aqui, então, não ha criadores que obtenham esses cavallos grandes e bonitos?

—Qual! Todos elles vêm da Argentina. Ultimamente é que um ou outro estancieiro tem mandado vir reproductores de raça tanto para cavallos, como para o gado de córte.

—E' incrivel! E aqui tão perto da Argentina... onde a criação está tão adeantada...

—Nem da Argentina nem da Europa têm-se mandado vir gado reproductor; agora é que estão pensando em fazer isso. Que peso tem o gado gordo em Minas?

—Varia, mas ha rezes de 16, 18 e até 24 arrobas; o peso médio de carne regula ser de 14 a 16 arrobas.

—Aqui, regula 9 arrobas. E' um gadinho miudo. Nós aqui fazemos mais questão do numero de cabeças, do que do tamanho e peso da rez. Lá em Minas, gostam tambem de gado, para leite; aqui é só para carne.

—Ora veja o sr.! Quando se fala, em Minas, na criação do Rio Grande, pensa-se que aqui os cavallos são todos muito grandes e bonitos, muito maiores que os de lá; que o gado é muito superior ao caracú e outras raças criadas lá; e entretanto, os senhores aqui estão, nesse ponto, muito mais atrazados que os mineiros. O gado e os cavallos de lá são, incontestavelmente, superiores aos daqui».

Contou-me detalhes da vida do campeiro, cuja agilidade em derrubar uma rez é enorme. Em 15 minutos póde-se estar a comer a carne de uma rez escolhida dentre outras bravias, em campo aberto. Nesse pouco tempo, atiram-se as bolas ou o laço, mata-se, carneia-se e assa-se o churrasco.

Citou-me varias trovas do campeiro, que as canta, sentido e com ternura, no campo intermino. Dentre essas conservei as seguintes:

Eu mandei fazer um laço
Do couro da Jacutinga
P'ra laçar o boi barroso
Lá na costa da restinga.

Eu mandei fazer um laço
Do couro do Jacaré
P'ra laçar o boi barroso
No cavallo pangaré

Do meu dito boi barroso,
Que eu já contava perdido,
No meio de tanto gado
O rasto foi conhecido.

Tambem recitou-me esta quadra de idyllio:

Rebenqueado pela sorte,
Guasqueado pela saudade,
Vim aqui para te ver...
Ai! Puxa!... Barbaridade!...

Quando o caboclo deseja exaltar as qualidades do seu cavallo, geralmente para vendel-o, diz quasi sempre :

«E' creoulinho de meus campos; é orelhano, comedor de milho e bom commodo; e para correr... barbaridade !»

Isto quer dizer: Não foi furtado ; está ainda sem ferro de marca; sabe comer milho (o que nem todos sabem, e é preciso ensinar-lhes), tem trote de cão e corre como um terrivel.

Para andar na cidade usa-se pouco a bombacha ; esta é muito empregada quando se anda a cavallo, e então, ás vezes, é substituida pela «chiripá», — calças muito mais largas.

Durante o tempo em que estive a conversar, o meu companheiro de prosa encheu varias vezes a cuia de chimarrão com agua da chaleira alli ao lado, no fogo.

A chuva fina e fria continuava a cahir impertinente.

Soldados estendidos em linha de atiradores caminhavam para o nosso lado, descarregando as armas, e certamente nessa hora o meu «tocaio» lembrou-se mais ainda dos seus combates na revolução.

Despedi-me do gaúcho, que lá ficou, empunhando a cuia de chimarrão, a olhar com indifferentismo para os soldados em manobras militares, e retirei-me bastante satisfeito com a palestra.

PARTIDA DE PORTO ALEGRE

PELOTAS.—UM «ENGROSSAMENTO» BEM REGULAR.—A CIDADE DO RIO GRANDE

A's 2 horas da tarde de 16 de agosto, depois do almoço que ao Presidente do Estado do Rio Grande do Sul foi, pelo Lloyd Brasileiro, offerecido a bordo do «Florianopolis», seguiu este vapor em direcção a Pelotas, descendo o rio Guahyba.

Quasi ao anoitecer (5 horas), passavamos pelo pharol de Itapuan e entravamos no estreito que, ladeado de rochedos, estabelece a communicação do rio com a lagôa dos Patos.

Na manhã de 17, forte temporal obrigou o navio a ancorar desde 6 horas até ás 11 do dia.

Chuva acompanhada de vento fortissimo e muito frio, relampagos e raios que se succediam a intervallos não muito longos, tal era o aspecto da tempestade que escureceu o horizonte a ponto de tornar-se necessario accenderem-se as lampadas electricas do «Florianopolis». Não me lembro de ver durante o dia uma tão intensa escuridão.

Disseram-me que se devia mesmo contar com essa tempestade, pois que em agosto dão-se regularmente os seguintes temporaes: o da Gloria, a 15; o de S. Bartholomeu, a 24 e o de S. Rosa de Lima, a 31; além desses, ha ainda um outro—o do solsticio a 21 de setembro.

Informaram-me tambem sobre os diversos desastres de que são victimas as embarcações apanhadas por esses temporaes.

A 1 hora da tarde passamo-nos para outro vapor do Lloyd Brasileiro—o «Mercedes» cujo calado permitte subir o canal de S. Gonçalo desde a lagôa dos Patos até Pelotas.

Subimos durante 1 hora o rio S. Gonçalo, tambem chamado «canal S. Gonçalo», por ligar a lagôa Mirim á dos Patos, e ás 2 horas chegavamos a Pelotas.

Nas margens do canal não vimos plantação alguma. A margem esquerda, quasi toda formada de dunas ou areiaes, apresentava, aqui e alli, grupos de vegetaes arbustivos, formando especies de capões, onde apparecia um cardo semelhante ao mandacarú, que eu já havia visto em quasi todos os pontos por que passáramos, inclusivé o extremo norte—o valle do Amazonas.

E' uma planta digna de nota, por viver em todo o Brasil, em climas tão differentes uns dos outros.

As plantações no Rio Grande do Sul se fazem de setembro em deante, mais ou menos como em Minas; ha apenas a differença de que lá as chuvas não formam uma época especial, e sim, cahem quasi durante todo o anno, a intervallos irregulares.

O «Mercedes» ancorou a uns 30 metros do caes, para onde nos dirigimos em bote.

Subindo as escadas de pedra, cujos ultimos degraus mergulham na agua do rio, achamo-nos em extensa praça que representava o começo da cidade.

Para dar uma idéa do custo da vida ahi, citarei o preço exaggerado que pagamos pelo nosso transporte feito em 2 ou 3 minutos: cobrou-nos o catraeiro 6$000 por 5 pessoas.

Grande massa popular esperava, junto ao caes, o sr. dr. Affonso Penna, que seguiu em carro acompanhado de outros carros, para a rua 15 de Novembro, a melhor da cidade.

Eu e alguns companheiros — dr. Carlos Dutra Vaz, dr. Alvaro Penna, dr. Edmundo Penna e Oswaldo Carijó — tivemos a felicidade de não encontrar, ainda mesmo sob a melhor promessa de pagamento, um carro para nos conduzir, de sorte que ficámos conhecendo muito bem a desvantagem de se fazer a pé, passando por sobre a lama enegrecida que cobria a calçada, o longo percurso de cerca de um kilometro, até uma praça em que desemboca a rua 15 de Novembro. Ahi, encontrámos um carro, que tomámos de aluguel, e no qual percorremos varias ruas da cidade.

Quando iamos a pé, do caes para o centro da cidade, houve um incidente bem caracteristico dos tempos que correm, que já correram e ainda correrão.

Pouco depois de haver passado por nós, um moço elegantemente trajado, fizera parar o carro em que ia, apeiando em seguida; dirigiu-se logo para o nosso grupo, e, cumprimentando sómente o sr. dr. Alvaro Penna, a quem conhecia apenas de vista, pediu insistentemente para que este fosse com elle em seu vehiculo.

O nosso companheiro agradeceu immediatamente a gentileza do cavalheiro, e nós outros que alli permanecemos durante alguns minutos como uns *pobres diabos*, não regateamos agradecimentos ao sr. dr. Alvaro Penna por preferir a nossa companhia ás commodidades do carro; era, além disso, uma liçãosinha de civilidade passada ao illustre offertante...

Não sei si os meus companheiros reflectiram sobre este facto bem interessante. Por minha parte, digo-o francamente, achei-o digno de nota e, de vez em quando, ainda começo a interrogar a mim mesmo: «Porque seria que, dentre cinco pessoas estranhas aquelle moço escolheu justamente o filho do futuro Presidente da Republica para fazer-lhe um offerecimento, que redundava em falta de attenção para com as quatro restantes?

Pelotas está situada á margem esquerda do rio S. Gonçalo, em bello local, sem morros nem fortes accidentes do terreno.

A cidade é illuminada a gaz, que custa 6$500 cada 1.000 pés cubicos; é servida por uma linha de bondes puxados a animaes; e tem ruas largas e bem alinhadas, das quaes algumas apenas são calçadas.

Possue canalização d'agua; falta-lhe, porém, ainda a rêde de esgotos.

O systema até agora adoptado é o de «cubos», e aguas servidas a correr pelas sargetas das ruas— em tudo semelhante ao de Porto Alegre.

A população da cidade é avaliada em 35.000 habitantes, e a renda municipal orçada em 800 contos.

A industria principal da cidade é o xarque; ha ahi, todavia, outras fabricas.

Pouco antes da 7 horas da noite sahimos de Pelotas para a cidade do Rio Grande onde chegámos ás 8, tendo feito pela «Estrada de Ferro Viação Rio Grande do Sul» os 56 kilometros que separam as estações das duas cidades.

Essa estrada de ferro, actualmente arrendada a uma Companhia extrangeira, tem 1.200 kilometros em trafego; a sua bitola é de 1 metro, sendo de 120 metros o raio das suas curvas minimas e de 3,2 % a declividade maxima de suas rampas.

Forte chuva cahiu ao chegarmos na cidade do Rio Grande, alagando completamente as ruas e impedindo que pudessemos sahir a percorrel-as; de sorte que só no dia seguinte conseguimos satisfazer a nossa curiosidade.

A cidade é illuminada a gaz e possue agua encanada, que é, por meio de bombas, retirada de grandes poços abertos mesmo nas vizinhanças da povoação.

O preço da agua é de 4$000 a penna por mez.

A cidade está collocada em uma planicie de terreno arenoso.

As suas ruas são largas e rectas, e algumas convenientemente calçadas.

Apezar de ser arenoso o sólo, pois a cidade está, como disse, sobre um areial e circulada pelas dunas, em muitas ruas sem calçamento a agua das chuvas fica estagnada formando extensos lagos, como vi em varios pontos.

O systema de esgotos é o mesmo de Pelotas e Porto Alegre—«cubos» e aguas servidas nas sarjetas das ruas.

Como acontece quasi sempre entre cidades vizinhas, ha entre Rio Grande e Pelotas marcada rivalidade; cada qual se esforça para supplantar a outra; e talvez devido a esse estimulo, tenham podido essas cidades realizar tanto progresso industrial. Em Rio Grande ouve-se dizer que Pelotas é muito inferior, tanto em população como em tudo o mais; em Pelotas tem-se justamente uma informação contraria.

Sem querer ser juiz, acho, pelo pouco que conheci das duas cidades que, si Pelotas é um pouco maior, Rio Grande tem, ao que parece, mais fabricas e é muito mais commercial; de sorte que ambas estão mais ou menos no mesmo nivel e uma vale a outra.

A população do Rio Grande é avaliada em 30.000 habitantes.

Pessoa que merece fé, contou-me que a Camara dessa cidade, não ha ainda muito tempo, mandava cobrar um certo imposto pelo gallinheiro que tivesse mais de 10 gallinhas e 1 gallo.

Além deste curioso imposto, a mesma pessoa referiu-me ainda um outro de que cogitára uma lei municipal de Villa Nova. Por esta lei ficava sujeito ao imposto de 10$000 por anno, todo aquelle que uzasse lenço vermelho. Isto foi logo depois da revolução que começou em março de 1893 e terminou em 22 de julho de 1895.

Esse imposto, ainda mais curioso do que aquelle sobre os gallinheiros, pouco tempo depois foi supprimido por aquella municipalidade.

Alguns riograndenses, principalmente os de Porto Alegre, têm um modo todo especial de encaixar na conversação um «não é ?» vicioso.

Conhecemos em Minas um «não é?» pronunciado rapidamente no fim de cada phrase, transformando-se ás vezes, pelo modo por que é dito, em «n'o é ?» e até mesmo em « n'é ? »

Esse sestro cança o ouvinte que fica como que obrigado a dar de instante a instante a resposta de um «é exacto» ou mais simplesmente «sim» ; seja como for, é ainda um habito peior do que o maldicto «sabe ?» que certa occasião andou tanto em moda e que felizmente hoje em dia já está bem pouco querido.

O «não é ?» dos porto-alegrenses é pronunciado dsscançadamente e sem a preoccupação de obter uma resposta ; além disso, collocado não no fim, porém, sim, no meio das phrases, não se torna cacete como o terrivel «n'o é ?» mineiro.

E para mostrar a influencia do meio, farei notar que dois mineiros que lá vivem apenas ha 5 annos, pronunciavam no correr da conversação o «não é ?» exactamente como os porto-alegrenses, sem comtudo achar que fosse isso um sestro.

DO RIO GRANDE DO SUL A BELLO HORIZONTE

A's 10 horas da manhã de 18 de agosto deixou o «Florianopolis» o porto da cidade do Rio Grande, chegando, 1 hora depois, á Barra, onde a atalaia de signaes negava auctorização para a sahida. O canal tinha apenas 9 pés d'agua, profundidade insufficiente para o calado do «Florianopolis».

Era preciso, pois, esperar; esperar que o acaso elevasse o nivel do mar naquelle pequenino trecho, pois que ninguem conhece até hoje qualquer lei natural sobre o regimen das aguas nessa barra terrivel; esperar, sem saber eté quando deveria ficar o navio retido nas aguas do Estreito—verdadeira prisão cuja porta de sahida a sorte viria abrir; esperar, emfim, sem esperança—tal era a nossa situação.

Varios navios ahi já estavam esperando havia dias, e, do lado de fóra, os mesmos que tinhamos visto por occasião da nossa entrada, ainda lá permaneciam, á espera de agua para entrar. Um destes ultimos lançara já ao mar 400 toneladas de carvão para que, mais alliviado, pudesse calar menos e entrar, mas mesmo assim, nada havia conseguido; dizia-se que iria atirar ao mar ainda nova porção da sua carga, pois que em Rio Grande já se tornava bem accentuada a falta de carvão.

Apesar de haver no Estado minas de carvão que estão sendo exploradas, o preço desta mercadoria já se estava elevando bastante, visto que o producto das

minas de S. Jeronymo não se presta para certos usos industriaes, como por exemplo, para produzir gaz de illuminação etc.

O preço do carvão rio-grandense era, na occasião, de 18$000 a tonelada; entretanto, uma casa da cidade do Gio Grande havia offerecido 10 contos, segundo ouvi dizer, para que o navio inglez lhe cedesse a carga, que seria transportada para terra em saveiros cujo calado permittia a passagem no canal.

Essa proposta foi, todavia, recusada.

Do ponto em que nos achavamos, separados talvez por uns 200 metros do baixio da barra arenosa, viamos perfeitamente a serie ininterrupta de vagalhões que, na extensão dos 3 kilometros do canal, formavam montanhas d'agua em incessante ondular espumarento.

Do lado de dentro, as aguas completamente tranquillas offereciam um aspecto de verdadeiro contraste. Dir-se-ia que entre estas e aquelle extenso lençol de espumas brancas em continua agitação, havia inexpugnavel muralha que o separava de modo absoluto.

Com a anciedade bem conhecida de quem espera, olhavamos quasi sempre para a atalaia, na vizinha Villa da Barra, a ver si havia lá qualquer signal além da bandeira nacional que figurava no tope do mastro; mas as horas se escoavam e a porta do canal continuava trancada.

A Villa da Barra, á entrada e á margem esquerda do Estreito, tem a apparencia de povoação nova, com casas limpas e bem tratadas; ahi ha uma praia de banhos, muito procurada, principalmente pela população da cidade do Rio Grande.

Dentre factos historicos que relembram occorrencia heroicas no logar em que nos achavamos, citaram-me a batalha de 1.º de abril de 1753 entre portuguezes e castelhanos, em que estes foram vencidos.

Agora, viamos, felizmente, apenas os combates de botos que se engalfinhavam, ás vezes, elevando-se, em saltos formidaveis, fóra d'agua.

Bandos de «biguás» ou mergulhões, especie de patos, e de gaivotas esbranquiçadas, pousavam aqui e alli sobre as aguas tranquillas que circulavam o navio.

Pouco antes do meio dia de 19, a atalaia içou o signal de barra franca para o «Florianopolis».

E' desnecessario dizer que isso nos causou enorme contentamento, pois que era bastante desagradavel a permanencia em frente á barra, e onde cousa alguma achavamos que servisse para matar o tempo.

Exactamente ao meio dia, o «Florianopolis» poz-se em marcha e, dentro em pouco, acompanhando o rebocador «Camaquan», estava fóra da barra, em mar livre.

Entretanto, outros navios lá ficaram ainda á espera de agua, pois calavam mais que o nosso.

No fim de 40 horas de viagem, chegavamos, ás 4 horas da madrugada de 21, á entrada do canal do norte, em frente á Santa Cruz, em Santa Catharina. Ahi nos esperava o «Maranhão», para bordo do qual nos passamos ainda noite escura.

A's 7 horas, sahiu o «Maranhão» em rumo do Rio de Janeiro, onde chegou ás 6 da tarde de 22, tendo feito, assim, 523 milhas em 35 horas, ou, em média 14,3 milhas por hora, o que foi certamente uma boa velocidade para aquelle navio.

O mar, por occasião da nossa volta, estivera bem differente daquelle que tinhamos encontrado na ida.

Sacudidellas terriveis nos dera o «Florianopolis», cuja marcha se retardára devido ao forte vento que pela prôa o navio tinha encontrado.

Emfim, chegáramos ao Rio, e com pesar, nos despedimos do commandante, officiaes e empregados de bordo do «Maranhão», os quaes nos captivaram com

inexcedivel consideração e tratamento carinhoso que sempre nos dispensaram.

A's 7 horas da tarde de 23, tomavamos o trem da Central do Brasil que nos conduziria a Bello Horizonte, e ás 10 da manhã do dia seguinte chegavamos a esta cidade, onde o sr. dr. Affonso Penna fôra recebido com as attenções e enthusiasmo que em taes occasiões sempre nascem espontaneamente do povo.

Estava, até que emfim, terminada a nossa jornada. Iamos descançar da vida que durante 103 dias levamos desde que, em 12 de maio, haviamos sahido de Bello Horizonte. Iriamos dar uma folga aos ouvidos: estes já não ouviriam quasi diariamente discursos e hymnos nacionaes.

Tambem os nossos estomagos teriam a ventura de descançar do penoso trabalho de digerir os mais exquisitos guisados adubados com os mais variados e curiosos condimentos; estavam livres do arroz de cuchá, do sururú, das tartarugas com tacacá com tucupi, do assahi, e de tantos outros productos que haviamos experimentado.

Não nos turbaria mais a mente o pesadello dos banquetes, durante os quaes, ás vezes, como no realizado no palacio do governo, em Recife, viamos companheiros de mesa dormindo a somno solto: tinham cedido ao cansaço occasionado pela permanencia de 4 longas horas (das 7 ás 11) em torno de uma mesa sem outra distracção que não a de receber de vez em quando um prato de guisados e ouvir no final alguns discursos.

E', sem duvida, atterradora a idéa da obrigatoriedade de assistir a banquetes que nem ao menos davam permissão para se descançar: eram uns em seguida aos outros.

Estavamos, pois, em casa, onde iriamos, todavia, sentir as saudades dos bons companheiros de viagem.

ALGUMAS NOTAS

Costumes e habitos bem diversos são os que vimos nessa util viagem.

Em Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro rara é a mesa em que deixa de figurar um dia ou outro, o angú, feito de fubá de milho. Entretanto, em todo o norte do Brasil é cousa completamente desconhecida. Ahi utilisa-se o milho secco apenas como forragem ou então para munguzá, que aqui no sul é conhecido pelo nome de cangica.

Quando ainda verde, é o milho utilizado para o que os nortistas chamam «cangica», que no sul se denomina «mingau de milho verde», iguaria realmente deliciosa.

Ha, todavia, alguns costumes que vão de norte a sul, mostrando que em todo o territorio apparece sempre a figura caracteristica do brasileiro.

Entre alguns desses costumes geraes, citarei um de minima importancia e que não julgo ser caracteristico do brasileiro. E' este modo de tratamento, a que tenho decidida aversão: o dr. presidente, o dr. secretario, o coronel prefeito, o dr. juiz de direito, o major juiz de paz e tantos outros que diariamente encontramos nos jornaes e nas correspondencias official e particular.

Segundo penso, em vez desse modo de tratar, é mais logico que se diga: o sr. presidente, dr. Fulano;

o sr. secretario, dr. Sicrano ; o sr. coronel Beltrano, prefeito etc., pois é razoavel concordar-se em que os cargos de presidente, secretario, prefeito, juiz de direito e outros não têm titulos de tratamento, e sim as pessoas que os exercem.

Portanto, quando não figuram os nomes destas, aquelles titulos de dr., coronel etc., não significam cousa alguma.

Interessante é que alguns jornaes escrevem, por exemplo : «o sr. ministro», «o sr. prefeito» ; mas quando se referem ao chefe de Policia, é «o sr. dr. chefe de Policia».

Para este caso não dispensam absolutamente o titulo de doutor antecedendo ao nome do cargo.

Certo que alguns individuos acharão ser uma grave falta e grande ousadia dirigir-se a um presidente, secretario etc., sem dar ao cargo o titulo da pessoa que o exerce; e para estes será intoleravel dizer-se: «o sr. secretario recommendou isto», «o sr. presidente assignou o decreto tal», «de ordem do sr. director», «pediu-se ao sr. chefe de Policia» etc.

Conheci um redactor de jornal, um pobre homem já fallecido, que ficava furioso com quem o não chamasse de major. E ai daquelle que, antes da morte do major, se dirigisse á redacção: illmo. sr. Redactor » e não «illmo. sr. major Redactor »! Podia contar com uma grande descompostura pelas columnas da folha.

Viajando em serviço da commissão Geographica deste Estado, em 1905, tive de ir pernoitar em casa de um fazendeiro cujo nome segundo me informára um caboclo, era «*siô* Neca de Sousa».

Chegando á fazenda, comecei a dar ao fazendeiro o tratamento de «*siô* Manoel».

Notei que este manifestava um certo mal estar quando ouvia o meu «*siô* Manoel».

No fim de algum tempo, não podendo mais supportar o irritante tratamento, o «siô» Manoel dirigiu-se para uma alcova próxima, onde percebi que procurava com muito empenho alguma cousa de importancia para elle, e voltou trazendo um cartão que me entregou, dizendo :

— O sr. talvez não saiba todo o meu nome ; — peço-lhe acceitar o meu cartão».

Li : «Manoel de Sousa, tenente coronel da Guarda Nacional».

Comprehendi o fim dessa amabilidade e disse ao fazendeiro :

— Oh ! O sr. tem um titulo tão importante, e eu a chamal-o «siô Manoel» ! Queira desculpar-me, coronel».

Ao ouvir a palavra «coronel», o meu hospedeiro transfigurou-se. Com um sorriso que traduzia perfeitamente a satisfacção que lhe inundava a alma rustica de coronel, respondeu-me affectando uma modestia e um desprendimento visivelmemte fingidos :

— Acharam que eu merecia... mas eu bem conheço que não sou digno de um posto tão alto...»

Era um convencido da sua importancia adquirida com a nomeação de tenente-coronel, e pobre do viandante que, precisando de qualquer favor do coronel Manoel de Sousa, lá chegasse e o tratasse por «*siô* Manoel !»

Para elle era certamente mais duro ouvir o seu nome pronunciado sem o competente «coronel», do que ser informado, supponhamos, de que o gado ou a praga de gafanhotos haviam devastado as suas plantações. Todas estas calamidades tinham bem pouca importancia em relação á falta de ouvir ou ler antes de seu nome o apreciado titulo.

Ainda ha poucos dias li, em um jornal do Sul de Minas, um longo artigo realmente interessante.

Era de um inviduo que, com grande desprendimento e patriotica abnegação, fazia saber aos seus conterraneos haver acceitado a nomeação de tenente, não obstante ter prestado inestimaveis serviços ao logar em que reside. Paternalmente, dizia ao povo que não convinha alterar a ordem publica por essa injustiça; elle, mesmo como tenente, ainda desejava a paz e o desenvolvimento da sua terra; bem sabia que era merecedor das divisas de major ou coronel, mas deixava ao tempo a incumbencia de reparar esse grande erro; e, por isso, esperava, tranquillo, a promoção regeneradora.

Este amor ao titulo é produzido, sem duvida, pela mesma causa psychica que faz desenvolver a fascinação pelo «nome no jornal», pelo «retrato nas revistas» e tantas outras futilidades.

São bem conhecidos dos redactores dos jornaes os caçadores de noticias em proveito proprio.

Os factos de minima importancia adquirem, quando se relacionam com esses individuos, um vulto extraordinario, e elles logo os communicam, achando-os dignos de uma noticia que, ainda no entender delles, deve ser sensacional.

Isto é o que se observa quasi diariamente na vida de imprensa.

Para esses apaixonados da «letra redonda», a publicação do seu nome em uma simples lista de convidados ou cousa semelhante, exerce um poder magico especial, pois que elles ficam convencidos de que, com isso já se elevaram alguns gráos na escala da importancia social.

O desejo de ver o retrato em revistas ou jornaes illustrados é outra vaidade tambem muito commum.

Na nossa viagem pelo Brasil, tive occasião de verificar com que avidez eram disputados por certos

individuos, os melhores logares nos grupos tirados pelos photographos.

Alguns desses, ao perceberem um photographo de machina em punho para um instantaneo, não mais socegavam, ficando sempre attentos afim de que, no momento julgado opportuno, pudessem offerecer á placa impressionavel um rosto caprichado e convenientemente preparado e uma posição digna de um elegante cheio de importancia.

Chegámos, uma occasião, a certa capital. Após o desembarque, difficilmente podia-se romper a massa compacta de povo.

Em certo momento, senti que me empurravam brutalmente. Voltei-me indignado, e logo vi o meu amigo X, em uma afflicção de desesperado, a dizer-me esbaforido:

— Olha o photographo!»

Pensei a principio que era talvez algum photographo que tivesse ficado louco ou commettido algum delicto, e que constituia um perigo para todos nós. Incommodado, perguntei immediatamente:

— Mas, que é que aconteceu? Que é do photographo?»

— Não temos tempo a perder. Elle já está com a machina armada lá na rua, em frente á estação. Acompanha-me, si queres sahir no grupo.»

E abrindo caminho entre a multidão, dando de braços aqui, recebendo um empurrão mais adiante, proseguiu o meu amigo X, com a ancia de naufrago a se debater naquelle mar de gente, na sua faina de procurar o almejado porto, que lhe traria, em vez de salvação, a posteridade, em vez do conforto, a gloria inexcedivel de figurar em um grupo photographico!

A lucta ingente sustentada no penoso trajecto até ser apanhado pela objectiva da machina portadora de glorias, era mais que compensada pelo im-

menso prazer de angariar para sua imagem photographica o honroso preconicio feito nas publicações illustradas.

O seu nome não figuraria em baixo da photogravura, é certo, mas isto não obstava a que elle passasse, materialmente, á posteridade.

Figurar em uma photographia destinada á publicidade! —eis a suprema ventura.

Seja como parte de modesta banda de musica ou de um grupo em convescote, ou como assistente de inaugurações ou de festas quaesquer, o certo é que, ver a sua figura representada sobre o papel, é um facto tão importante que, para obtel-o, não se poupam sacrificios.

Tem attrações irresistiveis para muita gente, o campo optico de uma machina photographica...

E com essas futilidades alimenta-se a vaidade tola de uma grande parte da humanidade.

ALGUNS DADOS ESTATISTICOS

.....

Durante a viagem, percorremos 16.112 kilometros por agua, e 5.347 em estrada de ferro, perfazendo o total de 21.459 kilometros.

Eis detalhadamente essas distancias.

Por agua :

	MILHAS
Rio á Bahia	690
Joazeiro á barra do rio Salitre	17
Bahia a S. Bento das Lages (ida e volta)	30
Bahia a Aracajú	160
Aracajú a Sape' (ida e volta)	44
Aracajú a Maceió	120
Cabedello á Parahyba	8
Natal a Ceará	261
Ceará a Pará	688
Pará a Manáos	860
Manáos à Paricatuba (ida e volta)	20
Manáos a Pará	860
Para a S. Luiz	360
S. Luiz a Caxias	231
Therezina á Tutoya	369
Tutoya a Salinas (ida e volta)	6
Tutoya á Victoria	1.424
Victoria a Rio	262
Rio a Santos	199
Na bahia de Jacuecanga e Angra	20
Rio a Paranaguá	364
Paranaguá a S. Francisco	63
S. Francisco a Florianopolis	96
Florianopolis á barra do Rio Grande	343
Barra a Porto Alegre	180
Porto Alegre a Pelotas	150
Rio Grande á Barra	10
Barra ao Rio	866
Total	8.701

A 1.851,m8 por milha, esse total equivale a 16.112 kilometros.
Por estrada de ferro :

	KILOMETROS
Bello Horizonte ao Rio	603
Bahia a Joazeiro (ida e volta)	1 128
Sape' a Riachuelo	18
Maceio á Atalaia (ida e volta)	116
Maceió a Recife	347
Ribeirão a Cucaú (ida e volta)	44
Recife a Caruarú (ida e volta)	278
Recife á Olinda (ida e volta)	20
Recife á Parahyba	215
Parahyba a Cabedello	16
Parahyba a Natal	207
Natal a Ceará-mirim (ida e volta)	68
Fortaleza a Quixadá (ida e volta)	375
Pará á Usina d'Agua (ida e volta)	20
Caxias a Flores	78
Victoria a João Neiva (ida e volta)	184
Victoria á Vianna (ida e volta)	60
Santos a São Paulo	79
São Paulo a Rio	496
Paranaguá á Curitiba (ida e volta)	222
Morretes á Antonina (ida e volta)	32
S. Francisco a Joinville (ida e volta)	82
Pelotas a Rio Grande	56
Rio a Bello Horizonte	603
	5.347

A titulo de informação, indicarei aqui as seguintes distancias, por mar :

	MILHAS
Victoria á Bahia	464
Maceio a Recife	121
Recife a Parahyba	73
Parahyba a Natal	79
Ceará a Maranhão	390

Recapitulando alguns dados sobre as capitaes que visitámos, enfeixo-os no quadro seguinte :

	População		Agua
	N. de habitantes	Renda municipal em contos de réis	
Rio de Janeiro....	800.000	26.000	100—150 rs. o kilolitro (*)
São Paulo.....	300.000	7.000	100—150 rs. o kilolitro (*)
Bahia.....	285.000	2.500	2$000 (*e*) »
Recife..	200.000	1.600	400 rs. pelo hydrometro (*) 2$000 - 5$000 (*e*)
Pará.....	120.000	6.000	10$000 (*e*) a penna-mez
Porto Alegre.....	80.000	1.700	4$000—5$000 (*e*) penna-mez
Fortaleza.....	50.000	200	3$750 o kilolitro
S. Luiz..... ...	50.000	400	1$200 (*) o kilolitro
Curitiba.....	40.000	300	1$700—3$400 o kilolitro
Manáos	40.000	1.300	5$000—10$000 (*e*) a penna-mez
Maceió.....	36 000	120	2$000 (*e*) a penna-mez
Parahyba.....	35.000	84	5$000—6$250 a penna-mez
Florianopolis.....	20.000	150	6$000 o kilolitro
Therezina.	20.000	100	400 rs. o kilolitro (*)
Bello Horizonte...	18.000	600	3$333 (*e*) a penna-mez
Aracajú.....	15.000	34	—
Natal.	12.000	56	8$000 (*e*) a penna-mez
Victoria	8.000	150	670 rs. o kilolitro

NOTAS. — I. O preço da agua na Capital Federal, por hydrometro, é de 100 réis por metro cubico para estabelecimentos industriaes e de 150 réis para estabelecimentos particulares (estalagens, pensões etc.). A pena d'agua, de 1.200 litros em 24 horas, custa 36$000 por anno para os predios, cujo valor locativo for ate'. .... 2:400$000, e 54$000 para os de valor locativo superior a este.

II. O signal (*) indica que a agua e' medida por hydrometro e o signal (*e*) que a agua provem de encanamento que a conduz a domicilio; a falta desses signaes exprime que a agua, proveniente de poços ou outra origem, e' levada aos domicilios por outros meios que não o encanamento.

III. De todas essas capitaes, as unicas que possuem rêde de esgotos, são : Rio de Janeiro, São Paulo e Bello Horizonte.

No quadro seguinte, alem da população, força publica e renda annual, julguei dever indicar a renda media de cada Estado por habitante.

Estados	População—N. de habitantes	Força publica — N. de homens	Renda annual nos ultimos tempos	Renda annual Por habit.
Minas Geraes.....	4.400.000	1.600	16.460:000$000	3$731
S. Paulo.....	2.900.000	4.927	44.000:000$000	15$172
Bahia	2.400.000	1.200	11 000:000$000	4$583
Pernambuco	1.800.000	1.400	9.000:000$000	5$000
Rio de Janeiro....	1.300.000	476	8.000:000$000	6$153
Districto Federal..	1.000.000	4.500	26.000:000$000	26$000
Rio Grande do Sul	1.000.000	2.000	10.000:000$000	10$000
Ceará	1.000.000	650	3.000:000$000	3$000
Alagoas.....	800.000	550	2.200:000$000	2$750
Pará.....	652.000	1.400	17.000:000$000	26$074
Maranhão.....	600.000	550	2.700:000$000	4$500
Parahyba.....	600.000	407	1.600:000$000	2$666
Santa Catharina ..	420.000	200	1.500:000$000	3$571
Paraná.....	370.000	600	6.000:000$000	16$216
Sergipe.....	350.000	400	1.500:000$000	4$285
Piauhy.....	350 000	400	1.100:000$000	3$143
Rio Grande do Norte.....	300.000	270	1.080:000$000	3$600
Amazonas.....	280.000	1.200	16.000:000$000	57$142
Espirito Santo....	180.000	105	3.000:000$000	16$666
Total.....	20.802.000	22.835	190.140:000$000	—

* A renda do Paraná è, na realidade, de 3.000 contos, pois que dos 6.000 da renda total, 3.000 provèm da «Estrada de Ferro do Paraná», e são empregados na propria estrada. Nestas condições, a renda por habitante se reduzirá a 8$108.

Como complemento a esses dados sobre população e rendas estadoaes, reunirei aos acima mencionados, os referentes aos estados de Goyaz e Matto Grosso, afim de ficar aqui uma indicação sobre a população total do Brasil e sobre a renda de todos os estados.

	População	Renda annual	Renda média Por habit.
Goyaz.....	340.000 habit.	995:000$000	2$926
Matto Grosso.....	160.000 »	770:000$000	4$812
	500.000	1.765:000$000	

Addicionando a esses numeros os totaes obtidos precedentemente, têm-se :

População do Brasil..... 21.302.000 habitantes
Renda total dos Estados..... 191.905:000$000

INDICE

PAGINAS

Do Rio á Bahia.... 3
A cidade da Bahia.... 11
Da Bahia a Alagoinhas.... 18
De Alagoinhas a Joazeiro.... 24
Em Joazeiro.— Viagem pelo S. Francisco.... 31
Visita a S. Bento das Lages.... 36
Da Bahia a Aracajú.... 42
Visita ao engenho de Riachuelo.... 47
De Aracajú a Maceió.... 52
A cidade de Maceió.... 56
De Maceió á Serra Grande.... 61
De Serra Grande a Ribeirão.... 66
Visita a Cucaú.— Commercio de algodão e sementes oleoginosas.... 71
Chegada a Recife.... 76
A cidade do Recife.... 80
Viagem a Caruarú.... 86
A cidade de Olinda.... 92
De Recife á Parahyba.... 94
A cidade da Parahyba.... 96
O porto de Cabedello.— Algumas notas sobre a Parahyba.. 102
De Parahyba a Natal.... 108
A cidade do Natal.... 114
Excursão ao Ceará-mirim.— A vaquejada.... 118
De Natal á Fortaleza.... 126
A cidade de Fortaleza.... 131
De Fortaleza a Quixadá.... 136
O açude do Quixadá.... 142
Partida de Fortaleza.— O Amazonas.... 150
Chegada a Belém.— Subida do Amazonas.— O porto de Manáos.... 155
A cidade de Manáos.... 163
Ainda algumas notas sobre Manáos.— Viagem a Paricatuba. — O Rio Negro.— Notas sobre discursos.... 168
Notas sobre a matta e fauna do Amazonas.... 175
Obidos.— Uma tempestade.— Espectaculo a bordo.... 180

PAGINAS

A cidade de Belém..... 186
Ainda algumas notas sobre Belem.— O seringueiro no Amazonas.— Rios e febres no Acre..... 196
Partida do Pará.— A cidade de S. Luiz..... 202
Partida do Maranhão.— Subida do rio Itapicurú..... 208
Ainda no Itapicurú..... 214
De Caxias á Therezina..... 221
A cidade de Therezina..... 225
Partida de Therezina.— No rio Parnahyba..... 231
Grês parnahybanos e seus aspectos curiosos.— Chegada a Tutoya.— Salinas..... 238
De Tutoya á Victoria..... 244
A cidade da Victoria..... 249
Partida da Victoria.— Lazareto da Ilha Grande. — Jacuecanga.- Angra dos Reis.— De Santos a S. Paulo..... 255
S. Paulo.— Posto Zootechnico, Policia e Agua e Esgotos.. 260
Partida para o Rio.— Do Rio a Paranaguá.— Chegada a Curitiba..... 269
Curitiba.— Colonias vizinhas da Capital..... 273
O matte.— O trecho da Serra na Estrada de Ferro do Paraná.— Antonina.— Regresso a Paranaguá..... 280
Partida de Paranaguá.— As cidades de S. Francisco e Joinville..... 286
A cidade de Joinville..... 294
De Florianopolis a Porto Alegre..... 298
A cidade de Porto Alegre..... 305
Escolas Superiores em Porto Alegre. — Classes liberaes no Rio Grande do Sul.— O Chimarrão..... 311
Uma fabrica de banha em Porto Alegre. — Um «absurdo» justificado..... 317
Campos de cevada.— Palestra com um carreteiro..... 324
Partida de Porto Alegre.— Pelotas.— Um «engrossamento» bem regular.— A cidade do Rio Grande..... 328
Do Rio Grande do Sul a Bello Horizonte..... 334
Algumas notas..... 338
Alguns dados estatisticos..... 345
Indice..... 351

NOTA

Escaparam neste livro alguns erros de revisão, como «Afredo», «comdemnado», «galogar» em vez de galopar, «popção» em vez de porção, e outros semelhantes, que o leitor corrigirá facilmente.

cons - h